

OS HERÓIS DO CAARÓ E PIRAPÓ



P.^E LUIZ GONZAGA JAEGER, S. J.

OS HERÓIS DO CAARÓ E PIRAPÓ

2026

J22h Jaeger, Luiz Gonzaga
Os heróis do Caaró e Pirapó / P. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
– Santa Maria, RS : Rio das Letras, 2026.
352 p : il. ; 14 x 21cm

ISBN: 978-65-5484-088-0
Edição Facsimilar comemorativa aos 400 anos das Missões
Jesuíticas Guaranis

1. Rio Grande do Sul 2. Missões jesuíticas 1. Título

CDU 94(816.5)

Ficha Catalográfica elaborada por Eunice de Oliveira – CRB 10/1491



Coletânea de livros clássicos missioneiros

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuíticas Guaranis, celebrados em 2026.

A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
GOVERNO FORMADO POR DOIS GOVERNOS



editoriariodasletras@gmail.com

Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010 041

Impresso no Brasil, 2026

Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

P. LUIZ GONZAGA JAEGER, S. J.
Do Instituto Histórico e Geográfico do
Rio-Grande-do-Sul

OS HERÓIS DO CAARÓ E PIRAPÓ

PATROCINADO PELA A. S. I. A.
(ANTIGOS ALUNOS DA COMPANHIA
DE JESUS.)



Edição da Livraria do Globo
Porto Alegre

*Preito de amor e gratidão à minha
querida Mãe, a Companhia de Jesús,
por ocasião do quarto Centenário de
sua fundação: Vinte e sete de setembro
de 1940.*

O AUTOR.

IMPRIMI POTES.

Porto Alegre. 15. Jun. 1940.

P. Walter Hofer, S. J.

Praep. Prov. Brasil. Merid.

NIHIL OBSTAT. 20-6-40

P. Alberto Frederico Etges,

Censor.

IMPRIMA-SE.

P. Alegre, 20-6-940.

Mons. Leopoldo Neis,

Vigário Geral.

PROÊMIO

“De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos Céus.” (Mat. 5, 16). Foi com esta memorável recomendação, feita por Cristo a seus discípulos, que o Redentor do mundo rematou o seu grandioso sermão da montanha, no qual acabara de revelar aos homens o programa da sua lei evangélica.

Não era apenas um conselho essa sentença final. Sim uma verdadeira ordem para todos aqueles que, séculos afora, lhe seguissem as pisadas, de fazer luzir perante a humanidade não só os fulgores da verdade, para espancarem as trevas do erro e da ignorância mediante a luz e o calor da pregação apostólica, senão também de induzir os seus semelhantes para a prática do bem, por meio de luminosos exemplos de virtude. Mas que fizessem isso mirando não a si mesmos, senão à glorificação do Pai Celeste e à salvação das almas imortais. De tal primor devia ser a sua virtude, que o próximo, ao contemplar-lhes a perfeição moral, cobrasse ânimo para trilhar a árdua senda do dever.

Os apóstolos, menos o traidor, observaram à risca o preceito do Mestre, arrastando em pós de si legiões sem conto de almas.

Entretanto, os sucessores e continuadores dos apóstolos foram, quiçá na sua mor parte, apenas meteoros fugazes que atravessaram rápidos esta efêmera vida, cintilando um momento para desaparecerem na eternidade. Outros deixaram longa e luminosa esteira, que continua aclarando os séculos, para glória de Deus e edificação das gerações vindouras.

Roque González de Santa Cruz e seus dois companheiros de martírio assomaram no firmamento austral como astros de primeira grandeza, ao raiar o século XVII. Infelizmente, em força da fatalidade dos tempos, suas radiantes figuras permaneceram obnubiladas aos olhos dos observadores durante quase três centúrias, até que os indefesos investigadores padres Paulo Hernández, Carlos Leonhardt e Carlos Teschauer, todos da Companhia de Jesus, lograram dissipar a nebulosidade

que ensombrava a heroica vida e obras desses insignes arautos do cristianismo.

Nosso empenho será, pois, o de desdobrar perante os olhos do leitor os admiráveis exemplos de virtude desses campeões da fé, que certamente mereceriam mais abalizado hagiógrafo.

Se a obra que ora oferecemos ao leitor carece das qualidades que em biografias similares se requerem, duas pelo menos julgamos poder afiançar que a distinguem: a de ser completa quanto à cópia de documentos até hoje descobertos e a de ser exata na exibição dos fatos históricos. Podem, pois, os amigos dos três mártires estar seguros de que nada de importante ficou esquecido, bem como de que todas as afirmativas são abonadas por autoridades fidedignas.

Entre as fontes, encontra-se multidão de escritos em boa parte epístolas confidenciais, palavras lançadas ao papel sem a mínima suspeita de alguma vez poderem vir a ser dadas à publicidade, mas por isso mesmo estilisticamente descaradas e não raro difíceis de compreender, e, por essa causa, quase; impossíveis de verter para o nosso idioma.

De acordo com a praxe dos mestres da nossa língua, observamos que os sobrenomes estrangeiros conservam a sua grafia original por se tratar de palavras que designam a gênese, e por isso não podem nem devem alterar-se na escrita; mas os nomes personativos batismais são nacionalizados, sempre que em nosso idioma existam formas correspondentes. A esse preceito nos atemos.

Entre os monumentos históricos, merecem especificados em particular os dois seguintes:

1. Documentos para la Historia Argentina, tomo XIX e XX, Iglesia, Buenos Aires 1927 e 1929, dois respeitáveis volumes publicados pelo incansável padre Carlos Leonhardt, S. J., os quais contêm a reprodução fiel das “Cartas Anuas” que os superiores da província jesuítica do Paraguai, Chile e Tucumã enviavam a Roma desde o início de 1609. Essas cartas, quase todas de grande extensão, remetidas periodicamente ao superior geral da Companhia de Jesus, constituem hoje fontes de primeira ordem, pois trazem informações exatas de ocorrências então recentes, relatórios pormenorizados, comunicações dos trabalhos, emprehendimentos, conquistas, alegrias e tristezas dos padres e irmãos que mourejavam naquela incipiente vinha do Senhor. Não admira, pois, que esses interessantes escritos fossem não raro traduzidos e espalhados pelas

casas e províncias da Europa, no intuito de consolar santamente aos irmãos de outras regiões e inflamá-los no anseio de trabalhar e sofrer pela causa de Cristo. Infortunadamente, na série dessas cartas se descobrem deploráveis claros, levados à conta da longa viagem até Roma, das guerras marítimas, naufrágios e outros acidentes. Assim, desde 1610 até 1628, período em que se desenvolve a principal atividade dos atores da presente tragédia, restam-nos apenas dez cartas, que foram escrupulosamente reproduzidas por Leonhardt nos dois citados volumes.

2. *Outra mina é a Historia Documentada de la Vida y Gloriosa Muerte de los Padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, de la Compañía de Jesús, mártires del Caaró e Ijuhi, por el Padre José Maria Blanco, S. J., con un Prólogo del Dr. Rómiulo D. Carbia. — Buenos Aires, 1929. — É um alentado volume de 742 páginas, irretorquivelmente o mais assombroso manancial de dados históricos, que contribuiu eficazmente para levar a feliz termo o processo de beatificação dos três servos de Deus.*

Socorremo-nos ainda de muitas outras obras, mais ou menos ricas em subsídios, cuja relação consta da “Bibliografia.” Por fim, queremos deixar expresso aqui o nosso sincero agradecimento aos numerosos amigos nacionais e estrangeiros que nos auxiliaram com as suas achegas, principalmente à reverenda Irmã Maria Mansueta, religiosa franciscana do Colégio de S. José, de S. Leopoldo, a qual, em fundos rigorosamente geográficos e fotográficos, desenhou várias cenas que ilustram esta obra.

✱

✱ ✱

Os três heróis sul-americanos, cujas vidas biografamos, são hoje ardorosamente reclamados por nada menos que cinco nações, que apelam pelos contar em o número dos seus grandes filhos.

Assiste o direito de possuí-los à República Argentina, visto que na região de Misiones trabalhou o padre Roque, e fundou, entre outras, a vila de Concepción, a mais antiga povoação daquele território; e também, porque, tendo os nossos três biografados morrido numa zona que então fazia parte do bispado de Buenos Aires, são chamados, com razão, “Mártires rio-pratenses”.

É indiscutível o direito que tem o Paraguai de reclamá-los como seus, já pela poderosíssima razão de ser o padre Roque legítimo filho de Assunção, já porque todos os três pertenciam à antiga província da Companhia de Jesus no Paraguai.

Tampouco podemos sonegar que, ao menos em parte, assiste direito à República do Uruguai, uma vez que a vasta região que se estende por ambos os lados do alto Uruguai — a qual foi teatro da atividade desses três mensageiros de Cristo, — era então denominada “Província do Uruguai”.

Mas como os santos tiram ordinariamente os seus títulos do país que santificaram com os seus trabalhos ou que regaram com o seu sangue, ninguém por certo porá em dúvida que o nome de “Mártires rio-grandenses” lhes cabe com toda a justiça, porquanto o solo do extremo sul do Brasil lhes bebeu o sangue, e o Rio Grande do Sul lhes conserva inolvidável memória e lhes ergueu o primeiro santuário nos pontos exatos em que tombaram, vitimados pelas armas dos guaranis gaúchos.

Finalmente, a própria Espanha tem parte inegável na posse dessas glórias, pois que os bem-aventurados Afonso Rodríguez e João del Castillo eram filhos dessa nobre nação.

Posto isso, entremos no âmago da matéria.

1. A PÁTRIA DE ROQUE GONZÁLEZ

(Resumo, principalmente, da História Documentada, do p. JOSÉ MARIA BLANCO, cap. I; e do p. VICENTE GAMBÓN, Lecciones de Historia Argentina, 18ª ed., I parte.)

Ainda bem não abrira Cristóvão Colombo o quarto continente ao mundo civilizado, cardumes de argonautas sulcavam com denodo o “mar tenebroso”, qual a qual impellido por particulares e diversíssimos interesses.

A uns, indômitos conquistadores, como Cortez, Pizarro, Almagro e Martim Afonso de Sousa, impele o propósito de alargar indefinidamente as já incomensuráveis possessões das majestades católicas e dos antecessores do rei fidelíssimo; outros, cidadãos pacíficos, como Pedro de Mendoza e Mem de Sá, abandonam o bem-estar na mãe-pátria com o nobre intento de criar novos lares em terras americanas; estes, abomináveis caçadores do ouro e do inerme filho das selvas, arrostando afoitos, como a grande maioria dos primeiros conquistadores, às mais incríveis incomodidades na prossecução da sua execranda ganância; aqueles, enfim, como o dominicano Las Casas na América Central, o franciscano São Francisco Solano no Peru, Chile e Argentina, e o jesuíta Anchieta no Brasil, — esforçados dianteiros do Evangelho nas terras recém-descobertas — menosprezam a própria vida, a fim de a transmitirem nova e divina aos infelizes ameríndios, transformando-lhes os antros de vícios e abominações em mimosos vergéis de moralidade e virtude.

É fato historicamente comprovado que, desde o início da obra da conquista da América, andaram de mãos dadas o mais ardente amor de Deus e o da pátria com a mais sórdida cobiça e egoísmo; a mais sublimada santidade com as mais desenfreadas paixões.

Um dos pontos mais alvejados por esses adventícios europeus foi o Rio da Prata, amplo estuário, cujos musculosos braços, partindo das entranhas do continente sul-americano, traçavam barreiras naturais aos avanços descomedidos de dois rivais multisseculares.

Com efeito, para essas regiões velejaram, ainda no limiar da sua história, por volta de 1501 e 1502, o português dom Nuno Manuel e o italiano Américo Vespucci. Para lá singrou, em 1515 e 1516, a serviço de Castela, o piloto lusitano João Dias de Solís, apelidado “Bofes de Bagaço”, que depois de haver legado seu nome ao majestoso rio por ele descoberto, veio a perecer, atraído, às flechadas dos charruas, que o devoraram.¹

Anos depois, em 1520, o estuário do Rio-de-Solís é novamente sondado pelo navegador português Fernão de Magalhães, a serviço da Espanha, em ordem a descobrir a comunicação do Atlântico com o Pacífico. Mais afortunado é outro ilustre filho da pequena Lusitânia, Aleixo Garcia, um dos raros sobreviventes da expedição de Solís, que, pelo ano de 1524, parte do porto dos Patos, fronteiro à ilha de Santa Catarina, se embrenha corajoso pelo sertão catarinense, cruza impávido o rio Paraná e descobre, são e salvo, o Paraguai. Daí, posto à frente de 2000 índios, sobe esperançoso até Corumbá, ao Sul do atual estado do Mato Grosso, corta destemeroso as inóspitas plagas e as emaranhadas selvas do Chaco e, vitorioso, planta seu estandarte na Cordilheira dos Andes, no lendário império inca do famoso “Rei Blanco”. Ao voltar, em 1525, ao Paraguai, carregado de ouro e prata, cai vítima de uma cilada dos guaranis, que entre si repartem os ricos despojos e guardam como refém o filho de Garcia.

Mais tarde, o veneziano Sebastião Cabot ou Gabotto, outrora servidor da Inglaterra, agora assalariado por Carlos V, obtendo quatro naus para uma expedição às Molucas, descobertas por Magalhães, levanta ferro em Sanlúcar, a 3 de abril de 1526, em demanda do Pacífico. Mas, como os portugueses de Pernambuco e os castelhanos de Santa Catarina lhe falassem dos tesouros fabulosos do Rio-de-Solís e do “Rei Blanco”, deslumbrado, larga a primitiva rota com o pretexto de haver perdido a capitânea.² Daí se interna pelo Rio da Prata, sendo as suas naus as primeiras que lá embocaram a 8 de maio de 1527, o caudaloso Paraná, — que tanta vez há de figurar no curso desta história, — e levanta, como ponto de segurança, um forte de madeira, que denominou “Sancti Spiritus”, na confluência dos rios Carcarañá e Corconda. Posteriormente, subindo até Itatí, reparou em que se desviara do seu

1. VARNHAGEN, VISCONDE DE PORTO-SEGURO, *História Geral do Brasil*, 3ª ed. integral, I. p. 122; e *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa, 1539 -1532*. Rio de Janeiro, 1927, p. 245.

2. VARNHAGEN, *ibid.* I. p. 132.

alvo, o Peru; pelo que arrepiou caminho até o ponto onde o Paraná recebe as águas do Paraguai, tomando por este último até à foz do Bermejo. Por este rio acima enviou um bergantim em procura da tribo dos agaces. Mas, poucos dias depois, regressava à embarcação, fugindo aos índios chandules, açulados por um grumete da própria expedição, e perdeu quinze a vinte espanhóis em combate com os selvagens.

Por aquela mesma época — isto é, pelos meados de 1528 — apareceu no estuário do Prata, a serviço de Carlos V, o português Diogo Garcia, que já ali estivera na viagem de João Dias de Solís e dera a volta ao redor do globo com Magalhães e Cano. Resolvido, primeiramente, a disputar pelas armas o direito do descobrimento daquelas paragens, preferiu mais tarde entrar em entendimento com Cabot. Sem embargo de terem ambos os dois enviados à Espanha advogado para defender os seus pretensos direitos, empreenderam de comum acordo uma exploração do Paraguai e internaram-se pelo rio Pilcomayo. Todavia, uma vasta conspiração dos índios chandules obrigou-os a fazerem pé atrás. Semanas depois, em agosto de 1530, arrasado pelos timbús o fortim de “Sancti Spiritus”, e vendo-se impotentes para cometerem novo empreendimento, resolveram ambos voltar para a Europa.

A fama das assombrosas riquezas descobertas por Cabot e Garcia, acrescida em 1534 por enorme carregamento de ouro e prata, trazidos do Peru por Pizarro, atiçou novamente a cobiça dos aventureiros da península Ibérica.

À vista disso, o imperador Carlos V determinou fosse ocupada imediatamente, com poderosos núcleos, a entrada do grande rio sul-americano, que já então todos chamavam, à boca cheia, de “Rio-da-Prata”. Para isso, confiou ao fidalgo “adelantado” Pedro de Mendoza³ a respeitável frota de doze navios, que levantaram âncora a 1º de setembro de 1535, com 1200 homens dos mais ilustres da monarquia. E, sendo a conquista espiritual do Novo Mundo uma das maiores preocupações do soberano, vários religiosos e clérigos embarcaram nessa esquadra.

O “adelantado” conseguiu efetivamente tomar porto no Rio da Prata, sobre cuja margem direita lançou, em fevereiro de 1536, os fundamentos de uma cidade a que pôs o nome de “Nuestra Señora

3. Governador da Província.

de Buenos Aires”. Sonogando-lhe, porém, os querandís, de armas em punho, qualquer fornecimento de víveres, Mendoza, reduzido já a extrema necessidade, enviou diversas expedições, entre as quais a de João de Ayolas, rio Paraná acima, em busca de virtualhas. Dentro em cinquenta dias, voltou Ayolas com mantimentos suficientes para abastecer a praça, enquanto uma geral conjuração dos selvagens comarcões decidira dar cabo dos intrusos. De efeito, chusmas inúmeras de bárbaros acometeram com furor a incipiente Buenos Aires, mas foram rechaçados pelas bocas de fogo das naus. Em vista disso, o “adelantado” deliberou subir com cerca de 700 homens até à foz do Carcarañá, onde os filhos das selvas lhes eram menos infensos, para levantar ali novo forte, a que chamou “Buena Esperanza” ou “Corpus Christi”.

Sendo um dos compromissos contraídos com o seu soberano diligenciar a comunicação terrestre com o oceano Pacífico, Mendoza despachou Ayolas, em outubro de 1536, rio Paraná acima, acompanhado de Irala e outros, para fazerem o devido reconhecimento.

Porém, como durante seis meses o “adelantado” não tivesse nenhuma notícia do destino dessa expedição, e sentindo que a saúde lhe fugia a olhos vistos, nomeou tenente-governador e capitão-general a João de Ayolas, e substituto deste a Francisco Ruiz de Galán. Após isso embarcou em fins de abril de 1537; porém, na altura dos Açores o colheu a morte, ficando sepultado no mar.

Entretanto, as forças expedicionárias haviam remontado o Paraná e entrado pelo Paraguai, avançando até Candelária, em 2 de fevereiro de 1537. Ali, Ayolas investiu Irala de toda a sua autoridade, internando-se ele mesmo no sertão, em demanda do “Eldorado” peruano, à frente de 130 espanhóis e 30 indígenas. Depois de exaustiva e perigosíssima caminhada de mais de 400 léguas, quando voltava com vinte cargas de ouro e prata, foi inopinadamente morto com todos os seus companheiros, vítimas da perfídia dos paiaaguás.

Neste comenos, como se ignorasse no forte de “Buena Esperanza” a sorte de Ayolas, foi enviado a procurá-lo o capitão João de Salazar, que se avistou com Irala em Candelária, ouvindo dele que seu chefe, havia meses, se embrenhara no Chaco. Perdida já qualquer esperança de se lhe deparar Ayolas, desceram ambos novamente o rio Paraguai. Fizeram alto à margem esquerda desse rio, um pouco acima da desembocadura do Pilcomaio, para construir, auxiliados pelos gua-

ranis, um forte de madeira, que denominaram “Nuestra Señora Santa Maria de la Asunción”, em memória da festa que a Igreja celebrava naquele mesmo dia, 15 de acosto de 1537. Concluídas as obras da fortificação, Salazar voltou a Buenos Aires, cujos habitantes encontrou na maior desesperação, já pela falta de gêneros alimentícios, já pelo despotismo de Ruiz Galán.

Neste ínterim, a mãe-pátria espanhola, informada daquele estado de coisas, encarregou o “veedor” Alonso Cabrera de levar socorros àquela atribulada colônia e a patente de governador e capitão-general do Rio da Prata a João de Ayolas, cujo trágico fim ainda na própria América se ignorava. Cabrera ancorou no porto de Buenos Aires em 1539.

Enquanto não chegava Cabrera, Galán subiu até Assunção, onde deu novo impulso à edificação daquela cidade, que adornou com igreja, entregando-a a quatro clérigos, ao passo que ele mesmo se recolhia a Buenos-Aires.

Havendo arribado o “veedor” Cabrera, viajou Galán com ele até o Paraguai, onde ambos reconheceram a legalidade do governo de Irala, visto que este lhes provou ser legítimo lugar-tenente de Ayolas. Só em março de 1540 foi que Irala ficou inteirado da morte de Ayolas por comunicação de um índio, único sobrevivente que escapou daquela mal-aventurada empresa. Irala, consolidado desta forma no poder da colônia, abafou enérgica, mas imprudentemente uma vasta conjuração dos selvagens vizinhos, cujo imprevisto resultado foi a incipiente fusão da raça europeia com a indígena, mediante numerosos matrimônios, mais ou menos legítimos, entre espanhóis e índias. Dessarte foi surgindo em volta da cidade de Assunção larga coroa de vicejantes chácaras, de cujo cultivo se encarregavam as mulheres indígenas, esposas dos espanhóis, auxiliadas frequentemente e de mui bom grado por seus parentes, ufanosos com o pomposo título de “cunhados” dos conquistadores.

Como o forte de Buenos-Aires se tornasse insustentável, Irala induziu os seus habitantes, mais alguns náufragos genoveses, a se trasladarem com todos os seus haveres para Assunção, onde arribaram incólumes em 2 de setembro de 1541.

Com este incremento, a modesta capital, à margem esquerda do Paraguai, não somente se tornou a mais populosa entre as suas

irmãs americanas, mas também se achou notavelmente robustecida contra os guaranis, sempre desconfiados dos invasores.

Enquanto Irala se dedicava à obra da ampliação dos limites da sua colônia, embarcava em Cádiz a 2 de dezembro de 1540, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, benemérito servidor da Espanha, com o título de 2º “adelantado” do Rio da Prata, mas só no caso de já ser falecido Ayolas. Acompanhavam-no quatro clérigos, 400 homens e uma boa manada de gado cavalar para reprodução. Fazendo escala na ilha de Santa Catarina, encontrou ali dois frades franciscanos, que o persuadiram a viajar por via terrestre. Seguindo este conselho, o “adelantado” com a mor parte da expedição lança-se continente adentro, galga as serranias, fura as brenhas da mata virgem, atravessa rios e córregos e, alcançando o salto do Iguaçu, desce o Paraná, abre passagem pelo território dos silvícolas, mediante generosos donativos, emboca o rio Mondai e entra finalmente na capital paraguaia, a 11 de março de 1542, depois de haver realizado a inaudita façanha de perder apenas um único homem em tão azarenta correria.⁴ Malgrado seu, Irala, à vista das credenciais, entregou o governo a Álvaro Núñez, que, num rasgo de generosidade, compartilhou o mando com o governador demissionário, nomeando-o seu mestre-de-campo. Começou desde logo a necessária reforma. Reprimiu com mão de ferro os desmandos dos funcionários reais, o desleixo do clero na cura de almas e as iníquas opressões que os conquistadores faziam à raça dos pobres conquistados.

Cabeza de Vaca deu mostras de rara habilidade governativa. Submeteu os guaicurús e castigou a audácia dos agaces. Deu fulgurante prova do seu elevado talento administrativo no incêndio que, em fevereiro de 1543, flagelou a capital quatro dias consecutivos, reduzindo a cinzas mais de 200 prédios e devorando quase todas as provisões de boca. O “adelantado” fez reconstruir com adobes as casas devastadas, que foram cobertas de palha, e se tornaram mais cômodas interiormente, e todas separadas umas das outras por cercas de madeira. Em volta da praça principal, edificou igreja, o palácio governamental, ferraria e as principais oficinas públicas.

4. Segundo o mapa nº 31, volume V, da “Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da América como Arbitro”, New York 1894, Cabeza de Vaca partiu de Itapucú abaixo da ilha de São Francisco), cruzou a Serra-do-Mar, subiu entre Curitiba e Ponta Grossa, cortando a Serra Apuparuna um pouco acima do 24º grau, desceu para o sul, atravessou o Iguaçu, acima da sua célebre queda, transpôs o rio Paraná, junto à foz do Iguaçu, e daí se encaminhou para o Paraguai.

Apesar de todos esses serviços e do contínuo empenho no sentido de abrir comunicação com o Peru — sonho dourado de quantos entravam pelo Rio da Prata — sua retidão e firmeza alienaram-lhe o ânimo dos súditos a tal ponto, que tombou vítima de vil conspiração, acabando por ser posto em ferros. Por fim, foi remetido preso para a Europa, sendo reintegrado interinamente no poder o general Irala.

Iniciou-se uma época do mais desbragado desenfreamento para os partidários do usurpador, com o inevitável corolário de draconianas vexações contra os adeptos do “adelantado”. Não poucos expiaram com a força a sua fidelidade a Cabeza de Vaca. Ao passo que uns eram sujeitos a extorsões extremamente vexatórias, outros procuravam salvar a vida e os haveres, refugiando-se nos bosques. Até a maior parte dos ministros do altar foram vítimas de odiosas represálias. tais extremos chegou a anarquia, que Schmidel, historiador aliás pouco limpo, afirmava: “Já não podíamos entender-nos; brigávamos dia e noite um com o outro, de sorte que parecia que o próprio diabo, metido entre nós, era que mancava e ninguém se julgava seguro dos demais.”⁵

Agravou a situação uma perigosa sublevação dos naturais, irritados com o desacertado sistema das “encomiendas”, introduzidas no Paraguai por Irala, pelas quais vinham ficar os infelizes filhos da selva em condição mais dura do que a da própria escravidão. Tendo-se apresentado os insurrectos nas proximidades de Assunção em número aproximado de 15.000, Irala, valente guerreiro, saiu-lhes ao encontro, fazendo no meio deles horrorosa carnificina. Com isso, consolidou-se no poder, acrescentado em 1547 e 1548 por feliz expedição a “Sierra Encantada”, no Peru. Entretanto, contrariou-o, e não pouco, o achar aquela região já submetida a Pedro de la Gasca, presidente do Peru. Ao regressar dessa correria, após de ano e meio, trazendo 12.000 selvagens escravizados, passou pelo dissabor de ver Assunção amotinada, ao mesmo passo que o governador se recusava a recebê-lo. Outro expediente não havia senão o de se apoderar da cidade pelas armas.

Sabedor o presidente do Peru, Pedro de la Gasca, das desordens no Paraguai, nomeou governador Diogo de Centeno. Este residia então em Chuquisaca (Charcas, hoje Sucre); mas este faleceu inesperadamente. Sorte idêntica teve o novo “adelantado” do Rio da Prata

5. ULRICH SCHMIDEL, primer Historiador del Rio de la Plata. Notas Bibliográficas y Biográficas por el TENIENTE GENERAL DON BARTOLOMÉ MITRE. Buenos-Aires, 1903, p. 232.

João de Sanábria - Enviado por Carlos V, com o encargo de castigar Irala, faleceu ainda antes de embarcar. Também não chegou ao Paraguai Diogo de Sanábria, filho e herdeiro do “adelantado”, ficando a Irala tempo suficiente para informar a seu modo o imperador, que acabou por legalizar-lhe o exercício dos poderes que se arrogou.

Entrementes, a esposa e as filhas do falecido Sanábria vinham atravessando o Atlântico. Uma das raparigas casou-se com Fernando de Trejo, cavaleiro dos mais representativos daquela expedição. Desse matrimônio foi esplêndida vergonha o sábio e virtuoso franciscano, futuro bispo de Tucumã, frei Fernando de Trejo y Sanábria, nascido no lugar denominado São Francisco, fundado e ocupado pelos expedicionários na costa brasileira, entre a Cananéia e a ilha de Santa Catarina. Contudo, como fossem escassos os meios de subsistência naquelas plagas, os moradores de São Francisco partiram em demanda do Paraguai, onde, chegados que foram, Irala pôs Fernando a ferros.

Mercê das excelentes informações que apresentou na corte espanhola Estevão de Vergara, sobrinho de Irala, este obteve, em junho de 1555, via São Vicente, uma cópia dos despachos imperiais que o nomeavam “Governador Proprietário do Rio da Prata.”

Entrou a colônia num período de franca prosperidade, graças ao tino administrativo e ao descortino político do governador, agora universalmente aclamado como “pai da pátria” e como tal pranteado, quando a morte lhe arrancou das mãos o poder em 1557.

Em atenção aos bons ofícios de Irala, Paulo III, papa, criou em 1º de junho de 1547 a diocese de Assunção e nomeou seu primeiro bispo o franciscano frei João de Barrios, que não chegou a embarcar para o Paraguai. Foi substituído, em 1555, por dom frei Pedro de la Torre, que, recebido na sua diocese com inequívocas demonstrações de regozijo, viveu sempre em harmonia com Irala.

A nós brasileiros, impende-nos saber que foi Irala o primeiro europeu que mandou ocupar e povoar o Guaíra (ou Guairá), no atual estado do Paraná, onde se fundou, em 1554 Ciudad Real, tantas vezes trazida à balha na história dos bandeirantes.⁶

6. Essa povoação, que não passava de 50 habitantes e ficava no lado do Salto Grande, foi transportada três anos mais tarde, por causa da sua insalubridade, um pouco mais para cima, perto da foz do Piquiri. (PABLO HERNÁNDEZ, Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús, I parte, pág. 5).

O sucessor imediato de Irala, Diogo de Mendoza, faleceu após um ano, e sucedeu-o Francisco Ortiz de Vergara, que recebeu das mãos do bispo a magistratura edilícia. O novo governador viu-se desde logo a braços com uma insurreição dos guaranis das “encomiendas”. Promptamente foi abafada a revolta, mas não de todo extinta.

Meses depois, foi nomeado pela Audiência de Charcas, no Peru, “adelantado” do Rio da Prata, João Ortiz de Zárate, que confiou interinamente o mando ao incompetente Filipe de Cáceres, enquanto ele mesmo se dirigia para a Europa em busca da confirmação do seu título. Assunção tornou-se teatro de profundos rancores e discórdias, que não tardaram a estourar. Estando a cidade dividida em duas facções, deu-se o lamentável espetáculo de o clero se bandear com Cáceres, ao passo que os leigos abraçavam o partido do prelado dom Pedro de la Torre. O lugar-tenente do governador mandou encerrar o bispo no seu palácio, tapando-lhe as janelas e colocando-lhe guardas às portas. Dias após, estando Filipe de Cáceres na catedral, assistindo à missa, dom Pedro o excomungou, e mandou prendê-lo. Decorrido um ano de cadeia, Martim Suárez Toledo, governador interino, remeteu o preso para a Espanha. Com ele embarcou, a título de guarda, o próprio dom Pedro, que, enfermando gravemente, veio a expirar consolado nos braços do padre Anchieta, apóstolo do Brasil, na vila de São Vicente, em 1573.

Entretanto, já em fevereiro de 1575, superando obstáculos sem conta e marcando a sua passagem com rios de sangue e montões de cadáveres, vinha-se aproximando de Assunção Ortiz de Zárate, já confirmado no munus de “adelantado” do Rio da Prata. Trouxe em sua comitiva alguns fervorosos filhos de São Francisco, os primeiros evangelizadores do Paraguai, entre eles o jovem frei Luiz Bolaños, mais tarde tão afamado por suas virtudes, prudência e caridade evangélica.

Por causa do seu gênio impetuoso e suas inomináveis arbitrariedades, Ortiz de Zárate malquistou-se logo com os velhos conquistadores. Vendo-se consumido no ano seguinte por doença desconhecida, que pouco depois o matou, nomeou seu sucessor aquele com quem viesse a casar sua filha única dona Joana; e antes que isso acontecesse, entregava o governo a seu sobrinho Diogo de Mendieta, moço de menos de vinte anos, verdadeiro monstro de crueldade e luxúria, que cobriu de luto e encheu do maior desespero os seus subor-dinados.

Por essas e outras, quando visitava a recém-fundada cidade de Santa Fé, foi preso e mandado para o reino. Na viagem, abandonaram-no os marinheiros na costa rio-grandense, onde pereceu às mãos dos aborígenes.

No entanto, dona Joana, residente em Chuquisaca, do Peru, unira-se pelos laços matrimoniais com o licenciado João Torres de Vera y Aragón, ouvidor da Audiência de Chuquisaca, o qual, inibido de sair do Peru pelo haver proibido o vice-rei, melindrado por se haver feito o casamento sem a sua aprovação, nomeou seu lugar-tenente e capitão-general o nobre e digno João de Garay. Este alcançou Assunção em setembro de 1578. Só dez anos mais tarde foi que João Torres de Vera conseguiu entrar no Paraguai.

Garay, exibindo suas credenciais, pode, sem oposição, tomar posse do governo. Sua administração caracterizou-se por gloriosas empresas bélicas e pela obra da expansão conquistadora. Teve de sufocar, com braço de ferro, vários pronunciamentos dos guaranis, sempre ciosos da sua liberdade, notavelmente cerceada pelo sistema das “encomiendas”.

A repovoação de Buenos Aires foi a sua mais pura glória, que lhe imortalizou o nome. Em janeiro de 1580, desceram com ele sessenta chefes de família, que, com todas as formalidades do estilo, ocuparam uma meseta, às margens do Prata, sobre a qual traçaram os lineamentos da cidade, que mais tarde haveria de ser porta e cabeça de todo o vice-reino do Rio da Prata. Estavam, pois, na intenção do fundador, “aberta as portas para a terra”; e, não houvessem interesses particulares contrariado o desiderato de Garay, as imensas riquezas minerais do Peru ter-se-iam escoado por Buenos-Aires.

Como já no tempo de Pedro de Mendoza, os índios comarcãos intentaram novamente desalojar da sua posição os molestos adventícios. Mas o governador castigou-lhes severamente a audácia em repetidos e sangrentos recontros, até que ele mesmo veio a perecer tragicamente em 1584, às mãos dos selvagens, quando se achava a caminho de Assunção. A colônia inteira pranteou o desaparecimento de Garay, como o de um pai boníssimo, intrépido guerreiro e magnânimo governador.

Sucedeu-lhe no poder, nesse mesmo ano de 1584, Alonso de Vera y Aragón, sobrinho do “adelantado”, com a alcunha de “Cara de Cachorro”, para o distinguir dum primo de nome igual.

Nesse governo, não chegaram a enferrujar as armas dos conquistadores nem esmoreceram seus anseios por nova expansão. Entre outras, foram lançadas, em 1588, as bases da cidade de San Juan de Vera de las Siete Corrientes, ou San Juan de Vera, ou simplesmente Corrientes, na confluência do Paraná e do Paraguai, ponto de escala entre Buenos Aires e Assunção. Nesse mesmo ano, por fim, aparecia pessoalmente o “adelantado” João Torres de Vera, que teve administração pacífica até 1591, ano em que resignou o cargo e se recolheu à sua pátria.

Desde a partida do sr. dom frei Pedro da la Torre, em — abril de 1573, — pela prolongadíssima sede-vacância de 12 anos que se lhe seguiu e pela negligência e escassez do clero, — a vida religiosa não só da capital, mas ainda de todo o Paraguai, atravessava terrível crise. Campeavam desenfreadamente as rebeliões dos súditos, as tiranias de alguns governantes e a dissolução moral da maioria. Todos os vícios encontravam o mais apropriado viveiro naquela sociedade de conquistadores, para quem — tal qual no Brasil-Colônia — o decálogo se reduzia a um único pecado mortal, que era o da apostasia. As admoestações e o exemplo, aliás raro, dos ministros do altar, eram sermões pregados no deserto; e a própria religião dos seus maiores, firmada em luta multissecular contra a Meia-Lua, eram velharias já de a muito relegadas ao olvido.

Um memorial dos oficiais régios, dirigido de Assunção, em 11 de março de 1580, ao rei Filipe II, apresenta-nos ao vivo uma imagem real daquela colônia:

“Nestas províncias há grandíssima falta de sacerdotes e religiosos, porque nesta cidade, na sua igreja catedral e na paroquial, não existem mais de cinco, quatro deles de sessenta a setenta anos, que já estão muito cansados; e não sendo possível servir à igreja como convinha ao serviço de Deus Nosso Senhor, e para as confissões, pela muita idade que tem, padecem muito trabalho, e a gente do povo vai crescendo, muito mal se pode atender a tanta gente. Nos dois povoados do Guaíra, distantes um do outro sessenta léguas, há um clérigo em cada um deles, tendo um mais de sessenta anos e outro terá seus sessenta e cinco, e daí em diante está outro clérigo na povoação de Santa-Fé,

e para o novo, povoado que presentemente se vai fundar em Buenos Aires não há nenhum. Damos [esta informação] a vossa majestade, a fim de que, como rei cristianíssimo e senhor nosso, mande providenciar o que mais convém ao serviço de Deus e descargo da vossa real consciência.

“O reverendo padre frei João de Rivadeneira, custódio nas províncias de Tucumã, dos frades da Ordem do senhor São Francisco, chegou a esta cidade, e, conforme dele temos entendido, com intenção de ir a esses reinos para suplicar a vossa majestade que proveja de religiosos tanto esta governação como a de Tucumã, porque não há quem ajude na doutrina dos naturais. Deixou nesta cidade casa começada da Ordem do senhor São Francisco, e é pessoa da qual temos muito bom conceito e a quem se pode dar todo o crédito.

“Suplicamos a vossa majestade com a brevidade possível, pon-do diante [dos olhos] a grande necessidade, mande prover o que tanto convém, e se presentemente não há governador com o qual possam vir assim sacerdotes como religiosos, sua majestade mande prover da sua real fazenda de modo que eles venham, porque, além de descarregar a sua real consciência será muito grande e meritória esmola diante de Deus Nosso Senhor, porque embora a quantidade da renda de maravedís acima mencionada é pequena, a abundância de gados e comida é muita, com que todos se possam sustentar.”

E ainda em abril de 1582 assim escrevia de Santa-Fé o governador Garay: “Também está aqui um frade que se diz frei Francisco de Aroca, no mosteiro do senhor São Francisco, que conta mais de oitenta anos e está só; na cidade de Assunção há quatro clérigos, dois com mais de setenta anos e os outros dois de sessenta, dizem-me que o que está mais forte deles há mais de seis meses se não levanta da cama; eu não o vi, porque desde que desci a povoar a cidade da Trindade (Buenos Aires) não tenho podido subir à cidade de Assunção, porque tenho andado ocupado nas coisas que convieram à sustentação daquele novo posto; bendito seja Deus —, já se edificaram algumas casas e neste ano se colheu razoavelmente comida; no ano que vem, com o auxílio de Deus, aumentar-se-á muito mais. Em Ciudad Real, que por outro nome se chama Guaira, e em outro povoado que fica a quarenta

léguas mais para o Brasil, não há sacerdote nenhum, porque dois que havia posto ali o Sr. bispo frei Torre eram muito velhos, e um morreu há mais de três anos, e o outro faz mais de um!”⁷

Estes escritos manifestam em parte o deplorável estado em que se achavam os moradores daquelas comarcas. Ao lado da tribulação externa, proveniente de autoridade despida de justiça e moralidade, acrescia a incessante ameaça extrema por parte do indígena justamente rancoroso, agravando-se tal situação por causa da falta quase absoluta de religião.

Os gritos de angústia e socorro que brotam dos peitos dos paraguaios da primeira centúria, outra coisa não são que o eco verdadeiro e fiel triste realidade.

Entretanto, Sodoma e Gomorra, modelos típicos de perdição, foram amados quatro justos, teria a Divina Providência negado essa dádiva à novel cidade americana de Assunção?

Veremos a resposta no capítulo seguinte

7. Cit. por BLANCO, p. 31-33

2. O MIMOSO DE DEUS E DOS HOMENS

(Assunção, 1576-1590)

Entre as incontáveis maravilhas da flora brasileira, há uma que tem conquistado, irretorquivelmente, a primazia pela sua peregrina formosura e suas gigantescas dimensões: a nossa afamada vitória-régia. O mais extraordinário, porém, nessa ninfeácea, encanto dos nossos olhos e deleite do nosso olfato, é a circunstância de ela medrar em águas estagnadas e corrompidas, em cujo lodo firma as raízes que alimentam e desenvolvem a planta.

Singularidade análoga, na ordem moral, observamos na sociedade pútrida do Paraguai, durante o último quartel do 16º século, na qual nasceu, germinou e cresceu vicejante nenúfar, fidalga flor que perfumou com seu aroma não só aquele meio ambiente contemporâneo, senão ainda até ao dia de hoje continua enlevando com seu odor quantos dela se aproximam.

Essa encantadora flor é Roque González de Santa Cruz, que viu a luz do mundo na cidade de Assunção do Paraguai.

Seus pais, merecidamente acreditados entre os seus concidadãos não só pela nobreza do sangue e lustre dos cargos públicos, mas precipuamente pela robustez da sua fé católica, chamavam-se Bartolomeu González de Villaverde e Maria de Santa Cruz. O tronco materno já se radicara no Paraguai com a chegada do capitão João de Santa Cruz, vindo em 1535, em companhia do “adelantado” Mendoza. Um dos avôs de Roque até exercera, o elevado cargo de chanceler de Assunção; mas insta observar que havia outro morador do Paraguai, chamado igualmente Bartolomeu González de Villaverde que, em 1582, era o único notário naquela província, e é bem possível que tenha sido o avô paterno do menino Roque.

O lar de Bartolomeu e Maria foi realmente abençoado por Deus, que o agraciou com ilustre plêiade de filhos, qual a qual mais

ilustre. A história conservou os nomes de sete: **João**, do qual afirma Lafuente haver sido companheiro de Garay, em 1573, na fundação da cidade de Santa Fé e na expedição ao Peru, em 1576; — **Francisco**, nascido por 1560, genro de Hernandárias⁸ — foi promovido mais tarde à dignidade de capitão-general e tenente de governador de Assunção; **Mateus**, que, em documentos de 1635, aparece como procurador geral de San Juan de Vera de las Siete Corrientes, e do qual ainda hoje essa cidade conserva grata memória como o de um dos seus mais insignes defensores; — **Pedro**, que, revestido do sacerdócio, foi, vários anos, cura de Buenos Aires e, posteriormente, como cônego da sua cidade natal, teve a honrosíssima incumbência de presidir às homenagens tributadas a seu irmão mártir; — **Gabriel**, que, em 1602, parte em demanda do Peru, a fim de, amparado monetariamente por seu mano Francisco, prosseguir ali sua formação eclesiástica; — dona **Francisca**, que, desposando perante o seu irmão padre Pedro, o capitão João de Roxas Aranda y Alarcón, possuidor de terras e tesoureiro real de Assunção, se tornou prolífico tronco, do qual descendem numerosas famílias, das mais conspícuas do Paraguai e da Argentina; — e, por fim, **Roque**, predestinado pela providência para mimoso de Deus e dos homens.⁹

Casal verdadeiramente abençoado, cuja metade de filhos varões abraçou a carreira árdua e gloriosa do ministério do altar! Este fato, de per si, é o atestado mais valioso da exce-lente educação recebida na família González, e isso na quadra corruta e alheia a qualquer aspiração nobre, que vimos de contemplar no capítulo anterior.

Roque González de Santa Cruz nasceu, não em 1570 —, como julgaram erroneamente alguns historiógrafos —, mas em **1576**, como

8.Quanto a Hernandárias, cujo nome completo era Fernando Árias de Saavedra e que figurará muitas vezes no decurso destas páginas, podemos adiantar desde já que ele veio à luz em Assunção, no ano de 1563, casando em 1582 com Jerônima de Contreras, filha do governador João de Garay, fundador de Buenos Aires. Tão elevado era o conceito e tão ilibada a fama de Hernandárias na corte, que os reis da Espanha não duvidaram em lhe confiar três vezes as rédeas do governo da província do Paraguai. Uma de suas filhas, ou — segundo outros, uma das suas irmãs — contraiu matrimônio com Francisco, irmão do p. Roque.

9. BLANCO, Historia Documentada, p. 36, nota. — R. DE LAFUENTE MACHAIN, no seu curioso livro “Los Parientes del Beato Padre Roque González de Santa Cruz”, menciona ainda (pág. 33 ss.) a Maria e a Mariana, que desposaram homens de representação e deixaram larga descendência. — No depoimento feito em Assunção, aos 27 de abril de 1629, assevera o padre Diogo de Boroa, completando as informações sobre a família González, ter conhecido pessoalmente dois irmãos de Roque nos elevados postos de tenentes-generais de governadores daquela província.

se colhe evidentemente de vários documentos da mais absoluta insuspeição; ainda não conhecemos, porém, o dia e o mês do seu nascimento.

Os destinos políticos da província do Paraguai achavam-se naquele ano confiados a João de Garay, que governava em nome de João Torres de Vera y Aragón, ao passo que vagava a diocese com a morte do seu primeiro bispo.

A meninice de Roque, pois, coincide com a crise religiosa e moral mais aguda daquela terra.

Originou-se, entretanto, após daquela fase de decadência, mercê de Deus, louvável reação religiosa, graças ao fervor apostólico de dois virtuosíssimos filhos de São Francisco, — frei Alonso de São Boaventura e o venerável frei Luiz Bolaños. Colheram estes religiosos copioso fruto na salvação e santificação das almas, assim entre os brancos como entre os silvícolas.

O historiador padre Pedro Lozano, da Companhia de Jesus, conta-nos em sua famosa “História da Conquista do Paraguai”, 1. III, cap. 13, que em 1589, — tendo Roque 13 anos de idade, — a cidade da Assunção foi visitada pelo infatigável missionário e imortal apóstolo São Francisco Solano, lídima glória da Ordem franciscana, o qual conseguiu realizar notáveis conversões entre os moradores da Capital, favorecido por um evento que lhe fez crescer de ponto o prestígio. Sucedera que muitos milhares de selvagens das circunvizinhanças se congregaram no perverso intuito de assaltar Assunção, a fim de arrasá-la. A ocasião convencionada para a investida era a noite de quinta-feira santa, ou das Endoenças, noite em que os espanhóis, longe das suas armas, costumavam entregar-se a exercícios de piedade e penitência nos templos. Protegidos, pois, pela calada da noite, os bárbaros puderam aproximar-se dos muros da cidade sem serem percebidos. Mas, no momento em que iam começar o ataque, embarcou-lhes os passos não um exército de arcabuzeiros, senão um inerte frade, Francisco Solano, e com tal energia arengou na própria língua guarani, que nove mil pagãos se renderam à eficácia das suas palavras, pedindo o santo batismo: e entraram muitos na cidade não aos gritos de guerra, mas aos estalos das disciplinas com que se açoitavam. Esse

espetáculo não só deixou atônitos os espanhóis, mas fê-los dispostos para ouvirem com maior docilidade as palavras do santo pregador.¹⁰

Não deixariam tais sucessos de causar indelével impressão no ânimo virgem e amoldável do menino Roque, como ainda a vista e o trato de tão esclarecidos homens de Deus. Consta que ele, durante toda a sua vida, foi amigo sincero dos filhos de São Francisco, que lhe retribuíram a benevolência com o ouro da sua caridade, o que mais adiante teremos oportunidade de ver. O mencionado venerável frei Luiz Bolaños deixou-nos belíssimo depoimento da santidade do padre Roque no processo feito em Buenos Aires, no ano de 1629, pouco depois do seu martírio.

Dados concretos acerca da infância de Roque, poucos nos legaram os contemporâneos. Da boca de pessoas fidedignas, eclesiásticas e seculares, colheu o padre Boroa o elogio mais irrestrito da educação cristã e modelar que o casal González dispensava a seus filhos, correspondendo estes integralmente aos desvelos paternos. Mas quem, segundo essas testemunhas, mais se avantajava, sobretudo na piedade, era o menino Roque, que nosso informante compara com Samuel por haver atendido, desde pequeno, com muita assiduidade ao serviço e asseio da igreja, ajudando às missas, visitando os altares e gastando horas esquecidas na oração, em cuja prática se iniciou tão criança, que, mal lhe despertou o uso da razão, já se recolhia, por vezes, até na chácara de um parente seu, ficando a rezar de joelhos, escondido num milheiro, onde foi observado por pessoas de crédito. Com os anos, não se lhe diminuiu o amor à união com Deus; antes, estando na igreja, ocultava-se no púlpito ou detrás dos bancos, ou, se andava no campo, se apartava da companhia dos demais para, atrás dos arbustos ou dentro de capões, levantar seu coração a Nosso Senhor. (Positio, II, p. 45.)

Outra testemunha, o sargento-mor Gabriel de Insaurrealde, alferes real da cidade de San Juan de Vera de las Siete Corrientes, que se criou juntamente com Roque durante a meninice, conhecendo-o, pois, perfeitamente, e sendo íntimo amigo dele, depõe, sob juramento, que Roque “foi tão [nobre] em virtude, que, com os demais meninos que dele se acercavam, sempre tratava de coisas do serviço de Nosso Senhor, menosprezo do mundo e aborrecimento do pecado.”

10. Cit. por BLANCO, *Historia Documentada*, p. 40

Estes são os traços da educação profundamente cristã, recebida ao colo e sobre os conselhos da mãe, que devia de ser uma santa, eximia na arte suspense de plasmar o coração do filhinho nos moldes do santo temor de Deus, do ódio a todo o pecado, do amor à oração e à virtude.

Aos rudimentos pedagógicos recebidos no próprio lar, acrescentaram, em 1585 ou 1586, quando Roque andava pelos nove ou dez anos, aulas regulares, que começou a ministrar no coro da Catedral a uma dúzia de meninos escolhidos o virtuoso bispo dom frei Alonso Guerra, O. P. — A par do ensino da língua latina, o apostólico prelado com muito carinho industriava os seus educandos na prática da virtude, para que mais tarde fossem dignos ministros do altar. Não resta dúvida de que o espírito de oração e o zelo das almas, virtudes características de Roque, encontraram nessa escola esmerado cultivo e eficaz estímulo.

Os companheiros sobreviventes, que depuseram sobre acontecimentos dos primeiros anos de Roque, relatam com admiração as maravilhas e encantos das suas virtudes, chamando-o todos, sem reboço, apóstolo e anjo.

Uma testemunha, Alonso Cano, que privou com Roque desde menino, afirma que ele sempre foi tido por virtuoso e santo; e que em público se dizia ter ele conservado ilibada virgindade até à morte; que todos os da sua idade, quando menino, mancebo, estudante, — até que se ordenou sacerdote. — o consideravam verdadeiro santo; que a todos reprendia por qualquer palavra ou obra desonesta; e a todos persuadia que servissem a Nosso Senhor, como se já fosse sacerdote e pregador que tivesse por ofício e obrigação o mover o próximo ao serviço de Deus e aborrecimento dos vícios. Era muito querido e amado de todos, e ele procurava sê-lo com seu bom exemplo e vida modelar.

Garcia de Céspedes completarias preciosas informações, declarando que Roque, em pequeno já abominava tão sinceramente os vícios, que a nenhum menino da sua idade permitia proferir palavra obscena sem que o censurasse, e, tratando-se de pessoas mais idosas, rogava e suplicava que não dissessem tais palavras. Mas não o conseguindo, fugia, como evadia cuidadosamente o trato de rapazes travesosos e inclinados ao mal.

Por fim, o capitão Francisco Árias de Mansilla, companheiro de escola de Roque, atesta que desde pequeno ele mostrou o que havia de ser na idade madura: sempre se afastava de jogos, recreios e quaisquer travessuras que semelhante idade costuma praticar, recolhendo-se amiúde para se encomendar a Nosso Senhor, e repreendendo os da sua idade pelo mal que neles via. E como fosse crescendo em santidade, ia patenteando maior virtude, no decorrer dos anos, sempre persuadindo a todos que servissem bem a Nosso Senhor.¹¹

Como Roque achasse mais gosto e consolação na prece do que nos brinquedos, escondia-se muitas vezes atrás de paredes e arbustos, onde, ajoelhado, falava intimamente com Deus e com os santos. Seus companheiros, porém, travessos e levianos, desaprovando a ação de Roque, atiravam-lhe a revezes pedrinhas e torrõezinhos; mas ele nem por isso se incomodava, sofrendo aquela falta de caridade com admirável paciência.

A força para a prática de tão encantadoras e perfeitas virtudes, hauria-a da única fonte que para isso existe: a frequência dos santos sacramentos da Confissão e da Eucaristia. Não sabemos quantas vezes confessava e comungava, porque seus companheiros apenas dizem que o fazia “muitas vezes”. Uma ou duas vezes ao mês já teria sido assiduidade, extraordinária para aqueles tempos. Como quer que seja, o Divino Prisoneiro do Tabernáculo exerceu, durante toda a vida, atrativo irresistível sobre o coração puro e amoroso de Roque, o qual, mais tarde, sendo já missionário nas selvas, onde seu ânimo não raro corria grande risco de sossobrar ao embate das tribulações, constantemente procurava e achava alento aos pés de Jesus Sacramentado.

Narram-nos algumas testemunhas episódio curioso, o qual nos permite um olhar psicológico ao interior de Roque durante a sua puerícia. Contando doze para catorze anos de idade, como ardesse em desejo de se consagrar à vida de contínua oração e rigorosa penitência, longe dos perigos do pecado e das distrações mundanas —, tendo ouvido o parecer pouco prudente de pessoa religiosa, — resolveu abandonar secretamente a cidade, em companhia de Gabriel Insaurralde e outros meninos da mesma idade, fugindo com eles para a floresta, e levando como única matalotagem o “Fios Sanctorum” para alimento espiritual das suas almas. Um que outro rapazinho, desanimando nes-

11. Loc. cit. p. 43 e 44.

sa precipite caminhada, talvez ao sentir os assomos da fome, ou por temer as feras e os selvagens, retrocedeu, dando parte do acontecido aos pais e parentes. Estes, indo no encalço dos fugitivos, foram encontrá-los, depois de alguns dias, no mato, a mais de doze léguas de Assunção. Porém os novos eremitas parecia estarem à vontade e apostados a continuar aquele gênero de vida, porquanto só com persuasões, a princípio, e depois recorrendo-se a ameaças, foi que conseguiram os pais fazê-los arrepiar caminho, reintegrando-os na vida do lar.

Este único incidente nos patenteia, por um lado, o alto grau de perfeição moral que Roque havia atingido, embora o modo escolhido de servir a Deus não fosse o mais adequado; e por outro lado, já nos fornece uma significativa amostra da sua pronunciada facilidade em dominar seu semelhante, movendo um pugilo de colegas não a executar algum feito quixotesco, ou alguma caçada temerária, senão a fazer penitência no sertão e a entregar-se à reza, ocupações naturalmente pouco atraentes para rapazes.

E já aqui podemos chamar a atenção do leitor para esse particularíssimo dom de Roque —, o de saber subjugar os homens com a sua palavra inflamada e o seu olhar irresistível, prenda essa amplamente explorada para a prática do bem, pelo futuro missionário dos guaranis e utilizada como arma com a qual repetidas vezes chegou a desarmar hordas inteiras de selvagens enfurecidos. Tão conhecida se tornou essa qualidade entre os seus irmãos de hábito, que um dos missionários, ao saber do assassinio do padre Roque, logo indagou se lhe não havia sido possível olhar para os verdugos ou dirigir-lhes a palavra, pois, se tal sucedesse, eles não se teriam atrevido a tocá-lo.

Continuou Roque sua vida edificadora no lar, procuran-do intensificá-la cada vez mais. Vários dos seus discípulos, dos quais alguns até moravam na mesma rua, e que foram mais tarde vingar a morte do prezado amigo, encarecem o quanto seu modo de viver contrastava com o dos outros companheiros. Já então todos viam nele um menino e jovem singularmente casto, que, emulando com o seu grande contemporâneo São Luiz Gonzaga, conservou intemerato o lírio cândido da virgindade e da pureza até ao túmulo.

“Aos que [Deus] destinou, a estes também chamou”, como nos ensina o Apóstolo das Gentes (Rom. 8,30)¹². Ora esse chamamen-

12. H. C. P.

to efetua-se, por via de regra, mediante a educação cristã que os pais subministram aos filhos. Roque teve, não resta a mínima dúvida, pais excelentes, que encaminharam o menino com que o Senhor os regalara, pela senda do santo dever, donde o filho nunca mais saiu, confirmando a sentença do rei Salomão, o qual nos declara no livro dos Provérbios (22,6) que o homem, segundo o caminho que tomou em moço, dele se não apartará, ainda quando for velho.

Efetivamente, Nosso Senhor na sua amorosa e insondável providência destinara Roque para si, a fim de exaltá-lo entre os contemporâneos e pósteros como luzeiro e guia no escabroso e difícil caminho da salvação. A inocência batismal, — a mais linda flor da juventude, a joia de mais fino quilate da alma, — ele a cultuou com o máximo cuidado e carinho inexcedível em toda a sua vida.

Que muito, pois, que o atraísse o Esposo das almas com a chama deslumbradora do seu puro amor?

“Vós me formastes e pusestes sobre mim a vossa mão.” (Ps. 138,5.)

3. SUBINDO O MONTE SANTO DO SENHOR

(Assunção, 1590 -1599)

A fidalguia espanhola da América, — entre a qual todo o trabalho que não fosse o das armas ou o do funcionalismo público, era tachado de humilhante, — à míngua do braço europeu para os misteres não só agrícolas, como domésticos, via-se constrangida a lançar mão da contribuição indígena.

A princípio, cometeram-se revoltantes opressões e clamorosas injustiças contra os infelizes índios por parte da quase totalidade dos europeus, como se verá no capítulo seguinte. Mas em algumas casas, onde se temia a Deus e se praticava a religião, o indígena era não só pago equitativamente pelo seu trabalho, mas até o consideravam membro da própria família. Nesses lares, conforme prescrevia uma cédula real, os índios recebiam instrução religiosa e dava-se-lhes oportunidade para o cumprimento dos deveres relativos à religião.

Embora as informações nada de positivo nos registem acerca desse particular, é certo que Roque dominava perfeitamente o idioma guarani, como se fora sua língua natural, o que nos permite aventar a afirmação de que ele, desde criança, lidava com os índios. E, como vimos, sendo tão inflamado seu zelo para com os filhos dos espanhóis, nada mais natural que se ele empenhasse também, e até com maior fervor e dedicação, por fazer com que Deus fosse conhecido, apontando o caminho da salvação àqueles pobrezinhos que via em tão míseras condições sociais.

Quantas horas não passaria o fervoroso jovem ora com uns, ora com outros, ensinando-lhes, com infinita paciência e caridade, na sua rústica língua, as orações mais indispensáveis e os rudimentos da nossa santa religião! Quanta compaixão não lhe arrancaria do nobre coração a vista dos seus padecimentos físicos e morais! Como quer que seja, Roque penetrou, mais que ninguém, na psicologia característica do ameríndio, chegando a conhecer-lhe perfeitamente as necessidades e aspirações, as alegrias e os pesares, conhecimento esse que

lhe foi, mais tarde, de inapreciável proveito, imprimindo às suas empresas certo cunho de segurança e autoridade, livre do receio de errar. E se logrou que os meninos brancos o acompanhassem nas suas devoções, quanto fruto não registaria entre seus amiguinhos indígenas, que pronto reconheceriam nele o amigo bom e dedicado da sua raça?

Não chegou até nós a notícia clara do em que se ocupava Roque na fase da sua adolescência. As informações sob juramento dos que com ele trataram naquela quadra dizem-nos, com bastante clareza, que persistiu na prática da virtude e na preparação para a vida eclesiástica. Mas onde, e com quem estudava Roque?

As mesmas testemunhas distinguem duas estações bem diversas no seu desenvolvimento científico: uma que chamam “escola”, e outra que intitulam “estudo”. Este último devia de ser algum avanço nas letras, algo parecido a curso secundário ou superior. E quem seriam seus mestres?

Ao terminar o mandato governamental de Irala, em 1557, uma das inovações mais importantes que se introduziram no Paraguai foi a criação de duas escolas primárias, confiadas a dois religiosos, para a boa educação dos filhos dos espanhóis, chamados vulgarmente crioulos. Anos depois, em 1585 ou 1586, o bispo Guerra ministrou, pessoalmente, por algum tempo, o ensino preparatório a um grupo de crioulos, candidatos ao sacerdócio. Esse empreendimento, porém, foi de efêmera duração, porquanto o prelado, como vimos, resolveu transferir sua residência para Buenos Aires em 1587, e foi expulso da sua diocese na vigília do domingo de Ramos de 1590.

Entretanto, graças à intervenção providencial de dom Frei Francisco Vitória, dominicano português, bispo de Tucumã, chegou um estimável reforço de alguns sacerdotes cultos e apostólicos, enviados da Baía pelo padre Cristóvão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus no Brasil.

Puderam, assim, os jesuítas portugueses realizar um velho sonho, acalentado desde 1551, qual era o de missionar o Paraguai, visto que o julgavam como parte integrante da dominação portuguesa, e ainda movidos pelas repetidas instâncias de viajantes e moradores da capital paraguaia, e animadas pelas notícias acerca da boa índole dos guaranis.

Partindo, pois, da Baía cinco jesuítas, em 20 de agosto de 1586, em demanda do Rio da Prata, arribaram a Buenos Aires quase nus, despojados de tudo por piratas ingleses¹³.

Três deles, os padres João Salóni (catalão), Tomaz Filds (irlandês) e Manuel Ortega (português), peritos na língua tupi, compreendida pelos guaranis, prosseguiram até Assunção, onde entraram a 11 de agosto de 1588, sendo recebidos com vivo alvoroço da parte do governador e de toda a cidade, dando-se-lhes casa provisória.

Como discípulos aproveitados de Nóbrega e Anchieta, lançaram-se imediatamente à obra da reforma espiritual da cabeça da província, o que lograram com êxito completo após três meses de indefesso labutar. A seguir alargaram seu raio de ação, evangelizando durante algumas semanas os povoados e aldeias daquela região, até que os separou a voz da obediência.¹⁴⁾

Os padres Ortega e Filds demandaram o Guaíra, no mais remoto sertão do atual estado do Paraná, habitado então pelo gentio, em número copioso e inteiramente ignorante, privado das luzes espirituais. Filds tomou a si principalmente o cuidado dos espanhóis; Ortega, o dos índios, e aprendeu a língua dos ibirajaras, nação numerosa e valente.¹⁵⁾

O padre Salóni, porém, homem letrado, permaneceu em Assunção, e em breve era tudo para todos: pregava e catequizava brancos e indígenas, confessava os fiéis e assistia os moribundos, fazia missões e dirigia um pequeno colégio para meninos.

No ano seguinte —, grassando na Capital a terrível peste, que, irrompendo em Cartagena, correu por toda a América meridional, contagiando os naturais da terra e poupando os de sangue europeu —, o padre Salóni teve que implorar o auxílio dos companheiros do Guaíra. Acudiram eles pressurosos, fazendo de médicos corporais e espirituais, até que lograram quebrantar a violência do mal.

13. PASTELLS, Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia dei Paraguay, tomo I, n.º 34 (p. 31) e n.º 41 (p. 49) onde se relatam os pormenores das incríveis peripécias dessa viagem de sete meses e meio; — SERAFIM DEITE. S. J., na História da Companhia de Jesús no Brasil, tomo I, l. III, cap. VIII, pág. 333-358, e no Archivum Historicum Sb- cietatis Jesus, vol. VI, 1937, pág. 1 - 24.

14. TECHO, Historia de la Provincia dei Paraguay de la Compañía de Jesús, I, 153 s.

15. SERAFIM LEITE, op. cit. pág. 351 e 352. — O Guaíra (ou Guairá) compreendia o território entre os rios Paranapanema, Itararé, Iguaçu e a margem esquerda do Paraná.

Em 1594, o padre Salóni, que desde alguns anos estava ensinando a meninos e moços, viu sua humilde casa transformada em colégio, por novo acréscimo de padres que vieram ajudá-lo, vivamente aplaudidos da nobreza de Assunção.¹⁶⁾

À vista do que fica dito, não pode, pois, haver dúvida de que Roque, frequentando as aulas de Salóni, continuava com ele a estudar o latim, para ser iniciado depois, por um dos jesuítas de Assunção, na dogmática e moral. De talento eminentemente prático, afastado voluntariamente de qualquer ocupação distrativa e sequioso de aprender, essa formação individual não deixaria de lhe ser mui profícua. Os frutos da sua vida posterior confirmam plenamente esse juízo.

Em 1598, sendo governador do Paraguai o afamado Hernandárias de Saavedra, e estando vacante a diocese desde 1590, sem esperança de ter dentro em breve novo antístite, o governador suplicou a seu irmão carnal, dom frei Fernando de Trejo y Sanábria, então bispo de Córdoba de Tucumã, que chegasse até Assunção a fim de crismar e ordenar alguns crioulos que se achavam devidamente preparados. Acedeu o prelado ao convite, transferindo-se em 19 de julho do mesmo ano para a capital paraguaia como hóspede da sua própria mãe, dona Maria de Sanábria.¹⁷⁾

Administrou o bispo os sacramentos da Crisma e da Ordem, segundo consta de um relatório pouco depois enviado pelo governador ao rei.

Entre os ordenandos, achava-se o nosso Roque. Ouçamos a esse respeito o depoimento jurado do padre Diogo Gordón no processo de Buenos Aires, em 1629. Declarando haver conhecido a Roque por mais de quarenta anos, depôs, sob juramento, que, tendo o jovem idade suficiente para se ordenar, tanto o sr. bispo dom frei Fernando de como seu pai (talvez a mãe já tivesse falecido), seus irmãos e outras pessoas graves lhe rogaram que se ordenasse, ao que ele respondeu, dizendo “que se considerava indigno de ser sacerdote”; mas que, rogado e persuadido pelo bispo, se ordenou.¹⁸⁾

16. O padre Salóni veio a falecer em 1599, vítima de umas febres apanhadas quando foi confessar um moribundo. Foi chorado por todos e, unanimemente, proclamado como santo. (TECHO, I, 253; — LEITE, I, p. 355.)

17. LAFUENTE MACHAIN, *Los Parientes del B. P. Roque González de S. Cruz*, p. 30 e 31.

18. BLANCO, p. 54.

Que súplicas e instâncias seriam essas, perante um mancebo de 22 para 23 anos, predestinado, conforme todas as aparências, para o sacro ministério e talhado como ninguém para o altar?

É incontestável que Roque nunca teria sido elevado ao presbiterado, em não tendo o indispensável preparo moral e científico, por mais premente que fosse a penúria do clero na sua pátria; nem nos parece verossímil que assumisse tão grave ônus unicamente com o intuito de agradar ao prelado e aos parentes, se não tivesse sentido manifesto chamamento de Deus.

Opina Gordón que outro movel não afastava da elevadíssima investidura o virtuoso mancebo a não ser a humildade. Mas é possível que outro motivo também lhe influísse no ânimo: a persuasão do seu insuficiente preparo científico, persuasão agravada por seus escrúpulos, os quais, pela vida fora, não poucas angústias lhe ocasionaram. Com certeza, graças ao incitamento e às ponderações persuasivas de dom Fernando e dos amigos, Roque, fiado na infinita misericórdia de Deus e na eficácia do auxílio divino, resolveu-se a receber o santo sacramento da Ordem.

Demorando o bispo na capital paraguaia até depois da páscoa de 1599, Roque terá sido ordenado nas Têmporas de dezembro ou, com maior probabilidade, no dia 25 de março de 1599.¹⁹)

Imponentíssima devia de ser a solenidade da sua missa nova. Possível é até que Roque fosse o primeiro filho do Paraguai revestido dessa tão sublime dignidade; e, sendo a sua família de alta representação social e política, e ele próprio geralmente estimadíssimo por grandes e pequenos, havido por todos na conta de verdadeiro santo, foi enorme a afluência de fiéis que acorreram para contemplar o novel presbítero e receber as primícias da sua benção. O padre Gordón, amigo íntimo de Roque, levanta uma pontinha do véu dessa excepcional festividade, afirmando que os confessores (sic.!) de Roque lhe insinuaram a ideia de levar na mão, durante aquela cerimônia, “uma palma

19. O padre Boroa, no seu depoimento de 27 de abril de 1629, atesta que Roque foi ordenado por dom Fernando em “noventa e nove”. E em outro lugar se diz que ele foi sacerdote secular durante “dez anos”. Ora, havendo ingressado na Ordem a 9 de maio de 1669, deve ter-se ordenado em princípio de 1599; o que vem confirmado com a informação de Guevara, que nos diz haver o padre Roque fundado a redução de Itapúa no dia “25 de março”, impondo-lhe o nome de “Incar-nación”, em memória da sua ordenação sacerdotal.

de virgem, para bom exemplo”; mas que ele, por humildade, não no fez, por lhe parecer vangloria.²⁰

A profunda fé, o angélico recolhimento e o seráfico ardor do jovem ministro do Altíssimo na celebração diária dos divinos mistérios, bem como a sua larga e fervorosa oração, atraíam poderosamente os católicos para a igreja catedral, donde saíam grandemente edificados, segundo o atestado do mesmo Gordón.

Sua radiante aurora de neopresbítero não foi jamais anuviada. Sempre alumiou a todos, até que, quase trinta anos mais tarde, tomava como esforçado mártir do Supremo Sacerdote, meia hora após de ter imolado pela derradeira vez o Cordeiro de Deus, presente na hóstia pura, na hóstia santa, na hóstia imaculada.

20. BLANCO, p. 54.

4. PRIMÍCIAS DO APOSTOLADO

(Maracaiú, 1599 -1600)

Os reis espanhóis do século XVI, imitando o feudalismo medieval, procuraram galardoar seus guerreiros da América pela obra da conquista de tantos domínios, cedendo-lhes grande parte das terras subjugadas. Não obstante, em virtude da enorme carência de braços, assim o espanhol nato como o crioulo, descendente do primeiro, se viram desde logo na emergência de ter que aproveitar a contribuição indígena em o cultivo dos campos, na criação do gado, na abertura de estradas, na construção de edifícios públicos e particulares, na mineração, nas fábricas, etc.²¹

No Paraguai, o general Irala, após de ter fundado e organizado a cidade de Assunção, meteu ombros à melindrosa tarefa de atender ao regime dos índios comarcãos. Dividiu-os em agrupamentos, que na história vieram a celebrar-se com o nome de **encomiendas**. Chamavam-se **encomiendas** as repartições de terras e índios feitas entre os conquistadores e seus herdeiros, devendo os selvagens cultivar a terra em proveito dos espanhóis.

Havia duas espécies de “encomiendas”: a mita (palavra do quí-chua, que significa “vez, turno, turma”) e a **yanacona** (outro termo de origem peruviana). Na “mita”, a população indígena toda prestava, sem perceber salário, serviço temporal de dois meses por ano, revezando-se por turnos, ficando depois livres de trabalho o resto do ano. Eram isentos os caciques, as mulheres, as crianças e os quinquagenários. Os varões de 18 a 50 anos, sujeitos ao tributo da “mita” eram denominados “mitaios” ou “mitários”.

Os “yanaconas”, também chamados “peças”, eram selvagens capturados em expedições militares, em castigo de rebeliões ou hostilidades injustas. O índio “yanacona”, sujeito aos “encomenderos” por toda a vida, podia ser empregado, sem retribuição nenhuma, a bel prazer do seu amo, que lhes não tinha a mínima consideração nem ao sexo, nem à idade.²²⁾

21. PABLO HERNÁNDEZ, Organización Social de las Doctrinas Guaraníes, II, n.º 151, g. 89 ss.

22. Idem, ibid., n.º 152, p. 93.

Esse sistema postergava a lei natural, privando suas vítimas não só da mais rudimentar liberdade individual, mas também impossibilitando o matrimônio, desfazendo a família, arruinando-lhes os haveres e a saúde com remetê-los muitas vezes a regiões insalubres e remotíssimas.

Os monarcas espanhóis — honra lhes seja — não deixaram de acudir a seus desafortunados súditos americanos, tentando, por meio de leis e alvarás, principalmente pelas sábias e humanitárias “leyes de índias” ressaltar o direito do aborígene, declarando-o livre como o é o espanhol.²³)

Como os “encomenderos” insistissem na absoluta necessidade dos serviços do indígena, os reis, cedendo nesse particular, impuseram-lhes a grave obrigação de ensinar a seus “encomendados” a religião cristã, de civilizá-los, alimentá-los, vesti-los, tratá-los paternalmente nas suas enfermidades, instruí-los em alguma arte ou ofício, sem poder vendê-los nem despedi-los por maus, inúteis ou doentes que fossem.

Mas os bons reis da católica Espanha estavam do outro lado do Oceano, ao passo que muitos dos seus oficiais, impossibilitados de vigiar eficazmente tão dilatadas regiões, ou se mostravam remissos no cargo, ou até se mancomunavam com os “encomenderos”, que, levados da mais sórdida ganância, desalmados e cínicos, burlando com menosprezo todas as leis divinas e humanas, exploravam a mais não poder o trabalho do índio fraco e inerte, qual se fosse besta de carga.

Igual ou pior era a condição moral dos “encomendados”. Não havia mestre que os instruisse, nem sacerdote que com eles repartisse o pão da divina palavra, lhes derramasse o bálsamo no coração magoado e lhes erguesse a alma exasperada para os bens duma vida melhor. E, mesmo dado o caso esporádico de se apresentar algum padre animado de boas intenções, nada ou quase nada conseguia, em vista de ignorar, pelo comum, o idioma indígena, ou porque os “encomenderos” lhe opunham toda a sorte de obstáculos. Era, pois, a mais cabal e completa escravidão física e moral.

E a Igreja? A situação da Igreja no Paraguai durante a primeira centúria consigna páginas verdadeiramente dolorosas. O primeiro bispo que aportou àquelas inóspitas plagas, em 1555, dom frei Pedro

23. Idem, I, n.º 17, p. 52 ss.; e II, n.º 150, p. 86 ss.

de la Torre, foi abandonado por seu clero e encarcerado, vindo a falecer em viagem para a Europa, em 1573.

Depois de uma sede-vacância de doze anos, chegou em princípios de 1585 o segundo antístite, dom frei Alonso Guerra, dominicano, que, embora pessoalmente zeloso e trabalhador, se apresentou sozinho, sem frades da sua Ordem, sem sacerdotes hem clérigos, pela não plausível razão, — na frase crua, mas real de Fernando Montalvo, testemunha ocular, — “de aquela terra ser pobre, e o prelado de gênio desabrido e mesquinho.”²⁴ Privado de colaboradores, e palpando a necessidade espiritual do seu rebanho, abalançou-se à árdua tarefa de formar, por si mesmo, como já se disse, um núcleo de clero nacional. Mas, transferindo-se, passados dois ou três anos, para Buenos Aires, e, expulso em 1590 do Rio da Prata, não teve a ventura de colher os frutos do seu louvável apostolado.

A mísera diocese praticamente tornou a ficar treze anos sem pastor. Foi nesse ínterim que o governador Hernandárias, homem probo e temente a Deus, convidou, em meados de 1598, seu irmão, o bispo de Tucumã, a visitar o Paraguai, a fim de administrar os sacramentos. Nessa ocasião foi que Roque González se ordenou.

Procedeu a Santa Sé a nada menos de quatro nomeações consecutivas de bispos para aquela desamparada grei, até que o quinto, dom frei Martim Inácio de Loiola, fervoroso franciscano descalço, sobrinho do fundador da Companhia de Jesus, veio a tomar posse no ano de 1603, provavelmente em fins de abril.²⁵

Esse prelado, homem prático e enérgico, tendo conhecido suficientemente as múltiplas necessidades da sua diocese, convocou no mesmo ano de 1603 um sínodo, ordenando aos “encomenderos” que ajuntassem os índios dispersos e levantassem igrejas, onde pudessem ser instruídos e doutrinados. Além disso, foram tomadas as seguintes resoluções: “Que se ensinasse a doutrina em língua guarani, por ser a mais comum e a mais clara; que todos os índios fossem à doutrina aos domingos e dias de festa; que as crianças e os jovens de ambos os sexos tivessem duas horas diárias de doutrina; que se dessem três dias aos índios antes da confissão, a fim de preparar-se para o ato; que se tratasse de aldear todos os indígenas da Província para facilitar a sua evangelização, etc.”

24. BLANCO, p. 57.

25. LUIS ENRIQUE AZAROLA GIL, *Los Orígenes de Montevideo*, 1607 -1749, pg. 22.

O mal, porém, longe de minorar, foi-se agravando de ano para ano. Ainda em 13 de março de 1612, o padre Diogo González, reitor do Colégio de Assunção, assim se exprimia, escrevendo a um padre de Roma: “Em duas coisas pecam os encomenderos contra os índios: a primeira, em violar-lhes a liberdade natural, fazendo escravos a pais e filhos e não lhes pagando o seu salário e trabalho, nem deixando-os ter coisa própria, a não ser uma única camisinha (“saquillo”) até os joelhos e sem mangas, sendo este o seu vestido, sem outro adorno; pelo qual servem o ano inteiro, — dando-lhes dois pesos por um ano de serviço, — não podendo adquirir nada, nem criar uma ave, nem ter coisa que seja “*sui jûris*” — pois são escravos — ‘nem filhos, nem mulher, etc.” Esses dois pecados, — o da violação da liberdade e o da sonegação do jornal, — dizia ainda o mesmo informante, havia já setenta anos que se cometiam naquela região.

O padre Angulo, outro jesuíta do Paraguai, carrega ainda mais as tintas num ofício que dirigiu em 1592 a S. Toríbio de Mogrobejo, arcebispo de Lima, no qual se lê o seguinte: “Os espanhóis e encomenderos estão de tal modo apoderados e assenhoreados dos índios, que não há escravidão nem cativeiro na Berberia nem nas galés de turcos de maior sujeição, porque desde que nascem até que morrem, pais e filhos, homens e mulheres, pequenos e grandes servem “pessoalmente” em granjas escolhidíssimas dos patrões, sem receberem os coitados dos índios nem uma camisinha com que se vestir, nem às vezes um punhado de milho para comer, e dessa forma vão morrendo com grande rapidez”.

Generalizou-se de tal maneira esse abuso, que até os próprios religiosos julgavam não poder dispensar o serviço dos índios escravos. Quem no diria? Até alguns colégios de jesuítas tiveram selvagens escravos, posto que recebidos a título de esmola, e tratados e remunerados com caridade cristã.

Pois bem: No intuito de acabar de uma vez com semelhante cancro e dar eloquente exemplo, o padre Diogo de Torres, ao tomar conta do governo da província do Paraguai, interpretando exageradamente uma insinuação do padre Cláudio Aquaviva, geral da Ordem, mandou por escritura pública dar liberdade aos índios “encomendados” dos colégios dos jesuítas, oferecendo-lhes maiores comodidades e salário mais generoso, caso desajassem continuar trabalhando em casa dos padres.

Não lhes digo nada. Foi um verdadeiro estouro, primeiro no Chile, onde entraram a murmurar publicamente dos jesuítas, e logo na Argentina e no Paraguai, onde chegaram ao extremo de infligir aos defensores dos índios toda a sorte de vexações, obrigando-os até a abandonarem temporariamente os seus colégios.

Por fim para obsecundar os repetidos desejos de pessoas boas e gradas que reclamavam remédio daquela clamorosa injustiça, Filipe III nomeou, em 1610, visitador civil de Tucumã e Paraguai, o ouvidor dom Francisco de Alfaro, da Audiência de Charcas. Pai do jesuíta Diogo de Alfaro, era ele universalmente conhecido como homem correto e perfeito cristão.

Na sua espinhosa missão, que se prolongou desde dezembro de 1610 até março de 1612, encontrou o mais dedicado amigo e conselheiro na pessoa do padre Torres, sem o assentimento do qual nada empreendia e nada resolvia. Contudo não deixou de ouvir o parecer de muitos outros homens prudentes e letrados, zelosos do bem dos índios. Assim, só após madura reflexão e longas consultas foi que Alfaro ousou dar publicidade às suas afamadas “Ordenanzas”, notável documento jurídico, datado em 9 de janeiro de 1612, assinado, entre outros, pelo sr. bispo de Tucumã, o governador do Chile, diversos padres franciscanos e jesuítas. Consta esse memorial de 119 números, em que se procura resguardar dentro da justiça o direito dos naturais da terra.

Inhumana foi a cólera dos “encomenderos” contra os jesuítas, sobretudo em Assunção, onde chegaram ao ponto de lhes cortar as esmolas e impedir lhes fosse vendido o necessário para o seu sustento; além disso, proferiam as mais incríveis palavradas contra os padres. Estes, ainda que o sofressem com serenidade e santa paciência, acharam de bom aviso ausentar-se da capital até voltar a bonança. Esta, de fato, voltou em virtude do ato magnânimo de um rico homem do Paraguai, o qual, embora tivesse acompanhado os “encomenderos”, arrependido, fez confissão geral de sua vida a um jesuíta, acabando por dar alforria pública a todos os índios seus “encomendados”. Essa bela atitude teve diversos imitadores e fez terminar a animosidade, seguida de um recado oficial das autoridades civis, solicitando respeitosamente a volta dos jesuítas.²⁶

26. ANTONIO ASTRAIN, *Historia de la Compañía, de Jesús en la Asistencia de Espana*, tomo IV, libro 3.º, cap. X, p. 644 ss.; PABLO HERNÁNDEZ, op. cit. II, n.º 56 pg. 611 ss.; BLANCO, pag. 95.

Mas prossigamos na história, remontando-nos agora ao nordeste do Paraguai, às ubertosas regiões que se dilatam pelas margens do rio Jejuí até às serranias do Maracaiú, ou antes Mbaracaiú, cobertas de riquíssimos ervais, que abrigam numerosos grupos de selvagens quase todos submetidos e entregues a “encomenderos” desde o tempo de Irala.

O padre Antônio Ruiz de Montoya, — ao lado do padre Roque, o mais esforçado missionário jesuíta do Paraguai —, teve o ensejo de visitar o Maracaiú no ano de 1612 ou 1613, quando ainda estava aprendendo o guarani, deixando-nos uma pintura ao vivo do que era aquilo. Eis como se ele manifesta:

“Receberam-me os índios deste povoado com muito amor. Conteí a gente e achei 170 famílias; mas depois, nas minhas peregrinações, tendo passado algumas vezes por ali, em poucos anos cheguei a contar somente 50. Pela causa dessa comum diminuição dos índios sujeitos ou “encomendados” a espanhóis já se não pergunta, por ser tão sabida, e não produz estranheza nem reparo, por ser trivial... Está fundada essa povoação num pequeno campo rodeado de imensuráveis florestas de árvores silvestres, nas quais há tratos, de duas ou três e mais léguas de comprimento e largura, de árvores de que extraem a erva que chamam do Paraguai... com grande trabalho dos índios, que, sem comerem todo o dia mais do que fungos, frutas ou raízes silvestres, que a sua boa sorte lhes oferece pelos matos, estão em contínua ação e trabalho, tendo sobre si um comitre, que, mal o pobre índio se assenta um pouco para tomar o fôlego, já sente sua ira envolta em palavradas, e, às vezes, em duras pauladas. O trabalho daquela erva consumiu muitos milhares de índios. Testemunha sou de haver visto, por aqueles matos, ossuários bem grandes de esqueletos de índios, que causam lástima a quem os vê, e punge o coração o saber que a maioria deles morreu no paganismo, desgarrados por aquelas selvas em busca de sevandijas, sapos e cobras, e quando nem disso encontram, bebem muita daquela erva, pelo que se lhes incham os pés, pernas e ventre, mostrando o rosto somente os ossos, e a palidez a figura da morte.”



Painel de Nossa Senhora dos Milagres, devota imagem que se venera no Colégio dos jesuítas de Santa Fé, Argentina. A “Conquistadora” do padre Roque foi semelhante, senão igual a este lindo quadro. (P. 101).



O trucidamento dos mártires rio-grandenses, Roque, Afonso e João, segundo a escultura de Jac. Bruynel e o pintor holandês A. Diepenbeke (1596-1675), tomado do livro *Kerkelyke Historie*, de C. Hazart, 1667, com esta explicação em flamengo: P. Roque González, da Companhia de Jesus, enquanto preparava tudo para erguer um sino, destinado a convocar os cristãos do Paraguai ao culto divino, foi assassinado pelos mesmos índios a golpes de itaíçá. Seu companheiro P. Afonso Rodríguez, foi partido a meio pela espada e morto.

“Tendo prontos em cada alojamento ou aduar cem ou duzentos quintais, carregam-nos em oito ou nove índios, levando cada um às costas cinco ou seis arrobas,²⁷ dez, quinze, vinte ou mais léguas²⁸, pesando o índio muito menos do que sua carga (e sem lhe dar coisa nenhuma para o seu sustento); e não faltaram curiosos que fizessem a experiência,” pondo numa balança o índio e na outra sua carga, sem que a do índio nem com muitas libras postas em seu auxílio, pudesse vencer à balança da pesada carga. Quantos ficaram mortos, recostados sobre suas cargas! E sentir o espanhol mais não ter quem lha carregue, do que a morte do pobre índio! Quantos se despenharam com o peso por horríveis barrancos, e achamo-los naquela profundidade lançando fel pela boca! Quantos foram comidos pelos tigres naquelas florestas! Num só ano passaram de 60! ... Estas coisas clamam ao Céu...”²⁹

Todos esses infortúnios e angústias conhecia-os de sobejo nosso padre Roque. Sua fantasia ardente via os pobres índios das “encomiendas”, seus desgraçados patrícios, a estender para ele as mãos suplicantes, e seu coração terno e amoroso ouvia-lhes os lamentos dolorosos, clamando-lhe auxílio, suspirando por quem os socorresse e lhes aliviasse a insuportável agonia.

De feito, achando-se Roque, possuído de verdadeiro amor para com a alma do índio, cujo idioma falava desde criança, assim que se ordenara, aos 23 anos de idade, com pasmo geral deu de mão ao carinho dos seus e às comodidades da Capital, para viver nas brenhas entre seus infelizes irmãos, sem remuneração de espécie alguma, levando unicamente por seu abrasado amor a Deus e aos homens.

E, tapando os ouvidos às admoestações e às súplicas dos maus conselheiros, lá se embarcou ele em beluina igara, subindo muitas léguas pelo rio Paraguai, internando-se depois no caudaloso Jejuí, seu afluente da margem esquerda.

Aonde ia ele? Ia para o mato, em busca dos selvagens; ia viver no meio deles, compartilhar a sua extrema pobreza e miséria, — ele, o fidalgo, o delicado filho da cidade!

O campo preferido por sua ilimitada caridade foi justamente o Maracaiú, que vimos de conhecer através da narração de Montoya.

27. Cerca de 60 quilogramas (peso espanhol).

28. Léguas, na linguagem popular, é a distância percorrida a pé durante uma boa hora. A antiga légua espanhola deve ter sido a de 5.555, m 55, isto é, a légua marítima, de 20 ao grau.

29. ANTONIO RUIZ DE MONTOYA. S. J., *Conquista Espiritual*, Bilbao, 1892, p, 34 a 36.

Como o novel missionário não viesse para receber, e sim para dar, não para ralar e castigar, como os terríveis “encomenderos”, mas para lhes aliviar a sorte e lhes enxugar com ternura paternal as amargas lágrimas, dizendo-lhes palavras suaves e amorosas na sua maviosa língua materna, os coitadinhos receberam-no como anjo vindo do Céu. Respirando bondade e compaixão a pessoa do novo cura, não somente lhe eles consagravam profunda veneração, mas até afeto sincero e filial. Com isso estava lançada a pedra angular para a grandiosa obra de Deus, que o fervoroso missionário pretendia erguer nos corações de todos aqueles desafortunados silvícolas. E vindo ele sob os auspícios do acatadíssimo governador Hernandárias, parente próximo do irmão do padre Roque, era de presumir que os “encomenderos” não molestassem o apóstolo na sua ação benfazeja.

Todas as testemunhas citadas nos primeiros processos referem com grandes encômios essa estreia do apostolado do padre González. O franciscano frei Luiz Bolaños assevera que Roque, “sendo clérigo, saiu da dita cidade de Assunção aos povoados de índios a fim de visitá-los e doutriná-los em tempo em que não tinham doutrina, e fez muito fruto entre eles.” Cristóvão Gallego afirma que, sendo clérigo, “primeiro se ocupou na conversão e pregação evangélica dos índios naturais da província do alto Paraguai.” Francisco de Árias de Mansilla determina o ponto das suas catequeses, declarando “que ele se ocupou na conversão e ensino dos índios naturais do Maracaiú”; ao que Simão de Mesa acrescenta “que se ordenou de sacerdote e logo se ocupou do ensino da doutrina cristã na província de Maracaiú, onde foi tão amado, querido e estimado dos naturais daquela província, quanto lhes era agradável sua vida, exemplo, boa doutrina e pregação evangélica, que receberam com muita aceitação.” Por fim, Garcia de Céspedes remata os depoimentos com esta preciosa informação: “Ordenou-se de sacerdote; e logo subiu à província do alto Paraguai a pregar e ensinar o santo Evangelho na província de Maracaiú, onde permaneceu algum tempo, convertendo aqueles índios à nossa santa fé e ocupando-se em obras de caridade entre eles, sendo amado tanto, que até hoje (isto é 40 anos depois) vive entre eles a memória do mencionado padre”³⁰

Quais eram essas obras de caridade não é difícil adivinhar. Começando pelas obras de misericórdia corporal, terminaria com a

30. BLANCO, p. 58 a 59.

caridade espiritual. Sua família, rica e benfazeja, como seus generosos amigos de Assunção, não deixariam de fornecer-lhe abundância de provisões e medicamentos com que pudesse matar a fome aos seus protegidos, cobrir-lhes a nudez, curar-lhes as feridas e doenças, alegrar-lhes os olhos com um mundo de quinquilharias, tudo acompanhado de palavras e modos que cativavam a alma simples do inculto selvagem. E, tendo-lhes ganhado assim a confiança e o afeto, ter-lhes-á explicado, com expressões singelas, ao alcance de todos, o valor das suas almas imortais, a existência de Deus nosso Criador, Senhor, Pai e máximo benfeitor; ora lhes terá falado no incomensurável amor do Filho de Deus, nosso Redentor, ora na grandeza e amabilidade da Mãe de Deus e Mãe nossa. Nem terá deixado de ensinar-lhes, com infatigável paciência, as orações indispensáveis, entressachando sempre nelas cânticos sagrados, que eles tanto apreciavam. Depois, os que estivessem melhor preparados, havê-los-á regenerado nas águas batismais, fazendo-os filhos de Deus, irmãos de Cristo e herdeiros da bem-aventurança; ter-lhes-á administrado os sacramentos da Penitência, Eucaristia, Matrimônio e Extrema-Unção.

O franciscano frei João de Gamarra depôs, no processo de 1630, que o padre Roque mui deveras estendeu e plantou a fé entre aqueles índios, e converteu muitos, que lhe queriam e o amavam.³¹

Horas seriam essas felizes e saudosas: para os pobres bugres, que reconheciam no missionário seu melhor pai e amigo; para o padre Roque, porque via como seus filhos espirituais se achavam bem e começavam de amar e servir a Nosso Senhor. Até os que mais vergavam ao peso do trabalho e da amargura, ensinados pelo santo cura, principiavam a santificar o trabalho e o sofrimento suportando-os com resignação e amor, na esperança da recompensa eterna e em consideração àquele que carregou a cruz por amor de nós todos. E os próprios “encomenderos” admoestados e, até, repreendidos pelo padre, abrandariam a pouco e pouco os extremos do antigo rigor.

Digníssima e nobilitante missão essa de Roque González! Daí compreenderemos melhor que “os que ensinaram a muitos o caminho da justiça, esses resplandecerão como as estrelas por toda a eternidade”, como declara a Divina Sabedoria pelos lábios do profeta Daniel (12,3).

31. Ibid., p. 380.

5. O VARÃO OBEDIENTE E HUMILDE

(Assunção, 1599 - 1609)

Quanto tempo demorou o padre Roque entre os índios do Norte do Paraguai, sabemo-lo agora pela recente descoberta do já citado depoimento do padre Diogo de Boroa, de 27 de abril de 1629. Consta que o jovem sacerdote partiu para o Maracaiú pouco depois da sua ordenação, que deve de se ter realizado em 25 de março de 1599. Relativamente à sua permanência entre os selvagens, assim se exprime Boroa, falando da operosidade do p. Roque nas ribeiras do Jejuí: “Donde foi chamado para esta cidade [Assunção] pelo prelado no ano de seiscentos-”

Posto isso, talvez nos seja lícito atribuir à demora de Roque entre os silvícolas do alto Paraguai o período de um ano aproximadamente. Entretanto, não podemos duvidar de que foi Hernandárias quem encurtou esse apostolado nas florestas virgens, exortando à autoridade eclesiástica mandasse que o jovem missionário voltasse para a Capital, atendendo nisso, com certeza, não só a um imperativo do seu próprio coração e dos demais parentes, senão ainda a uma real necessidade espiritual que demandava para aquele posto um pároco ze-loso, prudente e desinteressado.

Embora lhe sangrasse o coração o ter que abandonar o Jejuí, deixando entregue à ventura seus amados filhos em Cristo, sujeitou-se o p. Roque à vontade do seu superior hierárquico, em virtude da obediência e reverência que todo o presbítero promete solenemente a seu prelado na ordenação sacerdotal. Entre muitas lágrimas e saudades dos pobres índios partiu, pois, e, desandando o largo trajeto que media entre o seu antigo e novo curato, apresentou-se a seu superior.

E quem foi esse superior, que Boroa chama “prelado”? Só pode ter sido o governador do bispado em sede-vacante, cujo nome ignoramos.

Nem pode o padre González esquecer jamais o objeto das suas predileções, seus queridos índios, procurando fazer-lhes todo o bem corporal e espiritual que lhe era possível, porquanto se lhe afigurava ser chamado por Deus mais para a salvação do ameríndio do que para a do europeu.

Não se pense, porém, que Roque se mostrasse remisso no seu novo campo de atividade. Dessa quadra da sua vida existe um ofício autógrafo, descoberto há poucos anos no Arquivo de Assunção, o escrito mais antigo do padre González, assinado também por outro sacerdote e dirigido ao vice-provedor do bispado, reclamando catequese para os filhos dos espanhóis. É um valioso documento demonstrativo de valor sacerdotal e de zelo apostólico. Haja vista o seu teor:

“Francisco Sobrant e Roque González de Santa Cruz, presbíteros-curas desta Santa Igreja Catedral, movidos pelo piedoso zelo da salvação das almas que estão a nosso cargo (pelo ofício que nos toca), aparecemos perante V. S.a e dize-mos que convém muito ao descargo de nossas consciências dar aviso a V. S.a de coisa tão importante qual é que pela incúria que até agora tem havido nesta cidade de nomear-se pessoa que ensine e doutrine os meninos filhos de espanhóis: há muito pouco doutrina neles, e nos demais nenhuma. Por esta falta e necessidade são incapazes de que se lhes administrem os santos sacramentos da Igreja, em particular o da confissão, porque muitos deles nem sequer sabem persignar-se, quanto mais outras circunstâncias requeridas, conforme o manda o Santo Concílio, por carecerem — como carecem — de doutrina.

Por isso pedimos e suplicamos a V. S.a, e da parte de Deus Nosso Senhor o requeremos, seja servido remediar esse mal, destacando uma pessoa de virtude e exemplo para o ensino da puerícia, que, como dissemos, tão necessitada está de doutrina; pois não menos toca a V. S.a esse negócio e ao descargo de sua consciência; se não, protestamos contra V. S.a, o que em tal caso se requer para que tudo vá a cargo de sua consciência e não das nossas, e pedimos testemunho e justiça.

Francisco Sobrant (rubrica) Roque González (rubrica)”³².

32. ARCHIVO DE LA ASUNCIÓN, tomo 284, foi. 132, reproduzido na Revista buenairense “El Salvador”, n.º 44. outubro de 1929, p. 227.

Por essa carta, que parece ser datada em 2 de julho de 1602, aparece o p. Roque como “presbítero-cura da Igreja Catedral” de Assunção.

Entretanto, a Divina Providência designara para a diocese do Paraguai um insigne bispo na pessoa de frei dom Martim Inácio de Loiola, que não parece ter tomado posse no dia 1.º de janeiro de 1603, como insinua Blanco (p. 60) e sim em fins de abril desse mesmo ano, como transluz de um ofício escrito em 17 de abril de 1603 por Hernandárias à corporação municipal de Santa Fé, comunicando-lhe que naquele mesmo dia ele partiria para Assunção em companhia do bispo frei dom Inácio de Loiola.³³

Hernandárias, prevalecendo-se indubitavelmente da sua condição de governador, mercê da qual lhe competia certo direito na repartição dos benefícios eclesiásticos, e ainda mais pela muita privança com o novo pastor, conseguiu que a Roque fosse confiada a própria igreja episcopal.

Di-lo expressamente o p. Boroa, no citado depoimento de 1629 com estes termos: “É que depois o sr. bispo frei dom Martim Inácio o escolheu para cura “em propriedade” [talvez vigário colado ou vitalício] desta igreja catedral de Assunção no ano de mil seiscentos e três.”³⁴)

Dom Martim nomeou, pois, cura da catedral “em propriedade” ao padre Roque González, nomeação que redundava não só em homenagem à virtude do beneficiado, mas ainda em tributo de amizade ao governador e de gentileza para com a família do p. Roque. Grande e sincera foi a alegria com que todos, sobretudo os paroquianos da catedral, receberam o seu vigário.

Com respeito à sua atuação nesse gênero de apostolado entre os brancos, possuímos testemunhos bem significativos.

Simão de Mesa, tendo-se referido à veneração em que Roque era tido pela autoridade eclesiástica, acrescenta que “a voz do povo todo era tê-lo por santo, como o mostrou sempre na diligência que tinha no seu ofício, com pontualidade e grande caridade para com todos.” E Gabriel de Insaurralde atesta que “... foi cura da catedral de Assunção, onde também perseverou tanto na virtude e bom exemplo,

33. ARCHIVO DE LA ASUNCIÓN, tomo 284, foi. 132, reproduzido na Revista buenairense “El Salvador”, n.º 44. outubro de 1929, pág. 227.

34. POSITIO, II, 46.

que não somente todo o povo o considerava e respeitava por varão justo e virtuoso, senão que também os senhores bispos e juizes eclesiásticos, vendo a sua irrepreensível vida, como tal o tinham, respeitavam e acatavam.”

Aludindo aos frutos do seu zelo, frei João de Gamarra depõe que, sendo cura da catedral, o padre Roque foi tido e respeitado por varão de vida santa e costumes intemeratos, com que aliciava ao serviço de Nosso Senhor e a se apartarem dos vícios e pecados.

Ainda em 1629 ouviu afirmar Boroa que o jovem cura, “com suas palavras, eficácia e raro exemplo, se fez senhor dos corações de seus paroquianos, vindo a reformar a cidade de Assunção com suavidade e valor, corrigindo os vícios e pecados daqueles que foram entregues aos seus cuidados.”³⁵

Atestados valiosíssimos são esses depoimentos de como aquele povo, tão submerso nas coisas terrenas, levado pelo tino e zelo do novo vigário, começou de servir a Deus com diligência e generosidade. Acentuam as testemunhas, unanimemente, que ele era geralmente amado e respeitado por todos, em virtude da sua vida impoluta e santa, cuja fama corria por todo o país.

O padre José Maria Blanco, na sua magnífica “História Documentada”, particulariza ainda mais a operosidade do cura de catedral com as seguintes frases:

“Celebrava diariamente a santa missa com muito recolhimento, atendia à pregação do Evangelho, era pontualíssimo em visitar os doentes a fim de lhes administrar os santos sacramentos, e, nas obrigações cotidianas que lhe impunha a cura de almas, era tão pontual, que provocava admiração. Porém não só nisso se revelava a santidade do pároco da catedral, mas também, e de modo especial, no desprendimento das coisas terrenas, e nessa espécie de santa avidez das coisas de Deus. As grandezas não o seduziam; os louvores não o tiravam da sua humildade; o crédito que usufruía junto ao governador e à autoridade eclesiástica não o estimulava a medrar e progredir. Imaculada era a pureza dos seus costumes, contra a qual não tolerava a mais leve sombra. Daí surgia para com ele a veneração e o amor, e ninguém absolutamente, nem mesmo os invejosos, que naquele como em todos os tempos pululavam, tinha o ousio de levantar suspeitas contra a sua

35. APPENDIX DOCUMENTORUM RECENTIUS EXHIBITORUM, p. 46.

ilibada pessoa. A documentação daquela época, que não deixa imune de vícios a pessoa alguma de relevo político ou social não nos oferece o menor vislumbre de acusação contra aquele notável eclesiástico.”³⁶

Infelizmente, dom Martin Inácio, operoso prelado do Paraguai, vitimado por mortal enfermidade, sucumbiu a 9 de junho de 1606, em Buenos Aires, apenas três anos depois da sua vinda, deixando outra vez aquela diocese na orfandade.

Transcorrida mais essa sede-vacância de quase três anos, chegou novo bispo, dom frei Reginaldo Lizarraga, da Ordem de S. Domingos. Como, porém, a fama da santidade, prudência e tino de governar do cura da catedral de Assunção já estivessem espalhadas por toda a governação do Rio da Prata, dom Reginaldo, desejando ter a seu lado um auxiliar de mão-cheia, despachou da cidade de Santa Fé o arcediogo da igreja catedral de Buenos Aires, dom Francisco Caballero de Bazán, a fim de levar ao padre Roque González a nomeação de provedor e vigário geral de toda a diocese. Nada obstante, o santo cura, conforme o depoimento jurado do próprio arcediogo portador, “não aceitou o ofício, por sua humildade e santidade; pelo contrário, passados alguns dias, abandonando o século, fez-se religioso da Companhia de Jesus.”³⁷

Se o povo em peso da Capital aplaudiu a exaltação do seu venerando pároco, unanimemente acorde em que ninguém, mais do que ele, merecia esse título, tanto maior foi o seu despeito ao saber que ele recusava terminantemente essa dignidade. Daí procederiam certas insistências tão molestas para o humílimo sacerdote, que ele, a fim de se ver livre de importunações e fruir novamente o sossego da sua alma, determinou recolher-se ao colégio da Companhia, com a resolução de servir a Deus como soldado raso em alguma Ordem onde não tivesse que aceitar prelações eclesiásticas. Sucedeu isso em fins de abril ou princípios de maio de 1609.

Recebeu-o, após longas dilações, conforme o atesta Boroa, o padre Marciel de Lorenzana, reitor do colégio de Assunção, que já conhecia o candidato, visto havê-lo tido como aluno.

Como explicamos no capítulo III, a Companhia de Jesus havia entrado no Paraguai em 1588 com sós três padres, número que foi aumentando lentamente. Mas os jesuítas do Paraguai ficavam dema-

36. BLANCO, P. 61.

37. BLANCO, P. 369.

siadamente afastados do Peru, de cuja província faziam parte. Essa distância devia prejudicar futuramente o bom governo e a disciplina religiosa. Pelo que, catorze anos mais tarde, o visitador, padre Estevão Páez, decidiu retirar daquela circunscrição todos os jesuítas.

Para não alvoroçar a população, declaradamente afeiçoada à Companhia de Jesus, os primeiros padres que partiram, abandonaram clandestinamente a Capital, sem revelar a ninguém o motivo da sua retirada. Como, porém, o estado de saúde do p. Filds, impossibilitado de viajar, se agravasse repentinamente, um dos fugitivos, o p. Lorenzana, teve de regressar para cuidar do enfermo. Deste modo, permaneceram dois padres no Paraguai.

Afortunadamente, a resolução de evacuar aquele território foi revogada em 1604 pelo afamado Geral da Ordem padre Cláudio Aquaviva, que desmembrou do Peru aquela parte, criando nova província independente e pondo-lhe à testa o padre Diogo de Torres Bollo, homem de incontestável competência e profunda piedade, que partiu de Lima em junho de 1607, em companhia de 13 padres e irmãos.³⁸

Graças à larga e generosa visão do Geral que, segundo a tradição, recebeu luzes celestiais, estava assegurada a permanência da Companhia no Paraguai, com verdadeiro gáudio de Hernandárias e de todos os seus súditos. E para que à recente província não faltasse campo onde ela pudesse expandir o zelo, foi-lhe adjudicado todo o extremo Sul da América meridional, a saber, as atuais repúblicas do Paraguai, Argentina, Uruguai, quase todo o Chile, o Sul da Bolívia e os hodiernos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.³⁹

Tão ardoroso foi o brio com que esses evangelizadores meteram mãos à empresa, que, em menos de um século, a província jesuítica do Paraguai se tornara modelo acabado de trabalho apostólico, principalmente na obra da catequese dos indígenas. E como Deus olhasse com singular benevolência para essa porção da sua vinha, não deixou de suscitar-lhe os obreiros que tão árduo e sublime ministério demandava.

“Eu, porém, te plantei como vinha escolhida, tudo era semente de lei” (Jer. 2,21.)

38. PABLO HERNÁNDEZ, ORGANIZACIÓN SOCIAL, tomo I, pág. 6 e 7.

39. Em 1625, o Chile foi desmembrado como viceprovíncia.. (Hernández, op. cit. I, mapa da pág. 3)

6. SOB A BANDEIRA DE INÁCIO DE LOIOLA

(Assunção, 1609)

Foi na madrugada de 15 de agosto, festa de Nossa Senhora da Glória, do ano de 1534 que sete estudantes de teologia da famosa Sorbona, reunidos na cripta da igreja de São Dionísio, ao pé do Mont-Martre, em Paris, se vincularam em santa aliança, sob a chefia do mais idoso dentre eles, o ex-capitão espanhol Inácio de Loiola. Tendo passado pela frágua dos célebres “Exercícios Espirituais”, ardiam eles em irresistíveis ânsias de seguir de perto o Sumo Rei, pelo cumprimento dos votos de observar perfeita pobreza e castidade e de peregrinar à Terra-Santa, votos que vinham de fazer. Foi esta a “célula mater” da Companhia de Jesus.

Seis anos mais tarde, em 27 de setembro de 1540, Paulo III, em virtude da sua autoridade apostólica, aprova integralmente o fim daquela aliança, — que se cristaliza não só na salvação e perfeição próprias, com a graça divina, senão também na salvação e perfeição do próximo, — elevando o instituto à dignidade de ordem clerical. Marca esse acontecimento a gloriosa data da fundação da novel milícia de Cristo.

Composta de soldados rasos, escolhidos a dedo, postos à disposição do Romano Pontífice, a Companhia lançou-se impavidamente na defesa da fé católica nos países cristãos mais ameaçados, bem como na propagação da mesma fé entre os povos não católicos e gentios. Nessa luta, que mil vezes provocou as fúrias do príncipe infernal, a Ordem cresceu e vicejou. Ao tempo da morte do fundador, 31 de julho de 1556, ela contava mil membros; e no princípio do século seguinte já passavam de 13.000.

Em quase toda a Europa se encontravam esses novos apóstolos: no Concílio de Trento, nas faculdades das principais Universidades católicas, nos púlpitos e nos confessionários, pregando missões ao povo ignorante, catequizando as crianças, monopolizando o ensino

secundário, e escrevendo livros de toda a espécie. Esses heróis morriam pela causa de Cristo na Inglaterra, e regavam com seu sangue o império do Sol Nascente; haviam invadido o Celeste-Império, as índias, as ilhas da Oceania e devassado o Continente africano. Arribaram também à nossa América, onde registaram notáveis triunfos na civilização e cristianização dos ameríndios: no Canadá, nos Montes Rochosos, no México, em Nova Granada, no Peru e principalmente no Brasil, onde as figuras já lendárias de Nóbrega e Anchieta, granjearam para o “veste negra” as mais francas simpatias. Também no Paraguai, os filhos de Inácio já haviam conquistado merecido renome, quando o humilde cura da catedral de Assunção, fugindo às honrarias, veio bater novamente às portas do colégio dos jesuítas, obsecrando insistentemente a caridade de ser ali admitido.

Certo é que ele já os conhecia e havia mais de vinte anos acompanhava com santa inveja seus trabalhos e lidas apostólicas. Mas as razões determinantes foram precipuamente estas duas: primeiro, a de a Companhia não aceitar nunca prelatura eclesiástica, a não ser por ordem expressa do Papa; segundo, a de os filhos de Santo Inácio dedicarem o melhor das suas energias aos pobres índios. Não era justamente isso que Roque procurava e desejava tão sinceramente?

Pediu, pois, “humildemente”, — como assevera o padre Gerdón, que o recebessem na Companhia, a despeito do indescritível sentimento da cidade ao perder tal cura e pai, segundo o depoimento jurado de Gabriel Insaurralde no processo de Corrientes, de 1630.

O postulante não era nenhum desconhecido em casa: desde 1588 seus mestres o conheciam e admiravam, corroborando pública e particularmente a crescente fama de santidade do jovem sacerdote paraguaio. Por isso, o padre provincial Diogo de Torres não lhe pôs embargos, recebendo-o na Companhia de Jesus, no dia 9 de maio de 1609, quando contava trinta e dois ou trinta e três anos de idade, segundo consta em diversas “Cartas Trienais”.

Que Roque fora enviado ao florescente noviciado de Córdoba, aberto em janeiro de 1607, ou iniciara o seu tirocínio em Assunção, sob a especial direção de algum padre veterano, não no sabemos ao certo. Mas não resta dúvida de que as principais práticas do noviciado da Companhia, Roque teve de exercê-las, tais como: fazer o grande retiro espiritual de trinta dias, onde o novel religioso, passando por

esse cadinho purificador, aprendeu a vencer-se a si mesmo e a entusiasmar-se pela personalidade de Cristo; estudar as regras e o instituto da Companhia; exercitar-se na prática da humildade, acusando-se publicamente dos seus defeitos; desempenhar ofícios baixos e humildes, ser obediente em todas as coisas por amor de Cristo, etc.

Quanta satisfação e consolo para o fervoroso noviço naquela vida de retiro, silêncio e contínua união com Deus! Que de ardentes desejos não experimentaria seu coração de imitar as extraordinárias virtudes do seu novo pai espiritual, Santo Inácio, e de seus santos irmãos de hábito — Francisco Xavier, Pedro Canísio, Francisco de Borja, Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka, sem suspeitar, na sua humildade, que ele próprio viria a ser em breve uma das mais lídimas glórias da Ordem!

Do tempo do seu noviciado, poucas notícias chegaram até nós. O primeiro documento daquela época fala-nos da renúncia que fez dos seus bens temporais, por instrumento particular, em 24 de novembro de 1609, ratificado por instrumento público a 11 de janeiro de 1616, pelo qual doava à Companhia uma chácara que adquirira por compra em 1604, com uma boa vinha e terras de lavoura.⁴⁰

Daí podemos concluir que o padre Roque, tendo entrado o noviciado a 9 de maio e havendo estado em Assunção em 24 de novembro, não saiu dessa cidade para Córdoba, bastante remota, a fim de passar ali o tempo da sua provação. E ele mesmo refere, na carta que publicaremos no capítulo seguinte, que “não teve a ventura de ir para lá”, isto é, de ir para onde estavam os noviços, aos quais se recomendava.

Além disso, sendo evidente que Roque seria destinado mais cedo ou mais tarde à cura de almas, houve de repetir o estudo da moral e prestar exame de habilitação para confessor, como se exigia até daqueles que ingressavam na Ordem com os estudos eclesiásticos já terminados.

40. BLANCO, pág. 67 — Essa chácara conserva ainda hoje o seu antigo nome de “Tacambú”, na qual se eleva, uma colina, não muito distante do rio Paraguai, com boas canteiras. Atualmente, essa mina fornece pedras de cantaria para o estado. (JESÚS ACERETE, S. J.) — Em 17 de outubro de 1735, a consulta da Província determinou que o colégio de Assunção vendesse algumas propriedades que tinha, “reservando sempre a Estância de Paraquari, que foi do B. P. Roque González, pelo devido afeto e respeito a seu dono.” (Consultas de Província, ms. 62, Biblioteca Nacional de Buenos-Aires. — G. FURLONG.)

Desde já podemos indagar, à vista dos documentos que nos ficaram, quais as esperanças que o noviço dava ao Instituto que abraçara, e qual o conceito que dele formavam seus irmãos de hábito.

Na Companhia de Jesus é de praxe que, de três em três anos, os superiores provinciais informem ao superior geral, em parte sob reserva, acerca das qualidades de cada membro da sua província, para melhor governo de toda a corporação.

As informações sobre a pessoa do padre Roque, dos anos de 1614, 1620, 1623 e 1626, que ainda se conservam, são o que há de mais interessante a respeito da opinião que dele formavam os superiores, refletindo, com certeza, o conceito dos demais padres. Vejamos alguns desses juízos.

Em 1614 se informava de que o padre Roque González tinha trinta e oito anos de idade, que suas forças físicas eram boas, que tinha engenho razoável, bom juízo e prudência, que era experimentado em lidar com assuntos temporais, de boa condição, bom religioso, um pouco escrupuloso, e que trabalhava com denodo entre os índios.

Em 1620 (?) o provincial assim o qualificava: engenho mediano; juízo bom, grande prudência e experiência em negócios; adiantamento nas letras: medíocre no estudo da moral; boa compleição natural, bom talento para os cargos e para governar; singular para tratar com índios.

Em 1623 lhe atribuem: engenho bom, juízo muito bom, prudência muito boa e insigne (*"prudentia bona valde et praestans"*); grandíssima experiência e perícia de negócios (*"experientia rerum multa nimis et praestans"*); adiantamento mediano nas letras, de natureza algum tanto melancólica, bom talento para ministérios espirituais, bom para governo, para índios exímio e excelente.

Por fim, em 1626, o provincial, padre Nicolau Durán faz-lhe a seguinte apologia: talento bom, juízo muito bom, prudência muito boa, extraordinária experiência das coisas; medíocre progresso nas letras; de natureza um tanto melancólica; exímio talento para ministérios [espirituais], para governo e para os índios. Logo, chama-o grande missionário e conquistador, perfeito religioso (*"muy gran religioso"*), humilde, zeloso; entre os índios, goza de grande estima e até entre os gentios; entre os espanhóis, falta-lhe a fama de letrado; e seria lástima tirá-lo da conquista da gentilidade.

Essas lacônicas instruções, inteiramente sinceras e objetivas, apresentam-nos luminosa minuta da vida que o beato levou em dezenove anos e meio como filho de Inácio de Loiola. Como vê o leitor, seus irmãos em religião tinham-no, desde o início, em conta de sacerdote e religioso consumado, de verdadeiro santo. O único senão que talvez deslustra algum tanto o brilho das informações é o que se refere a seu preparo científico. Não é de estranhar: Tendo visto nos capítulos antecedentes a escassez de meios didáticos naquela incipiente e agitada colônia, não admira que o saber do missionário das selvas sul-americanas, posto em confronto com a soma de conhecimentos dos demais padres que haviam seguido o curso completo do “Ratio studiorum”, devesse forçosamente aparecer em nível menos elevado. Entretanto, não lhe faltou nenhuma das grandes qualidades que o habilitavam para desempenhar com mestria o grandioso apostolado a que a Providência o predestinara.

Como o noviço tivesse dado provas suficientes de virtudes sólidas e perfeitas, os superiores julgaram poder abreviar-lhe o tempo de tirocínio, lançando-o para uma conquista arriscadíssima ainda antes de terminado o ano de 1609, como logo veremos. E ele, certamente, disse com o jovem Samuel: “Eis que aqui estou, pois me chamaste.” (I. Reg. 3,5).



Nossos três mártires segundo a pintura da Irmã M. Mansueta, religiosa franciscana de S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. No fundo aparecem as ruínas do antigo templo da redução de S. Miguel e o anjo protetor dos Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai.



Os três mártires no painel do pintor romano Mariani. Apenas tem o defeito de a zona, em que estão colocados os santos, não ser missioneira.

7. ESTRELA ESPINHOSA

(Chaco, 1609 - 1611)

Dois graves problemas preocupavam seriamente, por aquela época, as autoridades civil e eclesiástica do Paraguai: uma era a sujeição dos 200.000 índios do Guaíra; outra, a pacificação dos guaicurús que estanciavam nas margens do Pilcomaio, fronteiro a Assunção. Embora estes fossem poucos, dominavam a parte sul do afamado Chaco⁴¹, e viviam vida nômade, acompanhando as altas e baixas dos rios e sustentando-se de caça, pesca e pilhagem.

Havia já sessenta anos que constituíam verdadeiro pesadelo não só para os brancos, mas ainda para os próprios indígenas vizinhos. Em audaciosas correrias, ora assaltavam a cidade de Assunção, ora a de Corrientes, roubando quanto podiam, talando as chácaras, furtando o gado e os cavalos, incendiando as sementeiras, arrebatando crianças e índios domesticados e, até um dia, a própria irmã do governador Hernandárias.

Relata-nos o padre Lozano a maneira pela qual essas hordas ferozes, pouco antes do tempo que estamos historiando, tramaram novo assalto à Capital, justamente nas horas em que a cidade em peso se entregava à celebração da festa do orago. Informado, porém, a tempo, o governador tomou-lhes a dianteira, assaltando-os inopinadamente nos seus valhacoitos e desbaratando-os. Mas nem por isso a cidade sossegou. Era tão intenso o ódio ao nome guaicurú (que significa sapo) que nem ao demônio detestavam como a esses selvagens. Basta dizer que, numa quinta-feira santa, tendo um menino visto um sapo e gritado com voz ansiosa “guaicurú”, toda a cidade se tomou de terror pânico e tudo correu a esconder-se, acontecendo morrerem afogadas no rio algumas mulheres que fugiam, e não faltaram outras desgraças.⁴²

41. A palavra Chaco procede do vocábulo guarani yaeú, que significa navão ou perú montes (JESÚS ACERETE.)

42. PADRE DIOGO DE TORRES, Cartas Ânua de 15 de fevereiro de 1612, em Documentos para la Historia Argentina, tomo XIX, p. 508.

Hernandárias, desesperado já daquela situação aflitiva, julgou encontrar o único remédio numa guerra sem tréguas para exterminar de vez aquelas feras de humanas formas. Contudo, quis sujeitar antes sua opinião ao critério do soberano, o rei Filipe III.

Entretanto, também o padre provincial Diogo de Torres estudava seriamente o caso dos guaicurús, recomendando-o ao Senhor com muitas orações e sacrifícios. Julgando, por fim, ter achado a solução, foi apresentar-se ao bispo e ao governador, oferecendo-se a subjugar os guaicurús por meios pacíficos. Conquanto ambas as autoridades louvassem rasgadamente o plano do padre provincial, principalmente porque o próprio monarca acabava de externar o seu desejo de ser preferida a cruz ao fio da espada, — a população espanhola em peso desaprovou o intento, dada a índole intratável e insubmissa dos guaicurús, ainda que ninguém negasse a incontestável vantagem da empresa, que, bem sucedida, restituiria a tranquilidade a Assunção e reduziria a 120 léguas a distância entre o Paraguai e o Peru, distância até então de 400 léguas de péssimo caminho.

Triunfaram, por fim, as razões espirituais sobre as ponderações humanas, e o padre provincial escolheu para esse cometimento o padre italiano Vicente Grifi, professo de quatro votos e o padre Roque González de Santa Cruz, com seis meses de noviço. Quanto à sustentação dos padres, o provincial combinou com Hernandárias o que já antes propusera ao mesmo rei, que para sustento de cada dois missionários da Companhia que haveriam de viver juntos, — visto os superiores não permitirem que seus filhos espirituais ficassem sós, — pagasse o real erário a pensão que dava a um só pároco das índias. Com essa módica pensão cuidavam os jesuítas ter o suficiente para viver, e ainda para fazer algum presentinho aos pobres indígenas, que eles desejavam atrair.

O governador não só aceitou a proposta prazerosamente, mas também deu ordem no sentido de lhes serem fornecidas algumas alfaias para o culto e alguns sinos. (“Astrain”, V, livro 2.º, cap. IX, p. 501.)

O padre Lozano conservou-nos a paternal exortação com que os despediu o padre Torres: “Neste destino da santa obediência devem vossas reverências reconhecer o grande amor que Deus lhes tem, porquanto lhes fez a inestimável graça de pô-los na oportunidade de padecer por seu amor tão grandes trabalhos, como os que os espe-

ram nesse país bárbaro, aonde irei acompanhá-los em espírito, já que a obrigação do meu cargo me priva da boa sorte de fazê-lo corporalmente. Vossa reverência, meu padre Roque, em seu noviciado, e vossa reverência, meu padre Vicente, ainda não de muita idade, alcançaram o que outros nevados pelas câs e veteranos na milícia jesuítica desejam com ânsias e não podem conseguir. Portanto, devem proceder animosos nesta árdua empresa e enfrentar intrépidos os perigos, sem que a vilania do medo os arrede de levar a cabo a missão, nem se malogre a esperança que da sua virtude e zelo temos todos concebido, persuadidos de que as empresas evangélicas que irão abraçar na conversão desta barbaríssima gente serão a coroa que honre esta nova província. Vão, pois, vossas reverências em boa hora com a minha benção, que eu rogo ao Senhor se digne de confirmar desde o Céu para maior glória sua e exaltação do seu santo nome”⁴³.

Encorajados com essas palavras do seu superior, e couraçados com a benção da santa obediência, os dois padres aprestaram-se para atravessar o rio Paraguai. Foram ao cais para deles se despedir o prelado, o governador e imensa massa de populares. Enquanto partiam alegres e animosos em suas igaras, vertiam lágrimas os que ficavam desconsolados pela provável morte deles. Os missionários levavam como sacristães dois meninos espanhóis, e um intérprete, que, tendo vivido largo tempo entre os guaicurús, dominava perfeitamente a língua deles, tida por uma das mais difíceis entre todos os idiomas indígenas até então conhecidos⁴⁴.

Desembarcaram na margem oposta, internando-se pelo Chaco dentro, em penosa caminhada de três dias, até acharem os primeiros toldos dos indígenas, que sem terem assentos fixos, se mudavam frequentemente. As sentinelas dos guaicurús, reputando-os espias dos espanhóis, deram rebate. Em brevíssimo tempo, a tribo toda estava em

43. BLANCO. Historia documentada. p. 84 e 85.

44. Era queixa quase geral dos primeiros missionários do Chaco de ser o guaicurú uma língua medonhamente arrezada, e tanto que o primeiro que chegou a dominá-la foi nosso jovem e talentoso padre Afonso Rodríguez, como veremos em seu lugar. Por isso não atinamos bem com o motivo de o afamado poliglota padre Lourenço Hervás y Panduro, S. J., o pai da moderna filologia comparada (1735 - 1809) atribuir a primazia, quanto à dificuldade, à língua guarani, posto que conste ter havido numerosos missionários europeus que vieram a aprendê-la com relativa facilidade e perfeição. Suspeitamos que Hervás y Panduro, que aprendeu de viva voz da boca dos missionários, expulsos da América do Sul por ordem de Pombal e Carlos III, mais ou menos todos os dialetos ameríndios, não chegou a conhecer o guaicurú, porque essa missão foi abandonada definitivamente um pouco antes da morte do padre Roque.

pé de guerra. Foi com muita dificuldade que os padres conseguiram a licença de aproximar-se do rancho do cacique, que respondia pelo pomposo título de dom Martim Guaicurú, usando um nome batismal cristão, apesar de ser gentio. Recebidos com desconfiança, o principal despachou clandestinamente, caminho de Assunção, alguns emissários para explorar o movimento dos espanhóis.

Neste comenos, os ministros de Deus puderam, mais de espaço, inteirar o chefe índio do motivo da sua vinda. E como os espias voltassem com o tranquilizador recado de que nenhuma manobra hostil haviam descoberto, dom Martim consentiu que se estabelecessem na vizinhança das suas tabas. Acomodaram-se, pois, em mísera palhoça de esteiras, tão acanhada, que mal cabiam os dois, e tão desabrigada, que lhes não era possível defender-se dos incômodos da intempérie e das picadas dos mosquitos.

Por ora, comunicavam-se com os indígenas mediante o intérprete, enquanto se dedicavam com afinco ao aprendizado da emaranhada fala guaicurú. Para não esquecer certos vocábulos mais difíceis, grafavam-nos em folhas de papel; mas tal expediente provocou nova inquietação entre os bárbaros, que julgavam ser aquilo apontamentos para informar da sua situação os inimigos, os quais viriam depois guerreá-los e matá-los. Só a custo, mostrando-lhes as notas, foi que conseguiram aquietá-los.

Nessas ocupações haviam os padres passado já um mês, tratando com os índios no sentido de estabelecê-los em lugar fixo, — denominado “redução” pela terminologia dos missionários da época, — e falando-lhes repetidas vezes a respeito da salvação das suas almas⁴⁵. Então se lembraram de que o padre provincial lhes ordenara voltassem para lhe dar conta dos seus trabalhos feitos. Falaram neste sentido a dom Martim, que nenhum embargo lhes opôs. E, a pedido do padre Roque, mandou que vários índios o acompanhassem para o ajudar a explorar a terra e escolher um ponto apropriado para seus toldos.

Descobriram depressa um lugar conveniente, e já se dispunham a preparar a mudança, quando surgiu uma atoarda que por um

45. Redução ou Doutrina exprimia no século XVI e XVII o agrupamento dos índios pagãos, que, abandonando a sua vida isolada ou nômade, vinham reduzir-se a povoado, o que os antigos espanhóis manifestavam pela expressão “reducirse á cruz y campana”, e os nossos portugueses denominavam “aldear-se” ou “juntar-se em aldeias ou aldeamentos”. Em oposição, por índios “não reduzidos” se entendiam os gentios.

triz não deixou a perder todos aqueles planos. Inventaram que os espanhóis assassinaram um dos principais da tribo, irmão de um guerreiro, que, por causa desse boato, queria desabafar a sua cólera contra os padres Roque e Vicente. A verdade, porém, dissipou essa nuvem, ao passo que se forjicava outra em Assunção.

Houve naquela cidade quem levantasse a balela de que os guaicurús haviam dado morte aos missionários. Esse falso rumor foi suficiente para que toda a cidade se pusesse em armas. Os índios que tiveram notícia da agitação, aperceberam-se para a defesa, no caso de possível ataque. Então, sim, começou a perigar deveras a vida dos missionários. Conhecendo o risco o padre Roque, informou imediatamente seu irmão, o tenente-governador dom Francisco González de Santa Cruz, que, tendo acalmado os ânimos do povo, tratou de averiguar quem havia divulgado aquela mentira. Descobriu os boateiros e puniu-os. Por sua vez, o padre González quis que dom Martim mandasse a Assunção alguns dos seus súditos, para que com seus próprios olhos vissem a verdade dos fatos. Só depois disso foi que o cacique permitiu a partida dos padres a fim de darem conta dos seus trabalhos ao superior.

Recebeu-os este com os braços abertos, e do que lhe re-ferram seus intrépidos subordinados, como do que lhe sucedeu a ele próprio na visita que pouco depois lhes fez, mandou relação ao Geral da Companhia, nas “Cartas Anuas” de 6 de junho de 1610. Eis o que ele escreveu: “Depois de os padres terem entrado por lá, vem muitos pacificamente à cidade de Assunção para seus negócios, a fim de vender pescado e outras coisas, e sempre procuram nossa casa, e a todos mimoseamos tanto quanto nos permite a nossa pobreza, e eles se vão domesticando notavelmente, com grande admiração dos espanhóis; e maior ainda a teriam se vissem o cacique principal da margem oposta do rio chegar com muitos índios para conduzir-me à sua terra, a fim de que ambos marcássemos o sítio para o povoado e a igreja. Eu não quis levar ninguém comigo, a não ser dois dos meus companheiros, posto que contra o parecer dos espanhóis, que opinavam que eu ia com muito risco; a mim, porém, nunca me pareceu tal. Levaram-nos com muita alegria, carregando-nos aos ombros através de alguns pântanos muito fundos, onde os cavalos não podiam firmar o pé, e regalaram-me um dia e uma noite que lá estive com tudo quanto cabia em sua pobre-

za; e, havendo escolhido o sítio que melhor nos pareceu, e repartido entre o cacique e os índios algumas coisas, reconduziram-me ao rio, dizendo-me o principal, com grande ponderação, que estimava muito havê-lo eu honrado e vindo à sua terra e que em agradecimento me dava a palavra, em nome dos seus índios e do seu próprio, de obedecer-nos em tudo o que lhes mandássemos e que me desse pressa em voltar a Assunção.”⁴⁶

Ficaram os padres Grifi e González entre os guaicurús, amansando-os e catequizando-os, resolvidos a transformá-los, com a graça de Deus, de feras em cordeiros e de pecadores em filhos de Deus. Decorridos poucos meses, porém, sobreveio a estação das chuvas e do inverno, e as inundações alagaram quase toda a terra dos guaicurús, forçando seus habitantes a dispersar-se, a fim de procurar noutra parte o sustento, que o lugar, nuperrimamente, ocupado, ainda não lhes podia fornecer. Além disso, caindo gravemente enfermo de umas febres o companheiro do padre Roque, ambos os missionários se viram contrangidos a abandonar aquele campo de atividade, recolhendo-se ao colégio de Assunção. Data dessa época a carta mais antiga que conhecemos do bem-aventurado padre Roque, dirigida em 15 de maio de 1610 ao padre provincial Diogo de Torres, o qual parece ter-se achado então em Córdoba. Tendo sido descoberta recentemente, damo-la na íntegra em português:

“Todos estamos aflitos pela vinda do padre João Romero e de seus companheiros. Praza ao Senhor que tenham chegado bem, e [Deus] tenha dado a V. Rev.^a saúde, para remédio e para o bem de tantas almas necessitadas, como as que por aqui há. O padre reitor Diogo González acha-se presentemente acamado de umas febrezinhas que apanhou. Espero no Senhor que não seja nada. O padre Vicente Grifi há quatro meses que anda doente, e atualmente o está de umas febres que não querem deixá-lo, se bem que tenha melhorado muito, o que [não é pouco], visto haver-se transformado em hospital toda a casa e a cidade. Asseguro a V. Rev.^a que somente a madre Francisca de Bocanegra me disse ultimamente, quando lá fui ouvir de confissão seus doentes, que eles chegavam a cinquenta. Deus, com a sua misericórdia, o remedeie e envie operários para acudir a tantos necessitados, pois acontece sair a gente da portaria sem saber a quem socorrer pri-

46. Documentos para la Historia Argentina, tomo XIX, p. 48 e 49.

meiro, porque chama este e aquele também, e, não sendo nós mais de dois, por estarem enfermos os demais, não é possível acudir a todos.

“É grande cidade esta, meu padre, e assim são precisos seis padres continuamente nela, e dois para as chácaras; se não, arrebenta-se e não se faz nada; que eu lhe garanto que bastantes já faleceram nas chácaras e na povoação sem confissão, por não podermos mais. Vossa Reverência tenha dó desta pobre cidade e das missões principiadas; nem que-ro mencionar a nossa, porque me dá pena; mas afinal devemos acudir à nossa obrigação de dar conta dela.

“Na carta que escrevi com João de Frias, eu dizia co-mo depois da partida de V. Rev.a desta cidade não mais tínhamos podido sair, — por causa da doença do padre Vicente Grifi, — para a nossa missão dos guaicurús; agora digo que, depois que escrevi aquela, ele ficou na mesma, porque, mal tinha sarado do apostema que lhe saiu na perna, lhe deram febres com frio, que o retiveram na cama mais de vinte dias, e presentemente não está livre da febre, embora (como disse) com melhora. E além disso, a enchente tem sido tão grande, que a outra banda toda se encontra inundada, e dado mesmo que tivesse saúde, não se teria podido fazer nada, porque os guaicurús não apareceram, tendo abandonado as terras, por não acharem terreno firme onde se fixar, e, tendo-se metido terra dentro, no campo grande onde, dizem, há alguns pedaços de terra enxuta.

“Quando [a água] principiou a baixar, fui em busca deles a laçoca, e não achei rasto deles; somente me desenganei a respeito do que alguns afirmavam que também se submergira o posto que havíamos escolhido para redução, o que é falso, porquanto, ainda que subisse um “estado”⁴⁷ mais do que cresceu, não se poderia alagar, de maneira que não há para que recearmos do posto. Decorridos oito ou dez dias depois da nossa volta de laçoca, vieram seis ou sete guaicurús que, havia oito dias, foram enviados por dom Martim para verem como passávamos. Fui logo à outra banda para me avistar com ele, e foi Deus servido que o achasse no sítio onde V. Rev.a se encontrou com ele, que é uma légua desta cidade; achei-o com uns 200 índios sem mulheres, porque elas não tinham podido vir. Receberam-me com muito contentamento; eu os regalei com algumas coisas que havia trazido, e fiquei aquele dia com eles, falando-lhes.

47. Medida equivalente a uns sete pés = mais de dois metros.

“Em resumo me disseram que não podiam vir nestes dois meses, porque era impossível em virtude das águas, e também por alguns estarem ainda doentes, que também eles haviam corrido risco como nós, ainda que não chegassem a vinte os que faleceram nos dois povoados. Insistindo em que viessem, disseram-me que, se outro dia pudessem, viriam; mas que, por experiência, já sabiam que nestes dois meses não podiam; e assim voltei, ficando eles muito satisfeitos. Não sei se já terão voltado para suas casas. Dá-me pena ver que tenham decorrido cinco meses sem podermos fazer nada quanto à redução e quanto ao idioma; mas, afinal, Deus dispôs as coisas como foi servido. Prazerá ao Senhor que chegue a hora desses pobres, e então faremos algo. V. Rev.^a, como pai, proveja aos mais necessitados; esta redução dos guaicurús não tem outro [pai] senão a V. Rev.^a, porque o povo por agora não pode, e já faz bastante em prover àquilo em que tem algum interesse. Não tem esses pobres quem lhes olhe para a cara e pior é que não conhecem a arte de lavrar a terra e de fazer casas, e assim é de mister que nós façamos tudo, e se não tivermos bois, é inútil pensar que faremos alguma coisa. Deus o remedeie, porque vejo tudo feito um “campo de malezas e por roçar”.

“Deus dê a V. Rev.^a saúde e vida para que possa dar outra escapada para cá, porque com isso confio no Senhor que todas as coisas irão muito em aumento. Peço a V. Rev.^a uma caridade no Senhor e é que me encomende a meus irmãos noviços, já que não tive a ventura de ir para lá, mas enfim fico consolado com a ideia de cumprir a obediência.

De Assunção, 15 de maio do ano de 1610.”

A sinceridade e singeleza do autor dessa carta, destinada a seu provincial, nos dizem bastantemente dos embaraços que encontrava o desenvolvimento da missão do Chaco, tão querida ao coração do fervoroso noviço. Mas não era da índole do beato cruzar os braços nesses meses em que houve de ficar no colégio, afastado dos seus guaicurús. Tornou a dedicar-se, como outrora, ao cultivo espiritual dos naturais, disseminados pelas casas e chácaras da Capital, pregando-lhes sempre na sua língua, ensinando-lhes as verdades eternas e fazendo com eles procissões religiosas. Até estabeleceu entre eles uma confraria, com regular número de confrades, que celebravam suas festas com pompa adequada a seu gênio, solenidades em que representavam figuras

alegóricas, alusivas aos mistérios da fé, com cânticos e bailados religiosos, como, por exemplo, sucedeu na festa da Circuncisão de 1611, em que alguns índios saíram a louvar em sua língua nativa ao Menino Jesus, fazendo com Ele, em voz alta, colóquios ternos e amorosos em que lhe rendiam graças pelo benefício da redenção e por havê-los chamado ao banquete da fé, tendo sido seus pais gentios. Com essas ingênuas festividades, os pobres indígenas que vinham assistir ficavam sumamente edificadas, como bem o revela a atenção e devoção com que escutavam aquelas orações dos seus parentes.⁴⁸

Ao que parece, o tempo em que os missionários não puderam voltar a viver entre os guaicurús, se prolongou por sete meses, isto é por todo o inverno de 1611 (Ânua do p. Torres, 5 - IV -1611.) E como o padre Grifi andasse quase sempre febricitante e ainda impossibilitado de retomar aquela vida de privações, o padre Roque reassumiu sozinho o apostolado dos guaicurús, donde se explica o fato de ele ter que regressar todos os sábados ao colégio de Assunção, conforme determinação do padre provincial, que desta forma constrangeu o padre noviço a permanecer em frequente contato com seus irmãos de hábito. Nessas vindas semanais ele se dedicava a fomentar precipuamente a vida espiritual da sua confraria.

Seu primeiro empenho foi o de prender os guaicurús a um sítio fixo, já dantemão escolhido pelo padre provincial Torres. Sendo ele muito querido, facilmente conseguiu esse intento. O segundo cuidado foi o de ensinar aos selvagens o modo de lavrar, de fazer suas roças e as vantagens daí decorrentes. Embora a natureza indolente e a falta absoluta de hábito lhes dificultasse esse novo gênero de ocupação, o exemplo do amado padre, que manejava destramente a foice e a enxada, empunhava o arado e semeava o grão, impressionou aqueles ânimos incultos, impelindo-os a se mexerem também um pouco. Entretanto, permitiu Deus que tantas canseiras e suores do seu servo em procurar o pão para seus filhos da selva, ficassem totalmente frustrados por uma impiedosa seca que dali a pouco sobreveio arruinando todas as colheitas. E não fosse a introdução da alfarroba ("prosopis horrida") e a troca de alguns produtos com os moradores de Assunção, — o que remediou algum tanto a carestia, — os índios do padre Roque ter-se-iam dispersado novamente.

48. Carta do padre Diogo González, 19 de janeiro de 1611, apud BLANCO, op. cit. pg. 554.

A monotonia e a aridez da vida entre os habitantes do Chaco, teve certo dia uma agradável interrupção com a visita que lhes fez o valente missionário padre Marciel Lorenzana, que viera do Paraná até Assunção, provavelmente a convite do padre Roque para ver os guaicurús. Mas demos a palavra ao próprio padre Lorenzana na sua relação ao padre provincial, de 19 de setembro de 1610:

“Anteontem passou o padre Roque González para a outra banda e fomos com ele o capitão Afonso Cabrera, Miguel Méndez e eu. Recebeu-nos dom Martim muito bem, e eles haviam feito uma regular cabaninha para os padres, em que nos aposentaram. Eu havia tido a feliz lembrança de trazer do Paraná cinco índios e dois meninos. Foi providência de Deus, porque ao anoitecer fiz reunir o cacique com seus guaicurús, e coloquei os calchins e paranás do outro lado, e os dois meninos no meio e lhes disse: — Venho do Paraná e trago comigo estes meus filhos, e quero que estes meninos vos ensinem a palavra de Deus; escutai [pois] com grande atenção, e ponhamo-nos de joelhos e não vos haveis de levantar até que eu vô-lo mande. E assim o fizeram. Rezaram as orações e o catecismo e cantaram suas coplitas, ouvindo e rezando os guaicurús com grande devoção e atenção. Depois lhes disse: — Já sabeis que os índios paranás são muito valentes e até agora tem sido maus (“bellacos!”), porque não haviam ouvido a palavra de Deus; mas depois que Deus me enviou à terra deles e a ouviram, são bons, e a mim me querem muito, e todos os caciques queriam vir comigo, mas eu não quis, para que atendessem às suas chácaras. Trouxe somente estes para vossa terra, a-fim-de que vejais o que vos disse e compreendais que vossos filhos hão de saber as coisas de Deus como estes meninos e mais tarde hão de ser vossos mestres.

“Isso eles ouviram com muito gosto e aplauso. Disse-lhes que amassem muito os padres, e lhes fossem obedientes e se fiassem deles, já que não buscavam seus haveres, e sim suas almas para Deus e lhes davam o que tinham. Respondeu o cacique que ele os amava entranhavelmente e se fiava deles e que todos lhes obedeceriam. Aí lhes disse eu: — Amanhã de manhã começemos a cortar madeira para a igreja e para uma cruz, aonde vos reunais como agora.

“Logo pela manhã principiaram a cortar árvores com muito gosto, ajudando-lhes os meus paranás. Dois espanhóis estavam pasmados vendo-lhes a obediência, e eu voltei muito satisfeito, porque descobri nos guaicurús uma grande admiração ao verem os paranás

tão domesticados e seus filhos, que sabiam tão bem a doutrina, de que, parece, os meninos guaicurús tiveram inveja.⁴⁹ Até aqui o padre Lorenzana.

A admiração pelos índios catequizados do Paraná devia de ser passageira, pois em parte nenhuma encontramos referência a que tivessem levado a cabo a igreja, para a qual, num momento de entusiasmo, haviam começado a preparar a madeira. Só muito mais tarde é que se construiu um barracão para esse fim. É que os coitados, além da escassez de alimentos a que os reduzira a seca, foram visitados também pelo flagelo da bexiga, como logo veremos.

Se bem que a obra primordial e indispensável para uma catequese eficiente, a de “reduzir” os guaicurús em sítio fixo, se esterilizasse parcialmente em virtude das terras alagadiças do Chaco, um notável triunfo contudo registaram os padres, qual foi o de abrandar o natural cruel e feroz desses filhos das selvas, que dantes só por passatempo cometiam homicídios, e por puro vício iam para a guerra.

O padre Diogo González, na sua já citada carta de 19 - 1 - 1611, encarece o quanto se haviam amansado os guaicurús, e isso já no prazo de uns cinco ou seis meses de convivência com os missionários. Diz que aqueles que dantes atravessavam o rio só para roubar e matar, agora o passavam em grandes bandos, andando pelas ruas de Assunção, entrando pelas casas e dormindo sossegadamente nas povoações e negociando tão pacificamente com todos, que ninguém mais os chamava demônios, e sim amigos.

Logo, para provar essa transformação, o mesmo padre conta ao provincial como o cacique dom Martim, — que já se havia sujeitado aos ministros de Deus, — convidado por dom João, seu cunhado, cacique dos guaicurutins, a acompanhá-lo a uma guerra, respondeu-lhe o tivesse por escusado, que ele já era dos padres, tendo-lhes dado palavra de “reduzir-se”, e que a lei de Deus não permitia fazer guerra, preferindo inimizar-se com o seu parente a ficar mal com Deus e os missionários. O mesmo informante assevera que casos análogos de resistência à natureza sucediam diariamente, conforme os apontamentos do padre Vicente.⁵⁰

Ampliando esses alvissareiros prognósticos, o padre Torres, na Ânuia de 15 - II - 1612, reproduz o que o padre Grifi lhe comunicara

49. Documentos para la Historia Argentina, XIX, 90 e 91.

50. Op. cit. p. 133.

sobre a morte de uma criança, filha do mesmo cacique dom Martim e de sua esposa dona Francisca. Reparando os pais que a menina ia ficando muito mal, mandaram espontaneamente pelo padre, para que viesse batizá-la, sem que o padre Roque ou o padre Vicente lhes tivessem falado nesse sentido. E, até contra o costume de enterrar imediatamente a falecida, esperaram um bom pedaço de tempo a rogos do missionário, como tão pouco consentiu dom Martim que fossem mortos outros meninos e meninas para fazerem companhia à defunta na outra vida, nem que ela fosse enterrada nos braços de uma índia cristã que expirara meia hora depois, nem nada que se parecesse com o rito gentílico de outrora, e isso unicamente para não desgostar os missionários. A fim de corresponder de algum modo a tamanha generosidade, o padre Grifi levou nos seus próprios braços a criança morta até o sepulcro entre as preces litúrgicas, rasgo que sensibilizou profundamente o magnânimo chefe, que prometeu tornarem-se cristãos ele mesmo, sua mulher e seus filhos e abandonarem suas práticas e costumes maus. Duas vezes reuniu seus súditos, admoestando-os a fazer em tudo a vontade dos padres, e ao cabo de três dias mandou calar também as carpideiras, — que com tambores e outros instrumentos haviam lamentado a morte da menina, — só por entender ser isso do agrado dos missionários.

A consequência imediata dessa morte foi que Nosso Senhor, tocou os corações dos guaicurús tão vivamente que não só deixaram de opor resistência ao batismo de seus filhos, como até convidaram e rogaram aos padres que os batizassem, embora uns poucos se deixassem lograr pelo demônio acreditando que esse Sacramento matava as crianças.

Estavam os missionários nessa empresa, quando, pela volta do princípio de 1611, os guaicurús foram subitamente assaltados por tão rija epidemia de varíola que suas choupanas, em pouco tempo, pareciam hospitais. O mais duro, porém, foi que nem tinham que comer, nem nada para dar aos doentes, a ponto de uma espiga de milho ser considerada como especialíssimo regalo. Os dois padres não paravam de dia nem de noite, visitando e auxiliando os infelizes enfermos. E como entrasse o mês de março e a moléstia subisse de ponto e o frio já apertasse, os dois homens de Deus buscavam lenha e gravetos para aquecer seus clientes, e emprestavam até aos mais necessitados seus próprios cobertores. O padre Grifi confessou mais tarde que a coberta

que ele usava, já havia servido a vários doentes que tinham falecido. Essa epidemia proporcionou aos zelosos missionários ótimo ensejo de abrir as portas do céu a muitos pelas águas regeneradoras do batismo.

Ocorre aqui a pergunta: se uma espiga de milho já era muito regalo, de que se alimentavam os missionários?

Mas não era somente a luta contra a fome e as doenças que davam que fazer aos padres; eram também as rixas e pendências tão frequentes entre aquela gente bárbara e inculta. Entre outras, sucedeu, certo dia, ter dom Martim uma briga com sua mulher dona Francisca, chegando ao ponto de repudiá-la e tomar outra. Além do escândalo provocado entre os neófitos e catecúmenos, essa resolução poderia trazer consequências desastrosas, visto dona Francisca ser irmã de dom João, cacique principal e poderoso, capaz de vingar a afronta irrogada à sua irmã. Graças, porém, às prolongadas e insistentes conversações, o padre González e seu companheiro conseguiram trocar o ânimo de dom Martim, a princípio duro e obstinado. Recebeu novamente sua primeira consorte, abandonando a segunda, com intenso regozijo dos seus vassalos, que estimavam sinceramente dona Francisca. Contudo, o cacique asseverou que, não fosse o amor e o respeito que votava aos padres, os quais tão encarecidamente lho haviam rogado, ele nunca mais teria admitido sua primeira esposa.

Tal era o estado daquela missão durante a segunda metade de 1610 e os primeiros meses do ano seguinte, quando, no decurso de 1611, o Paraguai teve importantíssima visita que afetou também a tribo dos guaicurús. Foi a vinda do novo governador dom Diogo Marín Negrón, acompanhado do ouvidor Francisco de Alfaro, que fora nomeado visitador pela Audiência de Charcas com o encargo de dirimir a rija contenda suscitada pelos incorrigíveis “encomenderos” contra o padre provincial Diogo de Torres e os jesuítas, — tradicionais e ferrenhos defensores da liberdade dos naturais, — tal qual passava no Brasil colonial entre os religiosos e os colonos.

O padre Torres, trazendo uma leva de novos missionários, acompanhou a comitiva dos ilustres visitantes. Achando-se ainda algumas léguas abaixo de Assunção, saiu-lhes ao encontro uma grande balsa, lotada de guerreiros guaicurús, todos emplumados e tingidos de vermelhão. Na balsa, guarnecida de alguns assentos, vinha o filho mais velho do cacique dom Martim, menino de seus doze anos, que

trazia uma carta de seu pai, dirigida ao novo governador e ao visitador, toda ela regorgitante de humildade e sujeição.

A pedido dos índios, os espanhóis e os padres saltaram à balsa, em que chegaram à Capital, onde foram recebidos com inequívocas demonstrações de júbilo, tanto por parte dos moradores da cidade como por parte dos guaicurús, que se apresentaram em outras doze balsas enfeitadas festivamente.

Passados alguns dias, dom Martim veio em pessoa, a fim de assistir ao soleníssimo batismo conferido, na catedral, de Assunção, a seu primogênito, que já era catecúmeno, sendo padrinhos o próprio governador Marín e o visitador Alfaro. Cresceu a geral alegria, quando apareceu também dom João, cunhado de dom Martim, o feroz e poderoso murubixaba⁵¹) dos guaicurutins, cujas feições os espanhóis, desde vinte anos, só haviam visto no ardor na refrega, e que vinha agora pedir humildemente missionários também para a sua gente.

O historiador padre Lozano assevera que todas essas significações de amizade foram obra do santo e incansável padre Roque, que pretendia cativar ainda mais o coração de dom Martim, ao ver o apreço que se fazia da sua pessoa e do seu filho, com o intuito de que eles continuassem a favorecer a obra da conversão da sua tribo, como ainda fossem enviados pregadores aos guaicurutins, cuja cristianização importaria imenso.

Foi esta última grande obra do padre Roque em benefício dos seus amados guaicurús, cuja conversão dali em diante permaneceu mais ou menos estacionária. Como, para as conversações que iam realizar-se com o visitador Alfaro, fosse indispensável a presença do padre Lorenzana, que se encontrava em Santo Inácio Guaçú, foi enviado a substituí-lo o padre Roque. Mas, sendo necessário iniciar antes o substituto no estado da missão, o padre Roque abandonou o Chaco e partiu sem demora para o seu novo destino. A maior glória de Deus assim o exigia.

Antes de abandonarmos, definitivamente, a missão dos guaicurús, santificada durante dois anos pelos suores do beato padre González, ouçamos ainda as impressões do jovem padre Pedro Romero, seu substituto provisório e mais tarde seu companheiro de lutas e vitórias nas margens do Paraná e no Rio Grande do Sul. Em carta dirigida

51. Morubixaba ou antes mburnbixá(ba) quer dizer grande, principal ou senhor.

após de alguns meses ao padre provincial, lhe declara sua grande satisfação interna ao cumprir a obediência, posto que penosíssima exteriormente. Depois de enumerar os incríveis trabalhos e padecimentos do padre Grifi, quando este se empenhara em impedir as tão frequentes peregrinações dos guaicurús, passa a descrever a debandada de grande parte do povo, perante as cheias dos rios; a falta quase absoluta de víveres proveniente ou da seca ou da rapacidade dos próprios selvagens; e, por fim, o incessante vexame causado de dia pelas mutucas e de noite pelos mosquitos.

Decorridos alguns meses, depois da chegada do padre Romero, apresentaram-se em Assunção dois pedidos urgentíssimos de padres, um para uma missão de índios em parte já cristianizados, e outro para selvagens ainda totalmente pagãos. Não havendo quem os atendesse, o cabido eclesiástico de Assunção dirigiu-se aos jesuítas, alvitando a ideia de largar os guaicurús, uma vez que sua conversão prosseguia tão lentamente, ao passo que os outros demandavam socorro imediato.

Mas o padre provincial não quis abandonar ainda o Chaco, acreditando que a semente lançada com tanto amor, algum dia viesse a frutificar, embora os guaicurús já não passassem de quinhentas almas. Contudo, em 1626, os jesuítas, tendo em vista o maior bem que de todos os lados se impunha, entregaram essa missão a clérigos seculares, os quais ao cabo de quatro meses se retiraram também, amargurados porque, como diziam, “os haviam posto onde não se podia viver, nem achar sustento, entre índios tão pobres que não tinham com que pagar subvenções, acrescentando que estavam admirados de que os padres se achassem contentes entre índios tão bárbaros.”⁵²

Como se vê, o fruto não correspondeu aos esforços dispendidos, por causa da inata veleidade e da insuperável inconstância dos silvícolas. Quanto ao padre Roque, sempre tão humilde e resignado, com certeza aplicou a si mesmo a palavra do Divino Mestre:

“Depois de terdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer.” (Luc. 17,10).

52. Cit. por BLANCO, Historia Documentada, pág. 99.

8. MISSIONÁRIO DOS GUARANIS

(Santo Inácio-Guaçú⁵³) 1611 - 1613)

Volvidos os dois anos de noviciado, o padre Roque González foi admitido aos votos do biênio: de perpétua pobreza, castidade e obediência, segundo usança da Companhia. Embora nada de concreto nos digam os monumentos sobre esta solenidade, provavelmente realizada no colégio de Assunção, não podemos duvidar de que intensa devia de ser a consolação do jovem religioso, ao ver-se por fim ligado para sempre à sua muito amada Companhia de Jesus.

Mais ou menos pelo mesmo tempo em que o padre Roque iniciava a conversão dos guaicurús, o cacique Arapizandú vinha pelo rio Tebiquarí abaixo, e, entrando no rio Paraguai, foi descendo por ele até alcançar Hernandárias que se dirigia então a Buenos Aires. Apresentando-se com bandeira de paz, pediu ao primeiro magistrado do país, em nome de várias comarcas do rio Paraná, a remessa de missionários que “reduzissem” e cristianizassem toda a nação guarani.

As repetidas insurreições dos paranás, em cuja sujeição já diversas vezes fracassara Hernandárias, induziram o governador a lançar mão desse único ensejo que se lhe oferecia espontaneamente de submeter pelo poder da cruz esses bárbaros e livrar a província dos incessantes sobressaltos em que até então vivia. Foi, pois, procurar ao bispo dom frei Reginaldo de Lizarraga, exortando-o que satisfizesse o pedido de Arapizandú. Mas a fama da ferocidade daqueles selvagens tão amedrontado tinha o prelado que este se negou redondamente a dar padres seus para semelhante fim.

Hernandárias, como tão amigo e venerador da Companhia de Jesus, quis valer-se da intercessão do padre Diogo de Torres. Ambos os dois apresentaram-se ao pastor espiritual, que, convencido da inutilidade da empresa, persistiu na negativa, a menos que os padres enviados tivessem escolta que lhes garantisse as vidas, dando além disso a entender aos peticionários, que ele “não tinha os seus clérigos para servirem de pasto aos canibais”.

53. Guaçú quer dizer “grande”, em contraposição a Miní, que significa “pequeno”. “Maior” é em guarani tubichavé.

Essa decisão da autoridade eclesiástica moveu o governador a rogar ao padre Torres, como último recurso, que lhe valesse naquela conjuntura. Este, não sabendo a quem mandar, encaminhou-se ao colégio da Companhia em Assunção, e, reunindo os poucos padres que ali moravam, lhes expôs não somente a urgente necessidade em que se achavam os paranás, como ainda os perigos inerentes a essa missão, terminando com o apelo de lhe dizerem com franqueza a quem se poderia enviar. A essa pergunta, o reitor, padre Marciel de Lorenzana, prático na língua dos paranás, lançando-se aos pés do superior, lhe suplicou que o mandasse a ele. Prazeroso aceitou o provincial a generosa oferta. Largou o reitor a direção do seu colégio para ir trabalhar e sofrer num inculto sertão do Paraguai.⁵⁴

Partiu, pois, no dia 16 de dezembro de 1609, escoltado pelo espaço de dez léguas por um luzido cortejo de amigos e admiradores, levando por companheiro o padre Francisco de San Martin, guiados ambos por um sacerdote secular, amicíssimo do padre Lorenzana e já muito conhecido dos paranás, de nome Licenciado Fernando de la Cueva, cura de Yaguarón, povoado indígena próximo. Levou este padre alguns caciques da sua jurisdição, parentes de outros índios principais do Paraná, que facilmente poderiam fazê-los compreender de quanta vantagem lhes seria receber os missionários e ouvir a sua pregação.

Estabeleceram-se num lugar chamado Yaguaracamigtá, difícil de se reter; pelo que o padre Lorenzana o trocou em Santo Inácio-Guaçú (ou Grande). A nova redução, posta sob o amparo do fundador da Companhia de Jesus, foi fundada no dia 29 de dezembro de 1609 com os mais alvissareiros auspícios, graças à presença do Licenciado Fernando e de seus caciques. Estando tudo já bem encaminhado, volvidos quinze dias, Cueva arrepiou caminho para a sua paróquia. Mas um pouco antes dos meados de 1610, a redução foi transferida para outro ponto mais apropriado, onde ficou definitivamente, a saber a 40 léguas em direção sul de Assunção, a 12 léguas da margem direita do Paraná e a 8 da esquerda do Tebiquarí.

Diz “Astrain” (V, 505) que os dois missionários ainda novéis no trato e na língua dos indígenas, foram, logo de início, procurar o santo franciscano frei Luiz Bolaños, que a Oeste, não muito longe dali,

54. BLANCO, P. 101

atendia a várias reduções fundadas por ele. Frei Luiz não só explicou a seus hóspedes o seu sistema, como ainda os deixou transcrever os apontamentos feitos por ele para o aprendizado mais rápido do guarani. Sumamente penhorados e encorajados pelo zelo e a bondade do colega seráfico voltaram os dois jesuítas para os seus postos.

Amando sinceramente seus novos filhos espirituais e sendo por eles estremecido como pai, o padre Lorenzana meteu animoso ombros à obra nada fácil de cristianizar aqueles corações até então entregues a toda sorte de crimes e baixezas, reunindo as crianças na rústica ermida, visitando os índios nas suas choças e procurando-os no mato e nas roças. Ora lhes ensinava a maneira de cultivarem racionalmente os campos, ora estudava com eles o modo mais eficaz de se defenderem contra os seus inimigos; agora visitava e curava os doentes, logo reprimia os excessos de ira e da borracheira: em toda a parte espalhando o bem físico, moral e social.

Se já tudo isso exigia dele um imenso esforço, mais o preocupavam e até lhe amarguravam o coração de pai amoroso as insurreições dos canoeiros, as guerrilhas contínuas e os assaltos frequentes dos murubixabas vizinhos, sem falarmos das repetidas intervenções das armas espanholas sob pretexto de reprimirem aqueles desmandos. No entanto, os progressos da cristianização foram muito animadores, conforme o atesta o provincial Diogo de Torres na Ânua de fevereiro de 1613.

Entre estes e semelhantes trabalhos e cuidados em que, mais de uma vez, periclitou seriamente não só a vida do padre Lorenzana, mas até toda a sua obra, já haviam decorrido quase dois anos, quando pelo fim de 1611, um belo dia apareceu-lhe em Santo Inácio-Guaçú o padre Roque. Vinha por ordem do padre Torres a fim de ser iniciado no andamento da missão para depois dirigi-la como superior. Importunado vivamente por este e principalmente movido pelas ardentes súplicas dos guaranis o padre provincial consentiu que o padre Lorenzana permanecesse no seu posto ainda meio ano. Nesses seis meses, o padre Roque, apesar de ser ele mesmo homem já afeito ao trato dos naturais e às lidas evangélicas, muito aproveitou com a sábia e segura direção daquele abalizado mestre, não só aprendendo a dirigir mais eficazmente aqueles selvagens, como também a debelar a própria enfermidade dos escrúpulos que, com permissão divina, lhe angustiam intensamente o coração naquela época.

Sua principal atividade apostólica entre os paranás restringia-se primeiramente à assistência exaustiva prestada aos doentes de bexiga, moléstia que irrompera naquela região com caráter de verdadeira virulência. Tal qual outrora entre os guaicurús, ele exercia agora as funções de médico corporal e espiritual. Nada obstante durar a doença três meses, e as vítimas entre os adultos serem reduzidas, seu zelo ia povoando o Céu de anjinhos com as numerosas crianças, que, batizadas por ele, remontavam o voo à bem-aventurança eterna. E como um mal raras vezes chega desacompanhado, após o flagelo da varíola, sobreveio a fome que levou aqueles coitados a extrema necessidade. Mas a caridade do padre Roque sabia desdobrar-se, engenhando mil maneiras para minorar os padecimentos dos seus pobres filhos em Cristo.

Debelada já a fúria dessas calamidades, o padre Lorenzana ordenou ao padre González fosse explorar a banda do grande rio Paraná com a recomendação de observar a disposição daqueles índios no sentido de conquistá-los para Deus. Partiu o obediente religioso em viagem de inspeção, falando apostolicamente, a quantos povos topava, de nosso Criador e Senhor e dos principais mistérios de nossa santa fé. Em toda a parte foi ouvido com muito respeito e atenção. Nessa jornada percorreu vasta extensão das margens e ilhas do caudaloso rio, completamente despreocupado dos perigos inerentes a semelhante penetração, com os olhos postos tão somente em Cristo Senhor Nosso e nas almas imortais por Ele remidas. Constatou que nos últimos doze anos havia fugido de toda aquela redondeza, ou morrido, inumerável multidão de gentio, a ponto de zonas inteiras, outrora habitadas por densa população, se acharem agora reduzidas a ruínas ou desertos.⁵⁵

Com a alma estuante de santos propósitos voltou para casa.

Sobre o desenvolvimento ulterior de Santo Inácio-Guaçú, assim se exprime o padre provincial Torres na sua Carta Ânua de fevereiro de 1613:

“As coisas dessa redução vão cada dia melhor e [os índios] vão-se radicando e fazendo suas sementeiras. Acodem muito bem às coisas de Nosso Senhor com muito afeto e afeição. Desde um ano para cá terão aumentado para 400 almas, e, entre todas as que se têm jun-

55. Ânua do P. Diogo de Torres, de fevereiro de 1613, apud “Documentos para la Historia Argentina”, XIX, 163.

tado, serão mil. Entre estes haverá 160 rapazes de escola, que, com o cuidado e a boa educação [que recebem] dos padres, hão de ser o bem e o remédio daquela terra. Os infiéis catecúmenos chegarão a 246, e, dos que já estão preparados, os padres pretendiam fazer um solene batismo para o dia da Assunção de Nossa Senhora; e, segundo me escrevem, no dia da Santíssima Trindade batizaram alguns com a maior pompa possível para animar com isto os demais a aprenderem o catecismo e as orações.”⁵⁶

Enquanto o padre Roque se consagrava, sob a direção do padre Lorenzana, a todos esses mesteres, ia-se aproximando o tempo deste encanecido trabalhador abandonar a missão que fundara e cumprir com a obediência de reassumir o reitorado do colégio de Assunção. Mas para que os índios que lhe haviam cobrado sincera afeição, mais facilmente se conformassem com a sua partida e mais depressa se afeioassem à pessoa do seu substituto, o padre Lorenzana lançou mão de uma engenhosa traça que surtiu ótimo efeito: reservou para si os castigos e repreensões dos índios e tudo quanto importasse em carga desagradável, ao passo que seu sucessor cuidaria dos prêmios e regalos e tudo que significasse liberalidade. Deste modo os ingênuos filhos das selvas vieram a cobrar ao “bom” padre Roque González aquela ilimitada confiança e apego, cuja consequência imediata foi uma riquíssima colheita de frutos espirituais e temporais, transformando em breve a redução de Santo Inácio-Guaçu em padrão e modelo de todos os aldeamentos que os jesuítas, no decorrer do século XVII e XVIII fundaram, ficando imortais na história sul-americana com o nome de “TRINTA POVOS DAS REDUÇÕES DOS GUARANIS.”⁵⁷

O “padre Lorenzana, despedindo-se por fim, entre as lágrimas dos seus neófitos, rumou para Assunção, a fim de trazer todos as amarguras que choveram sobre a sua cabeça durante o seu reitorado.

No dia 20 de maio de 1612 foi substituído o padre San Martín, — chamado para a Capital por falta de saúde — pelo padre Pedro Romero, grande venerador da pessoa do padre Roque, que acabava de fazer as primeiras armas do apostolado entre os guaicurús, como já foi dito nas páginas antecedentes. Pouca ajuda teve ele nesse novo

56. Loc. cit., pág. 163.

57. O número das cidades e povoações fundadas pelos jesuítas naquela zona até 1768, — metade das quais ainda hoje subsiste, — orça por cinquenta. Mas trinta formavam o complexo das reduções do sul do Paraguai, nordeste argentino e sudoeste brasileiro.

auxiliar, o qual nos primeiros tempos devia consagrar-se quase exclusivamente ao estudo do guarani. Daí duplicaram os esforços do padre González, máxime no sentido de incutir nos indígenas, quer cristãos, quer gentios, uma elevada ideia da sublimidade da nossa santa religião, sobretudo do augusto mistério da Eucaristia, particularíssima devoção do bem-aventurado. Ainda antes da retirada de Lorenzana, o padre Roque havia preparado com sumo esmero a festa do Corpo de Deus, a primeira nas “reduções”, assistida pelo padre Romero.

A praça diante da igreja foi engalanada à porfia pelos caciques, auxiliados por sua gente, com muitos arcos e outros adornos. Os tapetes e colgaduras, — que os não havia, — foram substituídos pelos mil produtos da variegada fauna, como papagaios, nhandús, animais de caça, feras do mato e até peixes dos rios, e da múltiplice flora subtropical, sem esquecerem seus escassos produtos agrícolas, como espigas de milho e raízes de mandioca, — tudo a enfeitar as ruas por onde devia passar o Rei dos reis, presente sob as espécies sacramentais. E quando apareceu a procissão, puxada pelo grupo dos flautistas e tambores e guiada pelo movimento rítmico dos jogos e das escaramuças, indo no centro o próprio Santíssimo, cercado de piedosos e vistosos coroinhas e nimado pelo esplendor dos fogos artificiais e acompanhado pela piedade profunda e recolhida dos neófitos, — todos os espectadores ficaram tomados de verdadeiro pasmo e grande admiração por uma religião tão bela e tão celestial.⁵⁸

Todas essas cerimônias, que tanto davam nos olhos e ouvidos dos paranás, já de per si inclinados para as belezas do Evangelho, eram grandemente apropriadas para aumentar o rebanho de Cristo. Na sua modéstia, os dois humildes obreiros atribuíam tudo à boa semente lançada pelo virtuoso fundador da redução, de quem os índios não podiam esquecer-se.

58. Documentos para la Historia Argentina, XIX, 165.

9.0 ALDEAMENTO PADRÃO

(Santo Inácio-Guaçú, 1613 - 1614)

O talento organizador do futuro apóstolo e santo dos guaranis, padre Roque González de Santa Cruz, que andava então na plenitude dos seus trinta e seis a trinta e oito anos, começava a desabrochar com toda a sua viçosa pujança. Conhecendo a fundo a alma do silvícola, sentia-lhe com entranhas de pai todas as necessidades e aspirações.

“Rudes e selvagens no meio das privações das selvas — como escreve elegantemente o padre Blanco — eles se abriam como flores matinais a todas as delicadezas da cultura, aprendendo a modular seus ritmos e seus cantares, a externar seus afetos no teatro, e a sentir os ímpetos da piedade em todo esse conjunto harmônico de sentimentos, desenvolvidos perante os altares e em honra da santidade dos seus protetores. Quanto aos dotes do padre Roque: de artista, mestre, asceta, catequista e apóstolo, iam ativar-se convertendo-se ele em engenheiro que concebe e em mestre de obras que realiza as melhorias edilícias de Santo Inácio, fazendo da planta da sua redução o modelo das reduções jesuíticas⁵⁹.”

Ele próprio relata pitorescamente a seu provincial, em 8 de outubro de 1613, seus múltiplos afazeres e empreendimentos, em extensa epístola repleta de particularidades interessantes, da qual extraímos tão somente o que mais caracteriza o bem-aventurado missivista:

Na sua humildade acredita que em Santo-Inácio não se fez ainda tanto pela glória de Deus quanto nas demais reduções, embora o posto, — como chave do Paraná, — seja de capital importância para conter a ousadia daquela gente tão aguerrida e temível, no meio da qual vive ele muito seguro da sua vida.

Começa por encarecer a bondade do clima e a falta das doenças comuns entre os ameríndios; a fertilidade da terra e a riqueza das florestas em madeiras de lei; a abundância de caça, entre a qual avultam os veados, porcos do mato e perdizes que substituem per-

59. BLANCO, p. 106.

feitamente o peixe, que não o há por ali pela distância dos rios, aliás ricos em pescaria. Contudo eles passaram fome bem sensível ao princípio, em virtude da ignorância dos índios. Diz que o ano vertente de 1613, graças a Deus, havia sido de grande fartura e saúde, com o qual os naturais estavam satisfeitos. Enumera os habitantes de Santo-Inácio, declarando serem os varões 300, entre 1000 almas, sendo muita a “chusma” de crianças. Mas a relativa pequenez da messe é compensada pelo valor do sítio, que é porta para inumeráveis almas que habitam pelas abas do rio Uruguai — “tão nomeado e desejado de tantos” — e para os lados do rio Paraná e Iguaçu, — onde há muito número de gente belicosa, da qual os paranás compram índios cativos de outras nações, matando-os entre grandes borracheiras.

É esta a primeira referência documentada do padre Roque acerca do rio Uruguai, cuja conquista desde então já vinha constituindo um dos sonhos dourados daquele incansável caçador de almas.

Vendo os graves inconvenientes das moradias em comum, resolveu remodelar radicalmente o sistema das habitações dos índios, embora receasse alguma resistência a favor de um costume já inveterado. Afortunadamente, levaram bem a inovação, passando todos a ocupar com satisfação as casas cômodas e desafogadas que o engenheiro padre Roque lhes ia levantando, ainda antes de elas estarem de todo terminadas. Primeiramente, traçou a planta da povoação, dividindo-a em nove quadras. Uma ficou reservada para a praça; nas oito restantes levantou em cada uma seis barracões de seis pés [de altura], tendo cada barracão cinco compartimentos de vinte pés [de frente], alojando em cada compartimento um índio com sua gente. Mas o edifício mais vistoso devia ser, naturalmente, a igreja, pegada à qual os padres construíram morada para si mesmos, fechada com paus e enclausurada, visto não se encontrar, na que ocupavam dantes, cantinho enxuto no tempo das chuvas. Para todas essas obras lhes valeu muito a abundância de cedro, se bem que a palha para cobrir os telhados fosse escassa. De acordo com as instruções do reverendo padre provincial, os trabalhadores foram bem remunerados pelo auxílio prestado na construção da casa canônica.

Este sistema de edificar ficou clássico em todas as reduções guaraníticas, como no-lo atestam numerosos desenhos de plantas ainda existentes.

Tratando, depois, das provisões de boca, o padre Roque diz que sua comida era igual à dos indígenas, isto é, mandioca e milho, da qual havia fartura, posto que a carne e o pão fossem escassos naquele ano de 1613, esperando todavia aumentar, dentro de três anos, as cabeças de gado, sendo as vacas já quarenta, as ovelhas outras tantas e as cabras quatorze, declarando que esses animais se multiplicavam como a espuma.

Tendo falado da parte material da missão, passa a relatar a situação espiritual. “Por mais ocupações que tenhamos tido — diz o santo remetente — nunca temos faltado a nossos exercícios espirituais e modo de proceder; e no que toca ao espiritual de nossos filhos, temos exercitado com eles todas as obras de caridade que podemos; porque, entre estes pobres índios, infalivelmente, se exercem todas, e os que estiverem entre eles, hão de ser pais não só das almas, mas ainda dos corpos, não esperando por isto recompensa humana, mas celestial e de glória que é o que dura e nós viemos buscar.”

Em seguida descreve por miúdo seus ministérios espirituais ordinários e extraordinários, como práticas, doutrinas, enterros, visitas aos doentes e principalmente a catequese diária na igreja, ministrada durante duas horas às crianças da escola, 150 meninos e 150 meninas, dos quais espera que já saberão ler, escrever e contar para a próxima vinda do provincial. Tendo saído as crianças, entram, por uma hora, os catecúmenos a fim de serem preparados para o batismo. Contudo, em 1613, havia ainda bastantes pagãos em Santo-Inácio, porque não podiam vir todos ao mesmo tempo por causa da lavoura, e porque sempre apareciam novos recrutas.

Releve o leitor que refirmamos aqui o que aconteceu a dois feiticeiros, entre os 122 homens que naquele ano se batizaram. Diz, entre parênteses, que seus feitiços não passavam de tagarelices e ameaças aos índios de que os haviam de flechar com seus feitiços, com o qual lhes cobravam medo, chamando-os de “payés”, que significa feiticeiro. Ambos, pois, antes de serem batizados, confessaram perante todos os assistentes que tudo o que haviam feito e deles se dizia, era mentira, embuste e logro do diabo; que lhes perdoassem, porque eles sentiam muito sua má vida e que, por desejarem ser cristãos e filhos de Deus, pediam ao padre que declarasse aos presentes o que quisesse para desfazer o que deles se dizia. O mais velho e o mais temido dos dois,

que possuía um pouco de “solimão” (sublimado corrosivo, empregado para tratar e desinfetar feridas), com o qual tinha amedrontado toda a povoação, foi obrigado pelo padre Roque a trazer o seu solimão, sem o qual não poderia batizar-se. Foi buscá-lo, com efeito, trazendo-o bem embrulhadinho num trapo preto, dizendo que o havia trocado num povo de espanhóis por um índio paraná. O padre explicou a todos a virtude natural do sublimado corrosivo para curar chagas e não para enfeitiçar, e que Iro-Is, — assim se chamava o feiticeiro, — querendo ser cristão às direitas o havia entregado ao missionário para que o queimasse à vista de todos. E assim se fez, começando todos a cuspir e a sair da igreja como se aquilo que estava ardendo fosse alguma pestilência.

Passa a carta do padre a especificar diversos eventos particulares, onde não se sabe o que mais admirar: se os caminhos amorosos da Providência, se o zelo inflamado do apóstolo dos guaranis. Ouçamos um que outro exemplo: “O terceiro “caso” — escreve ele — foi o de um cacique velho de mais de noventa anos, o qual, vendo-o seus vassalos igualmente pagãos, muito mal, levaram-no para fora do povoado, dizendo que desejavam que morresse como seus antepassados e que o queriam enterrar numa grande vasilha, segundo seu uso. Ouvindo eu dessa danada determinação, mandei buscá-lo e eles mo trouxeram. E, dizendo-lhe eu o mal que havia feito deixando-se levar, ralhei aos índios, para o persuadir que se fizesse cristão. Consegui-o com facilidade, principiando logo a catequizá-lo e a dispô-lo para o batismo, que lhe administrei pouco antes de morrer, chamando-o Inácio, por estar perto a festa de nosso Santo Padre. Depois de batizado com grande júbilo, juntou as mãos rendendo graças a Deus Nosso Senhor pelo bem que havia recebido, e, abraçando-me, deu graças porque o havia batizado; e dali a pouco voou ao céu, como esperamos.

Outro caso foi o de uma menina de doze a quatorze anos, que picada por uma cobra, deitava muito sangue, sendo catequizada e preparada para o santo batismo pelo padre Roque, trabalho relativamente fácil por ela já saber os rudimentos da fé. Mas esperando o missionário que ela melhorasse ou que seu estado se agravasse, adiou-lhe o batismo, avisando aos pais da criança que se ela piorasse, logo o chamassem, sem deixar de visitá-la com frequência. Estando pois almoçando certo dia, ouviu choros na direção da casa da enferma. Dizendo-lhe o

coração o que poderia ser, voou para lá, encontrando a rapariguinha muito cansada. Batizou-a logo e ela expirou no ósculo do Senhor.

Logo o missivista entra a tratar dos repetidos e horripilantes casos de mordedura de cobras venenosas, tão frequentes naquele sertão, por causa da abundância de preás, e das mortes que daí resultavam. Uma amostra apenas copiamos para aqui, porque espelha o grande coração do beato padre Roque.

Saindo, certo dia, um índio de Santo-Inácio a caçar com outros homens a uma distância de umas 5 léguas, foi mordido por uma cascavel, picada que lhe imobilizou imediatamente os membros. Os companheiros, vendo-o assim e não tendo com que transportá-lo e sabendo que não podiam carregá-lo até a redução, resolveram abandoná-lo no mato e avisar os padres para que o fossem ver e confessar. Mas os índios, na sua estupidez, só avisaram dois ou três dias mais tarde. Partiu sem demora o padre Roque com toda a pressa possível, embora pouco esperançoso de encontrar ainda com vida o doente, porque seus companheiros afirmavam que a víbora que o havia picado era muita braba e que ele estava muito cansado, e mesmo quando não o fosse, lá onde o tinham deixado havia muitos tigres e que algum talvez já o tivesse devorado.

“Eu — continua o zeloso pastor — resolvi ir vê-lo, ainda que com o receio de não encontrá-lo vivo, e, aproximando-me do lugar onde o haviam abandonado, duplicou-se a minha pena e temor, porque vi naquele sítio muitos urubus (em guarani “yrybú”), que pareciam haver-se cevado no corpo morto. Cheguei, encontrando-o estendido no chão, nu e cheio de cinza, porque nas ânsias da dor se havia revolvido numa pequena fogueira que lhe haviam deixado os companheiros. Tinha a boca e o nariz atestados de capim e cinza. Reparei que se não mexia, e, dando-lhe vozes, me não respondia. Tive-o por morto, bem que o meu coração me dissesse que ainda vivia. Mandeí buscar um pouco de água, limpando-lhe entretanto a boca e o nariz. Lavei-lhe os olhos, — que conservava fechados pelo sangue que deles havia brotado em virtude da violência do veneno, — e a boca, que tinha seca. Pareceu-me que olhava para mim, e que respirava algum tanto. Eu, com isto, principiei a chamá-lo, e ele começou a reanimar-se e a abrir os olhos; e conhecendo-me, se alegrou tanto que parecia avistar um anjo do Senhor. Disse-me que desejava confessar-se, e fê-lo

muito bem. Tendo terminado de lhe dar a absolvição, entregou sua alma ao Senhor, ficando eu com a maior consolação que me parece haver tido na minha vida, ao ver a providência de Nosso Senhor para com as suas criaturas, como se pode ver no presente caso. Sepultei-o com os índios que trouxera e, tendo levantado uma cruz sobre o sepulcro, voltei muito contente à redução”.

Mas também a perseverança no bem que demonstravam aqueles pobres filhos da mata virgem era de intenso conforto para o denodado apóstolo. Além de vários casos de inquebrantável fidelidade de algumas esposas cristãs que resistiram varonilmente a toda a solicitação pecaminosa, conta o caso de um menino de seus treze anos, que se apresentou em Santo Inácio com desejos de fazer-se cristão, após de ter abandonado em sua terra pai, mãe e irmãos. O padre Roque, no intuito de provar-lhe melhor a constância e ver se tomava a sério o negócio da sua conversão, foi-lhe adiando o batismo. Mas o indiozinho ficou tão firme e fervoroso que aprendeu depressa as orações e o catecismo, de modo que se habilitou rapidamente para o grande sacramento da regeneração. E qual não foi a sua alegria, quando, pouco depois, apareceu também sua mãe em companhia de outros dois irmãozinhos e uma irmãzinha, declarando ela que todos desejavam ser cristãos, e que seu marido também viria, como de fato sucedeu, graças à atividade apostólica do filho mais velho.

Também para outros, os laços de sangue foram um atrativo valioso para serem trazidos ao grêmio da fé cristã. O padre Roque fala-nos, entre outros, de um sexagenário que veio a Santo Inácio à procura de um filho que abandonara os pais para se tornar cristão. Encontrando-o já filho de Deus e tão feliz, apoderou-se do velho uma vontade irresistível de ser como o filho, determinando-se imediatamente a largar tudo para se transferir à redução com esposa e filhos. Como, porém, a mulher se negasse a acompanhá-lo, o marido, pegando de um pau, espancou-a ferozmente para fazê-la obediente à sua vontade. Acudiram os parentes em defesa dela, deixando ao homem não só muito malferido, mas até privado da companheira. O velho vendo-se só, tomou os dois filhinhos que ainda tinha e partiu para junto dos missionários, onde permaneceu, malgrado as duras necessidades que teve de passar.



O martírio de Roque González e Afonso Rodríguez, segundo um livro que se encontra em S. Paulo, e que leva este título: *Effigies et nomina eorum qui ex Societate Iesu per 4 orbis partes pro Dei et religionis causa sanguinem et vitam profuderunt, ab anno 1549 — 1655*. (Era em 1911 da coleção do Conselheiro Antônio Prado).

A explicação em vernáculo é esta: p. Roque González de S. Cruz, paraguaio, índio, e p. Afonso Rodríguez, espanhol, da Companhia de Jesus, mortos crudelissimamente por Cristo pelos idólatras paraguaios, em 15 de novembro de 1628. (P. 240).



Martírio do p. Castillo, segundo o livro da coleção de Antônio Prado, com esta inscrição: P. João del Castillo, espanhol, de ilustre prosápia, da Companhia de Jesus, morto por um ferocíssimo arrastamento por pedras e espinhos, em 17 de novembro do ano de 1628. (P. 250).

Remata a longa carta do beato padre, — que só em e reproduzimos —, manifestando a seu superior o método especial por ele observado na cristianização dos paratis. Diz que sendo a gente de Santo Inácio muito boa, dócil e tratável, esperava conseguir, pouco a pouco e suavemente, infiltrar-lhes o genuíno espírito de Cristo, mas com jeito, para lhes não fazer pesada a disciplina cristã. Louva-lhes o zelo em acudir, nos dias santos, à missa e aos sermões e fala das principais festas religiosas, entre as quais ocupa lugar primacial a do padroeiro da missão, Santo Inácio, a quem todos tinham muita devoção, gloriando-se de pertencerem ao povo dele.

Declara que celebraram a última festa do Santo com solenidade máxima, para a qual se haviam preparado com muitos dias de antecedência em que cercaram a praça com vistosos arcos triunfais, enfeitados com variedade de frutas e animais, por onde devia passar a procissão. Na véspera, muitos saíram a cavalo, e à noite houve grande iluminação, com muita ressonância de flautas, sinos, tambores e trombetas, aclamando todos a uma Santo Inácio, como se estivessem fora de si de alegria. Mas o que sobretudo arrancou grandes aplausos foram alguns foguetes, coisa nunca vista naquelas bandas. Toda a noite passaram-na sem dormir, aparelhando suas lanças e exercitando-se nos entremezes. No dia mesmo da festa, abarrotou-se de gente a igreja, devendo ficar muitos de fora. Finda a missa, começaram os bailados, muito bem adaptados à festividade, que agradaram imenso. Entre os bailarinos houve alguns meninos enfeitados, vindos a representar os principais caciques com presentes de “guacamaios”⁶⁰ (espécie da arara), papagaios, pavôs, perdizes, tatús, porcos do mato, etc., que foram oferecendo com muito garbo e graça ao santo orago, e fazendo cada qual alusão ao nome do chefe que representava. Depois disso, saiu a procissão em ótima ordem, e, como pedra do fecho, vinha um andor ricamente adornado, com uma relíquia de Santo Inácio e uma imagenzinha sua. As andas carregavam-nas quatro morubixabas vestidos de longas camisas que lhes haviam emprestado os missionários. Acabada a procissão, ficou exposta a relíquia e a imagem durante toda a oitava, aonde vinham os neófitos visitá-las muitas vezes.

60. Há diversas espécies de “guacamaios”, uma das quais chamam em guarani “aracacá”, que é pequena; outra denominam de “gua-á”, e outra ainda de “maracanã”, tipo de caturrita com cabeça colorida. (Jesús Acerete)

O leitor facilmente fará ideia do enorme cabedal de tempo, de esforço e paciência despendidos para preparar tão grande número de índios boçais para semelhantes solenidades e ensaiar todo esse minucioso programa que tanto dava na vista do ameríndio e tão fortemente o atraía para uma religião tão encantadora. Esse modo de celebrar as datas do calendário católico, ideado pelo padre Roque, conservou-se nas missões jesuíticas até a sua definitiva destruição, na segunda metade do século XVIII.

Finda a carta com esta súplica: “Vossa reverência, por amor de Deus, venha visitar esta gente que o deseja muito e desde que lhes eu disse que vossa reverência desejava vir para vê-los e consolar-se com eles, não falam de outra coisa, senão de como será o Paiguaçu⁶¹ e o que deverão fazer para quando vier vossa reverência.

Por amor de Deus, console a nós e a eles, porque entendo que a vinda de vossa reverência há de ser de muito aumento desta redução e glória de Nosso Senhor, o qual nos cumpra nossos desejos. Amém.

Desta redução de Santo Inácio, 8 de outubro de 1613.

De Vossa Reverência mínimo filho

Roque González de Santa Cruz”⁶²

De todas essas coisas dava sincera e esmiuçada conta o humilde religioso, muito de acordo com a praxe da Companhia de Jesus, no intuito de ser guiado ou corrigido pelo superior e também de se consolar a si e ao padre provincial com os progressos da obra de Deus naquela novel redução.

O bom do padre Torres prometeu, pois, uma visita a Santo Inácio, a fim de contemplar com seus próprios olhos aquela maravilha, levantada pela capacidade do padre Roque no meio da floresta e confortar seus fiéis soldados e seus filhos espirituais.

Grande devia de ser a expectativa entre os índios de verem o Paiguaçu. Até vários moradores de Santo Inácio, tenazes em abandonar certos vícios, só pelo receio de desgostarem o Paiguaçu se ele o soubesse, se emendaram.

61. “Paiguaçu” quer dizer “Pai grande” É assim que ainda hoje chamam ao sr. bispo os guaranis do Paraguai. (Jesús Acerete)

62. BLANCO, p. 658 ss.

O padre provincial, conhecendo a estreita pobreza tanto dos índios como dos mesmos missionários, — sem embargo da própria penúria, — conseguiu juntar algumas alfaias sagradas, um pouco de pano de algodão e alguns vestidos para padres e os índios. Ele mesmo nos dá a razão disso, dizendo que por vezes a miséria dos índios era tão grande que nem possuíam com que cobrir-se devidamente, sobretudo no batismo, sendo muitas vezes preciso que o missionário lhes cedesse, aliás gostosamente, a própria camisa. E declara que ele mesmo, nessa viagem, lançou mão do pano da sua tenda de campanha para o mencionado fim.

Entre os objetos religiosos, o padre provincial trazia uma devotíssima imagem de Nossa Senhora, pintada pelo irmão Bernardo. Era a celeberrima Conquistadora do padre Roque.

Ao constar em Santo Inácio da próxima chegada do Paiguaçu com a imagem da Mãe de Deus, resolveram todos, num transporte de júbilo, receber o grande hóspede com a maior pompa possível. Engalanaram a igreja com flores e grinaldas, e a praça e os caminhos, por onde devia passar, com muitos arcos de triunfo. Ainda não havia chegado à aldeia, quando todos saíram em solene procissão ao encontro da imagem, aclamando-a delirantemente: as crianças com cânticos; os adultos ao som de flautas e timbales, e o sacerdote recitando preces rituais. Tomada a imagem debaixo do pálio de seda, carregaram-na quatro caciques até a povoação. Todos ficaram possuídos de santa estupefação e consolação ao contemplarem coisas tão novas e insólitas.

Chegados à Tüpãoga, isto é, casa de Deus⁶³, o reverendo padre provincial fez-lhes uma prática antes da missa, manifestando-lhes, por meio do intérprete, sua vontade e a dos seus padres de servirem os índios, tão somente pelo desejo de que venerassem devidamente o verdadeiro Deus e a Jesus Cristo, cuja Mãe era a que representava aquela imagem, admoestando-os a porém nela a sua confiança, convencidos de alcançarem grandes benefícios do Todo-Poderoso pela intercessão de tão excelsa Padroeira.

Não ficou desmentida a confiança dos índios, como prova o seguinte sucesso. Entre os muitos curiosos que haviam acudido, até da costa do rio Paraná, desejosos de verem o Paiguaçu, se encontraram também dois morubixabas que já haviam esperado oito dias. Cha-

63. Tüpã = Deus; oga = casa; casa de Deus.

mou-os o padre provincial. Falando-lhes com afabilidade, pediu-lhes que viessem esta-belecer-se em Santo Inácio para poderem gozar as bênçãos da fé. Eles, porém, se negaram obstinadamente a isso, sobretudo pelo motivo de não acharem naquela redução sua acostumada carne de peixe, a que não podiam renunciar. O padre Torres voltou seu coração ao Céu e suplicou aos dois caciques que ao menos se ajoelhassem com os demais cristãos ali presentes para pedirem àquela Senhora de todos os homens lhes alcançasse luz e força para escolherem o que melhor fosse para eles. De feito, todos, inclusive os caciques, caíram de joelhos para orar. Depois o padre provincial foi celebrar missa na mesma intenção. No dia imediato, mal despontara o Sol, se apresentam os dois morubixabas, declarando ambos, sem saber um da disposição do outro, que haviam mudado de opinião, estando prontos a vir para Santo Inácio, sabendo agora quanto bem lhes traria esse passo para o corpo e a alma; mas que isso só poderiam executar depois da colheita. O bom Paiguaçu abraçou-os, obsequiando-os com roupas novas, agulhas, alfinetes, espelhos, etc., e despedindo-os amorosamente com alguma provisão de boca. Não só cumpriram a palavra, mas até trouxeram mais outro cacique para a redução.

Em virtude dessa consoladora conquista espiritual, aquela imagem de Maria começou de ser chamada “Conquistadora”, tomando-se daí em diante companheira inseparável do bem-aventurado padre Roque durante os quinze anos que ainda lhe restavam de apostolado. E ele retribuiu à sua Mãe celestial essa companhia com o mais puro e ardente amor filial.

Desejosos estarão nossos leitores de saber que imagem representava a famosa “Conquistadora”. Conquanto não o saibamos com absoluta certeza, há muita probabilidade de que foi uma pintura igual à que se conserva ainda hoje no Colégio dos jesuítas em Santa Fé, Argentina, chamada “La Virgen de los Milagros”. Consta que essa imagem foi pintada pelo irmão Bernardo Rodríguez, natural de Andaluzia, vindo ao Paraguai a pedido do provincial Diogo de Torres, cem a incumbência expressa de pintar algumas imagens religiosas de que havia muita falta. Entre outras, sabemos que foi ele que pintou a “Conquistadora” e a Virgem dos Milagres de Santa Fé. Mas como esta última, — da qual existe uma excelente cópia na igreja de Salvador em Buenos Aires, — representa uma imitação de Nossa Senhora de

Guadalupe do México, é bem provável que a “Conquistadora” também fosse desse mesmo tipo mexicano.

Observa judiciosamente o notável pesquisador padre Leonhardt, ao qual devemos estas notas, “como as pinturas são inspirações que se multiplicam em cópias, como as de Murillo, assim a “Conquistadora” era cópia da Imaculada de Santa Fé”. (“Estúdios”, Ano 30, tomo 63, Buenos Aires, abril 1940, p. 308).

Publicamos nesta obra uma reprodução fotográfica do retábulo santafesino.

10. DIAS DE SOL E DE NUVENS

(Santo Inácio-Guaçú, 1614-1615)

Na visita do padre provincial, duas disposições de monta foram tomadas. A primeira foi a remoção do padre Pedro Romero para outro posto e sua substituição pelo padre Francisco del Valle, jovem sacerdote que ardia em vivos desejos de trabalhar entre os indígenas do Paraguai. O p. Valle, espanhol, foi o 1.º reitor do colégio de Santa Fé, donde houve de sair em consequência de uma calúnia levantada contra ele. Passou a servir um ano em Tucumã e depois nas missões guaraníticas até o fim da sua santa vida. (G. Furlong Cardiff, *Glorias Santafesinas*, Buenos Aires 1929, p. 9 -10,) Pelos modos, o Padre Torres procurava realmente que o maior número possível de novéis missionários passasse pela escola do padre González, a fim de lhe aprenderem o sistema, cuja, excelência se ia firmando de ano para ano.

A outra determinação foi a licença de poderem levantar igreja nova e espaçosa; pois o historiador Lozano, apoiado numa informação graciosa do padre Valle, relativa às empresas do ano seguinte, escreve: “O padre Roque González, na sua caridade e fervor é superior a tudo: agora anda feito um Salomão, não pensando senão na sua igreja. Mas não para nisso, porque ele em pessoa é o *factotum*, exercitando todos os ofícios”. E continua o padre Valle, dizendo que toda a povoação, com suas vivendas, a igreja e o batistério era obra dos incríveis trabalhos do padre Roque, que exercia os ofícios de carpinteiro, arquiteto e pedreiro; que manejava o machado e preparava a madeira, carretando-a ao lugar da construção e cangando ele próprio, à falta de outro capaz, as juntas de bois⁶⁴.

Todos esses mesteres, indispensáveis para a estabilidade da redução e à finalidade suprema, qual era a salvação daquelas almas e a maior glória de Deus, não impediam os fervorosos evangelizadores de cumprirem exatamente seus deveres de sacerdotes e filhos da Com-

64. Anua do padre Diogo de Torres, de 12 de junho de 1615, apud Documentos para la Historia Argentina, XIX, 467.

panhia de Jesus. “No que toca às distribuições da vida religiosa — diz o padre Valle — guarda-se fielmente tudo o que está prescrito nas regras e ordenações, havendo relógio e campainha como em o noviciado de Córdoba. O silêncio e o jejum guardam-se aqui forçosamente. A quaresma dura aqui todos os meses do ano, jejuando nós atualmente, tomando só mandioca e água, sem conhecermos aqui a pequena refeição à noite nos dias de jejum. Transferimos todos esses alívios para o dia da Páscoa”, (ibid, p. 468.)

Hoje parece-nos incrível que alguém, com alimentação tão escassa pudesse resistir a trabalhos tão exaustivos. Todavia, o grande coração do padre Roque sonhava continuamente em dilatar sempre mais a fé entre os povos circunvizinhos. O padre provincial, na citada Ânuia de 1615, informa ao padre geral que Roque havia empreendido ultimamente várias correrias apostólicas às terras dos infieis, que — provavelmente à vista do progresso físico, moral e político de Santo Inácio-Guaçú — estavam a pedir missionário. Procurou o padre Roque entrar em contacto pessoal com eles, a fim de sondar-lhes a disposição a respeito da pregação do Evangelho. Não só lhes ganhou a vontade, sendo que até então eram intratáveis, mas até ficou entusiasmado com o que viu, mandando dizer ao padre Torres “que os campos estavam brancos para a messe”.

Contudo, metendo-se afoitamente, nessa viagem de exploração, no país de um poderosíssimo morubixaba, este lhe saiu ao encontro, perguntando-lhe com grande cólera: “Como te atreveste a entrar por aqui, onde nenhum espanhol pôs seus pés? Não sabes que eu fiz esta terra e este mar e aqui me obedecem todos?” Possesso de ira não pôde articular mais palavras, a não ser soltando gritos descompostos. A maravilhosa calma, porém, do bem-aventurado, acalmou o furioso, logrando trocá-lo em amigo que até chegou a ouvir encantado as explicações do missionário sobre o verdadeiro Criador e Senhor do mundo, do Céu e do Inferno, com tamanha docilidade que se submeteu a tudo que o padre Roque lhe sugeria, acabando por pedir também ele missionários da Companhia.⁶⁵

Todos esses preciosos dados nos põem diante dos olhos a peregrina figura do apóstolo dos guaranis. Tendo sempre em vista a felicidade suprema e imperecedoura dos seus protegidos, ele se faz tudo

65. Ibidem p. 469.

para todos, a exemplo do apóstolo das gentes. Mas uma das qualidades que no-lo tornam mais simpático é a coragem e intrepidez com que sempre terçou armas em favor dos infelizes índios, pelos quais era capaz de dar a vida se preciso fosse. Ora ralha asperamente a homens desalmados que pretendem abandonar no mato algum parente enfermo ou velho decrépito; ora defende com altivez o fraco contra os desmandos de algum cacique; já são donzelas e esposas perseguidas que encontram no angélico sacerdote o mais destemido defensor da sua inocência e honra; já é ele que dirige pessoalmente a defesa da aldeia contra as agressões dos inimigos das vizinhanças.

O que mais, porém, nos manifesta a sua alma nesse particular, foi o incidente que teve com seu irmão o tenente-general Francisco González de Santa Cruz, que dirigia interinamente os destinos da província como vice-governador depois da morte do governador Diogo Marín Negrón, que fora sempre excelente protetor da religião e amigo da Companhia de Jesus. É que Francisco González se deixara iludir por alguns soldados gananciosos e os incorrigíveis “encomenderos”.

Em consequência das humanitárias disposições do visitador Alfaro, a causa dos ameríndios e dos seus defensores, os jesuítas, passou em 1614 por amarga crise, porque alguns índios de Santo Inácio-Guaçú, estribados nas concessões que o visitador lhes fizera, se haviam negado a ir trabalhar nas minas dos “encomenderos”, resistência que estes atribuíam às instigações da Companhia. Seja que o general Francisco González quisesse comprazer os queixosos, seja que ele próprio estivesse realmente convencido da obrigação dos índios a respeito dos “encomenderos”, certo é que ele escreveu uma carta a seu irmão que se achava em Santo Inácio, prestes a partir a uma excursão. Não conhecemos os termos desse documento; mas pela resposta, que leva a data de 13 de dezembro de 1614, ficamos suficientemente inteirados do assunto e vemos claramente que o padre Roque, tratando-se de pugnar pela justiça do inocente, não respeitava nem os laços do próprio sangue.

Reproduzimo-lo literalmente com todos os defeitos estilísticos.

“A graça de Nosso Senhor — assim começa o padre — seja sempre com Vossa Mercê, cuja carta recebi, e por ela e pelas demais coisas compreendi o grande sentimento e queixas desse campo contra

os índios e em especial contra nós. Isso, em parte, não é coisa nova para mim, sabendo que não é de ontem, mas muito antigo nesses senhores “encomenderos” e soldados o queixarem-se, passando ainda muito além e provocando até grandes contradições contra a Companhia, à muita honra e glória dos que as têm padecido, por ser causa tão justa como defender os índios e o direito que tinham e têm de serem livres da dura escravidão e servidão do serviço pessoal em que se achavam, sendo, como são isentos por lei divina e humana.

“E estes debates cresceram mais depois de os da Companhia, fazendo nisso sua obrigação como fiéis ministros de Deus Nosso Senhor e vassalos de Sua Majestade, terem apoiado o que justissimamente ordenou, mediante seu visitador, que os índios fossem livres da servidão em que estavam e, com a Real Audiência — não obstante a apelação — confirmasse isso e os índios fossem tomando a liberdade que o Rei nosso Senhor lhes dava, pagando seu tributo, temeram os “encomenderos” que por esta razão lhes haviam de causar grave prejuízo os da Companhia que nos achávamos nestes povos, enganando e impedindo [como dizem eles] aos índios de receberem a taxa de Sua Majestade, não querendo servir como dantes.

“E para evitar isso pediram que fôssemos afastados daqui, enquanto lá em Assunção e aqui neste povoado ocorriam coisas que silencio de propósito, das quais Vossa Mercê e toda a cidade são testemunhas, a ponto de quererem fazer requerimento ou de fazê-lo de fato, no sentido de sermos lançados daqui à força e virem soldados para isso. E, embora aquele que chegou em consequência dessas petições nos expulsou de nossa igreja, impedindo-nos e não querendo que disséssemos missa nela, não bastando para mitigar este fogo nem o direito da Companhia, nem os meios de paz que tomei para isso, nem a autoridade e presença do padre procurador Diogo de Torres, pessoa que por sua santidade e saber é venerada não só nestes reinos, mas ainda nos de Espanha e Itália, nem tão pouco sua reverência o padre reitor (Lorenzana), verdadeiro pai daquela república; antes cresceu este sentimento mais depois de os índios deixarem de ir à missa, querendo pagar aqui o tributo como Sua Majestade lhes mandara [— pelo qual, na boca dos habitantes do Paraguai já estavam rebeldes, ou a ponto de fazê-lo, porque não iam servir], atirando a culpa de tudo aos da Companhia que aqui estávamos. Mas nem os índios,

nem nós — ainda que Iho tivéssemos aconselhado — temos culpa, antes mérito perante Deus Nosso Senhor e Sua Majestade, o Rei, o qual folgará muito que os índios tenham coragem para, saber usar de sua justiça e acho que ele sentiria muito, e com ele Seu Real Conselho que — depois de haver mandado por seu visitador de não tirarem os índios destes povos a [trabalhos da] “mita”, e, havendo confirmado isto a Real Audiência de Chuquissaca, ordenando que assim se executasse, enquanto o Real Conselho não dispusesse outra coisa —, se hajam atrevido a tirá-los contra a justiça e as cédulas que possuíam para não ir, ameaçando-os com 100 homens que estavam de prontidão, no caso de não irem, como o disse o capitão João Ramos de Vera que veio a prendê-los, diante do qual disseram que queriam fazer o que Sua Majestade mandava, pagando, na sua terra, o tributo e taxa que deviam a seus “encomenderos”, protestando que iam ao Paraguai contra a sua vontade. E esta resposta foi causa da má vontade contra os índios e contra nós.”

Depois desta valente defesa dos seus filhos e dos padres da Companhia de Jesus o beato missivista declara categoricamente ao irmão que o motivo de todas essas violências outro não era do que a sórdida avareza dos “encomenderos”, citando o testemunho de um que escreveu confessando que, se os padres mudassem de parecer nesta questão, eles os deixariam em paz. Na alma reta, porém, do defensor dos naturais não cabiam semelhantes pactuações.

Logo, particularizando as queixas mais recentes, formuladas por Francisco, diz que mandou uns trinta índios ao trabalho, porque o tenente-general assim o ordenara, embora nenhuma obrigação tivesse de obedecer, e atribui o motivo da apressada volta desses trabalhadores ao excessivo serviço, aos maus tratos e à falta de alimentação. “E este último já é suficiente para cada qual olhar pela conservação da sua vida”.

Quanto à incriminação de ser a Companhia a culpada de os índios se recusarem a trabalhar ainda nas “encomiendas”, refuta-a dizendo que também os índios que nunca tiveram trato com os jesuítas fugiram do mesmo modo dos “encomenderos”, instigados por um índio ladino de Itá.

O que toca à terceira queixa de os índios serem estorvo para o serviço de Deus e do Rei, pergunta primeiramente que serviço de

Deus Nosso Senhor impediram os índios? Quanto ao serviço real, afirma redondamente que mais aprovará o monarca a desobediência aos “encomenderos” do que o sujeitar-se a eles. Nesta asserção mostra o padre Roque estar mais ao par das disposições reais do que seu irmão, o vice-governador, e continua textualmente: “Senhor general, [a cédula real] diz que estes índios não podem ser constrangidos a ir, nem notados, nem castigados, como desobedientes, porque não vão contra mandamentos, nem ordem do Rei nosso Senhor, antes agem conforme a eles; e enquanto não constar de uma ordem contrária de Sua Majestade, ninguém os pode castigar; e se agora vai certo número de índios, fazem-no contra sua vontade e a dos seus caciques, em virtude das ameaças de violências que Vossa Mercê lhes fará, se não forem. E para evitarem esses danos, temos procurado induzi-los a enviar alguns, como o fazem, bem que outros têm preferido usar do seu direito, como eu; embora os que vão, podecerão agora, mas Nosso Senhor que vê e sabe tudo, enviará remédio; — e a mais tardar, não estará longe de nós o dia em que premiará serviços e boas obras e se castigarão as vexações, particularmente as feitas contra pobres. Donde espero verá claramente Vossa Mercê como se informaram mal os habitantes e “encomenderos” destes povos (quicá enganados por sua paixão), dizendo que, não obstante se guardarem as leis, os índios não têm com que lhes pagar muitos anos de tributo que lhes devem. Produziu isto em mim não pequena maravilha, porque sei ao certo que, com tudo quanto possuem, ainda que ficam em camisa, não poderão satisfazer, nem pagar o muito que, em rigor de substância eles devem aos índios.

“O estarem os “encomenderos” em tão grande cegueira, é a causa pela qual pessoas de ciência e tementes de Deus Nosso Senhor não os querem ouvir de confissão. E, de mim digo não ouvirei em confissão a nenhum por tudo que há no mundo, porque causaram o mal e nem sequer reconhecê-lo querem, quanto mais restituir e emendar-se. Lá o verão eles e para seu mal, se não se emendarem e compuserem antes com os índios perante Aquele que, sendo infinitamente sábio não a lançar-lhe dado falso. Não seria meio ruim para se não ver então em apertos, o que tomou Hernandárias, compondo-se e perdoando o tributo aos índios por um bom par de anos; mas já que não o fazem, não afirmem que os índios lhes devem a eles...

“E se Vossa Mercê perguntasse os desta povoação, se os seus “encomenderos” lhes deviam alguma coisa, diante de procurador, que, como menores que são, os defendesse, exigiriam, sem dúvida, o trabalho de seus pais e avós e o seu próprio que, até agora, está por ser pago... Mas suposto que os “encomenderos” querem seu tributo, deixando para outro tempo o compor-se, satisfazer e pagar aos índios o que lhes devem, estes preferem trabalhar na sua terra para lhes pagar, e lavrar suas chácaras para se sustentar a si, suas mulheres e filhos, com o qual não farão pouco nem ficarão ociosos, e Vossa Mercê terá saído do cuidado que lhe dava a ociosidade destes índios, querendo tomar medidas tão contrárias às suas almas e seus corpos, estando apartados das suas esposas que é a ruína e destruição espiritual e temporal destes povos como o tenho visto em casos particulares, andando eles pelas estradas e terras estranhas feitos uns vagabundos, sem doutrina nem ensino.

“Pelas cartas que recebi, e mais em particular de outras pessoas, fui informado da grande licença que tomaram nesse campo de falar mal e murmurar pesadamente da Companhia e de seus filhos. Nós que o somos, ainda que indignos, lhes perdoamos, quanto ao que nos toca, mui de coração, rogando, com muito afeto a Nosso Senhor, como a Pai de misericórdia, que a tenha deles e lhes perdoe. Verdade é que Sua Divina Majestade sente tanto os agravos e ofensas feiras contra seus sacerdotes e religiosos, que costuma assentar a mão da sua divina justiça sobre os tais com tão horríveis castigos que faz estremecer as carnes o ouvi-los ou lê-los na Sagrada Escritura; e assim ninguém se burle de Deus Nosso Senhor que tem braço onipotente. E eu confesso que estou temendo gravíssimo castigo do Céu para esta província por terem faltado muito os dela a este respeito e agora mais em particular para que comecem a ter mão em si.”⁶⁶

Se bem que a única cópia que se conhece desta longa epístola, — existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, — seja truncada no final, o que aqui reproduzimos já nos dá ideia bastante clara da profunda convicção do destemido missionário acerca da justiça que assistia aos infelizes índios, tão iniquamente explorados pelos brancos e da disposição em que estava de lutar contra quantos ousassem desrespeitar esses direitos, embora fosse um irmão aliás muito preza-

66. Apud REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO-GRANDE-DO-SUL. Ano VIII, III trim., 1928, p. 438 ss.

do. O general Francisco González não lhe levou a mal essa linguagem franca, que ele muito bem sabia brotar do coração de um santo, como logo teremos a oportunidade de verificar. A enérgica intervenção do padre Roque, muito acatado no Paraguai, influiu notavelmente para acalmar a tormenta, posto que não a dissipasse de todo, pois ainda mais adiante haveremos de vê-lo quebrar lanças pela liberdade dos seus amados índios.

Em toda América foi sempre uma prerrogativa quase exclusiva dos filhos de Santo Inácio serem não só os dianteiros, mas também os defensores mais denodados da liberdade dos naturais da terra, ainda que essa atitude lhes acarretava os mais acirrados ódios e as mais intensas perseguições. Se nisso houve “crime”, foi unicamente por se haverem adiantado por dois séculos à lenta marcha da civilização através do continente americano⁶⁷⁾

67. Consulte-se a nupérrema “História da Companhia de Jesús no Brasil,” por SERAFIM LEITE, S. J., tomo II, livro II, cap. IV, pág. 194 ss. — e “Organización Social de las Doctrinas Guaraníes” por PABLO HERNÁNDEZ, S. J., tomo II, p. 141 ss. — e As Invasões Bandeirantes no Rio Grande do Sul (1635 - 1641) por LUIZ GONZAGA JAEGER, cap. XV.

11. FUNDAÇÃO DE SANT'ANA E ITAPÚA⁶⁸. *UMA VISITA INDESEJADA*

(1615)

Quatro anos passara o padre Roque em Santo Inácio-Guaçu, imprimindo-lhe seu cunho característico. Nesse meio tempo, completara a tradução ao guarani do catecismo de Lima feita por Bolaños, segundo no-lo atesta o padre Lozano, — acrescentando-lhe os artigos da fé e a salve-rainha — trabalho que, por sua excelência linguística e a clareza dos caracteres com que foi escrito, havia de ser de suma utilidade para os demais missionários dos povos guaranis. Foi por isso que o Sínodo de Assunção, de 1631, o prescreveu a todos os párocos dos indígenas. (CARLOS TESCHAUER, *A Língua Guarani e o Ven. P. Roque González*.)

Cuidando os superiores que a redução já estava suficientemente consolidada, pensaram em lançar o indefesso conquistador a novos empreendimentos.

Roque só aguarda a voz de Deus, representado por seu superior. A morte, que deverá afrontar repetidas vezes, não a teme seu coração profundamente amante do Supremo Bem e enamorado da alma dos seus mínimos irmãos da terra, os selvagens das florestas e das ribeiras dos grandes rios.

Entretanto, quem julgaria que esse homem, que parecia ser todo força e coragem, sofresse no seu íntimo gravíssimas tribulações e imensos obumbramentos que lhe anoiteciam a formosa alma? É que Deus, na sua paternal providência, queria purificar mais e mais seu ardoroso coração, atraindo-o sempre mais a si.

68. Os escritores antigos e modernos escrevem promiscuamente Itapúa, Itapoa, Itapuã e Itapua. Preferimos a primeira por ser uma das mais frequentes. Ita = pedra; púa = redonda. Itapuã = pedra levantada. O lugar é provavelmente o mesmo em que se acha hoje a florescente cidade argentina de Posadas, capital do Território de Misiones, cercada por abundantes pedras arredondadas (Revista buenairense “Estúdios”, abril 1940. p. 308). Seis anos mais tarde, porém, foi transferida Itapúa para a outra banda do rio Paraná, onde assenta a cidade paraguaia de Villa Encarnación.

Na visita do padre Diogo de Torres a Santo Inácio, em 1614, a que já nos referimos, o bem-aventurado, conforme a regra da Companhia de Jesus, descobrira ao padre provincial toda a sua consciência, manifestando-lhe juntamente os pesares que martirizavam seu espírito. O superior, como pai solícito, tratou de confortá-lo, receitando-lhe o remédio que o caso demandava. O padre Lozano conservou-nos o conteúdo de uma carta particular dirigida ao provincial em que Roque fala das suas penas e aflições. No dia 26 de novembro de 1614, assim escrevia: “Fiquei com as minhas aflições do coração tão contínuas depois que dei conta a V. Rev.^a nesta redução que nem aproveitou purgar-me, como V. Rev.^a me mandou, antes, agora todos os meses, cinco ou seis dias antes ou depois da conjunção da lua me apertam tanto que me vejo e desejo, e tão a pique de perder a vida ou dar em algum disparate. “*Sicut fuit voluntas Dei in coelo, sic fiat.*” A minha vontade outra não é senão a de cumprir a de V. Rev.^a, ainda que seja morrendo, porque — como outras vezes tenho dito a V. Rev.^a — não tenho outra consolação, nem gosto, senão o de V. Rev.^a, porque fazendo-o, faço o de Deus, e assim digo que, posto que vivo morrendo aqui e temo de perder o juízo, a julgar pelo cansaço da cabeça e pelo quebrantamento que me produz a contínua guerra que sempre tenho, com tantos escrúpulos e tanta solidão e melancolias: contudo digo que estou resolvido a ficar aqui, embora morra de mil mortes e perca mil juízos, que não serão para mim perdas, mas lucros. E assim, meu padre provincial, disponha V. Rev.^a de mim como julgar que mais convém ao serviço de Nosso Senhor, que eu não quero outra coisa senão o que V. Rev.^a quiser; nem posso estar aqui, nem ali; senão que V. Rev.^a faça e disponha de mim à sua vontade e gosto “*ad maiorem gloriam Dei*”.⁶⁹)

Este estado de corpo e alma, suficiente para acobardar coração menos fervoroso que o seu, não arredou ao padre González um dedinho das magnas empresas de que a santa obediência ia incumbi-lo.

69. BLANCO, p. 117-118.



Trecho do rio Ibicuí, entre Cacequi e Alegrete, navegado pelo beato p. Roque. (P. 189).



O rio Ijuí no Passo-Pires, entre o Cerro-Azul e S. Lúcia. (Pp. 247 e 304).



O célebre “Estreito” do alto rio Uruguai, duas léguas abaixo de Marcelino Ramos, onde esse manancial, — antes de 400 a 500 m. de largura, fica estrangulado num sorvedouro granítico de poucos metros de largura e vários kms. de extensão entre o Rio-Grande e S. Catarina. (p. 183.)



O rio Uruguai no seu curso médio, fotografado em Porto Mauá. Do lado de lá: margem argentina, Território de Misiones. (Pág. 143).

Vamos acompanhá-lo através de uma sugestiva relação que ele próprio remeteu ao novo provincial, padre Pedro de Onate⁷⁰.

Lá pelos fins de 1614, sendo ainda provincial o padre Diogo de Torres, um dia, “havendo rezado uma ladainha de Nossa Senhora, ele nos encorajou, ao padre Francisco del Valle e a mim, para entrarmos por aquelas praias do rio Paraná, a fim de procurar e ajuntar no rebanho do Senhor aquelas ovelhas perdidas. Saí da redução e depois de andar “duas” léguas⁷¹ cheguei ao Paraná e à Laguna de Sant’Ana, onde quis Nosso Senhor pagar-me logo de contado o trabalho do caminho que é muito estafante, cheio de pântanos, porque entre estes infieis havia um cristão que estava quase nas últimas. Ouvi-o de confissão e logo depois morreu, e enterrei-o junto a uma cruz que erguemos ali. Pedi a estes índios que se reunissem, e eles o fizeram com muitas mos-tras de amor e desejo da sua salvação.”

O historiador Techo, falando nesta excursão, completa a narração do padre Roque dizendo que o moribundo revelara ao santo missionário que aquela região havia sido visitada já por frades franciscanos de Corrientes. O prudente jesuíta, querendo evitar qualquer conflito de jurisdição — suspeita fundada, que a história depois ratificou — antes de firmar pé em Sant’Ana sobre a orla da laguna Ibe-rá, desceu até Corrientes para se entender com os bons filhos de São Francisco, acerca do futuro daquele posto. Segundo o mencionado cronista, foi combinado que, se no prazo de seis meses os padres de São Francisco não enviassem sacerdotes de sua Ordem, o padre Roque poderia tomar posse da redução em nome da Companhia⁷².

Feito esse convênio, o missionário remontou o Paraná, feito todo olhos e ouvidos para observar e estudar as possibilidades de fundar novos centros de cristianização naquelas bandas.

Mas sigamos seu próprio informe: “Subi navegando o rio acima, e perto de uma aldeia de índios pagãos ouvi grandes choros; perguntei o que era; disseram que havia morrido uma criança. Fui voando, encontrando-a ainda boquejando; batizei-a e morreu logo. E para que se veja a eficácia da divina predestinação, antes de chegar a este povoado, os índios que remavam, puseram-se a fazê-lo a porfia,

70. Ânua do p. Pedro de Onate, apud “Documentos para la Historia Argentina”, XX. 22.

71. Provavelmente, por equívoco, o novo provincial copiou dos (duas) em vez de doce (doze) léguas, que é a medida exata.

72. TECHO, tomo II, pág. 317 s.

com o único fim de divertir-se; mas Nosso Senhor que tinha escolhido aquela alma, queria que ela se salvasse e batizasse no tempo que eles ganharam remando.”

Logo menciona o lamentável caso de uma índia que perdeu a oportunidade de batizar-se, porque o padre fora detido um dia inteiro por um grande temporal, durante o qual ela morreu sem batismo, graça que Deus reservara a uma criancinha que, regenerada pelas águas batismais, logo que chegou o missionário, foi imediatamente a gozar de seu Criador. “Em todos esses povoados, eu lhes ia declarando a minha intenção, que era a de dar-lhes a conhecer o seu Deus e Criador, para que o adorassem e reverenciassem; mas o demônio, temeroso de sair da sua antiga possessão, procurava todos os estorvos possíveis, movendo os ânimos dos índios contra mim.”...

“Mas adiante quiseram impedir-me também o passo, dizendo-me que voltasse, mas eu lhe disse que não havia vindo para isso, senão para lhes ensinar o caminho do Céu. Com estas palavras, e, dando-lhes algumas coisas, se abrandaram muito, e, parecendo-me o sítio a propósito para a Companhia fazer uma redução, lhes declarei que desejava erguer ali uma cruz que eles mesmos, com ser infiéis, ajudaram a levantar.”⁷³

Voltei a dar conta disso ao padre Marciel de Lorenzana, reitor desse colégio de Assunção e pedir companheiros.”

Entretanto, o padre Roque solicitava dos superiores, lá pelos primeiros dias do ano de 1615, não só novos obreiros para aquela messe, que já loirejava diante dos seus olhos, mas também desejava conhecer, concretamente, os limites da jurisdição do seu apostolado, a fim de evitar, quanto possível, aborrecimentos e atritos que acaso se apresentassem.

Isto aparece claramente do seguinte documento que lhe forneceu Francisco, seu irmão, governador interino do Paraguai, declaração que tem o seguinte teor:

“O capitão Francisco González de Santa Cruz, tenente-general e governador nesta cidade de Assunção, cabeça das províncias do Rio da Prata, Concepción e Cidade de Vera, etc. — Digo que, porquanto, os padres da Companhia de Jesus, com sua muita caridade e zelo do

73. Isto parece ter sucedido no dia 25 de março de 1615, festa da Anunciação de Nossa Senhora, visto o lugar ter sido denominado “Encarnación de Itapúa” com igreja dedicada ao mistério da Encarnação do Verbo.

serviço de Deus Nosso Senhor e de sua majestade falaram e apalavraram muitos índios infiéis para reduzi-los e estabelecê-los em partes e lugares cômodos, onde sejam doutrinados e instruídos nas coisas de nossa santa fé católica; —Pelo qual, e por outras muitas coisas que a isso me movem, eu, em nome de sua majestade e em virtude dos poderes que para isso tenho, Dou licença e faculdade ao padre Roque González de Santa Cruz, da dita Companhia ou a outro qualquer da dita Companhia para que povoe e faça em nome de sua majestade, três ou quatro reduções nas partes e lugares que melhor lhe parecer, e em particular “em frente a Itapúa da outra banda do rio Paraná” e sobre a laguna de Sant’Ana, — e mando sob pena de 200 pesos para a câmara de sua majestade que nenhuma pessoa de qualquer estado e condição que seja, de nenhuma maneira ouse estorvar ou impedir as ditas reduções, porque com a dita pena (na qual desde logo o dou por condenado) quem tal impedir ou fizer impedir, será castigado rigorosamente, como pessoa que procura impedir coisa tão santa e de tanto serviço de Deus Nosso Senhor e de sua majestade.

Datada em 23 de fevereiro de mil seiscentos e quinze anos.

Francisco González de Santa Cruz.

Por seu mandato, Francisco de Fuerta,

Escrivão Público.”⁷⁴

Municiado com este documento, voltou às margens do Paraná. Ali teve a grande satisfação de verificar como, na sua ausência, seus neófitos itapuanos, que de primeiro não queriam consentir que houvesse padres entre eles, repeliram com armas na mão um numeroso grupo de índios da parte superior do Paraná, que lhes haviam declarado guerra por terem hospedado ao padre Roque. Eles, cercando a cruz que os agressores pretendiam derribar, embora pouco numerosos, afugentaram os inimigos.

Mas demos novamente a palavra ao próprio padre: “Procurei voltar com muita brevidade, acomodei-me numa chocinha junto ao rio, até que um pouco depois me deram outra cabana de palha algo maior, e, pouco mais de dois meses depois, o padre reitor enviou o padre Diogo de Boroa. Chegou no segundo dia da páscoa do Espíri-

74. Coleção de Ângelis VII, 14, Rio de Janeiro, Apud BLANCO, p. 121.

to Santo (lá por junho de 1615), e ambos nos consolamos muito de nos vermos por amor de Deus Nosso Senhor, em lugares tão remotos e apartados, acomodando-nos ambos na palhoça, que tinha divisões feitas de cana. E com a mesma estava separada uma capelinha, um pouco mais espaçosa que o altar, onde dizíamos missa. Com a virtude deste soberano e divino sacrifício da santa cruz, na qual se ofereceu, e estava ali triunfando, os demônios, que dantes apareciam aos índios, não se atreveram a aparecer mais. Assim o declarou um índio, depois que os padres vieram aqui, não nos apareceu mais o demônio. Naquela casinha estivemos com não pequena necessidade de tudo, porque o frio, não tendo defesa, era tão intenso que nos tirava o sono. A comida, umas vezes, um pouco de milho cozinhado, outras farinha de mandioca que comem os índios. E, porque costumávamos mandar ao campo à procura de umas ervas de que gostam os papagaios, os índios, gracejando, diziam que nós éramos papagaios.”

“E, como o demônio visse que a coisa ia tão bem avante — ou falando-lhes por si mesmo ou por meio dos seus ministros, temendo perder o que havia ganho em tantos anos, se a Companhia de Jesus entrasse nestas tão dilatadas províncias — espalhou por todo o Paraná que éramos espias e sacerdotes falsos e que nos livros trazíamos a morte, e isso com tal arte que, estando o padre Boroa declarando, por meio de algumas imagens a alguns infieis, os mistérios da nossa fé, tiveram medo de chegar-se perto das imagens, não se lhes pegasse a morte. Mas pouco e pouco vão se desenganando e vendo com seus olhos como os nossos [padres] lhes são verdadeiros pais, dando-lhes com amor paternal quanto pedem, sempre que o haja em casa, e sendo-lhes médicos, não só de suas almas — que é o principal — senão também dos seus corpos, ajudando-lhes em todas as suas doenças e trabalhos de dia e de noite. Ao vermos como os índios nos cobraram amor, tratamos de fazer uma pequena igreja. Apesar de ela ser baixa e coberta de palha, estes pobrezinhos tanto se admiraram que lhes parecia palácio real e, olhando para o teto, se maravilhavam. Ambos, alternadamente, embarrávamos a parede para mostrar aos índios que nem isso eles sabiam. Ficou pronta para o dia de nosso santo Padre Inácio do ano passado de seiscentos e quinze.”⁷⁵

75. “Documentos para la Historia Argentina”, XX, 24 s.

O eminente psicólogo sabia realmente não só educar com mestria consumada seus filhos da selva, mas possuía o especialíssimo dom de lhes fazer fácil e agradável tudo quanto deles devia exigir. A própria escolha do lugar de Itapúa já representava um felicíssimo lance. É assim que, cinco anos mais tarde, no-lo descrevia o provincial padre Onate na sua Ânuia de 17 de fevereiro de 1620:

“Está num posto tão ameno e deleitável que parece que com pincel não se podia pintar melhor; porque além da frescura dos prados e bosques que estão sempre verdes, assenta num alto sobre o rio Paraná, que mede ali meia légua de largura e forma uma grande enseada que parece mar, por cuja estreita boca vemos desde os nossos próprios aposentos vir todas as canoas que chegam rio acima de Iganha e Iguaçu e passam ao Hirauai [Uruguai], que fica ali perto. E, como os padres puseram ali todo o seu coração e contentamento na conquista de todas estas três províncias que tanto têm à vista, não se pode imaginar para eles coisa de maior deleite e recreação.”⁷⁶

Todas essas belezas naturais e artificiais já os trazia na retina nosso incansável padre Roque quando amassava com suas próprias mãos o barro para a igreja de Itapúa, a qual ficou concluída para 31 de julho de 1615, “no qual dia — como ele mesmo escreve — dissemos a primeira missa, procurando celebrar aquela santa festa com a renovação dos nossos votos e com outros regozijos exteriores, segundo a pouca possibilidade da terra. Procuramos introduzir um bailado, mas os rapazes estão ainda tão desajeitados que não saiu nada. Colocou-se um sino num campanário de madeira, que causou não pouca admiração como coisa nunca vista nem ouvida naquela terra. E, o que foi de muita devoção é que os índios levantaram uma cruz em frente da igreja, e havendo-lhes eu explicado a razão por que os cristãos a adoramos, nós e eles todos a adoramos de joelhos; e, bem que, seja a última que há nestas bandas, espero em Nosso Senhor que há de ser princípio de que se levantem outras muitas. Os bons princípios nos dão prendas dos fins, porque dois dias antes da festa de nosso santo Padre Inácio, veio um cacique do Uruguai a ver-nos, e saiu tão contente e afeiçoado que declarou, que, acabando esta sementeira, havia de vir para a nossa redução.”⁷⁷

76. *Opus cit.*, 211.

77. *Ibid.*, 25.

Com este encontro, o sonho dourado do bem-aventurado missionário de levar o estandarte da fé às ribanceiras do Uruguai, experimentou novo alento. É que as informações que recebia acerca dos habitantes desse rio, como que o arrebataavam.

“Pouco depois — diz — desci à laguna de Sant’Ana”. No arranjo daquela redução gastou três meses, nos quais — conforme se exprime o padre Boroa — ergueu cruz, edificou uma pequena igreja e congregou mais de 200 almas. Não pode caber dúvida que ele trazia consigo o documento que lhe fornecera seu irmão, autorizando-o para aquela fundação. Todavia — apesar de o padre Roque ter sido quem iniciou, em 1615, Sant’Ana do Iberá, os padres franciscanos, apoiados em Hernandárias, requereram para si esse posto, já que, anos antes, ali haviam pregado o Evangelho, pretendendo reunir esse povoado com outro seu, próximo de lá. Uma vez que não faltava campo onde expandir seu zelo, o padre González cedeu o cuidado de Sant’Ana aos filhos de São Francisco, com os quais aliás continuou a manter boas relações.⁷⁸

Chegando a Itapúa, de volta de Sant’Ana, por novembro de 1615, comunicam-lhe ao terceiro dia, que, seis léguas mais abaixo se achava o governador Hernandárias, que, mediante uma carta, lhe manifestava o desejo de avistar-se com os padres. “Fui recebê-lo — escreve o padre Roque — na Ânua de 1615, que estamos trasladando — com dez canoas em que iam os caciques. Estes suplicaram-lhe que ele fosse ver a sua povoação. Veio com 40 soldados e antes de saltar em terra, foi com muita piedade adorar e prestar reverência a uma cruz, que havíamos levantado poucos dias antes, quase no meio do grande rio Paraná, e lhe fez salva de arcabuzaria, fazendo os soldados outro tanto. Procuramos recebê-lo com muito amor e hospedá-lo conforme a nossa pobreza, pelo qual o governador ficou muito penhorado e contente da redução, porque, como ela já está grande e com suas ruas, e o sítio é bom, teve muito prazer, afirmando que não compreendia que em três anos se tivesse feito tanto, e depois de ouvir missa, mandou seus soldados rezar em ação de graça por terem assistido à missa com tanta paz onde, até então, espanhol não havia posto seus pés. À saída do porto, tornou a prestar a mesma reverência e salva à santa cruz, como havia feito à entrada. Verdadeiramente, o governador não dei-

78. TECHO, tomo II, pág. 330 e PASTELLS, Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia dei Paraguai, tomo II, n.º 919, p. 314.

xou de ter ocasião de se maravilhar, porque ninguém pode negar ter andado nisso a poderosa mão de Nosso Senhor, já que com tanta facilidade abandonam estes índios suas terras, seus parentes e herdades, vindo a fazer povoado e “reduzir-se” onde está o padre, sendo coisa sabida que os dois ou três primeiros anos passam com tanta fome e necessidade, como se pode imaginar.⁷⁹

Vem aqui a pelo perguntar que pretendia Hernandárias com essa subida ao rio Paraná “onde, até então, espanhol não havia posto os pés”, e por que voltou tão apressadamente?

Roque, aliás tão explícito em pormenores, na mencionada carta atira inesperadamente um véu sobre essa visita, como quem receia dizer demais. De feito, a prudência e a caridade assim o exigiam dele. Afortunadamente, porém, possuímos outras fontes que nos esclarecem bastantemente acerca desse caso.

O padre Pastells⁸⁰ entre os documentos da sua História da Companhia de Jesus na Província do Paraguai, publica uma certificação jurada do padre Boroa, companheiro do beato Roque na quadra de que nos ocupamos. Entre outras coisas diz o seguinte:

“Ocupavam-se ambos os padres (González e Boroa) em doutrinar a gente e concluir uma igreja em que trabalhavam por suas mãos: e, ficando só o padre Boroa, desceu o padre Roque González, acompanhado de índios, para dar princípio à redução da laguna de Sant’Ana, onde levantou cruz, uma pequena igreja e ajuntou mais de 300 almas; donde rumou para Assunção, a fim de dar conta ao governador Hernando Árias de Saavedra das reduções começadas; o qual visitou no dia de Santa Bárbara⁸¹ a última redução e voltou ao Aguapei, por onde havia vindo, aquele mesmo dia, sem dormir em Itapúa, aonde pouco depois aportaram as canoas de guerra de infieis que eles haviam visto, e foi a causa da retirada [do governador]. O padre Roque desceu com o governador até à redução de Sant’Ana, deixando-a aos padres de São Francisco, para uni-la com a de Jaguari e voltou para terminar a dos itapuanos e seus camarcãos. Fundou, com licença do governador, a redução de Jaguapoa, subindo dali em missão o Paraná, até debaixo do Salto do Guaíra ...”

79. Documentos para la Historia Argentina, XX, 25.

80. PASTELLS, op. cit. pág. 314 e 315, n.º 919.

81. 4 de dezembro de 1615.

Deste atestado e do que escreve o padre Techo, tomo II, p. 328-330, chegamos a desvendar suficientemente esse episódio na vida do padre Roque. É sabido que Hernandárias, tendo dado provas cabais de magistrado probo e competente, tornou a ser incumbido segunda vez, em 1615, do governo do Paraguai. O padre Roque, nos três meses de estadia em Sant'Ana, deu um pulo até Assunção, a fim de se avistar com o governador e tratar com ele de viva voz alguns assuntos atinentes à missão de índios. Aí Hernandárias manifestou ao padre seu desejo de fazer uma excursão militar, ou alarde aparatoso de força, entre os bárbaros do rio Paraná. Roque, porém, com a privança que, como parente, tinha com o magistrado, procurou dissuadi-lo desse intento, alegando a ojeriza dos índios contra o nome espanhol, agravada por ofensas recentes, os quais não tolerariam semelhante entrada, que comprometeria além disso a própria obra dos missionários, se após eles viessem europeus. Mas Hernandárias fez ouvidos de mercador a essas prudentes e amigáveis ponderações. Conquanto não fosse mau cristão, era fidalgo de estirpe espanhola, cioso do lustre do seu nome, desejoso de ser o primeiro a calcar terra de bárbaros, aonde até então nenhum europeu avançara, fiado excessivamente no prestígio do padre Roque, e pretendendo puerilmente impressionar a audácia dos índios com demonstração de pompa e poder.

Tendo vindo contra o conselho do missionário, o padre Roque disfarçou seu desgosto e tratou de afastar do amigo e superior o grave perigo a que se expusera levianamente. A dupla e estrondosa salva de arcabuzaria perante a cruz, com que pretendeu mostrar aos paranás que os visitantes estavam armados, não foi capaz de amedrontar os selvagens. Techo afirma, que, vendo o governador toldar-se o céu por sobre a sua cabeça, tomado de medo, e alegando qualquer pretexto, arrepiou precipitadamente carreira ainda no mesmo dia em que viera. Mas, enquanto descia o rio, já lhe saíram a vedar a passagem cerca de 300 bárbaros armados, e te-lo-iam agredido, não estivesse presente o padre González, que interpôs a sua autoridade e valimento, amansando o furor indígena.

Techo conclui esse incidente com uma anedota, segundo a qual Hernandárias ofereceu a Tabaca, caudilho daquela força que viera atacá-lo, em nome do rei da Espanha, o bastão de mando sobre o rio Paraná, ao qual o morubixaba contestou com altivez que ele, até

então, havia exercido esse poder sem bastão e sem ele o exerceria futuramente também,

Se o governador escapou incólume daquele risco, foi somente efeito da prudência e extraordinária influência que exercia sobre os selvagens a veneranda pessoa do “apóstolo dos guaranis”. E os espanhóis puderam convencer-se mais uma vez da verdade já mil vezes comprovada de o poder da cruz ser incontestavelmente superior ao da mais afiada espada.

12. O CONQUISTADOR AUDACIOSO DO RIO PARANÁ

(Itapúa, 1616-1617)

No princípio de 1616, o padre Francisco del Valle, já nosso conhecido, veio de Santo Inácio para substituir o padre Diogo de Boroa, destacado para outro posto.

A fome e toda a sorte de privações que, segundo já ouvimos do padre Roque, acompanhava todas as novéis fundações, recrudesceram tanto em Itapúa que o padre Valle informava ao padre provincial que a quaresma desse mesmo ano de 1616, haviam-na começado com um ovo, refeição majorada pouco depois com alguns cardos silvestres, insípidos, até que Nosso Senhor os proveu com alguns legumes da terra, que lhes forneceu um bom religioso de São Francisco. Essa alma compassiva foi o venerável frei Luiz Bolaños, que demorava na próxima redução de Yutí, a qual, no processo de Buenos Aires, em 1629, nos informa, sob juramento, como chegou a saber dos apuros dos jesuítas de Itapúa e que espécie de “legumes da terra” lhes enviou. Atesta pois o seguinte:

“ ... e depois [o p. Roque] foi ao grande rio Paraná e correu desde as Corrientes e São João de Vera sessenta léguas o rio acima, buscando índios, “reduzindo-os” adoutrinando-os e assentando-os em povoações, em que padeceu muitos trabalhos, nudez, necessidades e fome, particularmente nos princípios da redução de Itapúa. E disso deu conta, por cartas, a esta testemunha, à redução de Yutí, onde assistia, manifestando nas ditas cartas, como havia “muito tempo” (“sic!”) que não comia outra coisa, senão umas folhas cozidas de mandioca, que é manjar e comida que os ditos índios usam na maior necessidade, e que, sabendo a [privação] que passava o dito padre, esta testemunha lhe enviou, desde a dita redução de Yutí, muitos índios carregados de farinha de raízes de mandioca, para ajuda do seu sustento e dos ditos índios.”⁸²

82. BLANCO, pág. 374.

Foi esta, sem dúvida, uma das mais sensíveis fomes do bem-aventurado missionário, que chegou ao ponto de ter de socorrer-se da caridade alheia para não sucumbir.

A carta do p. Roque ao novo provincial, a que nos referimos largamente no capítulo passado, concluía assim: “Agora começaremos outra redução sobre o mesmo rio Paraná, conforme licença que V. Rev.a deixa, e com a mesma espero no Senhor há de ser com muito fruto a entrada que por agora faremos ao Uruguai, ao grande rio, de cujo resultado avisarei a V. Rev.a”⁸³

Não podemos duvidar que essa fundação que pretendia iniciar seja Jaguapoa, à margem direita do Paraná, a meio caminho entre Sant’Ana e Itapúa. Mas esse seu desejo, por falta de colaboradores, só dois anos mais tarde é que o veria tornar-se alvissareira realidade. Entretanto, mais se intensificou o cultivo espiritual e material de Itapúa, sobre o qual existe pormenorizada relação, referente aos anos de 1617-1618.

Conquanto a obra progredisse a olhos vistos com a chegada de muitos índios e caciques influentes, todos bem dispostos a respeito da doutrina cristã, decorrido breve tempo, já se haviam batizado 94 crianças, — das quais cinco foram logo ao gozo eterno, — a redução foi visitada por terrível epidemia, como aparece no seguinte fragmento de uma carta do próprio Roque ao padre Onate:

“Vim aqui pela quaresma, e desde que cheguei, já vai para três meses, temos estado e estamos ainda em contínuo pranto, por causa da peste que há quase três meses que veio e anda tão furiosa que, se durar outro tanto, teremos acabado com a redução. Morreu muita gente e cada dia vai morrendo. Bendito seja o Senhor que se dignou de fazer seu agosto nesta pequena messe, bem que o demônio a tenha tido maior, porque de 4.000 almas [cristãs] que haverá por este Paraná, não se pôde acudir senão às “reduzidas” aqui que são umas 300, e estas nos têm dado e dão que fazer, por se acharem muitas nas chácaras e nos matos, de medo e horror que cobraram ao povoado. Fizeram-se algumas rápidas correrias aos povos mais próximos de a 5 ou 7 léguas, e batizaram-se algumas criancinhas que foram para o Céu. Mas como não pode haver assistência em seus toldos, muitos morrem sem o santo batismo, até dos vizinhos. Veja V. Rev.a que será

83. Ánua do padre Pedro Ofiate, 1615, em “Documentos para la Historia Argentina”, XX, 26

dos que ficam mais distantes. Nosso Senhor os contemple com olhos de misericórdia, aplacando esta peste e dando-lhes quem os cultive; e conduza para cá, com felicidade, a V. Rev.^a e os padres, para que se remedeiem estas missões e reduções novas, tão carregadas de misérias e trabalhos, como V. Rev.^a verá, trazendo-o Nosso Senhor para cá...”⁸⁴

Talvez para agenciar auxílio mais rápido e seguro contra os mencionados males, o padre Roque subiu novamente até Assunção, lá pelos fins de 1617, para conferenciar oralmente com o padre provincial. Obteve dele licença e ordem de explorar o alto Paraná e de tentar uma entrada até às margens do rio Uruguai. A descrição da primeira dessas excursões encontrámo-la na mencionada carta Ânua do padre Onate, de 22 de abril de 1618, transcrita de outra, da mão do companheiro de Roque, padre Francisco dei Valle, dirigida ao padre provincial.

Diz assim: “Depois de ter chegado do Paraguai, em conformidade com o que V. Rev.^a lhe havia ordenado, o padre Roque González foi-se dispondo para a missão e entrada na província de Yana, Guaçú e Uruguai, e o primeiro que ele fez foi falar aos índios desta redução para que o acompanhassem, mas eles, dispondo-o assim o demônio, resolveram de não levar o padre, declarando que os indígenas que ia procurar estavam lá com desejo de prender e matar o padre. O qual, vendo que por este meio se lhe fechava a porta, buscou outro, e foi que, sabendo que os índios do Yutí [dos padres franciscanos] estavam de caminho para a erva [mate] e haviam de passar por aqui, escreveu ao padre frei Alonso, religioso de São Francisco, no-los emprestasse para esta missão, ao qual o padre e eles assentiram de boamente, vindo quase cem índios, repartidos entre eles os ofícios que haviam de fazer com o padre. Mas, em falando com os índios desta redução, se perverteram de tal sorte que não foi possível que acompanhassem o padre, nem retê-los com afagos e promessas. Não desanimou o padre Roque, vendo frustrados seus planos, antes cobrando ânimo, Nosso Senhor lhe ofereceu outra boa oportunidade e foi que, sabendo que nossos índios de Santo Inácio desciam para a erva, combinou com os padres a que viessem para a expedição. Mas, ao chegarem, os desta redução, perverteram-nos, fazendo como os primeiros. Sentiram-no muito os padres de Santo Inácio e fizeram que um índio chamado Arapilandí,

84. Ânua do padre Pedro de Ofiate, de 22 de abril de 1618, *ibid.* pág. 140 s.

com doze [homens] escolhidos, remediasse o mal dos passados. Em companhia deles partiu o padre Roque, e eu comecei as trinta e três missas que havia prometido a Nosso Senhor, em reverência aos trinta e três anos de sua missão, a fim de que desse bom êxito ao padre em tão perigosa jornada.”

“Após a partida do padre, chegaram a este porto [de Itapúa] onze índios das primeiras aldeias do Yana, e contaram que haviam visto passar o padre sem poder chegar a falar-lhe e folgaram muito que fosse às suas terras. Também recebi um bilhete do padre em que me dava aviso como, havendo chegado com tempo bom às primeiras tabas, haviam-no recebido bem, mas que lhe tocaram alarma toda aquela noite, em todos os lugares da costa, com seus tambores e instrumentos bélicos, avisando uns aos outros da vinda do padre, coisa nova para eles, por ser a primeira entrada que espanhol fazia em suas terras.”

“Partiu dali e, navegando rio acima para margear os pagos de ambas as ribeiras, saiu-lhe ao encontro um cacique com 40 índios, com o fim de lhe impedir o passo. Para consegui-lo sem violência, ofereceu-lhe duas galinhas, suplicando-o que não passasse avante, pois não havia razão para cansar mais os índios. Atalhou-o o padre, mandando que se calasse e ouvisse o que Deus lhe enviava a dizer a ele e a todos relativo à sua salvação e ao mau estado em que se achavam. Pregou-lhes e, embora ouvissem, “*non receperunt verbum Dei*” (não receberam a palavra de Deus), mas deixaram-no passar.

“Chegou a descobrir o toldo de um chefe principal chamado Tabacambí, onde se reuniram mais de 200 índios para dar morte ao padre, havendo por isso grandes rumores e sinais, porque o cacique, tendo notícia por seus espias que a balsa do padre já vinha perto, antes que chegasse despachou um sobrinho seu, com forte escolta de índios armados e um bom refresco de erva para receber o padre, dizendo-lhe da parte do seu cacique que se detivesse um pouco, e, fazendo-o assim voltaram. O morubixaba convocou imediatamente os 200 índios e com eles fez uma rua larga desde o rio até a sua casa. Feito isso, pode aproximar-se o missionário, e o cacique, postas em ordem de guerra as duas fileiras e sua gente, saiu a recebê-lo, vestido de túnica branca até aos pés, tendo na mão um bastão de capitão-general. Chegado que foi o padre, cumprimentou-o a seu modo, e, querendo o chefe falar

primeiro, atalhou-o, mandando-o calar e ouvir o que da parte de Deus lhe vinha a dizer.”

“Pregou-lhes pausadamente, ouvindo-o eles com paciência. Ao terminar, alguns lhe disseram que fosse até suas terras, e ali o ouviriam. Queria, de fato, o cacique vedar a passagem ao padre, que o censurou severamente, dizendo que ele devia de ser algum mau índio, ministro do demônio e inimigo de todos, pois lhes queria impedir seu bem e salvação; que tomasse sentido, que Deus o castigaria como inimigo do bem comum. Com isto amainou o bárbaro, recebendo ele e os demais alguns presentinhos que o padre levava, que são os milagres com que esses pobres se ganham.”

“Daqui passou o padre costeando os índios de Carechurú, morubixaba cristão e apóstata. Este havia vindo com seus índios para ver-nos, e, reunindo na igreja tanto a eles como os de outro toldo para lhes pregar, lhes falou o cacique com soberba e arrogância bárbara, coisa que pareceu tão mal a outro cacique, que este tomou a palavra, fazendo-o calar, de sorte que, corrido, saiu com seus índios bramando, tendo-se por afrontado, e posto que o padre o chamasse, acariciasse e desse algumas coisas, correu a voz de que ele nos indispôs com os índios, sublevando a terra aonde o padre havia de chegar. Mas não devia suceder como se dizia, porque, passando o padre por sua povoação, lhe fez uma rua larga desde o desembarcadouro até sua casa, e, à porta dela, um grande recebimento à espanhola. Dispensou-lhe o missionário um louvor, declarando que bem se via haver ele estado entre espanhóis, e, em troca da sua hospedagem o avisava seriamente da parte de Deus do mau estado em que se achava, especialmente por haver apostatado da fé. Deixando-o com esta pílula no corpo, o padre encaminhou seus passos para as últimas tabas, e, havendo atingido o último [trecho] navegável deste Paraná, souberam da sua chegada os caciques principais dos derradeiros toldos onde se podia chegar. Convocando-se uns aos outros, fizeram uma armada de doze canoas com 200 índios de guerra. Os caciques chamavam-se Canarima, Pasiví e Aiarapotí. No mesmo momento em que chegavam ao porto, saiu o padre com sua balsa, e antes de saltar em terra, lhe saíram ao encontro muitos índios em esquadra, e aproximando-se em tropel da balsa, agarraram-na todos a uma, arrastando-a para a terra. O padre esteve com um pouco de receio até ver em que parava a festa, e, saltando em

terra, chegaram-se a ele os caciques, ficando os restantes em ordem de guerra, e, pondo-se de joelhos disseram: “Louvado seja Jesus Cristo!” e lhe pediram a mão para beijá-la.”

“Até aqui parece que tudo corria bem, e o padre, ao ver tanta humildade, começou de elogiá-los, dizendo que bem se via que eles tinham tido trato com espanhóis. Nessa ocasião lhes falou de Deus e manifestou a razão da sua vinda. Mas ainda não havia principiado, quando um dos morubixabas, despiando o pelego que trazia [sobre o corpo], estorvou o padre, dizendo: — Cala, não passes avante, que estou farto e cansado de ouvir essas coisas que dizes, porque sou cristão daqueles de frei Alonso Boaventura; eu era quem levava suas palavras aos índios e pregava as coisas dos cristãos. Se a isso vens, não te queremos ouvir, nem entres em nossas terras, que já conheço a vos outros e aos espanhóis”.

E, dirigindo-se aos outros chefes e aos mais que o estavam ouvindo, disse desaforadamente: — Os espanhóis enviam a essa gente para explorar nossas terras, com título de religião, e logo a seguir para nos expulsar delas e levar nossos filhos e mulheres.”

“Vendo o padre tão grosseiro atrevimento, ordenou-lhe duas ou três vezes, com império, que calasse, que diante dos ministros de Deus não se atrevesse a falar, e que ouvisse primeiro a palavra de Deus e os seus mandamentos. Embora o selvagem falasse, reprimiu-o o missionário, fazendo-lhes um longo sermão e, havendo terminado com sua embaixada, deixou-os na sua obstinação, dando-lhes algumas coisinhas que trazia para ganhá-los”.

“E desandando pelos mesmos povoados, todos lhe perguntavam como havia passado, pelo receio que tinham de tornar a vê-lo morto. Deus Nosso Senhor abriu porta com esta entrada do padre Roque González para muitas e mui gloriosas missões, entre os bárbaros que descobriu, e cada dia se irão descobrindo pela terra adentro. Chegou aqui o padre com saúde, havendo gasto nessa gloriosa empresa um mês, que somente seu santo zelo o pôde empreender.”⁸⁵ Até aqui a relação do padre Valle.

À vista do que acabamos de ouvir da boca do companheiro do padre Roque, não podemos regatear nossa mais sincera admiração ao bem-aventurado missionário. Quanta beleza moral a desse “veste-ne-

85. Op. cit. P. 141 ss.; e BLANCO, p. 592ss.

gra”, inerte e desacompanhado, a penetrar destemido nos valhacoitos indígenas, desafiando a sanha dos caciques, despedindo autoridade avassaladora dos seus olhos fulgurantes, empunhando na destra seu Deus Crucificado e na sinistra a meiga imagem da “Conquistadora”

O beato Roque parecia possuído por vezes do ardor de Elias e a intrepidez de João Batista. Entretanto, como a fiel imitador de seu Divino Mestre, não lhe faltou o “Crucifige” a desafinar-lhe os hinos da vitória. Mas a semente de Deus estava lançada nas abas do grande rio Paraná, que viria a produzir, anos após, cem por um em frutos espirituais.

13. UM ANO ATRIBULADO

(Itapúa, 1617 - 1618)

Depois dessa arriscadíssima excursão do alto Paraná, que levou a efeito talvez depois da Páscoa de 1617, na qual conquistou perpétua benemerência como primeiro que devassou as margens do possante rio, avançando até entestar com os rápidos perto da foz do Iguaçu, recolheu-se novamente à redução de Itapúa. Mas aí o surpreendeu o doloroso espetáculo da peste que lhe dispersava os índios já “reduzidos”, que fugiam aos montes e matos, temerosos do contágio. E o pior foi que muitos, enganados pelo demônio, se subtraíam da vista dos missionários, afirmando não estar doentes para não receber os sacramentos, e dizendo que com o batismo morriam logo e que com os santos óleos os padres os matavam. Outros até acrescentavam que, como seus antepassados haviam ido ao inferno, também eles queriam ir para lá; havendo até alguns que declaravam não querer ir nem para o céu, nem para o inferno, mas viver para sempre; ou até negando a existência do inferno e dos demônios⁸⁶. Quanta tristeza para o coração do bem-aventurado pastor daquela tresmalhada grei!

Os momentos disponíveis empregava-os o padre Roque na reforma da moradia dos missionários, transformando-a em vivenda boa e agradável. Mas também auxiliou os índios a edificar ou reconstruir suas próprias casas. Dos índios de Itapúa informava o padre Onate, referindo-se ao ano de 1617, que “cerca da metade já havia recebido o batismo, sendo que os outros estavam se preparando para serem batizados em breve”.⁸⁷

Entretanto, esse ano de 1617 decorreu envolto em negras nuvens. Duas vezes a seca arruinou completamente as sementeiras de cereais dos itapuanos. O mantimento dos padres ficou depressa redu-

86. Ánua do padre Pedro de Onate, 22 de abril de 1618, apud Documentos para la Historia Argentina, XX, 144.

87. Ánua de 17 de fevereiro de 1620, Op. cit. pág. 211.

zido a mandioca braba⁸⁸ — da qual escrevia o padre Valle ao padre provincial, — que, por ser venenosa, era necessário deixá-la apodrecer primeiro antes de poder ser comida. Em breve, porém, nem disso mais havia, passando eles muito tempo sem comer todo o santo dia, indo ao anoitecer mendigar de choça em choça um pouco de sustento para aplacar a cruel fome, se é que os índios lho davam. Mas, ordinariamente mal chegavam a recolher um prato de alimento, e isso para duas ou talvez mais pessoas. Nem por isso diminuía seu pesado trabalho diário, suando e transudando até se lhes apodrecer a camisa no corpo sem poder mudá-la em três ou mais semanas, por não acharem tempo para lavá-la, devendo fazer todas as caminhadas a pé, às vezes de muitas léguas, por lhes haverem morrido os cavalos e por viverem em contínuo sobressalto em razão das mortes repentinas dos infelizes índios.⁸⁹

Afortunadamente, os bons habitantes de Santo Inácio-Guaçu, ao saberem do terrível aperto em que se achavam seus inolvidáveis pais em Cristo, Roque e Francisco, trouxeram-lhes eles mesmos uma boa partida de mandioca e milho, e isso de graça, apesar da grande distância de 20 léguas, i. é mais de cem quilômetros.

Não foi a única tribulação desse ano de 1617. Um belo dia ressoou por todas as bandas do Paraná o grito de guerra. Foi o caso da aproximação de uma força de espanhóis vindos de Assunção por ordem de Hernandárias para castigar certos guaranis rebeldes. Os padres ficaram preocupados diante dessa situação, por ser contrária aos decretos régios, pelos quais as armas deviam ficar afastadas da zona das missões. Além disso, era coisa sabida que os paranás detestavam os espanhóis e não tolerariam invasão nas suas terras. Em breve, o rio borbulhava de canoas, com as quais estabeleceram um forte cordão que atravessava toda a extensão do largo rio. Andavam os selvagens num afã e nervosidade incríveis. Somente os índios “reduzidos” em Itapúa aparentavam tal qual serenidade, julgando-se seguros ao amparo dos jesuítas. Os que moravam rio acima, induzidos provavelmente pelo medo, tendo feito conselho geral, determinaram juntar-se aos habitantes de Itapúa, chegando em dois troços de uns 400 homens cada um. Entre eles veio também o murubixaba-mor do rio, com grande

88. Essa mandioca deve ser a que chamam no Paraguai “juí”, que se come só depois de fermentada. (JESÚS ACERETE).

89. Ânua de 22 de abril de 1618, Op. cit. pág. 145.

escolta de canoas que, espalhadas pela vasta enseada que ficava em frente da redução, apresentavam vistoso aspecto. Havendo obtido licença de desembarcar, o cacique estendeu a mão a um dos principais de Itapúa, declarando que, embora não faltassem outros padres mais próximos, aonde teriam podido recolher-se, fiados no conhecido amor que os padres de Itapúa lhes patenteavam, haviam preferido buscar asilo antes junto a eles do que perto dos outros, para que os amparassem, estorvando a aproximação dos espanhóis, cujo número e valor, pelos modos, a fama havia exagerado. Os recém-chegados afirmavam que não ficava bem que penetrassem as armas onde havia entrado a palavra de Deus; nem que soldados pusessem os pés onde os haviam posto padres e sacerdotes; como nem tão pouco se ouvissem caixas de tambores e arcabuzes onde ressoava a palavra de Deus e dos padres, seus ministros. Acrescentaram que eles queriam essa palavra e ser bons, estabelecendo-se ali todos aqueles que moravam mais perto; sendo que aqueles que ficavam mais distantes desejavam que os missionários fossem para lá “reduzi-los” e fazê-los cristãos. E como isso correspondia à verdade queriam que os padres os livrassem também dos espanhóis⁹⁰.

Essa oferta foi um verdadeiro achado para o coração bondoso e apostólico do beato padre Roque, que sabia lançar mão de todas as emergências para promover a maior glória divina e a salvação das almas. Respondeu-lhes benignamente, procurando, antes de tudo mais, acalmar-lhes os nervos, e assentando com eles o negócio das reduções.

Depois oficiou ao chefe espanhol, encarecendo-lhe quanto importava o voltar para casa com sua gente. Não satisfeito com isso, ele mesmo desceu empós do portador da carta, a fim de parlamentar pessoalmente com os espanhóis. Mas quando chegou, eles já haviam abalado, movidos pelo teor da carta. Os paranás ficaram naturalmente satisfeitíssimos com esta mensagem do bom padre Roque, e o entusiasmo por sua pessoa cresceu de ponto consideravelmente.

Mas houve mais um hóspede indesejável em Itapúa nesse ano. Foi um forte catarro acompanhado de febre, que veio a prostrar quase toda a redução. Enfermou também o padre Valle, ficando o padre Roque sozinho, ao menos por algum tempo, para atender a Itapúa e Jaguapoa, que distavam uma da outra cerca de 22 quilômetros (TECHO, II, 360.)

90. Op. cit. p. 212.

Segundo uma informação do padre Boroa e transcrita pelo padre provincial Onate na mencionada Ânuia⁹¹, os padres não acharam mais descanso nem de dia nem de noite, acudindo às casas dos enfermos, a fim de lhes servirem de médicos do corpo e da alma. As crianças batizadas antes da morte chegaram a 70. Posto que a epidemia grassasse com intensidade, com o pronto remédio que os missionários aplicaram, a maioria dos doentes escapou. Onde, porém, mais se alastrou o mal, foi rio acima, zona na qual se dizia que morriam tantos que até os cachorros comiam os cadáveres. Muitas canoas vinham boiando rio abaixo sem dono. Se bem que muitos morressem como pagãos, certo é que para muitos a moléstia foi porta feliz para o céu, como sucedeu com vários apóstatas da fé, que, tendo vivido 20, 30 e 40 anos longe de Deus, com a proximidade da morte, voltaram em si, fazendo confissão geral e vindo a expirar reconciliados com Nosso Senhor.

Entre muitos casos desses, manifestou-se a bondade divina com uma índia cristã que 30 anos vivera no pecado. Vendo-se pois nos transe da morte, suplicou encarecidamente aos que a rodeavam que a levassem para onde estivessem os padres. Tendo chegado, o padre Roque exigiu dela primeiramente o afastamento da sua má companhia. Fê-lo assim prontamente, ainda que com heroico sacrifício, tendo que mover-se de gatinhas até outra casa, onde ficava abrigada. Confessou-se com grandes mostras de contrição, após a qual entregou a alma ao Criador, juntamente com uma filha sua, batizada na véspera.

Doutra feita, arribando casualmente uma igara a Itapúa, chegou voando um homem para avisar o padre Roque que na canoa havia um menino moribundo. O santo pastor apenas teve o tempo indispensável de lhe dar a água de socorro. De caminho para casa topou outro moribundo que, regenerado pelas águas batismais, faleceu consolado.

Outro doente, ainda pagão, não tendo quem o levasse à “redução”, inspirado por Deus, arrastou-se para dentro de uma canoa, entregando-se à mercê da correnteza, na esperança de chegar, ainda com vida, até Itapúa. Deus lhe cumpriu os votos, vindo a morrer batizado. Ainda outro en-fermo, não tendo canoa, se deitou sobre um tronco, vogando Paraná abaixo. Sendo avistado por uns itapuanos, foi trazido à praia e apresentado ao missionário. Depois de suficientemente instruído, partiu deste mundo como filho de Deus. Doutra feita, estan-

91. Op. cit. p. 213.

do o padre Roque de caminho para Jaguapoa, atravessava um grande pântano em ombros de indígenas, quando viu acercar-se uma canoa com quatro crianças muito doentes. Batizou-as ali perto com a água do Paraná, sendo que uma delas remontou logo o voo para o coro dos anjos.⁹²

A carta que nos forneceu o material que acabamos de expor, encarece ainda a grande bondade e fervor do padre Diogo de Boroa, cura de Santo Inácio-Guaçú.⁹³ Pois, apesar-de sentir-se ele mesmo indisposto, mal ouviu o grande aperto dos seus irmãos de Itapúa, partiu imediatamente a Jaguapoa para lhes tirar o cuidado desse posto, que ainda não tinha padre próprio e era atendido pelos missionários de Itapúa. Nesta viagem de 12 léguas que palmilhou a pé, através de pântanos compridíssimos, levou algumas medicinas para os doentes. Tendo voltado depois de alguns dias, tornaram a chamá-lo novamente, indo ele logo para demorar mais tempo em Jaguapoa, curando os doentes e catequizando a gente duas vezes ao dia e recolhendo “um fruto incomparável”. Pode, por fim, recolher-se para sua residência de Santo Inácio, rico em méritos por sua heroica caridade para com seus irmãos de hábito e sua ilimitada solicitude pelos pobres filhos das selvas.

“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor mútuo; porque aquele que ama o próximo, cumpriu a lei”. (Rom. XIII, 8).

92. Op. cit. p. 214.

93. Op. cit. p. 216.

14. A REALIZAÇÃO DE UMA VELHA ASPIRAÇÃO

(Jaguapoa, 1618)

A Carta Ânua do padre Onate de 1615 conclui citando uma expressão do padre Roque: “Agora começaremos outra redução sobre o mesmo rio Paraná, de acordo com a licença que V. Rev.^a deixa.”

Segundo todas as aparências, tratava-se da fundação de Jaguapoa, que, situada sobre a margem direita do Paraná, ficava no centro do vasto triângulo formado por Santo Inácio-Guaçu, Itapúa e Sant’Ana; estas duas sobre a banda esquerda do rio. Demorava, portanto, em ponto estratégico, facilitando as comunicações entre as reduções já fundadas e a serem fundadas posteriormente.

Mas, a Ânua do mesmo padre Onate, de 22 de abril de 1618, i. é, de três anos mais tarde, termina assim: “O padre Roque González de Santa Cruz me diz que outra redução que já estava fazendo se perdeu por falta de operários. Queira Nosso Senhor, que com os que chegam, se recupere.”

Contudo, sabemos que esse posto nunca esteve de todo abandonado porque os padres chantaram ali uma cruz e ergueram ermida, procurando induzir os índios a se estabelecer em Jaguapoa com a promessa de em breve terem de assento um missionário. Enquanto isso não se realizava, os padres de Itapúa visitavam de tempo em tempo o lugar, segurando a gente já “reduzida”. Já vimos no capítulo antecedente como o padre Boroa substituiu o padre Roque em Jaguapoa, impossibilitado de abandonar Itapúa em razão da peste e da doença do padre Valle.

Ao tempo da epidemia, chegou ao rio Paraná o padre provincial para examinar “*in loco*” a situação. Foi um grande conforto para aqueles abnegados e atribulados obreiros da vinha do Senhor, que se consolaram grandemente com a presença do amantíssimo pai⁹⁴. Com o reforço de pessoal que o superior trouxe, pode ser definitivamente resolvida a ocupação de Jaguapoa, ficando em cada uma das três reduções de Santo Inácio, Jaguapoa e Itapúa, dois sacerdotes. Desta

94. Ânua de 17 de fevereiro de 1620, em “Documentos para la Historia Argentina”, XX, 214.

sorte chegou por fim a ser uma promitente realidade o que o beato padre Roque tanto desejava e pelo qual já se empenhara anos a fio. Ficou de superior dessa nova aldeia o padre Romero, que veio a encontrar já umas 400 almas cristãs. Graças ao zelo dos padres e à sua ótima posição, em breve pode ombrear com suas irmãs Itapúa e Santo Inácio-Guaçú.

Entretanto, como não podia deixar de suceder, o demônio intentou mover intensa guerra a essa novel fundação. Como as crianças por ora só se batizavam em artigo de morte, por causa da gentildade dos pais, o “pai da mentira” meteu-lhes na cabeça que o batismo matava os pequenos. Assim, adoecendo alguma criança, logo procuravam escondê-la para o missionário não poder matá-la”. Acudiu o santo padre Roque, que também lhes mostrou como o batismo era capaz de dar vida corporal. Soube de uma menina moribunda. Batizou-a nos braços da mãe, deu-lhe um pouquinho de licor de São Nicolau⁹⁵, e em breve tempo a pequena estava boa. As Cartas Anuais de 1620 assinalam outros casos análogos, com os quais o espírito maligno ficou corrido e a cristianização dos silvícolas entrou em franco progresso⁹⁶.

Estando assim os três povoados de Santo Inácio, Itapúa e Jaguapoa solidamente estabelecidos e entregues a religiosos competentes e fervorosos, o valente batalhador de Deus podia lançar-se para novas conquistas.

Cabe examinar aqui uma dificuldade, relativa ao caráter do beato padre Roque, cuja solução exige a integridade biográfica dos nossos heróis. No Arquivo da Companhia de Jesus, nos registros de missivas do mui reverendo padre geral Múcio Vitelleschi, acha-se um aviso, datado de 20 de abril de 1620, remetido ao provincial do Paraguai, deste conteúdo:

“Muito grande língua⁹⁷ me dizem ser o padre Roque González que está no Paraná; mas como seu gênio não é afável e anda com escrúpulos, resulta uma impressão pouco agradável nos seus companheiros. Aviso a V. Rev.a para que procure alcançar dele duas coisas: uma que se contenha mais, tratando [os outros] com maior suavidade e amabilidade; outra que com a mesma amabilidade ensine a língua a

95. O licor de São Nicolau, que é simplesmente azeite empregado como remédio, tem relação com as relíquias de São Nicolau de Bari. (Documentes para la Historia Argentina, XX 222, nota 18).

96. Carta Anua do padre Pedro de Onate, 17 de fevereiro de 1620, op. cit p. 215.

97. Conhecedor de vários idiomas.

seus companheiros, ponderando-lhe o muito que nisso servirá à Divina Majestade, cooperando com esse meio ao bem espiritual dessas almas.”⁹⁸

A quem ler isso, não deixa de causar estranheza semelhante advertência a respeito de homem que até agora se nos apresentou sempre como gigante de santidade, grande em todas as virtudes. Seja dito desde já que é esta a única passagem em toda a documentação que chegou até nós que parece deslustrar um pouco o brilho da sua figura. Dizemos “parece”, porque no processo de beatificação do padre Ro-que, o Promotor Geral da Fé, cujo ofício é o de examinar, criticar e atacar com implacável rigor todos os pontos vulneráveis do candidato às honras dos altares, nem sequer tomou conhecimento desse aviso do padre geral, embora o padre José Maria Blanco o tivesse mencionado expressamente no seu depoimento feito em 1929 na cidade de Buenos Aires.⁹⁹

Nem admira, pois todos os companheiros de apostolado do padre Roque se fazem línguas da fineza da sua caridade, e não consta que ele jamais tivesse melindrado alguém. Entretanto, possível é que algum ardente estudioso do guarani não encontrasse sempre no ocupadíssimo padre Roque o mesmo mestre disponível para atender em todas as horas a todas as dificuldades linguísticas dos seus discípulos. Daí talvez alguém, não compreendendo esse modo da parte do padre Roque, escrevendo oportunamente ao padre Vitelleschi, mencionasse também esse ponto.

Antes de nos despedirmos do rio Paraná, palco glorioso durante oito anos de notáveis triunfos do padre Roque, quiséramos ventilar outro ponto sobre o qual não concordam bem os biógrafos do nosso beato.

O conhecido historiador padre Henrique Rosa, S. J., na sua recente vida dos três mártires rio-platenses,¹⁰⁰ fala, à páginas 103, no débil padre Roque (il gracile Padre Rocco). Com o qual parece querer dizer ou ao menos insinuar que o apóstolo dos guaranis era de poucas forças físicas.

98. BLANCO, Historia Documentada, pág. 677.

99. Positio super Introductione Causae, pág. 486.

100. ENRICO ROSA S. J. I Beati Rocco González de S. Cruz, Alfonso Rodriguez, Giovanni del Castillo d. C. d. G., Roma 1934.

Perlustramos cuidadosamente toda a documentação relativa ao beato Roque, mas em parte alguma descobrimos a mínima expressão que indicasse que ele gozava pouca saúde. Muito pelo contrário, no capítulo VI, já ouvimos como em 1614 suas forças eram qualificadas de “boas” e outra vez, provavelmente em 1620, ele obtinha a nota de “boa compleição natural”. E Techo até menciona expressamente sua ro-bustez corporal (tomo III, pág. 43). Contudo o “Catalogus primus” de 1620 e 1623 lhe dá forças moderadas, ao passo que o de 1626 novamente as denomina “boas”.

Afora seus escrúpulos, que por vezes lhe causaram aflições cardíacas, nunca, que saibamos, esteve doente; nem nas múltiplas epidemias de que já ouvimos e ainda ouviremos mais adiante, nas quais fazia de médico corporal e espiritual, ele jamais ficou contagiado; nem sequer o abateram os ingentes trabalhos de rude construtor de casas, as privações das longas e penosíssimas jornadas a pé, a cavalo ou de canoa, dormindo ao relento, nos bosques, sobre o duro chão, na chuva, ao sol, maltratado pelas mutucas e os mosquitos; nem o enfraqueceu a quantidade ou a qualidade do alimento, que, sabe Deus quantas vezes não passava de uma espiga de milho assada, de um punhado de farinha, de umas frutas silvestres, de umas folhas de aipim, ou de uma raiz podre de mandioca braba. E ainda ouviremos mais adiante como ele, quando já contava 52 anos feitos, só para dar prazer a um confrade, fez uma penosa caminhada a pé, superior a 300 quilômetros de distância.

Pois, malgrado tudo isso, suficiente para intimidar até o mais valente, Roque trabalhou impertérrito até o momento de tombar mártir; dia e noite esteve disposto a acudir a quem quer que o chamasse, sonhando só com novas empresas por seu supremo rei e senhor Jesus Cristo. Todavia, não podemos negar o fato, nada raro nos fatos da Igreja, que santos houve que com diminutas forças levaram a cabo empreendimentos de assombro. Que Roque foi um santo, de carne e osso, atesta-o a voz suprema do Representante de Cristo na terra.

Entretanto, tendo a escolher entre a assistência do Alto e as forças meramente naturais do bem-aventurado, pronunciamo-nos, sem hesitar, a favor destas últimas, acreditando que o padre Roque

González foi mimoseado por Deus não só com a santidade, senão ainda com a necessária robustez corpórea que o habilitaram a desempenhar plenamente o grandioso papel que lhe confiara a Providência¹⁰¹.

Ora sucedeu que, ao passar o coração do p. Roque por Porto Alegre, em março de 1940, houve quem achasse essa relíquia desseca- da de um tamanho algum tanto superior ao normal. Mais ainda, tendo ido a Buenos Aires o R. Padre Provincial Valter Hofer, S. J., para restituir essa joia, ouviu que de fato o padre Roque havia sofrido uma moléstia cardíaca, como ainda se via por uns restos do pericárdio aderente à face anterior da relíquia. Seja dito de passagem, que esses restos não são reveladores seguros de enfermidade, uma vez que é certo que o coração foi arrancado “violentamente” do tórax, como se dirá no capítulo do martírio.

Entretanto, estávamos na pista de uma solução admirável da nossa suspeita, para cuja confirmação dirigimo-nos diretamente ao R. Padre Provincial Tomás J. Travi, S. J., que, como vice-postulador, preparou e guiou todo o processo da beatificação dos mártires riograndenses, conhecendo pois melhor que ninguém tudo o que se relaciona com as pessoas desses servos de Deus, e assistiu como testemunha oficial ao exame anatômico do coração do p. Roque em Roma, no ano de 1928.

Em carta de 4 - VII -1940 nos respondeu pois o padre Travi que a moléstia de que sofreu o p. Roque “era uma hipertrofia cardíaca, como o provava o tamanho que o coração conservava ainda dessecado.”

Assim temos, pois, por um lado um coração hipertrofiado e um estado de alma, por vezes, intensamente aflitivo, unidos ambos, e se quiserem, subjugados por uma vontade de ferro e um esforço físico excessivamente intenso.

Donde julgamos, — salvo meliori judicio, — que embora o p. Roque não ficasse tolhido na sua operosidade externa pela hipertrofia cardíaca, contudo ela o dispôs para horas de profundos pesares e intimas amarguras.

101. Posescrito. Recorde o leitor o que escrevemos na página 112 acerca das “contínuas aflições do coração, que todos os meses, cinco ou seis dias antes ou depois da conjunção da lua”, apertavam tanto o padre Roque que por vezes temia “perder a vida ou dar em algum disparate,” e ainda sobre seu receio de “perder o juízo, a julgar por seu cansaço da cabeça e pelo quebrantamento que lhe produzia a contínua guerra [interna] que sempre tinha, com tantos escrúpulos e tanta solidão e melancolia,” — expressões com que ele mesmo expunha a seu provincial as penas da sua alma. A bem da verdade, devemos confessar que, dado o caráter equilibrado e a índole ponderada do nosso bem-aventurado, e esse misto de sofrimentos físicos e morais, sempre nos pareceu que causas meramente espirituais não explicavam suficientemente esse estado anímico.

15. O AVANÇO PARA O SUL DO CAPITÃO VALOROSO”

(Itapúa, 1619)

Uruguai, palavra guarani que exprime água ou rio dos búzios ou caracóis (do termo uruguá = caracol e y = água, rio), designava no século XVII toda a vasta zona banhada por esse rio e seus numerosos afluentes.

Esse caudaloso manancial, no seu extenso percurso de 2000 km., descreve uma vasta curva, em alentado abraço ao hodierno estado do Rio Grande do Sul, semelhando um cajado de pastor. Ao lado do Paraná é o Uruguai indubitavelmente o rio mais belo do sul do Brasil. Despenhado sobremaneira no seu curso superior, onde leva hoje o nome de Pelotas, o Uruguai torna-se medonho duas léguas abaixo de Marcelino Ramos, estação da estrada de ferro de São Paulo-Rio Grande, onde se escoa, bramando com mal contida fúria, através de doze quilômetros do apertadíssimo sorvedouro de granito do chamado “Estreito”. Seu álveo, a princípio profundo, passa a ser baixo e dilatado até 1.300 metros de largura, ao abandonar terras brasileiras e banhar as margens do Estado Oriental do Uruguai. Suas ribeiras superiores, coroadas ainda hoje de amplíssima faixa de mata virgem, cobrem-se de verdejantes campinas e capões desde a barra do Piratini para baixo, seu afluente da margem esquerda. Suas águas excepcionalmente saborosas e cristalinas em tempo de estio, tingem-se de vermelho em épocas chuvosas. Cortado no seu leito superior, desde São Borja para cima, por mais de 50 corredeiras, aquela opulenta massa de água é artéria quase estéril para os transportes em grande escala.

De agora em diante, o Uruguai passará a desempenhar papel relevante na vida de nosso beato padre Roque. Quantas vezes essa palavra ressoava nos seus ouvidos, tantas lhe parecia ouvir de longe o misterioso marulhar das suas cachoeiras a chamá-lo para as suas margens. E quantas vezes o sussurro causticante do gélido minuano lhe açoitava as carnes, tantas imaginava perceber as vozes dos habi-

tantes daquelas florestas e campinas a convidá-lo a lhes falar do Deus verdadeiro. A cada notícia acerca daquelas gentes e seus habitantes, seu sangue de indômito conquistador lhe circulava com irresistível violência nas veias; e não fosse o voto de obediência a sofrer-lhe os ímpetos, desde muito que ele se houvera lançado à tarefa de arrancar do paganismo aquelas almas extraviadas.

Entretanto ia forjando seus planos e encomendando o assunto com preces ardentes a seu Deus e Senhor, mediante a valiosa intercessão da sua grande advogada “Maria Conquistadora”, Quase toda a sua correspondência dirigida nessa quadra a seus superiores, tem referências ao país dos seus anelos.

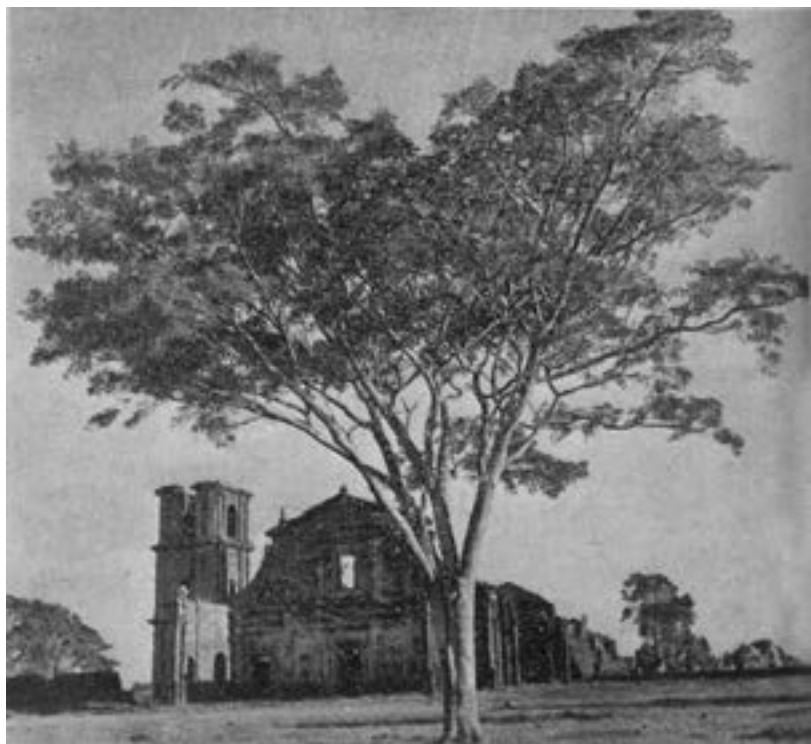
Mas ainda antes da visita do padre provincial Pedro de Onate ao rio Paraná, à qual nos referimos no capítulo transato, já o padre Roque fizera uns pequenos ensaios de avanço para o Sul, a fim de explorar a situação. Mas assim que o superior havia provido com pessoal de refresco as reduções de Santo Inácio, Jaguapoa e Itapúa, o padre Roque teve ordem de ir se preparando para arremeter de vez com a evangelização do Uruguai. É o próprio provincial que nos transmite essa destinação na sua Ânua ao geral da Ordem em 17 de fevereiro de 1620¹⁰²:

Diz que o rio Uruguai é caudalosíssimo, quase tão grande como o Paraná, com o qual corria parêlho, e que suas ca-beceiras deviam de ficar nas cordilheiras do Brasil. Segundo afirmações dos que melhor informados estavam, calculava os habitantes daquelas regiões em mais de 60.000 e que tinham fama de serem mansos e de boa índole. Declara que era desejo já antigo de levar a luz do Evangelho à gente tão numerosa e tão bem-disposta, sobretudo desde a fundação de Itapúa, onde se haviam apresentado de vez em quando índios uruguaios. Comunica ao padre geral que o “padre Roque González, famoso língua”, fervorosíssimo e muito ex-perimentado, havia entrado já algumas vezes nos primeiros aldeamentos daquelas bandas, encontrando boa disposição e vontade de abraçar o cristianismo.

102. Documentos para la Historia Argentina, XX, 216 ss.



Belíssima imagem do arcanjo S. Miguel, feita nas antigas reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul, escapa do grande furto de Frutuoso Rivera, hoje venerada na igreja matriz de S. Borja, fotografada pelo dr. Wolfgang Hoffmann-Harnisch. (P. 294).



O estado das famosas ruínas do templo de S. Miguel, muda testemunha da grandeza de um povo desaparecido do sertão rio-grandense, retratadas em março de 1940 por Wolfgang Hoffmann-Harnisch, após as obras realizadas por conta do governo federal no sentido de conservar essa preciosa lembrança histórica. (P. 294)

O padre Onate, considerando a abundante e gloriosa messe de almas que Deus preparava para a Companhia, e satisfeito com o fausto aumento da província em sujeitos preparados e apostólicos que insistiam com ele no sentido de se alargarem sempre mais as conquistas espirituais do rio Paraná, determinou por fim — como ele mesmo se exprime — “que o padre Roque González entrasse a romper essa nova vinha do Senhor com o arado do Evangelho”.

Neste sentido enviou ao fervoroso missionário uma carta em que lemos estas emocionantes palavras: “A Companhia e esta Província entregam a V. Rev.^a a empresa mais gloriosa e suprema de que dis-

põe o nosso Instituto, qual é a conversão da gentildade e de tantas almas que se encontram nas ditas regiões [do Rio Grande do Sul], e o mais necessário é que V. Rev.a conceba um espírito apostólico com que deseje abraçar no amor de Deus todas as almas, padecer muitos trabalhos e até, se preciso for, derramar por elas o seu sangue como genuíno filho de nosso Padre e da Companhia. E como para tão árdua empresa, — como é claro, — não bastam as forças humanas, V. Rev.a deve por toda a sua confiança no auxílio divino, pedindo a Nosso Senhor a bênção para essa conversão com contínuos sacrifícios e gemidos ao Céu, como se fará também em toda a Província”¹⁰³

Achava-se o nosso beato em Jaguapoa, quando recebeu ordem da parte do reverendíssimo padre provincial de se aprestar para a missão do Uruguai. Fácil será de se imaginar o intenso gozo que inundou a alma do homem de Deus, que então orçava por seus quarenta e três anos de idade e contava dez de vida religiosa. Enquanto fazia a sua matalotagem espiritual e material, Nosso Senhor lhe foi aplainando a estrada, atraindo para Itapúa, de diferentes zonas do Uruguai, bom número de índios desejosos de conhecerem os missionários e de levá-los para as suas respectivas terras. Entre eles apareceu também um cacique principal e muito capaz. Recebido afavelmente pelo padre Boroa, recentemente nomeado superior regional do Paraná e Uruguai, foi-lhe mostrado a ele e a toda sua comitiva a igreja com suas imagens e ornamentações, causando tudo profunda impressão naqueles ânimos incultos, sobretudo o retábulo dos Novíssimos, pintado pelo irmão Luiz e doado pelo reverendo padre provincial. Gostaram muitíssimo da rápida resenha que o padre lhes fez dos mistérios da nossa fé, voltando todos satisfeitos com a doce esperança de verem em breve um sacerdote nos seus pagos, como se lhes prometia.

Volvidos alguns dias, chegou a Itapúa o padre Roque, folgando imenso com as boas novas que do Uruguai lhe dava o padre Boroa. O provincial deixara recado para que o padre Roque, antes de partir para a nova missão, fizesse a incorporação definitiva e perpétua na religião, pela emissão dos seus últimos votos, segundo a praxe na Companhia de Jesus.

103. Notas Biográficas del Padre Roque González de Santa Cruz, S. J. por RAFAEL ALGORTA CAMUSSO, p. 18. Montevideo, 1928.

Como seu grande amigo e companheiro de armas, padre Pedro Romero,¹⁰⁴ devia fazer o mesmo, ambos se submeteram durante dez longos dias à forja dos santos exercícios, vivendo unicamente para Deus e a têmpera das suas almas. Diz o padre Boroa que eles fizeram dez dias de retiro com grandíssima consolação para as suas almas, mas também para confusão dele mesmo, “vendo esses dois modelos de virtude diante dos seus olhos”.¹⁰⁵

Não cabe dúvida que esses exercícios equivaleram não só a uma renúncia total e perpétua ao mundo, à carne e ao demônio, senão também a uma formal declaração de guerra a Satanás, capital e irreconciliável inimigo do gênero humano, com o qual ambos os padres, mas principalmente o padre Roque, iria iniciar uma luta, sem tréguas, de vida e morte.

No domingo, dia 20 de outubro de 1619, houve solenidade máxima e muito regozijo na igreja de Itapúa, tendo acudido os índios cristãos de todos os lados para honrar seus amados missionários, assistir à sua profissão e dar ao padre Roque suas despedidas. Este fez a profissão solene dos três votos.¹⁰⁶ O padre Romero recolheu-se encoijado na segunda-feira seguinte para seu posto de Jaguapoa; ao passo que Roque demorou mais alguns dias para ultimar seu preparativo com grande fervor e santos sentimentos.

Parte, por fim, no dia 25 de outubro, festa dos santos mártires Crisanto e Daria, “dia alegre e felicíssimo para esta extensíssima província do Uruguai — na expressão do padre Boroa — ... e felicíssimo para o padre Roque González, que vai trabalhar como primeiro nessa vinha — e para mim mesmo, embora imperfeito, me é de tamanha consolação que não podem os olhos deixar de dar mostras quando esta escrevo, pela ternura que sente o coração”.

E continua o nosso informante: “Logo pela manhã, estando o altar e a igreja adornados de festa principal, repicamos os sinos, e, reunido o povo, se lhes explicou que o motivo pelo qual haviam sido chamados era para que todos ouvissem a missa que se iria dizer e que a

104. Martirizado pelos selvagens em 1645.

105. Ánua citada, p. 218. O original desta carta do p. Boroa, escrita em Itapúa aos 26 de outubro de 1619, encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cod. mss. da Coleção d'Angelis, 1-29,7,9.

106. ASTRAIN, V, 513 diz que fez profissão dos quatro votos; mas os “Catalogi Triennales” de 1620, 1623 e 1626 afirmam claramente: “Professo de 3 votos, outubro 20, 1619”. (BLANCO, 458 e 459).

oferecessem a Nosso Senhor e o suplicassem para que desse luz aos do Uruguai para receberem a fé e ouvirem a palavra de Deus que o padre lhes iria pregar. O padre Roque González celebrou missa cantada do Santíssimo Sacramento, o qual tivemos exposto num pobre viril que eu trouxera de Santo Inácio, para que lançasse sua bênção ao missionário e à missão. No fim da missa deu a comunhão a um menino que leva consigo [para ajudante de missa]. Tendo-se despamentado, todos se aproximaram, a fim de beijar a mão ao padre e despedir-se dele. Imediatamente depois eu disse missa, — estando ainda o Santíssimo Sacramento exposto, — pelo feliz sucesso da missão, como também o padre Bosquier (recentemente chegado a Itapúa). Depois, já à [hora da] despedida, todos rezamos a ladainha de Nossa Senhora, perante o seu altar, à qual é dedicada a igreja e abraçamos ao padre Roque González com muita ternura e afeto, almejando-lhe todos alegre e feliz sucesso na missão que com sinais tão manifestos da vontade de Nosso Senhor se iniciou. Saímos da povoação o padre e eu com grandíssimo júbilo e alegria, rendendo graças a Nosso Senhor por haver vindo dia e hora tão almejados. Acompanhei o padre até um riacho, longe do lugar, onde tornamos a despedir-nos com nova ternura, dando eu a entender ao padre e aos índios de quão bom grado eu lhes fora servindo nesta jornada¹⁰⁷. Até aqui Boroa.

Quanto aplauso e alvoroço provocou na jovem província jesuítica do Paraguai a destinação do estimadíssimo padre González para a missão do Uruguai, ressalta de uma carta do padre Romero ao padre Onate, escrita quatro semanas depois da partida do missionário. É um belo transporte do coração do fervoroso missivista: “Oh, meu padre provincial, que prêmio de glória tão colmado há de dar Deus a V. Rev.” no céu por haver aberto a porta da pregação do santo Evangelho numa gentildade tão dilatada e, até agora, não conhecida, onde se hão de ganhar infinitas almas e há de resultar grandíssima glória de Nosso Senhor, lustre e honra para a nossa Companhia, se Deus Nosso Senhor for auxiliando os grandes intensos de V. Rev.^a... Dou a V. Rev.^a mil parabéns por este ditoso acontecimento e quisera dá-los a todos os [membros] da Companhia e comunicar-lhes o grande gozo que sente minha alma ao ver a luz no meio daquelas trevas com que se hão de alumiar e abrir os olhos, a-fim-de tantas almas ignorantes e cegas co-

107. Ânuia cit., p. 219 e 220.

nhecerem a Deus Nosso Senhor. Já se encontra, meu padre, o valoroso capitão no rio Uruguai, — que quase compete com este Paraná, — em cuja ribeira ele ergueu a bandeira da santa cruz para reunir gente. Eu quisera ser o tambor e pregoeiro e ir por todas as províncias de nossa Companhia a chamar a quem quisesse vir para esta nova e gloriosa conquista..”¹⁰⁸

Daí vemos que todos os olhares dos irmãos do padre Roque estavam fitos no “valoroso capitão”, que ia travar duelo com o príncipe das trevas; e eles, que o amavam sinceramente, não deixariam de socorrê-lo com o reforço precioso e contínuo das suas preces e boas obras.

Nos “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio há uma meditação lapidar, denominada “de duas bandeiras”, onde o fundador da Companhia de Jesus põe a descoberto a mais infame astúcia e refolhada perfídia de Satanás no negócio da perdição das almas, confrontadas com o modo de agir, diametralmente oposto, de Cristo-Rei, desejoso de conduzir todos os homens, por Ele remidos, à salvação eterna. Esta matéria, estudada, esmiuçada e assimilada é a grande oficina do apostolado em que se forjam os legítimos filhos da Companhia. Realmente, quem se compenetrar desse assunto, não pode menos de conceber uma vontade irresistível de se alistar, de corpo e alma, sob o pendão do Sumo Rei, tornando-se com isso inimigo declarado do demônio, não só na cautela mais eficaz contra as suas ciladas, como ainda na gana de agredi-lo onde quer que se ele apresente. Daí, a feição peculiar da Companhia de ser ela uma Ordem essencialmente guerreira, ou “Companhia militar e de combate” na frase de Pio XI.

Santo Inácio não quer que os soldados de Cristo aguardem o ataque do inimigo; não, ele os impele a lhe tomarem a dianteira, procurando expulsá-lo dos seus valhacoitos, a fim de arrancar-lhe as infelizes almas por ele enganadas. Nada admira pois que Santo Inácio e seu Instituto tenham merecido sempre durante quatro séculos os melhores ódios do príncipe infernal.

Todo o modo de ser e agir do bem-aventurado padre González, nos últimos nove anos do seu apostolado, nada mais é que um intenso reflexo, um admirável filme dos diversos lances dessa luta contra o mais sagaz e o mais temível adversário. São Pedro na sua primeira

108. Documentos para la Historia Argentina, XX, 219/220.

carta, capítulo V, versículo 8 e 9, nos adverte: “Irmãos, sede sóbrios e vigiai, porque o diabo, vosso adversário anda rondando qual leão que ruge, buscando a quem devore; ao qual resisti fortes na fé”.

Possuído dessa fé e valentia sobrenatural, Roque lançou-se a agredir com passo pressuroso o Golias das trevas infernais. Este, porém, não lhe cedeu o campo sem ter cruzado com ele, estrepitosamente, a espada.

16. A PRAÇA FORTE DA IMACULADA

(Conceição, 1620)

O padre Nicolau Techo, antigo cronista da Companhia de Jesus do Paraguai, no tomo III, livro sexto, capítulos 14 e 15 da sua História, descreve eloquentemente uma série de obstáculos contra os quais, segundo ele, esbarrou o padre Roque. Diz que, quando alcançou o rio Aracutain, afluente do Uruguai, foi recebido hostilmente pelos selvagens, como espia dos espanhóis, ordenando-lhes eles imperiosamente que recuasse, mas que ele com tal veemência lhes havia arengado que não se atreveram a tocar nele; que os companheiros que trouxera consigo, à vista do perigo, haviam-lhe pedido que voltasse, pelo qual ele os havia licenciado, mandando-os a todos para casa, salvo dois abnegados meninos que persistiram na vontade de ficar a seu lado como acólitos das sa-gradas cerimônias; que, chamando nos dias seguintes vários caciques, conseguira tranquilizar de todo os uruguaios, que lhe haviam alcançado permissão de levantar uma grande cruz, a duas léguas do Uruguai, no toldo do poderoso Nieça; e que essa mesma cruz foi queimada dias depois por outros guaranis dispostos para assaltar a aldeia de Nieça, a fim de castigá-lo pelo bom acolhimento dispensado ao missionário.

Tudo isso não deixa de ser curioso. Mas certo é que as primitivas fontes que são, em toda a parte, as mais límpidas, silenciam completamente sobre esses embarços. Muito pelo contrário, as primeiras notícias que de si deu o beato padre, exprimem sentimentos alvissareiros, embora mais tarde as condições mudassem.

O padre Romero, escrevendo a 22 de novembro de 1619, i. é, 28 dias após a partida do missionário, informava ao padre provincial: “Aquela gente já vai conhecendo ao padre Roque González, e todos os caciques vêm a dar-lhe a boa-vinda e a dizer-lhe se alegram da sua chegada”.¹⁰⁹

109. Documentos para la Historia Argentina, XX, 219; — BLANCO, Historia Documentada, p. 610.

Dois dias mais tarde, a 24 de novembro, o padre Boroa, trasladando o que lhe comunicara o próprio Roque, referia ao padre Onate o seguinte: “Fará dez dias que escrevi a V. Rev.^a sobre a boa mova do gosto com que os caciques do Uruguai iam saindo a falar com o padre Roque González. Anteontem recebi uma dele, na qual dizia que já achou um ponto excelente para a redução, que era o que muito o preocupava. Possui muito mato esplêndido e é de lindo aspecto, a uma pequena légua do Uruguai, e que os caciques gostam de que faça ali uma redução. Assim, de acordo com a ordem de V. Rev.^a o padre está resolvido a dar começo a ela, para o qual manda pedir índios carpinteiros para erguer uma cruz, fazer uma capela e pôr sino. Sairão daqui amanhã com todo o cuidado e [levarão] cunhas para começar a roçar. Diz o padre que, se houver cunhas, estará feita aquela redução dentro de dois anos, que, no espaço de oito léguas se juntarão quase 500 [famílias de] índios, que serão 2500 almas. Em tudo procede o padre com muito jeito, prudência e acerto, como a quem Nosso Senhor escolheu para tão árdua empresa.”¹¹⁰

Esta simples e desataviada exposição parece excluir tudo o que ouvimos de Techo, que, como de costume, não declara a fonte em que se inspirou.

Vieram os carpinteiros enviados pelo padre Boroa no dia 25 de novembro, e para o dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, já estava em pé a cruz, pronta a pequena. igreja, e levantado o campanário.

A redução, graciosamente situada no lugar denominado Ibitiraguá, sobre o dorso de vistosa colina de uma centena de metros de elevação, foi chamada “Conceição”, em memória do augusto mistério que a Igreja celebra no dia 8 de dezembro.

Se nunca dantes, muito menos agora, o padre Roque podia dispensar a maternal ajuda daquela que achatou a cabeça da serpente infernal. Por isso levantou essa praça forte, no meio da gentildade, em homenagem a Maria, donde pretendia conquistar toda a zona do Uruguai, cabeça que devia ser de todas as reduções e anel de ouro entre os cristãos do rio Uruguai e Paraná. Mas, o dragão infernal já terá cuidado de lhe semear o caminho com dolorosíssimos espinhos.

110. Documentos para la Historia Argentina, XX, 220; — BLANCO, Historia Documentada, p. 610/611.

17. ENTRE AFLIÇÕES E CONSOLAÇÕES

(Conceição, 1620 -1622)

As Cartas Ânuaas dos provinciais do Paraguai, fonte de inestimável valor para toda essa fase histórica de que nos estamos ocupando, ficam interrompidas aqui até recomeça-rem com a que escreveu o provincial, padre Nicolau Mastrilli Durán, com a data de 12 de novembro de 1628, i. é, três dias antes da morte do padre Roque. Provém esta sensível lacuna do motivo de se haverem extraviado essas cartas — que realmente foram escritas, como no-lo atesta o padre Mastrilli Durán¹¹¹ — mas que, na sua viagem para Roma, com toda a probabilidade caíram nas mãos dos calvinistas holandeses que naquele tempo infestavam os mares do Continente sul-americano, quando ocuparam a cidade da Baía em 1624. Por isso, o historiador vê-se constrangido agora a lançar mão de outras fontes, infelizmente de águas às vezes deturpadas. Quem mais informações nos fornece acerca desses anos da vida do padre Roque é Techo, que chegou ainda a conhecer pessoalmente alguns companheiros do nosso beato e viu também bastantes documentos originais ou suas cópias.

Após os auspiciosos começos, sobrevieram anos de dura provação para o zelo do padre González. Conta-nos Techo,¹¹² que os moradores ribeirinhos do Uruguai, suspeitando que Roque intentava explorar a região por eles habitada, para depois chamar os espanhóis, armaram-se, vindo tumultuosamente, nas suas canoas, a buscar o padre em som de guerra.

Enquanto este descansava certa noite nas selvas do litoral do rio, em meio dos seus amigos, ouviram formidável estrondo de gente que descia pelo rio, vociferando furiosamente em procura do missionário, a fim de lhe tirar a vida. Salvou-o a escuridão da noite que fez passar de largo os inimigos, sem havê-lo descoberto. O padre refugiou-se o mais depressa possível em sua aldeia de Conceição, onde, ouvido o parecer do seu irmão de hábito, padre Afonso de Aragona

111. Documentos para la Historia Argentina, XX, 358; — BLANCO, Historia Documentada, p. 613.

112. Tomo III, livro sexto, cap. 26.

(ou Aragón), resolveu adiar a expedição pela costa do rio, para outra oportunidade.

Logo Techo nos informa que o padre Roque, sempre ativo, intentou firmar pé em outro ponto do rio Uruguai. Para disfarçar melhor sua intenção, organizou uma grande caçada com seus neófitos de Conceição, os quais deviam convidar, para esse divertimento, seus patrícios ainda infiéis.

Era este o modo como se faziam as caçadas: Muitos homens rodeavam em círculo um grande trecho de terreno, indo estreitando-se cada vez mais até se encontrarem no centro. Assim conseguiam apanhar bom número de avestruzes, cabritos e outros animais, cuja carne devoravam sob aparatosa comezaina. Era diversão agradabilíssima para os selvagens, para a qual se convidavam mutuamente sempre que a ela se dedicavam. O padre González quis aproveitar o ensejo para explorar o campo e conquistar-se insensivelmente a benevolência dos silvícolas. Seus ânimos, porém, imbuídos de velhas prevenções, ainda se não achavam dispostos para receber a semente divina.

Houve outro contratempo, a peste, que começou a assolar a redução de Conceição. A consequência imediata foi a debandada dos neófitos e catecúmenos. Foi um trabalhão insano para o solícito pastor procurar sem descanso suas ovelhas dispersas pelos matos e campos, para que nenhuma lhe morresse sem o conforto da religião.

Como não podia deixar de suceder, sobreveio logo terrível fome, fugindo muitos para lugares remotos, a fim de matar a fome com o que primeiro topavam, sem reparar em que fosse nocivo ou não. Os feiticeiros, hábeis instrumentos nas mãos do inimigo do gênero humano, exploraram aquela triste condição da aldeia do padre Roque, espalhando aos quatro ventos que todos aqueles males eram castigo manifesto por haverem recebido os missionários. E os pagãos do Paraná ajudavam-nos nessa campanha de descrédito contra os ministros do Senhor. Estes, pondo sua confiança no Todo-poderoso, e na sua celestial Protetora, por cujo amor se haviam sujeitado a todos aqueles dissabores, trataram, pouco a pouco, de restaurar a redução desfalcada pelo flagelo.¹¹³

Já ouvimos mais atrás, quanto empenho punha o padre Roque em abrilhantar as grandes datas religiosas com esplendor e fausto ex-

113. Obra cit., cap. 28, p. 99 e 100.

terno, tão apropriado para fazer conceber os selvagens elevada ideia da sublimidade da fé católica. O ano de 1622 ofereceu-lhe magnífico ensejo para isso. Foi o caso de Santo Inácio de Loiola e seu maior discípulo São Francisco Xavier, haverem sido canonizados por Gregório XV, em 12 de março de 1622.

Naturalmente, na América, onde seus numerosos filhos e irmãs mourejavam na implantação do reino de Cristo, não podia passar em silêncio tão extraordinário acontecimento. Quanto ao quinhão que tocou a nosso Roque, encontrámo-lo relatado por Techo¹¹⁴ que escreve o que segue:

“Tanto nas povoações dos espanhóis como nas aldeias dos índios gastaram sem reparo, e todos fizeram o que o engenho e a piedade lhes sugeria. O espetáculo de maior novidade foi o que deram alguns meninos em Assunção. Conduzia-os o padre Roque González, que os dividiu em dois bandos, um de cristãos e outro de infiéis, simulando uma batalha. Os idólatras vinham adornados de rica plumagem e armados com arco e macana; os cristãos pelejavam com uma cruz. A música regulava os movimentos dos infantis exércitos. Era de ver como estes se juntavam ou separavam, ou dividiam o campo em duas partes iguais ou aparentando acometidas. Passado algum tempo, a vitória declarou-se em favor dos cristãos, que conduziram os vencidos e feitos prisioneiros, primeiramente perante o governador eclesiástico e depois perante o civil. Os cativos atiraram-se ao chão, mas alegremente, qual convinha a presos voluntários. De repente correram até junto do altar dos santos Inácio e Francisco, para lhes renderem graças por seus filhos espirituais haverem introduzido o cristianismo no Paraguai. O padre Roque trazia consigo o célebre cacique Guaracipú e 23 catecúmenos do Uruguai. Todos foram batizados no meio da pública alegria, pelo reitor do colégio de Assunção, sendo padrinho o governador dom Manuel Frias”.

Momentos seriam estes de íntima satisfação para o infatigável apóstolo, que lhe compensariam de sobejo todas as amarguras passadas nesses últimos três anos pelas bandas do Uruguai, convencido de que seu amado pai Santo Inácio e seu venerando modelo na conversão dos pagãos São Xavier, haveriam de aceitar benignos aquelas humildes primícias do seu espinhoso ministério.

114. Obra cit., livro sétimo, cap. 3, p. 121.

18. O NOVO PROVINCIAL DO PARAGUAI

(Conceição, 1622 - 1628)

Um dos mais assinalados benefícios que a paternal Providência de Deus outorgara à novel província do Paraguai, foi o de dar-lhe excelentes superiores provinciais. O primeiro, padre Diogo de Torres, 1607-1615, varão de exímia santidade, foi o fundador daquela porção eleita da vinha do Senhor e o mais denodado defensor da liberdade dos naturais da terra; o segundo, padre Pedro de Onate, 1615-1622 (ou 1624), revelou-se sábio e prudente organizador, que, com um punhado de colaboradores, realizou milagres na conversão da gentilidade¹¹⁵; o terceiro era um ardente filho da Itália meridional, padre Nicolau Mastrilli Durán¹¹⁶), tio do mártir do Japão, Marcelo Mastrilli, 1622 (ou 1624)-1628, que, com seu exemplo e sua palavra deveria imprimir à província considerável impulso e operosidade. Encontrou quinze casas, das quais cinco foram destruídas pelos bárbaros ou abandonadas; mas deixou, em 1628, a seu sucessor, padre Francisco Vásquez Trujillo, dez residências entre os brancos e vinte entre os ameríndios, indo governar depois ainda duas vezes a província do Peru. No dizer do padre Boroa, — seu sócio e mais tarde provincial, — nenhum jesuíta havia, até então, passado à América, mimoseado de tão excelentes prendas como o padre Mastrilli Durán¹¹⁷.

Era tão grande o fervor e o espírito sobrenatural dos religiosos da província do Paraguai, que o pontífice Paulo V, ao ser informado dos trabalhos daqueles obreiros, exclamou cheio de entusiasmo, perante o padre Vásquez Trujillo, quando este o visitou em Roma: “Sois honra da Companhia”.¹¹⁸

115. Em 1615, a província do Paraguai contava 122 membros, dos quais um terço demorava no Chile. Cfr. ASTRAIN, tomo V, cap. nono, P. 497.

116. Ao chegar ao Peru, acrescentou ao seu nome o de DURÁN.

117. TECHO, tomo III, p. 379.

118. TECHO, tomo III, p. 106.

Quando o padre Mastrilli Durán tomou nas mãos as rédeas da província, em 1622 ou 1624,¹¹⁹ o padre Roque e seu companheiro padre Aragona, ainda continuavam mais ou menos estacionários no seu pequeno reduto da Imaculada, em Conceição, cercados por toda a parte pela ação maléfica dos mágicos e dos gentios de ambas as costas do Uruguai, instigados pelos feiticeiros, contra os ministros do altar. O padre Roque esteve a ponto de perder a coragem perante a muralha de resistência que de todos os lados o apertava, cerceando-lhe tenazmente a atividade. Deus, porém, por cuja causa ele se sujeitara a todos esses dissabores e perigos, mandou-lhe o anjo confortador na pessoa do novo provincial, que lhe estendeu mão caridosa de pai e conselheiro.

Mas ouçamos ao próprio Mastrilli Durán, relatando ao geral Vitelleschi seu primeiro encontro com o nosso beato na sua primeira visita a Conceição, — provavelmente em 1626, — na Ânua, escrita de Córdoba, em 12 de novembro de 1628 e na qual o missivista resume alguns acontecimentos referentes aos últimos anos, talvez avisado pelo padre geral, de não haver recebido mais Ânua nenhuma desde 1620.

Tratando da região do Uruguai, diz textualmente: “Toda ela é de mui benigno e suave clima, de terra fértil e abundante, e campo mui vistoso, partido a trechos por muitas ilhotas, que formam espessos cerros e de cada um deles rebenta uma formosa vertente de água que o fertilizam e refrescam. Corria muita fama da grandeza destas províncias, da muita gente que contava, dos seus pacíficos moradores, dispostos para a doutrina evangélica, boa urbanidade e gentileza”.

“Todos os desta província desejavamos intensamente, movidos de tão favoráveis novas, descobrir alguma fenda, a fim de introduzir a luz do Evangelho para as incontáveis almas sepultadas nas trevas da sua infidelidade. Mas todas elas achávamos fechadas, pelo [motivo de] está-lo a toda a classe de comércio com espanhóis que nunca se atreveram a penetrar nestas terras. Somente o padre Roque González ousou empreender essa façanha de colocar o estandarte de nossa salvação onde não chegaram as bandeiras da Espanha, fundando numa parte desta província — em frente à cidade de Corrientes — a redução de Conceição — como se escreveu nas Ânuas passadas. Embora, porém, estivesse o padre Roque com o padre Afonso de Aragona sete anos inteiros, aguardando, com incrível paciência, ensejo de penetrar

119. PASTELLS, tomo I, p. 127, nota.

mais adentro, jamais o puderam conseguir; antes parece que Deus mostrava não haver chegado a hora da sua misericórdia para com esta província, porquanto afligiu por três anos contínuos os recentemente “reduzidos” no dito lugar com uma crudelíssima peste, que tal estrago produziu, que, passado o açoite, apenas ficaram sessenta famílias; e, enquanto durou, não se ouvia outra coisa em toda a aldeia, de dia e de noite, senão miseráveis lamentos e alaridos”.

“Esteve tentado o padre de desistir da empresa, — pois via tão pouco progresso dos seus grandes trabalhos, — para acometer alguma outra, digna do seu apostólico zelo, entre as mais nações não convertidas”.

“Era este o estado desse negócio quando cheguei a esta província, e encontrei em Buenos Aires o padre Pedro Romero, que lá se achava por ordem do meu antecessor, padre Pedro de Onate, a fim de fazer uma entrada rio Uruguai acima para estas terras, no intuito de tentar a sorte por toda a parte. Fê-la o padre com grande ânimo, e, acompanhado de alguns índios amigos, navegou quase cem léguas pelo dito rio, até que os índios lhe saíram ao encontro, intimando-lhe que retrocedesse, se não queria morrer às suas mãos. Houve de obedecer o padre, porque era infalível sua morte se passasse avante, e porque os companheiros não queriam continuar o caminho com esse risco.¹²⁰ Voltou a Buenos Aires, sem haver alcançado mais do que a glória não pequena de haver empreendido coisa tão árdua”.

“Pouco depois fui visitar esta povoação de Conceição, que o padre Roque tinha a seu cargo desde o princípio, e, havendo-me inteirado do muito que havia sofrido e do escasso fruto dos seus santos trabalhos, por estar ali como que encurralado, animei-o a que tentasse navegar rio abaixo para tomar conhecimento da disposição da terra. Fê-lo assim, e com grande risco caminhou algumas léguas até que reparou virem em pós de si índios armados para lhe darem morte; ele, porém, escapou valendo-se de um maravilhoso ardil para lhe desimpedirem a passagem: continuou seu caminho para que o seguissem até sobrevir a noite, e no lugar que o colheu acendeu grandes fogueiras na margem do rio, para que julgassem os inimigos que ele estava alojado ali. Ele, porém, deu meia volta; e, acudindo eles ao fogo, já ele estava

120. Afirma TECHO, tomo III, p. 135 ss., que o padre Romero pretendia fazer junção com o padre Roque; mas que, tendo subido cem léguas, foi-lhe estorvado o prosseguimento pelos ferozes charrúas e yaros.

posto a salvo. O padre voltou à sua redução. Não se amedrontou, porém, seu santo zelo por esses espantos. E assim, para que não ficasse parte nenhuma por onde não tentasse romper a passagem, a fim de desencastelar aquele tirano [infernall], que tantos séculos havia desfrutado, sem contradição, aquela província, determinou-se a ir, desde a sua redução, algumas léguas rio acima, para ver se lhe saía melhor do que rio abaixo. A sete ou oito léguas, topou um bom sítio para fundar um povoado. Moveu por meio de carícias e atrativos algumas famílias disseminadas por ali a “reduzir-se”, como de fato alguns começaram a fazê-lo”.

“Era este o estado das coisas da província, estas as diligências que se tomaram e os perigos a que tantas vezes expuseram sua vida os padres para abrir caminho ao Evangelho em tão fechada gentildade, quando chegou a hora da divina misericórdia, — inclinada com as fervorosas preces e infatigáveis empenhos dos que tantos anos a tinham como que assediada, — para com esta província, escancarando-lhe as portas de par em par, e entregando-a ao saque a seus ministros”.¹²¹

Efetivamente, essa hora soou lá pelos princípios de 1626, como logo se verá.

121. Documentos para la Historia Argentina, XX, 356 e 357; — BLANCO, p. 613 ss.



O precioso relicário, que contém o milagroso coração do beato padre Roque González, desde o ano de 1696, guardado hoje na igreja do Colégio do Salvador, em Buenos Aires. (P. 281)



Tamanho natural de um crucifixo de cobre, preciosa relíquia das reduções jesuíticas, descoberto em janeiro de 1938 por Alfredo Sonza, entre as raízes de uma árvore, perto da capela de S. Marcos, paróquia do Cerro Azul. A cruz parece fundida juntamente com a inscrição I. N. R. I.; o Cristo é esculpido, ou talvez fundido numa forma muito primitiva. Curiosa é a auréola por cima da cabeça, como ainda a Imaculada aos pés do Crucificado.

19. A CABEÇA DAS REDUÇÕES URUGUAIAS

(Conceição, 1625 - 1626)

Por aquele tempo o padre Roque teve novo auxiliar na pessoa do padre Diogo de Alfaro, como substituto do padre Aragona. Parece que o padre Roque lhe confiou principalmente o cuidado da parte material da redução, reservando-se ele o cultivo espiritual e o assunto que desde anos lhe absorvia a atenção: o de alargar sempre mais o raio da sua atividade apostólica.

Sobre o estado da redução, assim o padre Alfaro se exprimia ao padre provincial Mastrilli Durán, referindo-se ao ano de 1626: “Conta mais de 500 famílias; 400 já tinha dantes; as outras foram se acrescentando nestes anos por ocasião dos alvoroços, para que o demônio ficasse mais confundido. Se bem que antes a gente fosse muita, as casas eram somente 20, porque havia pouco que se “reduzira” a maior parte, estando a outra espalhada pelos matos. Meteu-lhes o padre Alfaro muito brio para fazerem casas suficientes onde se abrigassem, e em pouco mais de dois meses chegaram a sessenta. Isso exigiu grande diligência e trabalho, porque cada uma é um espaçoso recinto, onde vive o cacique com toda a sua gente, ou vassallos, que costumam ser vinte, trinta, quarenta e às vezes mais de cem famílias, conforme a qualidade do cacique. Nem têm outra divisão ou apartamento essas casas do que alguns pilares que correm, a trechos, por meio do edificio, servindo para sustentar o teto e de assinalar o limite da vivenda de cada família, que é o espaço que há entre um e outro pilar, uma deste e outra daquele lado”.¹²²

Quiçá o atento leitor recorde ainda o que o padre Roque, sete anos atrás, comunicara ao padre Boroa, declarando-lhe que, havendo cunhas, — sobremaneira apreciadas pelos selvagens para a sua rústica lavoura e indústria, — aquela redução estaria feita em dois anos, e que dentro de oito se ajuntariam quase 500 índios, que orçariam por 2500 almas. Pois bem: o leitor acaba de ouvir que antes de passado esse prazo, Conceição já abrigava mais de 500 famílias.

122. Ânua do padre Nicolau Mastrilli Durán, de 12 de novembro de 1628, em Documentos para la Historia Argentina, XX, 362; e BLANCO, p. 620.

No capítulo 9 desta hagiografia, ao tratarmos da remodelação de Santo Inácio-Guaçú, realçamos o particular empenho que pôs o padre Roque em dar a seus neófitos casas próprias, separadas por famílias, acabando com o sistema dos galpões comuns pelos graves inconvenientes para a moralidade e higiene, plano universalmente seguido pelos missionários posteriores. Mas porque não foi observado esse método na edificação de Conceição?

Vimos quantas dificuldades teve de vencer o padre Roque para congregar os uruguaiois, conseguindo formar apenas uma única redução no longo prazo de quase sete anos. Circunspecto como era, não podia exigir dos neófitos o abandono do hábito inveterado de morar em comum, expondo-se ao perigo de deitar a perder toda a obra. Evidentemente, a prudência lhe impunha essa condescendência até que os selvagens estivessem mais embebidos no espírito cristão. No mais, a redução começou a entrar em franca prosperidade, triunfando plenamente sobre os feiticeiros, que mais do que em nenhuma outra parte, haviam sido, até então, a pior praga do cristianismo. O padre Durán pinta-nos ao vivo a atividade desses maléficos sujeitos:¹²³

“Quando cheguei a esta redução [de Conceição], o padre Alfaro tinha preparado mais de 300 adultos, que batizei por minha mão, entre eles um cacique muito respeitado por seu valor, quem mais se opôs aos três espanhóis, — [dos quais mais abaixo se falará]. Fiz-lhes alguns presentes com objetos que eles estimam, e ele (o cacique) desceu depois, em companhia do padre Alfaro, ao porto de Buenos Aires e escreve-me que procede muito bem e é de grande auxílio para aquela cristandade”.

A seguir o padre provincial menciona o fulminante efeito de um sermão do padre missionário, em Conceição, contra os feiticeiros em geral e um em particular, muito conhecido, foragido por aqueles matos, que inquietava os índios com suas artes diabólicas. Declarou o padre a seus neocristãos que não temessem o ministro do demônio porque tinham a Deus por defensor. Não precisou de mais nada para que o mencionado cacique saísse espontaneamente com outros companheiros a dar caça àquele embusteiro, e, dando com ele, trazê-lo amarrado ao padre, para que o castigasse à vontade. Querendo este pôr à prova seu zelo, disse-lhe que uma vez que eles mesmos

123. Ánua cit. de 1628, páginas 363 e 621 respectivamente.

governavam seu povo, fizessem o que fosse justo. Agarraram-no os índios, amarrando-lhe uma corda ao pescoço e as mãos às costas, conduziram-no à praça, onde o esperava muito povo e ali o açoitaram até que o padre lhes ordenou que o soltassem. Fazendo-lhes depois um sermão, conseguiu que o delinquente detestasse sua má vida e desenganasse o povo de seus embustes. Assim o fez com muito arrependimento, largou suas mancebas e se preparou com grande fervor para o santo batismo.

Soube o missionário também que outro feiticeiro por ali perto, muito afamado, se fazia adorar como deus e impedia os índios de chamarem padres para o seu país. Mal teve notícia dele nosso cacique neófito, prometeu ir buscá-lo e persuadi-lo a se converter; se, porém, não o conseguisse às boas, levá-lo-ia pela força, tal qual havia feito com o primeiro. O informante não nos diz se executou o seu intento, mas passa a publicar outras nefandas traças de Satanás para lograr aquela pobre gente:

“Posto que seja verdade — continua o padre Durán — que todas estas nações não conheçam nenhuma divindade superior, porque são completamente ateístas, não satisfeito o demônio de sonegar a Deus a devida veneração, faz que a atribuam a alguma criatura e assim contrariando as obras de Deus e a hierarquia da sua Igreja, alça alguns desses feiticeiros de maior fama a serem adorados como deus e tidos por sumo sacerdote ou papa. Houve outrora um desses no Paraná, tão sagaz e manhoso que trazia tão embaucada a gente a ponto de lhe fazerem um palácio onde vivia sozinho com muitas concubinas, — que é o em que param ordinariamente semelhantes embusteiros. Em todos aqueles arredores não se encontrava outra casa, para que não fosse profanado aquele sítio que tinham por sagrado. Estava ele num bosque, tão religioso e sublime como Júpiter entre os velhos gentios. Haviam aberto no mato umas ruas mui niveladas e compridas, por onde, os que passavam descobriam de muito longe aquele templo, e, avistando-o, se prostravam em terra para reverenciarem seu *sancta sanctorum*”.

“Estes sumos embusteiros têm distribuídos pelas províncias outros [feiticeiros] que são uma espécie de bispos, que eles nomeiam, e estes designam, como para vigários seus, outros feiticeiros, aos quais enviam suas varas; e ainda a outros, que nomeiam para fiscais

ordinários e ministros, oferecem umas varinhas menores, — porque este é o sinal dessas dignidades. Uma dessas varinhas descobrimos o ano passado na redução de Corpus Christi, a qual recebera o índio do mencionado feiticeiro do Uruguai. E acontece, como vimos neste, que, no intuito de disfarçar seus logros com alguma honestidade, lhes recomenda, — porque vê que nós as damos por causa disso, — que tenham muito cuidado de convocar a gente à doutrina e que rezem as orações que os padres lhes ensinam; mas que em nenhuma outra coisa lhes obedeçam, porque [diz] são seus mortais inimigos, que só pretendem a destruição de toda a sua terra, e por esta causa induzem para a confissão, a fim de terem conhecimento dos seus pecados e intenções, e outras maldades deste tom”.

“Os selvagens estimam notavelmente qualquer dessas va-ras e o consideram como grande favor quando lhas enviam seus feiticeiros-mores; e por isso, gabando-se os índios de ser em tudo macacos dos espanhóis, ao “reduzi-los”, os padres ordenam sua república e lhes repartem também suas varas com a autoridade que temos dos governadores, nomeando-os alcaides, fiscais, etc., com o qual eles se consideram por mui favorecidos, e tanto se prezam delas que, ao recebê-las, professam ser inimigos dos feiticeiros e, em particular, de obedecer aos padres; e se animam a castigar os delitos do povo”.

Como remate de ouro termina a relação sobre Conceição, com estes períodos:

“No ano passado celebrou esta redução a primeira festa do Santíssimo Sacramento com particulares demonstrações de alegria e reverência que se deve a este soberano mistério. É ainda bom indício do apreço que têm à confissão, que, havendo de sair uma tropa de índios a fazer erva, o padre lhes disse: “Na minha terra, quando os cristãos fazem alguma viagem, primeiro se preparam com a confissão, porque não sabem o que lhes sucederá”. Foi quanto bastou para que todos se confessassem”.

20. SOBRE A MARGEM ESQUERDA DO URUGUAI

(São Nicolau, maio de 1626)

Mais de seis anos teimara o padre Roque em firmar pé na costa oriental do Uruguai, no atual Rio Grande do Sul. Durante anos a fio, o demônio e seus comparsas, os pajés, tiveram-no encurralado na redução de Conceição. Se ousava fazer alguma surtida, era sempre com manifesto perigo de vida. Não estranha, pois, que se cogitasse durante algum tempo seriamente em suprimir esse posto e largar, até melhor oportunidade, a ingrata missão dos guaranis uruguaios. Graças, porém, à invicta constância, às orações, lágrimas e penitências do bem-aventurado missionário, Deus por fim abrandou a dureza dos corações daqueles bárbaros, não impedindo mais a passagem dos ministros do altar. Em fins de abril ou nos primeiros dias de maio de 1626, fazendo nova tentativa de cruzar o rio, conseguiu-o tão cabalmente que não somente os indígenas o receberam bem, como ainda lhe consentiram fixar-se no meio deles.

Esse acontecimento, glorioso para a Companhia de Jesus no Paraguai, e sobremodo faustoso para nós brasileiros, encontrámo-lo descrito pelo padre provincial Nicolau Mastrilli Durán, na sua *Ánua* de 12 de novembro de 1628¹²⁴, onde lemos o seguinte:

“Redução de São Nicolau do Plratini. Esta é a segunda redução que o padre Roque González fundou no rio Uruguai. Dista sete léguas de Conceição e está situada sobre o rio Piratini, que deixa suas águas no Uruguai.¹²⁵) Dia da Invenção da Santa Cruz [três de maio] de 1626, do demônio triunfou o padre Roque González naquelas terras, arvorando [a cruz] e celebrando a primeira missa. “Reduziu-se” logo muita gente, que Nosso Senhor afligiu com uma fome tão cruel, que dizia o padre Roque não haver visto jamais outra tão grande. Contudo, não

124. Documentos para la Historia Argentina, XX, 365; — BLANCO, 623.

125. Estes dados não são bem exatos: na realidade não medeiam sete léguas entre uma redução e outra; porque Conceição fica a uma pequena légua da margem direita do rio, — o qual já mede ali quase um quilômetro de largura; ao passo que São Nicolau dista somente três léguas e meia da margem esquerda do Uruguai e uma légua da direita do Piratini, a não ser que o p.e Durán se refira à antiga légua de Castela que era de 5.572,7 m. e que acompanhe todas as sinuosidades do Piratini.

foi impedimento essa tribulação a que em ou-tros dois meses se ajuntassem 280 famílias e, em outros, 300 mais, contando hoje o número de 500. É terra muito fértil e apropriada para grande povoação e há bem fundadas esperanças de que o haja em breve.¹²⁶ O cacique principal que de primeiro recebeu o padre tem dado boas mostras de constância nas perseguições, pois ele, por causa disso, sofreu da parte de outros índios, e na diligência com que acode à fundação do povoado”.

“O padre Afonso de Aragona, — depois encarregado de cuidar da redução, — pela confiança que conquistou entre os índios, fez algumas entradas por terra, descobrindo gente bastante e bom sítio para fundar outra redução, que não principiou então, embora Iho pedissem os índios, pelo motivo de não haver nenhum padre para nela pôr. Quando cheguei a fim de visitar essa redução, foi tal a alegria de todos os índios, que, forçando-me a noite a passá-la um pouco longe do povoado, gastaram-na totalmente em festas e regozijos que atroavam os campos com o estrondo dos seus instrumentos. Pela manhã saíram todos a receber-me, e tão atropeladamente se atiraram a beijar-me a mão, que me vi em perigo de ser sufocado no tumulto, se dois padres que iam a meu lado os não moderassem. As mulheres estiveram sempre escondidas nas suas casas; somente três [esposas] dos caciques, por grande favor, saíram para me ver. Porque com tanto cuidado as ocultam os índios, e elas mesmas são tão ariscas, que sempre se acham recolhidas sem permitir que alguém as veja, até que, pelo trato dos padres, vão perdendo aquele acanhamento; e nesta redução, — escreve-me o padre Aragona, — já lhe consentem a entrada nas suas casas e a visita aos enfermos e enfermas, que ao começo, era um caro custo pela dificuldade com que o concedem”.

“Os primeiros adultos batizei-os eu da minha mão, os mais vão-se batizando pouco a pouco. Os trabalhos que o padre Aragona passa aqui são muito grandes; basta dizer que sua comida ordinária é [uma espécie de] feijões [miúdos] e algum charque velho, se é que Iho enviam de outras reduções, e senão, passa com oração contínua em que está quase toda a noite, tendo gasto o dia inteiro em catequizar a gente e servir os doentes”.

126. De fato, no século seguinte, chegou a contar quase 8.000 guaranis civilizados, repousando sobre vasta e arejada meseta, servida de duas abundantes fontes, entre a divisa das águas do Piratini e Ijuí, a 44 kms. de estrada ao ocidente da hodierna cidadezinha de São Luiz Gonzaga, a 28°15' de Lat. e 12°12' de Long. O. do Rio de Janeiro.

Até aqui o padre provincial. Estava, pois, lançada a primeira pedra da civilização no extremo sul do hodierno Brasil, que mais tarde haveria de desabrochar tão magnificamente. O padre Roque denominou o local “São Nicolau”, e crivei é que assim o fizesse como grata e filial homenagem a seu venerando superior e amigo em Cristo padre Nicolau Mastrilli Durán.

Seria obra do acaso que a primeira missa no Rio Grande do Sul fosse celebrada no dia da Invenção da Santa Cruz, na qual o Filho de Deus remiu a humanidade inteira, e no mês de maio, posteriormente dedicado ao culto particularíssimo da Mãe de Deus? Certo é que desde então Maria Santíssima celebrou com seu Divino Filho a entrada triunfal nesta terra que veio a intitular-se graciosamente “Tupaceretã”, corrupção das palavras guaranis Tupã (Deus), cy ou si (mãe), rêtã (terra, região), i. é “Terra-da-Mãe-de-Deus, ou “País de Nossa Senhora”.¹²⁷

127. TEODORO SAMPAIO, *O Tupi na Geografia Nacional*, III.* ed., Baía 1928 ad. vocab. “tupaceretan”; e padre JESÚS ACERETE, em carta particular ao A. — O moderno Rio Grande continua fiel à tradição missioneira, pois que, conforme o *Anuário do Brasil Católico* de 1933, das 212 paróquias rio-grandenses de então, 79 eram dedicadas a Nossa Senhora; e, na Capital do Estado, até, das 20 paróquias do ano de 1938, mais da metade contavam a Mãe de Deus por orago.

21 . DESÍGNIOS ALTANEIROS DE UM MAGISTRADO

(Buenos Aires, 1626)

Por cédula real de 16 de dezembro de 1617, a antiga pro-víncia do Rio-da-Prata foi desmembrada em dois distritos. Ao primeiro, que ficou sendo chamado do “Guaíra” (ou Guairá), deram por capital Assunção; o outro, que teve por cabeça a “Cidade da Trindade, Porto de Buenos Aires”, ou simplesmente “Buenos Aires”, foi intitulado do “Rio da Prata”. A consequência imediata dessa separação foi a divisão eclesiástica em duas dioceses autônomas, efetuada e aprovada por Sua Santidade Paulo V, no consistório de 16 de março de 1620.¹²⁸

O primeiro governador do Rio-da-Prata foi dom Diogo de Gôngora, falecido repentinamente a 21 de maio de 1623, pouco antes de terminar o quinquênio do seu mandato, sucedendo-lhe, em 18 de setembro, dom Francisco de Céspedes,¹²⁹ ao passo que o Guaíra teve por primeiro governador a dom Manoel de Frias, ao qual sucedeu, em 1625, o mal-afamado dom Luiz de Céspedes Xéria.

Em virtude dessa partilha, as reduções de ambas as margens do Uruguai passaram a pertencer, tanto no civil como no eclesiástico, ao Rio da Prata. Foi primeiro prelado dessa novel diocese dom frei Pedro Carranza, da Ordem carmelitana, que ocupou sua sede em 19 de janeiro de 1621. Entretanto, parece que os missionários jesuítas do Uruguai não ficaram de todo isentos da jurisdição do prelado de Assunção, de que Carranza se queixava ao rei numa carta datada de 1.º de maio de 1627, atribuindo a culpa dessa anormalidade ao atual governador Céspedes, então inimigo figadal do bispo de Buenos Aires.¹³⁰

Céspedes, como lídimo filho da cavalleiresca e conquistadora Espanha, levado pelo desejo de acrescentar um título de glória a seu nome, pretendeu alargar os limites da coroa de Castela por toda a região banhada pelo rio Uruguai. Com esse intuito entregou em 1625, sem mais preparo e sem prévia aprovação dos superiores regulares, a cristianização dos charruas, que estanciavam na banda oriental do

128. Apud BLANCO, p. 159.

129. Don Francisco de Céspedes, por ENRIQUE PEÑA, Buenos Aires, 1916, p. 8.

130. PASTELLS, I, n.º 391.

baixo Uruguai, a seu conterrâneo e amigo pessoal, o impetuoso franciscano andaluz, frei João de Vergara. Fracassou de todo, infelizmente, esse empreendimento¹³¹.

Não arrefeceu Céspedes no seu empenho, pois, sabendo que o padre Roque se encontrava à frente de uma próspera aldeia entre os guaranis do alto Uruguai, fez tudo para se pôr em comunicação com ele, a-fim-de estender também para lá, ou mais longe ainda se possível, os limites da coroa, envolvendo no estandarte de Castela as cruces erigidas naquelas remotas regiões pelos audaciosos missionários.

Neste sentido oficiou tanto ao padre João Batista Ferrufino, reitor do colégio da Companhia em Buenos Aires, como ao próprio padre Roque. O paraguaio Fernando de Zayas, perfeito conhecedor de idiomas ameríndios, devia levar ao Uruguai as cartas do governador. O histórico dessas negociações encontramos-lo na famosa Carta Ânua de 1628, onde o padre Mastrilli Durán fala com uma franqueza que assombra¹³².

“Don Francisco de Céspedes — escreve o padre provincial — governador por Sua Majestade, do Rio da Prata, ouvidas as coisas que se diziam desta província [do Uruguai], umas que realmente eram verdadeiras, outras e as mais, que, embora não o fossem se contavam por tais — como sucede a respeito de terras remotas e não conhecidas, pois ordinariamente a fama toma alguma liberdade que “*crescit eundo*” (cresce caminhando) — entrou com isso em grandes esperanças de, afora a conversão de inúmeras almas, aumentar a sua linhagem e alcançar do rei católico ambiciosos títulos e renomes se induzisse essa província a reconhecer seu cetro. Deus, porém, pretendia, como de fato sucedeu, introduzir o [cetro] de Cristo”.

“Procurou o governador para encaminhar seus planos, ganhar com lisonjas e presentes, que repartia com liberalidade, as vontades dos índios charruas que habitam para além do Rio da Prata e confinam e comunicam com os do Uruguai, para que, mediante o comércio que tem com eles, fossem tomando algumas notícias dos espanhóis, e, presos com a isca do interesse, lhe trouxessem algum dessa nação. Desceu por fim, ao porto, um cacique das primeiras terras do Uruguai.

131. PEÑA, op. cit. 23 ss, e LUIS HENRIQUE AZAROLA GIL, Los Origenes de Montevideo, 1607-1749, Buenos Aires, pág. 36 s.

132. Documentos para la Historia Argentina”, XX, 357; - BLANCO, 614. – Os conceitos de Durán achamo-los confirmados pelo Bispo Carranza, em PASTELLS, I, nº 381.

Regalou-o muito o governador e acabou com ele que levasse consigo, para ver a sua província, um espanhol nascido nestas terras, muito prático em tratar com os índios, que sabia muito bem sua língua, pois que em todo o Uruguai corre a língua geral do Paraguai.”

“Entrada já a quaresma de 1626, abalou sozinho numa canoa, com alguns índios, sem outra defesa que um arcabuz a tiracolo, estranhando muitos e até fazendo troça de semelhantes intentos, porque lhes parecia impossível sair com eles. Levava ordem de navegar rio acima, até dar com a redução do padre Roque González e trazia cartas do governador, cuja resposta havia de ser o crédito da sua viagem. Caminhou desta sorte Fernando de Zayas — que assim se chamava ele — e, chegando ao paradeiro donde fizeram voltar ao padre Romero, como já dissemos, saíram muitos índios a embargar-lhe o passo, ordenando-lhe que não seguisse avante. Não no obrigaram a voltar logo, mas inteirados da sua pretensão, despacharam estafetas para toda a parte a consultar os caciques da terra, o que conviria [fazer] naquele caso. Demoraram quase dois meses em trazer as respostas, e todo esse tempo ficou esperando sem dar um passo adiante, e por fim, pelos presentes que do governador esperavam, convieram em que se lhe permitisse prosseguir caminho. Fê-lo assim, até topar com a nossa redução de Conceição”.

“Não se pode dizer o celestial regozijo de todos os padres das reduções vizinhas do Paraná, e em particular do padre Roque González, vendo como Deus o convidava por onde não imaginara, com a porta aberta, que ele não havia podido forçar com tantos trabalhos.¹³³ Resolveu o padre Roque, pela importância do negócio, que tanto interessava a glória divina, de viajar com o homem, pelo mesmo caminho, até Buenos Aires, como lho pedia o governador na sua carta, e a dar ordem com ele de iniciar logo a “redução” desta gente”.

“Fazendo sua viagem, encontrou no rio uma grande multidão de canoas com muito aparato e mais de .400 índios aprestados para a guerra, indo com grande coragem a fazê-la a outra nação da qual se sentiam ofendidos. Não se perturbou nada o padre ao ver-se no meio de tanta gente bárbara que nunca havia visto a cara de nenhum espanhol, antes com grande ânimo e energia falou a todos juntos para que

133. Pelos modos, o p. Roque se havia recolhido novamente para Conceição pouco depois da fundação de S. Nicolau, 3 de maio de 1626. Na ida a Buenos Aires gastou cerca de 25 dias, onde arribou no dia 24 de junho.

desistissem daqueles projetos. Eles, ao verem sua grande eloquência e bondade, escutaram-no com muita atenção, e mais ainda quando souberam que aquele que lhes pregava era o padre Roque González, do qual, — ainda que nunca o houvessem visto, — tinham muito conhecimento pela fama (célebre) que dele havia chegado a todas as suas terras. Assim lho declararam, depois da arenga, com mostras de muita afeição, manifestando o seu contentamento de ter podido ouvir suas eficazes palavras, mais poderosas ainda do que havia publicado a voz geral que os trazia desejosos de encontrá-lo e ouvi-lo. E que, para lhe dar gosto, desistiam de boa vontade da empresa, se bem que os impelia o desejo de vingar suas injúrias. Todas estas coisas foram razões formais daqueles bárbaros, posto que eles não o são tanto que, em ocasiões, não descubram alguns raios da luz da razão”.

“Entrou o padre Roque em Buenos Aires com o espanhol e alguns índios que trazia da sua redução, como amostras e primícias do Uruguai, no dia de São João Batista no mesmo ano de 1626, com grande regozijo de toda a cidade, principalmente do governador, que não cabia em si de satisfação por lhe haver saído seu desígnio tão conforme ao seu desejo, Muito atencioso para com o padre, festejou os índios, fazendo grande parada, e disparando toda a artilharia do forte, com admiração dos selvagens ao ouvirem aquele estrondo. Deu-lhes alguns presentes, com os quais ficaram muito satisfeitos, em particular o cacique Santiago Nheacá, que era o principal da redução do padre, índio de rara eloquência, como o denota seu apelido que tinha já desde antes do batismo e significa “prática alinhavada” para explicar, conforme sua frase, o concerto e eficácia das suas [palavras]”.

“Tratou o governador com o padre, nos dez dias que lá se demorou, sobre o modo que se havia de guardar na conversão desta gentildade, e entregou, em nome de Sua Majestade — por público instrumento, que o padre reitor daquele colégio aceitou em meu nome, — à Companhia a província do Uruguai, para que a “reduzisse” à obediência da Igreja e da sua”. Até aqui a informação do padre provincial Durán.

Os públicos instrumentos, a que alude Durán, fornecidos por Céspedes, são dois, datados ambos de 4 de julho de 1626, cujos origi-

nais encontram-se ambos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.¹³⁴ O primeiro reza assim:

“Don Francisco de Céspedes, governador e capitão-general das províncias do Rio da Prata, por Sua Majestade, etc. Porquanto tenho feito à Companhia de Jesus entrega, em nome de Sua Majestade e meu, das províncias (do Uruguai, para que atenda à redução dos seus naturais) e à sua conversão à santa fé católica, obediência e serviço da real majestade, e isto se há de conseguir por meio das reduções e povoações que os padres da dita Companhia hão de ir fazendo dos ditos naturais: dou-lhe em nome de Sua Majestade ampla faculdade e poder sem limitação e restrição alguma, para que façam e fundem todas as reduções que puderem e ponham nelas os caciques e justiças que lhes parecerem em nome de Sua Majestade e meu, dando-lhes varas e autoridade, toda a que julgarem ser conveniente para o serviço de ambas as Majestades”.

“E mando que ninguém dos meus tenentes ou justiças, ou qualquer outra pessoa das províncias do Rio da Prata, ouse estorvar ou impedir obra de tão grande serviço de ambas as Majestades, sob pena de mil pesos, aplicados para a câmara de Sua Majestade”.

“E mando aos ditos meus tenentes e justiças, a todos e a quaisquer deles, que ajudem e favoreçam aos padres da Companhia de Jesus em todos os casos e ocasiões, que nas ditas províncias do Uruguai tiverem mister de sua ajuda e lhes for solicitado por parte da dita Companhia”.

“E porque pode ser que Nosso Senhor abra a porta à dita Companhia de Jesus para entrar em outras províncias distantes do Uruguai, que não pertençam determinadamente a outro distrito e governo: dou-lhe a mesma faculdade e licença para que, em nome de sua Majestade e meu, tomem posse das ditas províncias, e procurem reduzi-las ao conhecimento da santa fé católica e obediência de Sua Majestade e façam tudo quanto acima fica dito e me vão dando aviso do que fizerem, pedindo a ajuda e socorro necessário, que eu acudirei em pessoa, se preciso for”.

“Dado na Cidade da Trindade, Porto de Buenos Aires, a quatro de julho de mil seiscentos e vinte e seis”.¹³⁵

134. Col. de Angelis VII, 25 e 26. — Cfr. BLANCO p. 163 e POSITIO p. 146.

135. Este documento oficial, que mui de indústria aqui trasladamos na íntegra pondo em grifo as passagens de maior peso, é um categórico desmentido contra aqueles que, iludidos por doen-

O segundo documento é um “ex-horto” (comissão rogatória) do governador Céspedes ao padre reitor Ferrufino, no qual roga ao padre provincial, por seu intermédio, em nome do rei, aceite a entrega que faz à Companhia de Jesus da província do Uruguai para evangelizá-la e submetê-la ao serviço de ambas as Majestades. Depois, encarecendo o muito que ele próprio já havia feito em prol da evangelização dos chanás, charruas e jarós, lembra os trâmites percorridos até se ter posto em comunicação com o padre Roque González, que veio até Buenos Aires, em companhia de Fernando de Zayas, “coisa que a mim me banhou a alma de singular alegria e consolo e alegrou a todos os deste porto, por verem aberta a porta, que tão fechada havia estado, para a conversão de tantas almas gentias”. E, havendo-lhe dado o cacique-mor a obediência, abraçando-o terna e afetuosamente, resolveu — diz Céspedes — entregar a redução da dita província do Uruguai à Companhia de Jesus ¹³⁶.

Logo exora ao padre reitor queira enviar com o padre Roque o padre Miguel de Ampuero, “pessoa de muitas letras, religião e eloquência”, bem inteirado nos planos do magistrado. Antes de concluir, exorta e pede ao padre Ferrufino, ordene ao padre Roque que faça um relatório assinado por ele sobre o que sabe acerca da qualidade daquelas terras, sua latitude e longitude, quantidade de índios e esperança que elas dão de ouro e outros metais, e da quantidade de sacerdotes religiosos que serão precisos para as reduções que se forem fazendo.

tio regionalismo, consideram os jesuítas espanhóis dos séculos XVII e XVIII, que civilizaram o Rio Grande do Sul, como intrusões em “território nacional”. Francamente, esses chauvinistas, ou são vítimas dos seus preconceitos contra homens que tudo fizeram pela grandeza do Rio Grande indígena, cujas monumentais ruínas o próprio governo manda hoje conservar carinhosamente como relíquias de inestimável valor, — ou jamais ouviram falar na “Linha de Demarcação”, estabelecida no Tratado de Tordesilhas em 7 de junho de 1494, a qual, na mais favorável das hipóteses, passava a oeste do Pará e saía pelo istmo da Laguna, fazendo cair, portanto, a maior parte do hodierno Brasil, inclusive o Rio Grande, sob a esfera que de direito tocava a Castela. Além disso, de 1580 a 1640 Portugal e Espanha se achavam sob o mesmo cetro. Se “intrusão” houve, essa partiu justamente da banda contrária, muito embora os gaúchos do século XX nos ufaneemos de fazer parte integrante do colosso brasileiro. Aos jesuítas, que, antes de tudo mais, procuravam a salvação das almas, pouco se lhes dava da parte donde viesse a sombra do estandarte que os abrigava. (Veja também a erudita nota de CAPISTRANO DE ABREU, na HISTÓRIA GERAL DO BRASIL, 3.^a ed. integral, I, 84).

136. Segundo TECHO (III, 223) o cacique-mor Santiago Nheaçá, companheiro do p. Roque, reconheceu a soberania do rei da Espanha, mas sob a condição de eles não ficarem sujeitos à escravidão e não terem outros superiores imediatos que não fossem os padres da Companhia. (PABLO HERNÁNDEZ, II, 341). E 130 anos depois, na famosa questão da transmigração dos Sete Povos, ainda alegam essa estipulação (Relatório do P. BERNARDO NUSDORFFER apud TESCHAUER, na História do Rio Grande do Sul, vol. III, p. 277).

Tendo o padre provincial ordenado ao padre Ferrufino de dar a Céspedes tudo quanto pedisse, o padre Ampuero pôs-se a caminho do alto Uruguai, trocando as comodidades da capital pelas privações do sertão, posto que viesse a fazer sensível falta no colégio de Buenos Aires.¹³⁷

Com que sentimentos de júbilo não voltaria o apóstolo dos guaranis a seu campo de ação, agora engrandecido tão ilimitadamente!

Dias depois, Céspedes, numa carta dirigida a Filipe IV, louvava enormemente a gentileza do padre Durán que lhe havia cedido os melhores sujeitos para a conversão dos índios, dos quais afirmava exageradamente haverem-se “reduzido” já acima de trinta mil, sem sequer ter ele tido necessidade de tomar as armas. Logo se gaba, faltando à verdade, de haver construído templos suntuosos entre os selvagens, declarando que estes já traziam seus produtos até Buenos Aires, tratando amistosamente com os espanhóis. Por fim, encarece as pesadas despesas que tudo aquilo lhe causara, coisa evidentemente inventada por ele no parecer de Enrique Pena (Don Francisco de Céspedes, p. 22 e 44), mas que Techo (III, 224) reduz a alguns sinos, vasos e alfaias sagradas compradas a despesas do erário público.

Apesar do grave e prolongado dissídio que separou durante longos anos o bispo Carranza do governador Céspedes pelos desmandos de dois filhos deste e por sua falta de honestidade administrativa, o prelado concedeu a jurisdição canônica e amplos poderes aos missionários jesuítas do alto Uruguai, que abalaram após dez dias com os corações inundados de santo júbilo. Agora, sim, poderia o zelo do padre Roque expandir-se à vontade, e era preciso desforrar-se dos longos anos perdidos na inatividade.

O demônio, entretanto, já lhe havia armado súbito e terrífico tropeço como passaremos a ver.

137. PASTELLS, I, p. 403, nota 1.

22. UMA MEDIDA FUNESTA

(Buenos Aires, 1626)

Remontando o Uruguai, com a alma banhada em celestial consolação e a cabeça transbordando de mil planos de glorificação divina, o padre Roque delineou de passagem as bases de Japejú, nova redução sita à margem direita do Uruguai, quase em frente à barra do Ibicuí, mas cuja fundação definitiva só pode ser atacada em fevereiro do ano seguinte. Sua primeira obra importante foi o lançar os fundamentos da terceira redução do alto Uruguai, que, em homenagem a seu poderoso fautor Francisco de Céspedes, a pedido dele mesmo (Techo, III, p. 238) denominou “São Francisco Xavier”. Dela nos trazem breve resumo as Ânuas do padre Mastrilli Durán, de 12 de novembro de 1628:¹³⁸

“Redução de São Francisco Xavier. A terceira redução do Uruguai é esta, fundada também pelo padre Roque González, no ano passado de 1626, algumas léguas de Conceição, rio abaixo, e da outra banda.¹³⁹ Tem menos gente que as outras, pois não passarão de 300 almas, por haver fugido outras tantas aos matos em consequência da ameaça que fez o espanhol a um índio de enforcá-lo, se não se “reduzisse” com gente para viver naquele povoado. Teve a seu cargo a essa redução o padre Miguel de Ampuero com o padre Pedro Bosquier, ambas pessoas de muito boas prendas”.

Esta singela narração dos inícios de São Francisco Xavier alude a um fato que pôs em gravíssimo risco de completo fracasso todos os trabalhos dos missionários da zona uruguiaia. Como acabamos de ver no capítulo precedente, nota 9, uma das condições com que o chefe Santiago Nheacá, — que acompanhara o padre Roque a Buenos Aires, — reconheceu a soberania espanhola foi a de que nunca ficassem sob

138. Documentos para la Historia Argentina, XX, 366; — BLANCO, pág. 625.

139. Provavelmente, na vizinhança do arroio Urucutai, entre a desembocadura do Piratini e a cidade brasileira de São Borja. A última vez que é mencionada a redução de São Francisco Xavier é na Ânuia de 13 de agosto de 1637. Com certeza foi abandonada logo depois da grande debandada dos índios cristãos do atual Rio Grande do Sul para a margem direita do Uruguai, 1637-1639, fora do alcance dos mamelucos.

o domínio imediato dos espanhóis, e sim, exclusivamente ao cuidado paternal dos padres da Companhia de Jesus. Entretanto, Céspedes foi o primeiro a violar esse convênio.

Leiamos o que sobre este particular nos conservaram as mencionadas Ânuas de 1628, na sua linguagem leal e desataviada:¹⁴⁰

“Ocupado estava o padre Roque González em preparar a gente para ir fundando aldeias, quando o demônio, escumando de raiva ao ver como lhe tiravam e haviam de tirar das unhas tantas almas, trabalhou com suas astúcias por revolucionar toda aquela província e lançar dela os padres que lhe moviam crua guerra. Prevaleceu, porém, o poder de Deus, que já havia admitido ao grêmio da sua misericórdia toda esta gentilidade. Sucedeu tudo da maneira como direi:

“Pouco depois de ter voltado [de Buenos Aires] o padre Roque, despachou o governador aquele espanhol [Fernando de Zayas] que primeiro havia enviado, mais outros dois da terra, para que com os nomes de “regedores” assistissem em nossa redução de Conceição e nos povoados antigos dos índios ainda não “reduzidos”, mas já dispostos. Com isso, pretendia o governador entabular desde logo o comércio com esses índios e encaminhar suas pretensões, porque soube que neste rio Uruguai deságua o Ibicuití e nele entra o Mbiazâ, que traz suas águas do mar do Brasil.¹⁴¹ Ali imaginara ele fundar uma cidade e iniciar um porto de muito tráfico, com que pudesse conquistar o título de marquês dela, e ainda outros, que às vezes se medem mais pela ambição dos que os pretendem do que pela realidade do seu fundamento, como de fato sucedeu”.

“Foi conselho errado e precipitado, mas não pudemos estorvá-lo, e assim começaram os três espanhóis a exercer sua jurisdição, querendo governar os índios que ainda eram infiéis e mantê-los submissos à sua vontade.¹⁴² Eles, porém, para os quais não há coisa mais odiosa que o nome de espanhol, principiaram logo a alvoroçar-se e até a queixar-se dos padres que o haviam “reduzido” sob a condição de

140. Documentos... p. 359 ss —; BLANCO p. 617 ss.

141. Quanto ao Mbiazâ, suposto tributário do Ibicuití, “que traz suas águas do mar do Brasil”, é bem possível que seja uma vaga suspeita da existência da Lagoa dos Patos, como ouviremos no capítulo 24.

142. TECHO III, 237 conservou-nos seus nomes: Fernando Zayas, que ficou em Conceição entre os ibitiracuanos; Pedro Bravo, que tomou assento em Japejú, e Payá, que se estabeleceu em S. Francisco Xavier entre os jaguaraitins.

que não havia de entrar espanhol em suas terras, e agora o faziam para prendê-los e vendê-los”.

“Viram-se os padres muito aflitos, porque dia por dia aumentava o sentimento e o ódio que mostravam àqueles homens, consumindo-se de raiva ao ver que os queriam governar. Divulgou-se por toda a província do Uruguai [o boato] que já haviam começado a entrar nela os espanhóis e todos se sublevaram tanto que esteve a pique de perder-se tudo irremediavelmente e de os padres perecerem às suas mãos. Porque, primeiramente, chegando ao conhecimento dos de Itapúa, — de per si ferozes e atrevidos, embora sujeitos pela doutrina de nossos padres, — irritados com esta nova, mandaram ameaçar os índios de Conceição que haviam de dar cabo deles por terem consentido um espanhol no seu povoado, se imediatamente o não lançassem de toda a terra”.

“Outrossim, voltando 80 índios desta redução de Conceição da colheita de erva-mate, saíram-lhes ao encontro 300 índios armados dos pagãos do Uruguai, com intenção de matá-los, ofendidos com eles pela mesma razão, — a qual tinham por infâmia, insultando-os com palavras e apelidando-os mulheres que haviam admitido por marido ao espanhol e que expulsassem tanto a eles como aos padres. Os nossos, porém, que iam prevenidos, enfrentaram-nos com valentia, e ainda que o número dos outros era tanto maior, mataram alguns, entre os quais o chefe principal. E, acalorando-se mais os contrários com novas injúrias, carregaram sobre os nossos, e posto que não matassem a ninguém, feriram a muitos, escapando só pela fuga e deixando-lhes toda a erva que traziam para a sua aldeia”.

“Não pararam aqui os estragos, porque na redução (de São Francisco Xavier) a que o padre Roque tinha dado início, havendo “reduzido” nela e quietos já 600 índios, escaparam aos montes acima de 300 por causa de uma ameaça que lhes fez um desses três espanhóis que se ali achava. E a santa cruz que se tinha levantado, como é de costume na fundação das reduções, lhes persuadiu o demônio que era a força onde ele havia de fazê-los morrer. Finalmente, a tal extremo chegou a indignação que, — pelo espanhol, que estava em Conceição, haver dado uma bofetada a um índio, — sentiram tanto a afronta que todo o povo se amotinou, vindo a falar-lhe com grande soberba e ameaçando-o no caso de não desalojar, o lugar. Até ao padre

Diogo de Alfaro, cura daquela redução, falaram com alguma altivez, por tolerar aquele homem, de sorte que o padre se viu constrangido a falar-lhes com inteireza e valor. Cercaram a casa do espanhol durante todas aquelas noites, tocando suas buzinas e tambores à guisa de guerra, de maneira que o coitado não se atrevia a sair dela”.

“Desta sorte — continua o padre provincial — estava amotinada toda essa província quando cheguei a visitar Conceição, cujos moradores eram os principais no alvoroço, porque os demais se queixavam deles. Exortou-os o padre Alfaro que me recebessem com as demonstrações que costumam nas outras reduções quando os provinciais veem para visitá-las. E, ainda que eles se esforçaram por fazê-lo, logo estranhei neles os rostos caídos e desgostados. Aquela mesma tarde que entrei, me falou todo o povo com grande resolução, pedindo-me que mandasse logo abandonar a terra aquele espanhol, porque de forma nenhuma o suportariam mais tempo, e que não os governasse outro afora os padres, a cuja obediência se haviam sujeitado, fazendo-se cristãos, e a mais ninguém. Procurei tranquilizá-los com brandura, respondendo-lhes que me deixassem descansar, que no dia seguinte lhes daria resposta”.

“Resolvi-me a que não convinha ao decore da Companhia que o espanhol sáisse por ordem nossa, porquanto estava posto ali pelo governador em nome do rei, e seríamos notados de querermos sublevarnos com a terra se o lançássemos dela, sem dar parte ao governador, pois, sem isto, não faltariam invejosos, que, vendo a grande glória que provinha à Companhia por “reduzir” aquela província ao grêmio da Igreja, murmurariam de nós. Isto dei por resposta aos índios, e ainda que o espanhol quisesse ir-se embora, vendo que não estava seguro, Iho impedi e ordenei que ninguém lhe desse provisão para o caminho, a fim de Iho estorvar completamente”.

“Acalmei, porém, os índios e tranquilizei o espanhol, participando-lhes que enviaria depressa o padre Miguel de Ampuero a Buenos Aires, a tratar deste negócio com o governador, a quem persuadi por cartas que logo dessa ordem terminante aos espanhóis de voltarem, se não queria ver perdida toda esta província e sem nenhuma esperança para suas pretensões, por serem os índios ainda infieis e cedo demais para lhes atirar jugo, que mais tarde poderia fazê-lo, quando estivessem mais sujeitos”.

“Convenceram minhas cartas ao governador, e assim despachou ordem pelo correio, que os três espanhóis saíssem imediatamente. Assim se executou e pouco depois voltou o padre Ampuero às reduções com um bom recurso para os padres e para os índios da esmola que lhes dá Sua Majestade. Afastado com isto o escândalo, sossegou a terra e tranquilizados os índios, ficaram dispostos para estabelecer uma extensa cristandade, como de fato se vai fazendo com grande glória de Nosso Senhor e pesar do inferno que levantou essa borrasca, porque em breve tempo se fundaram quatro novas reduções, fora de Conceição”. Até aqui o padre provincial Mastrilli Durán.

Foi esse, provavelmente, o caso que o bispo Carranza lançou em rosto de Céspedes, que se gloriava de haver descoberto três novas províncias, sendo que, por sua vaidade e imprudência, por um triz não deitou a perder todas as reduções do alto Uruguai.

Diz o sábio padre Guilherme Furlong:¹⁴³ “Uma das maiores e mais genuínas glórias da Companhia de Jesus é a de ter sido seus membros sempre e em toda a parte, muito particularmente porém nestas regiões do Rio da Prata, os mais tenazes defensores e os mais sacrificados advogados dos indígenas. É realmente indizível o muito que sofreram os jesuítas da parte dos encomenderos e colonizadores leigos, a fim de garantir a natural liberdade dos índios que moravam nestes países”.

E nós podemos acrescentar que o alegado incidente da indébita ingerência dos espanhóis na vida íntima das missões, foi sem dúvida uma das grandes provações do beato padre Roque, tanto mais viva quanto provinha da parte do seu fautor e amigo Céspedes.

143. Na sua brilhante obra “Los Jesuitas y la cultura rioplatense”, p. 18, Montevideo, 1933.

23. A CHAVE DO ALTO URUGUAI

(Japejú, 4 de fevereiro de 1627)¹⁴⁴

Na Carta Ânua do padre Mastrilli Durán, do ano de 1628, a que já diversas vezes aludimos, mencionam-se quatro novas fundações, nas quais Roque González teve parte preponderante, senão exclusiva. São a de Japejú, Candelária do Ibicuití, — transferida pouco depois ao Caaçapá-mini, Assunção do Ijuí e Todos os Santos do Caaró. Apenas causa maravilha que o padre provincial, ao encerrar sua missiva ao padre geral Vitelleschi, em 12 de novembro de 1628, já tivesse conhecimento desta última que fora iniciada somente doze dias antes.

Quanto à primeira, fundada à margem direita do Uruguai, perto da ilha de Japejú, ouçamos novamente o interessante autor da Ânua de 1628.¹⁴⁵

“Redução de Nossa Senhora dos Reis [Magos] do Japejú. Esta é a quarta redução do Uruguai, não em ordem ao ponto, mas quanto ao tempo de fundação. Sita na costa do rio Uruguai, sobre outro rio que entra nele, denominado Japejú, dista 30 léguas de Conceição, rio abaixo e cem do porto de Buenos Aires, sendo a mais próxima que de lá possuímos.

Desta redução é que propriamente começa, rio acima, a nação dos índios do Uruguai que, — embora suas terras corram com o rio até o da Prata, como dissemos, — (desde o Japejú) estão habitadas pelos índios charruas, jarós e outros povos inumanos e bárbaros, que nem possuem casas, nem sementeiras, nem lugar determinado, sustentando-se continuamente da caça e pesca quotidiana. São, com isto, de costumes tão ferozes que, posto que cheguem muitas vezes a

144. Japejú, vem de i(y)-apé-yu(ba), que se interpreta como “dele a superfície amarela”, nome de homens e lugares (Batista Caetano). Pode significar também pantanal, alagado podre (TE-ODORO SAMPAIO), alusão àquela região paludosa. Curioso é saber que até o dia de hoje se conservou este termo no dialeto provinciano dos argentinos daquela região, onde se diz em abril, quando começam a tomar cor amarelenta as laranjas — ainda não maduras — que elas estão ainda yapejú. (C. LEONHARDT, em ESTÚDIOS, Buenos Aires, abril de 1940, p. 309). Japejú é a moderna San Martín.

145. Documentos para la Historia Argentina, XX, 367 ss. — BLANCO, p. 623.

Buenos Aires e tenham nas suas mesmas terras muito comércio e trato com gente desta cidade, jamais se inclinaram à nossa santa fé, nem se acomodaram a “reduzir-se” à vida social. Assim vivem de roubos e insultos e de cativar os que podem apanhar das nações vizinhas, a fim de vendê-los por escravos aos espanhóis; donde seus arcos e flechas formam suas rendas e juros perpétuos”.

“Tratam também com os índios do Uruguai,, em particular com os deste posto [do Japejú], que é como a chave de toda a província, porque além de estar na mesma passagem, por onde, forçosamente, hão de navegar os que desejam ir terra a dentro, estão também pegados ao rio Ibicuití, que desemboca no Uruguai e corre desde a costa do Brasil, e há grande fama que por esse rio adentro haja grandíssimo número de infiéis que tratam também com estes do Japejú, é fazem com eles contratos concernentes às suas terras, como as demais nações vizinhas, servindo estes de espias a todos”.

“Por isto, tive-o sempre de máxima importância que a Companhia ocupasse esse sítio, porque garantia a conversão de toda esta província e dos do rio Ibicuití — que também faz parte dela — e nos fazíamos senhores do passo para subir e descer a Buenos Aires, coisa de suma importância para o governo e proveito destas reduções, pela brevidade do caminho comparado com o que se andava antes de se abrir este. E tudo isso se punha em jogo, se os índios deste posto não estivessem sob a nossa obediência”.

“Por estas razões, quando subi ao Guaíra, deixei vivamente recomendado ao padre Roque que descesse a essa região e procurasse em todo o caso fundar um povoado. O padre fê-lo assim; mas sendo pouca a gente que descobriu, não lhe pareceu suficiente para uma fundação, devendo ocupar nela os padres que, dada a grande escassez deles, seriam mais necessários em outra parte”.

“Quando voltei do Guaíra, confirmando-me cada dia mais em que convinha ocupar esse sítio, resolvi ir eu lá pessoalmente com o padre Roque e o padre Pedro Romero, a fim de dar início à fundação com os índios que achasse, por poucos que fossem. Fizemos nossa viagem e encontramos só três casas com 100 índios, que nos acolheram com alegria. Distribuindo-lhes algumas coisas que eu levava para lhes ganhar as vontades, ficaram muito amigos, e gostaram muito de que quiséssemos fundar povoado ali; dando eles princípio ao mesmo

com muito contentamento, em 4 de fevereiro do ano passado de 1627. Tomaram-no tão a sério que antes de eu partir de lá, já haviam cortado madeira para levantar uma boa igreja no ponto que lhes designei, e começado a preparar a terra para as sementeiras, que é a primeira coisa que se faz na fundação de cada redução, porque não costumam os índios semear em campo aberto, por ser ali a terra mais gasta, motivo pelo qual nada colheriam, mas como nos matos a terra está protegida pelas árvores, que são muito copadas, [a terra] conserva-se mais úmida e pingue e produz mui copiosos frutos. Para esse efeito, pois, derrubam grande pedaço de bosque, conforme o número das famílias, a cada uma das quais se assinala porção diferente para as suas sementeiras, e depois de 5 ou 6 anos, abandonam-na por cansada e inútil e derrubam de novo outro tanto. Por isso é necessário que onde se funda alguma povoação, haja muitos matos próximos. Para derrubar essas árvores, — e o que mais é, para cavar suas canoas, — como não conhecem o uso do ferro (embora haja minas dele no seu Uruguai), empregam cunhas de pedra, que é coisa que provoca admiração: cortam com elas quanto é preciso, com grande facilidade”.

“Depois de reduzi-los nossos padres, trazem-lhes desta mesma espécie de cunhas, mas de ferro, e com cada uma delas se conquista uma família, que se reduz de boa vontade, por ter com que fazer suas canoas e sementeiras. A estes índios do Japejú levei boa quantidade de cunhas para que principiassem logo a fundação do seu povo; e pelo fim do mesmo mês de fevereiro já haviam edificado para os padres casa e igreja, e assim começou o padre Pedro Romero — que lá deixei só como cura — o cultivo espiritual das suas almas, com muito grande fruto”. Até aqui o padre Mastrilli Durán.

Quiçá estranhe o leitor o pouco interesse demonstrado pelo padre González pela abertura de Japejú, em oposição ao vivo entusiasmo do seu superior. As razões de um e de outro são óbvias: nosso beato, empolgado pelo futuro grandioso do atual Rio Grande, julgando que o diminuto número de missionários devia ser empregado lá onde mais densa fosse a população e maiores as esperanças de colheita, preferia a banda oriental do alto Uruguai à ocidental; ao passo que o padre provincial, com grande acerto militou pela ocupação de Japejú como chave e porta que veio a ser, durante quase século e meio de todas aquelas missões, alcançando tão inesperado desenvolvimento,

que no catálogo de 1739, entre 30 povos cristianizados pelos jesuítas, aparece sustentando vantajosamente o primeiro lugar, com 1315 famílias e 5713 almas¹⁴⁶.

De resto, o considerável reforço de 41 novos obreiros que o padre Gaspar Sobrino, procurador da província do Paraguai, iria trazer em breve da Europa, fazia inexistentes os reparos do padre Roque.

146. HERNÁNDES, II, p. 616 e 617.

24. O MAIS ANTIGO EXPLORADOR DO RIO GRANDE DO SUL

(1627)

Antes de o p. provincial Durán abandonar a zona do alto Uruguai, — provavelmente lá por fevereiro de 1627, — nomeou ao p. González superior regional de todas as reduções do alto Uruguai, com o encargo de tentar nova fundação às margens do Ibicuití — agora Ibi-cuí, — hoje rio brasileiro¹⁴⁷. Movia-o a isso, além do ponto estratégico, em frente a Japejú, a voz pública, evidentemente exagerada, da densa população que se dizia haver nessas paragens, ainda não exploradas, como também, ao que parece, o vago desejo de dar com uma fácil ligação com a redução de S. Nicolau e outras que deveriam de ser fundadas possivelmente entre as vertentes do Piratini e do Ijuí.

O incansável andarilho começou, pois, a internar-se pela barra do Ibicuí; mas em breve ficou desiludido. Não veio a descobrir alma viva em ambas as ribeiras. Sem embargo, querendo devassar a terra, aventurou-se a subir o curso daquele manancial até além de 50 léguas de navegação. Foi somente aí que topou a primeira taba, bastante povoada, que obedecia ao morubixaba Tabacã.¹⁴⁸

Falou-lhes o padre benignamente, corroborando as suas palavras com alguns donativos, que repartiu entre eles. Embora jamais tivessem visto homem branco, consagraram-lhe tanta afeição, que insistiram com ele a que iniciasse logo a fundação de uma redução, pois havia gente bastante, e que principiasse a instruí-los na sua religião. E provaram que essas palavras eram sinceras, com a prontidão com que fabricaram uma formosa e gigantesca cruz. Não podendo erguê-la os carpinteiros sozinhos, acudiram todos, até as mulheres, os velhos e as crianças, cantando com irreprimível satisfação esse marco inicial

147 Os antigos grafavam Ybicuiti = ±yby-cui-ti(ng) = terra-pó-branco = areia; hoje, porém, é y-ybycni (ti) = rio-areia (DR. PADBERG-DRENK-POL), o que exprime uma nota bem característica desse rio, o qual, após de um sinuoso percurso de 450 kms., tendo banhado com seus afluentes todos os municípios do extremo ocidental do Brasil meridional, despeja suas águas no Uruguai, entre Uruguiana e Itaqui.

148. Tabacan ou Tabacã = tab-acan(g) = cabeça de povo (Padberg- Drenkpol).

da sua nova aldeia. A seguir construíram capela provisória, na qual o beato missionário celebrou o augustíssimo sacrifício da redenção, colocando o novo povoado debaixo do amparo de Maria Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora de Candelária ou das Candeias.

Mas, em virtude do seu munus de superior, o p. Roque viu-se obrigado a voltar, a fim de inspecionar o estado das demais reduções da sua jurisdição. Ficaram todos muito tristes, porque já lhe haviam cobrado carinho e desejavam deveras fazer-se cristãos. O missionário partiu, porém com a consoladora promessa de tornar em breve e trazer tudo o que fosse necessário para poder permanecer no meio deles até conseguir um substituto.

Como não podia deixar de acontecer, o demônio irritado com tão fácil conquista aproveitou a ausência do padre para lhe pregar uma boa peça, como veremos da informação do próprio Roque. Foi ao p. provincial que ele comunicou o seguinte¹⁴⁹:

“Descendo da redução da Conceição à dos Reis [Japejú] para fazer minha segunda viagem ao Ibicuití, recebi carta do padre Pedro Romero [cura de Japejú], na qual me avisava de que tinha más notícias dos índios do Ibicuití, de que haviam feito uma grande junta para vir a dar sobre a redução dos Reis por haverem recebido os padres, e que por isso eu não descesse tão depressa para aquela redução, a fim de ir ao Ibicuití, até que se descobrisse a verdade. Eu, por isso mesmo, apressei minha viagem e cheguei à mencionada redução [de Japejú], onde todos os índios me asseveravam ser verdade o que se dizia, e que eu punha em manifesto risco minha vida se prosseguisse a viagem. Contudo, não dando crédito ao que se dizia, pelo desejo que tinha de acudir àquelas almas desamparadas, depois de o padre Romero e eu termos muito encomendado o negócio a Nosso Senhor, me resolvi a ir ver o que havia.”

“Tendo navegado 20 léguas pelo rio Ibicuití, topei duas igaras de índios que o padre Pedro Romero havia despachado da sua redução para saberem desses alvoroços. Disseram-me que eu voltasse imediatamente, porque os índios da terra estavam sublevados e que haviam vindo logo depois da minha partida daquela redução que principiei, a fim de me matarem e que, não me achando ali, haviam queimado a igreja e a cruz que eu deixara.”

149. Documentos para la Historia Argentina, XX, 373 ss.; BLANCO 632.

“Vi-me com isto algo perplexo pelo que havia de fazer; e para me determinar, parei ali todo o dia, encomendando o negócio a Nosso Senhor; e, celebrada a missa por esta intenção, vi-me impelido a passar avante para pôr algum remédio a tão grande atrevimento. Assim que cheguei ao porto, onde havia começado a redução, mandei chamar os caciques vizinhos, que logo vieram, entre eles Tabacã, em cuja aldeia se cometera o sacrilégio, e interroguei-o sobre o caso. Responderam-me que era verdade. Censurei-os com severidade; mas eles se desculparam, alegando que aquilo havia acontecido estando eles ausentes e longe dali, pelo que, sendo grande a multidão dos índios malfeitores, podiam cometer a salvo o delito.”

“Agravei-lhes o caso, como era justo, declarando-lhes que não havia de pôr os pés onde se praticara tão enorme maldade; e assim o executei, lançando mão dessa oportunidade para mandar chamar os murubixabas do Tape para que me levassem a suas terras. Tape quer dizer: “povoação grande”; porque corria fama de existir uma de incontável gente.”¹⁵⁰

“Vieram os caciques com muita gente, cinco dias depois da minha chegada. Tendo-lhes falado de Nosso Senhor e comunicado a minha pretensão e o que havia sucedido, persuadi-os a que me conduzissem para suas terras. Opuseram-se todos vivamente. Mas, por fim, após longas discussões e presentes que reparti entre eles, Nosso Senhor abrandou seus corações, a fim de que me dessem remadores para me levarem até suas terras. Vinte léguas mais acima do sítio onde se deu o dito desmando, eles se adiantaram por terra e eu [continui] navegando pelo rio Tibiquari¹⁵¹ e aos cinco dias arribei ao porto, onde

150. Tape, (segundo MONTOYA, Conquista, ed. de 1892, pág. 242 ss.; TECHO, Historia de la Provincia dei Paraguay de la Compañía de Jesús. ed. de 1897, vol. IV, pág. 189 ss.; e CARTA ÂNUA DO P. DIOGO DE BOROA, de 1635 - 1637, apud Documentos para la Historia Argentina, tomo XX, passim) — ou Tapé (MONTOYA-PLATZMANN, Tesoro de la Lengua guarany) significa “onde esteve o povo.” Mas na interpretação dada por PADBERG-DRENKPOL, é contração de tápe (guar), significando então “os do Arraial”, pois os tapes constituíam como que um arraial realmente grande, correndo pela terra inteira a sua fama. Esta tradução parece estar de perfeito acordo com a que dá o próprio Montoya (CONQUISTA, p. 242), onde lemos: “Reducción de Santo Tomé. Este pueblo es muy celebrado; pusieronle los moradores de toda la comarca por antonomasia Tape, que quiere decir la ciudad; por su grandeza de este pueblo toma denominación esta provincia, que comunmente se dice la provincia del Tape”.

151. Esse Tibiquari deve ser, segundo todas as probabilidades, confirmadas pelos mapas de Ernot e Garrafa, o hodierno Jaguari, principal tributário da margem direita do Ibicuí. Como era provavelmente o mês de maio, início das chuvas, aos cinco dias de navegação, o padre Roque podia muito bem ter penetrado, via fluvial, até a região do moderno município de Jaguari, a oeste da Serra de S. Martinho.

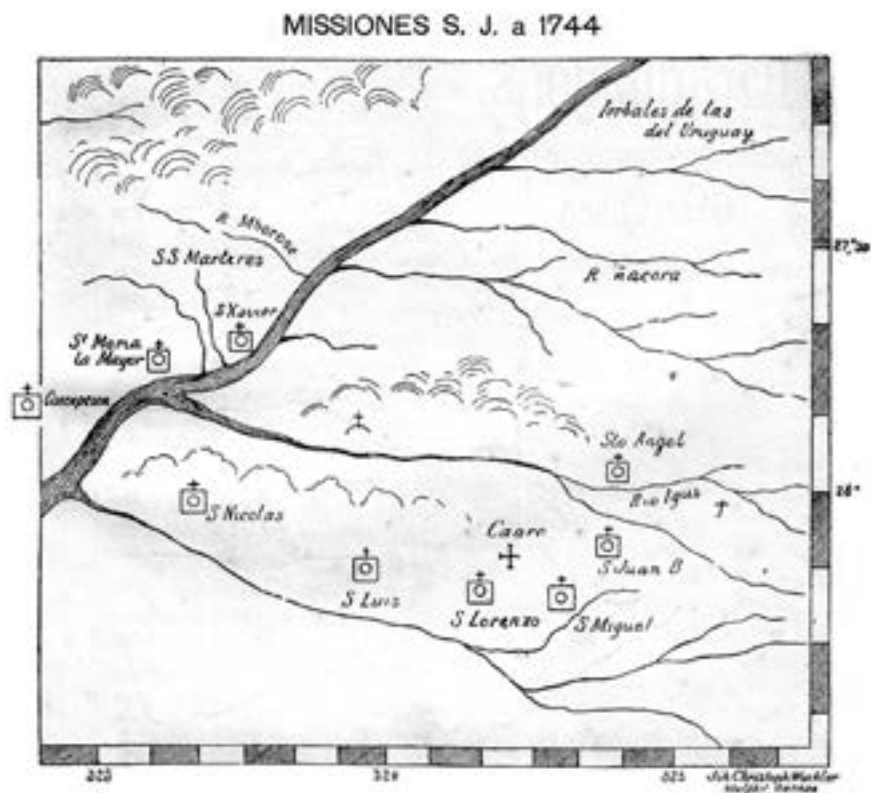
me haviam feito um casebre, para que me não aproximasse dos seus toldos, pelo receio que tinham dos demais caciques da terra adentro, que tomariam [vingança] por me haverem eles trazido a essas suas regiões.”

“Acomodei-me com eles por aquele dia. Mas no seguinte, depois de muitas persuasões e [alegando] exemplos de outros caciques, alcancei que me deixassem entrar nos seus pagos. Consentiram-no, ainda que com muito medo dos índios comarcãos e dos da terra, os quais vieram depois para ver-me, trazendo seus filhos e mulheres com muita afabilidade, a todos os quais procurei ganhar e afeiçoar às coisas de nossa santa fé; mas, por mais empenho que fizesse, não pude lograr que me deixassem ficar nas suas terras. Todavia, eu estava firme, entretendo-os com a promessa de ir-me embora depressa, mas que isso não havia de ser sem primeiro eu ter reconhecido todas as suas terras e procurado sítio para algum tempo “reduzi-los”. Isso mo concederam eles, e assim andei livremente por elas, embora com bastante dor, porque em todo o Tape não se encontra posto para reduzir, nem sequer 200 famílias, que, como antigamente fosse muita gente, acabaram com os matos e assim plantam entre cerros e penhascos e vivem em aldeio-las, cujas maiores são de 100 índios.”

“Por fim, tendo visto tudo, e estando já quase determinado a volver, embora ainda um pouco indeciso, quis Nosso Senhor que eu acabasse de me resolver, permitindo que os índios da outra banda da cordilheira¹⁵² fizessem conluio para dar sobre mim e roubar-me. E, pondo-se já de caminho, tivemos aviso disso, e lhes saiu ao encontro a gente que me havia trazido a essas terras, impedindo (o ataque) com a promessa de me expulsarem delas.”

“Com isso retrocederam, mas com mil ameaças feitas a meus hóspedes, as quais os amedrontaram ainda mais do que já estavam. Eu me resolvi a voltar, vendo, com evidência, ser essa a vontade de Nosso Senhor. Pois, com haver feito tudo o que pude e ter arriscado minha vida duas vezes para não desamparar aquelas pobres almas, tudo quanto eu propunha se desfazia e se armou todo o inferno contra mim, de sorte que posso afirmar com verdade que meus trabalhos e peregrinações jamais têm sido tão apertados como nesta do Ibicuití e Tape.”

152. Essa cordilheira deve ser a Serra de Sr. Xavier, ou, talvez, com maior probabilidade, a Serra de S. Martinho, que se estende entre Santa Maria e Jaguari.



Antigo mapa jesuítico de 1744, descoberto por Teschauer, que contribuiu para a descoberta de Caaró (Pp. 294 e 300-301).



Mapa da coleção do P. Lozano, onde aparece claramente que o Caaró ficava ao norte de S. Lourenço e de S. Miguel, no atual Rio Grande do Sul. (Pp. 294 e 301).

“Mas tudo é nada com relação ao que se deve ao Senhor, pelo qual se faz; e quando não fosse mais do que haver-nos desenganado do encantamento do Ibicuití e explorado todo o Tape e a região por onde havemos de abrir nosso caminho para as reduções, e de me ter tornado conhecedor de toda a província, eu daria tudo por bem empregado, quanto mais havendo sido pela santa obediência”.

Na volta tive ensejo de examinar a terra e o modo como se acham estabelecidos os índios que dizem do Ibicuití, e assim poderei fazer agora relação exata de toda essa província.”

“Digo, primeiramente, que toda a terra do Uruguai não é mais do que uma província, mas muito extensa, que mede pelo menos 300 léguas de comprimento, e, em parte, mais de 100 de largura; porque desde o porto de Buenos Aires até a nossa primeira redução dos Reis [Japejú], há 100 léguas; desta até a cordilheira que fica a 10 léguas mais acima da redução de São Nicolau¹⁵³ — que é a última — há 50 léguas, e é a melhor de toda a província; logo seguem outras 50 de bosque cerrado até sair às planuras em direção do Guaíra¹⁵⁴ e daqui aos confins do Brasil há outras 100 léguas, dando todas o número de 300.”¹⁵⁵

“Todas se acham habitadas de índios, porém, muito espalhados; e assim, em toda a província haverá vinte mil, pouco mais ou menos. Como, porém, cada um desses índios tem sua família, como dissemos em outro lugar, vêm a ser cem mil almas, todos lavradores, exceto duas mil outras almas estabelecidas nas primeiras 100 léguas de Buenos Aires (i. é Charruas e Jarós). De todo este número de índios, do qual havia tanta fama que eram inumeráveis, serão cinco mil os que pertencem ao rio Ibicuití, mas não morando sobre o rio, e sim, às faldas de uma cadeia montanhosa¹⁵⁶ que se estende 40 léguas da redução dos Reis até o mar sobre o rio Mbiaza e alguns outros que correm

153. São as serranias que vão desde a margem esquerda do Uruguai até para além da colônia do Cerro Azul, entre os rios Ijuí e Comandai.

154. Deve ser o antigo Contestado da região missioneira, no “hinterland” de Santa Catarina e Paraná, aquilo que os mapas de Ernot e Carrafa denotam com o nome de Ibituruna.

155. Estas cem léguas devem ser tomadas em direção NE. ou E., para S. Paulo.

156. Esta cadeia, montanhosa, que se estende desde o município de Santiago do Boqueirão até ao mar, só pode ser a imponente Serra Geral, que corta quase todo o estado do Rio Grande do Sul de leste a oeste, na latitude 29.º e 1/2, serranias habitadas hoje principalmente pelo laborioso colono de origem alemã e italiana.

para lá.¹⁵⁷ Entre eles há um principal que chamam Aix¹⁵⁸, por onde me disseram os índios, entravam portugueses, em navios pequenos, deixando os grandes em alto mar, para comerciar com eles, trazendo-lhes muita roupa do mesmo pano de que era a minha, que é feltro e muitos “chapéus”, que é como eles denominaram os sombreros”.

Até aqui a informação do padre Roque, escrita pelo fim de 1627, inserta na Ânuia de 1628, do padre Mastrilli Durán.

Sucede, porém que se conhece outra relação, um pouco mais extensa, acerca da exploração do antigo Rio Grande do Sul, atribuída igualmente ao padre González e publicada por Carlos Calvo em 1869, cópia de um manuscrito de Madrid¹⁵⁹. O erudito padre Carlos Leonhardt, S. J., no tomo XX dos Documentos para a História Argentina, completa os dados que faltam na cópia do padre Durán, tomando-os emprestados à publicação de Calvo.

Entre essas omissões, encontramos uma passagem da maior relevância para o estudo da personalidade do paladino da civilização rio-grandense. Reproduzimo-la vertida ao pé da letra:

“Também escrevi ao senhor governador que para a conservação e perpetuidade da cristandade destes novos cristãos e das reduções que se fizeram nesta província, muito convém e é necessário que se façam “dois povoados de espanhóis”¹⁶⁰ e se assinalem os postos: um por Mbiaza, porto do mar, e que cai no centro dos índios que dizem do Ibicuití; e o outro junto à redução de S. Francisco Xavier. Com estas duas povoações pôr-se-ão dois freios a essa província. Eles, deste modo, hão de disparar a cada passo, porque tudo isso está muito fora do comum; e assim não há medo nenhum, e não no havendo, não se pode fazer coisa boa. Porque é coisa certa que Nosso Senhor tomou

157. Esse Mbiaza designava, na opinião ainda confusa do padre Roque, o rio Guaíba, ou a costa do Atlântico ou até a barra do Rio Grande. (Cf. a instrutiva nota 14 de PADBERG-DRENPOL a esse respeito em Terra Farroupilha, I p. 36; — Excelsior, Rio de Janeiro, Jan. de 1935, p. 63 - 64.

158. Esse rio “Aix”, ao parecer de PADBERG-DRENPOL, erro de cópia em vez de (Y-) Aiba, abreviado Y-ai(b), é na opinião de Carlos Leonhardt (“Documentos para la Historia Argentina”, XX, 484, nota 56) e do major Souza Docca “Revista do Instituto Hist. e Geogr. do R. Gr. do Sul”. VII, 529 s.) o antigo Igaí ou Yacuí, nosso conhecido Jacuí, o rio da ave jacú, a que “come ou traga grãos ou frutos”.

159. AMÉRIQUE LATINE. Recueil historique complet des traités, conventions, capitulations, armistices, questions de limites et autres actes diplomatiques et politiques de tous les Etats compris entre le Golfe de Mexique et le Cap de Horn depuis d'année 1493 jusqu'à nos jours par M. Charles Calvo. Premier période. Paris, 1862 - 1869. — Tome onzième, pag. 206 - 215.] — Cf. Ainda PABLO HERNÁNDEZ, Organización Social, I, 399, nota 2.

160. O grifo é nosso.

este meio — do temor e medo ao espanhol — por seus secretos juízos para que esses coitados venham ao conhecimento dele e se faça algo com eles. Não sinto outra coisa, nem tenho experimentado outra em quase 40 anos que trato com eles mui de perto. E assim não posso deixar de dizer a V. Rev.^a que é pai de todos, para que, como tal, proveja de remédio em tudo, etc.”

Até aqui esse fragmento que não só já tem dado dor de cabeça aos escritores, mas até já foi caso de duvidar da sinceridade e do caráter do autor ao qual é atribuído.

Leonhardt, de quem copiamos o inciso, sem se pronunciar, apenas adverte que o manuscrito usado por Calvo “é cópia muito mais nova do que indica sua data e com comentários posteriores a 1660”, inclinando-se a crer que esses comentários sejam de Techo, falecido em 1685.

Blanco¹⁶¹ procura explicar o projeto da fundação de duas cidades espanholas no meio dos guaranis do Rio Grande, por um vago pressentimento das posteriores agressões dos paulistas às reduções do Sul. Teschauer, porém, — o primeiro que nos revelou a vida e obras do grande missionário sul-americano¹⁶² e um dos que mais a fundo estudaram a sua personalidade, — estribado em Hernández,¹⁶³ — contesta a autenticidade daquelas expressões, atribuídas ao beato apóstolo dos guaranis. Essa sentença perfilhamos também nós, baseados nos seguintes argumentos:

1. O p. Roque jamais desejou nem solicitou a presença de leigos europeus para implantar a civilização cristã entre os ameríndios.

2. A Carta Ânua do p. Nicolau Mastrilli Durán, publicada na sua edição crítica por Carlos Leonhardt, S. J., no vol. XX de “Documentos de la Historia Argentina”, p. 373 até 376, tal qual a trasladamos nas páginas precedentes, tendo referido que os índios usavam sombreros que denominavam chapéus, diz textualmente: Asta aqui la carta del P. Roque González” (Até aqui a carta do p. Roque González.) Ora isso não teria cabida se o mencionado fragmento fosse autêntico.

3. Tendo o p. Durán inserido literalmente a carta do p. Roque na sua Ânua de 12 de novembro de 1628, não vemos a razão de o provincial ter querido ocultar ao superior supremo da Ordem projeto

161. BLANCO, pág. 178.

162. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos, I, cap. V, p. 64.

163. Organización Social, I, n.º 116, p. 398 s.

de tamanha transcendência se de fato o primeiro explorador do Rio Grande nutria desejos de introduzir espanhóis no meio dos indígenas, que eles detestavam intimamente.

4. Cotejámos palavra por palavra da carta autêntica copiada por Durán com o documento copiado por Calvo na “Real Academia de la historia” de Madrid e notámos que, embora o sentido seja semelhante até lá onde se fala dos sombreros, a forma e até dados de alguma monta divergem notavelmente, o que nos leva à convicção de que se trata ali de uma paráfrase ou mesmo de um apócrifo sem valor histórico. (Op. cit. p. 383, nota 53).

5. Por fim, quem recorda a recepção que teve Hernandárias em Itapúa e o alvoroço provocado pela aproximação de uma força espanhola no Paraná. — narrados nos capítulos 11 e 13 desta obra, — sobretudo quem se lembra ainda da geral indignação dos guaranis pela só presença entre eles de Fernando de Zaias e seus dois companheiros, agastamento que até pôs em risco a existência de todas as missões, dificilmente poderá atribuir ao p. Roque semelhantes frases. Que impressão teria causado entre os índios se constasse que aquele que todos consideravam como seu pai, amigo e defensor sincero e solícito, os havia traído, agenciando o estabelecimento de duas povoações dos detestados espanhóis no meio deles? Não, a mais rudimentar prudência — virtude na qual o padre Roque foi verdadeiramente exímio — exclui esse recurso, essa ingerência do braço secular na vida íntima das reduções, sistema constantemente repellido por seus irmãos e sucessores, mau grado das muitas acusações que, por causa disso lhes fizeram seus adversários.¹⁶⁴

164. Entretanto, — para que não nos increpem de emperrados em preconceitos, — se um dia se chegar a provar a autenticidade desse malsinado fragmento, — adiantamos desde já a seguinte explicação: o padre Roque, que conhecia o medo que incutia o só nome de espanhol nos indígenas, recomenda a Céspedes a construção de dois “povoados” (não fortalezas) de espanhóis, designando já os pontos que ele julga mais apropriados: o primeiro no “Mbiazá, porto do mar”, e o segundo “junto à redução de S. Francisco Xavier”. — Por que precisamente nesses lugares? Roque González, homem de provada experiência e larga visão, provavelmente já estava prevendo as invasões paulistas que desabariam sobre o Rio Grande do Sul desde 1636 -1641, com a ruína total das reduções, pelo qual pretendia impedir essa desgraça para os seus índios, cortando aos mamelucos a entrada pela barra do Rio Grande, mediante a edificação de uma povoação espanhola na boca da Lagoa dos Patos. A segunda localidade ele desejava ver edificada “junto à redução de S. Francisco Xavier”, — se não teve em mira o rápido socorro a ser prestado aos índios cristãos contra os ataques bandeirantes, pretendia manter em benéfico respeito os ferozes charruas, que interceptavam a comunicação com Buenos Aires, ou apartar os índios bravios do alto Uruguai, ou ainda os tapes, tão infensos ao cristianismo. Note-se, porém, que o p. Roque não quer espanhóis no meio dos seus indígenas, senão apenas na vizinhança.

Antes de encerrarmos este importante capítulo, necessário será darmos uma ideia, quanto a escassez dos monumentos o consentem, do roteiro seguido e do tempo empregado pelo grande apóstolo na exploração da terra rio-grandense, embora alguns dados hajam de ser, forçosamente, conjecturais.

Quanto ao tempo gasto no exame dessa antiga “Província do Uruguai”, deve ter despendido vários meses, isto é, desde princípios de março até o começo de novembro, porque seu relatório foi escrito pelo fim de 1627, provavelmente em Japejú e datado em 15 de novembro, precisamente um ano antes da sua morte.

Vamos, pois, experimentar se podemos acompanhar os passos do infatigável andarilho que, embora já tenha passado o limiar dos 50, ainda se conserva rijo e superior a toda a fadiga, inflamado de intenso amor para com seus infelizes irmãos dessa vasta região. Naturalmente, sua amada Mãe do céu, a inseparável “Conquistadora”, não podia faltar nessa interminável procissão, formada por Roque e um punhado de índios amigos.

Até fins de fevereiro de 1627 permaneceu em Japejú ao lado do padre provincial e do padre Romero. Em março internou-se pela primeira vez pelo Ibicuí, fundando Candelária, na taba do murubixaba Tabacã, possivelmente pela altura da foz do Jaguari. Nisso se lhe iria todo o mês de março. Em abril, enquanto se destruía Candelária, andaria por S. Nicolau, Conceição e S. Francisco Xavier, tornando a visitar em maio a redução assolada, e avançando, ainda nessas mesmas semanas, quer dizer no tempo das chuvas, até o alto Ibicuí, que, com os seus afluentes, banha os hodiernos municípios de S. Francisco de Assis, Jaguari, Santiago do Boqueirão, S. Vicente, S. Pedro e Santa Maria.

Por essas terras, compreendidas pelo vasto leque formado pelas cabeceiras do Ibicuí e seus afluentes da margem direita, diz o padre Roque que andou, livremente, vendo tudo, com certeza trepando muitas vezes ao topo dos morros a fim de tomar conhecimento do mato — outrora tão abundante ali — dos capões, dos campos abertos, das plantações entre aqueles cerros e penhascos e das insignificantes aldeolas, das quais as maiores não passavam de cem índios.

Parece pois fora de qualquer dúvida que explorou bem essa zona do alto Ibicuí. E, se for certa nossa conjectura manifestada acima

em a nota 6 do presente capítulo, de aquela “cordilheira”, donde vieram os selvagens que o constrangeram a recuar, — ser provavelmente a Serra de São Martinho, então Roque não se internou mais pelo Rio Grande por aquele lado.

Entretanto, contra essa opinião fala a clara distinção que o padre faz do Ibicuí e do “Tape”, que diz ter explorado.

Ora, o “Tape”, ao menos no decênio seguinte, não só abrangia os municípios acima mencionados, como ainda a dilatada zona que vai do alto Jacuí, ao Taquari e de lá para além da estrada de ferro entre Passo Fundo e Cruz Alta. Foi esse Tape que o audacioso bandeirante de Cristo reconheceu? Então por que não nos diz uma palavra sequer das aventuras e peripécias inevitáveis dessas dilatadas correrias, sendo que antes, na penetração do Ibicuí narrou minuciosamente a fundação e destruição de Candelária, o encontro com os romeiros, a proteção recebida pelos amigos e a oposição sofrida pelos inimigos, viagens em que contava até os dias e as léguas percorridas?

Não obstante esse inexplicável silêncio, Roque nos fornece dados geográficos bastante exatos do antigo Rio Grande e do Sul do Brasil: diz que o trato de terra que se dilata desde Japejú, ou seja a foz do Ibicuí, até aproximadamente a hodierna cidade de Santo Ângelo era a “melhor porção de toda a “província”; dá o tamanho bastante exato da Serra Geral, coberta de mato, que corta o centro do Rio Grande, à qual atribui 40 léguas, ou sejam mais de 200 kms. de extensão; menciona as 50 léguas de floresta cerrada que cobre a região do alto Uruguai, através do Peperí-guaçu e baixo Iguaçu até o oeste dos campos de Guaruava, tudo aquilo que os mapas de Ernot e Carrafa designam com o nome de Ibituruna (= Serra Negra), quer dizer as planuras do Guaíra, ou o “hinterland” de Santa Catarina e Paraná. Donde pode colher o padre Roque noções tão exatas dessas distâncias?

Num ponto, porém, quer nos parecer que não acertou. Falando das cem mil almas que povoam a “terra do Uruguai”, diz textualmente: “De todo este número de índios, do qual havia tanta fama que eram inumeráveis, serão cinco mil” os que pertencem ao rio Ibicuití...”

Ora, se em 1627 houve realmente uma população tão escassa em toda aquela zona, como foi possível fundar ali, apenas cinco anos mais tarde, as populosas reduções de S. Miguel, S. Tomé, S. José e dos Santos Cosme e Damião? Ora isto só se explica se houve alguma imi-

gração para aquelas bandas, o que não é de todo impossível numa raça tão pouco estável.

Tendo, pois, pesquisado boa porção do hodierno Rio Grande, — empresa na qual experimentaria o rigor do frio sulino, passaria muitas vezes fome e sede e toda a sorte de privações, — por volta de outubro ou novembro tornaria a abraçar seu santo amigo padre Romero, cura de Japejú. Voltava com a cabeça repleta de planos generosos e o coração a arder em fogo apostólico, conhecedor, — como ele mesmo se exprime, — “da região por onde havemos de abrir nosso caminho para as reduções”, e aureolado de imorredoura benemerência perante os filhos do Rio Grande do Sul, aos quais legou a primeira, embora lacônica, descrição geográfica desta porção da pátria brasileira.

Vem a pelo perguntarmos ainda aqui sobre a qualidade de comércio existente entre os índios e os portugueses lá por 1626, mencionado pelo padre Roque. Não será fácil a resposta. Afora a erva-mate, que produto poderiam fornecer os atrasadíssimos selvagens das orlas do Jacuí, que esses audazes navegadores não encontrassem mais comodamente em outros pontos do Brasil? Como essa entrada pelo grande rio caísse justamente um pouco antes dos célebres avanços bandeirantes para o Sul, suspeitamos que esses supostos “negociantes portugueses”, outra coisa não eram do que meros exploradores paulistas que vinham trocar chapéus e roupas, com a solapada intenção de conhecer a terra, a qualidade dos seus habitantes, a existência de metais preciosos, etc. Efetivamente, de documentos antigos concluimos com bastante probabilidade que, desde 1607, o Rio Grande do Sul já era visitado por pequenas bandeiras paulistas.¹⁶⁵

Ao rematarmos este capítulo, ocorre fazer um confronto entre um e outro explorador: o mameluco armado até os dentes, cobiçoso, astuto e desalmado, só preocupado com a ideia de prear e escravizar o incauto filho das selvas; o missionário, inerte, desinteressado, cheio de doçura e bondade, dominado exclusivamente pelo pensamento de auxiliar os infelizes indígenas, a fim de trazer-lhes a liberdade dos filhos de Deus.

“Com os fracos me fiz fraco, para ganhar os fracos; fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos.” (I Cor. 9,22).

165. Cf. “As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul, 1635 - 1641, no Relatório do Ginásio Anchieta, 1939, p. 28 ou Separata do mesmo trabalho, 2.^a edição, p. 24.

25. O NOVO CAMPO DE ATIVIDADE — CANDELÁRIA E CAAÇAPÁ-MINI

(1628)

De relevantíssima importância foram os conhecimentos colhidos pelo p. Roque em sua excursão pelo antigo Rio Grande. Sabia agora que o famoso Tape não somente não contava população suficiente para fundações de maior escala, mas que seus ferozes habitantes se mostravam também infensos ao cristianismo. Ademais desses motivos, moveu ao beato missionário a abandonar as bandas do Ibicuí outra ponderosa razão: a enorme distância para lá desde Conceição, ponto de irradiação para as reduções de toda aquela zona, via Uruguai e Ibicuí.

É o que nos conservou a já conhecida Carta Ânua do p. Mas-trilli Durán de 1628, “versus finem”, na qual lemos que “o p. Roque descobriu que muito caminho se rodeava sem necessidade, porque, entrando mais tarde pela redução de S. Nicolau cinco (ou seis) léguas de terra adentro, saiu quase no mesmo ponto em que, andando mais de oitenta pelo rio Ibicuí, se aproximava muito do Tape — que é o que sai ao Brasil — de sorte que se vem a economizar por terra mais de cinquenta léguas¹⁶⁶. Porque, desde Conceição, para chegar ao posto onde se fundou a primeira vez essa redução [da Candelária], se viajava mais de cem léguas; e ao lugar onde fica fundada agora, são menos de vinte. E os padres nutrem a esperança de vir a encontrar-se por essa parte com os padres do Guaíra, com o qual ficará aberto o caminho por toda a parte e desterrado o demônio de todos aqueles confins.” Até aqui o p. provincial.

166. Em Documentos para la Historia Argentina, tomo XX, p. 376 lemos: “de suerte que se vienen a aorrar por tierra mas de 80 léguas”; ao passo que na Positio super Introductione Causae, p. 184, seguindo provavelmente a BLANCO, Historia Documentada, Buenos Aires, 1929, pág. 636 se diz claramente: Más de cincuenta léguas. Essa divergência deve ser proveniente da grande semelhança entre o 5 e o 8 na escrita espanhola. A lição das 50 léguas tem maior verossimilhança; pois em vez de uns 444 kms. seriam apenas 278, o que é mais provável.

Havendo terminado o seu relatório e descansado um pouco em Japejú junto ao p. Romero, em cuja casa retemperaria provavelmente seu ânimo na forja dos santos exercícios espirituais para a nova e derradeira campanha que iria mover em breve contra seu irreconciliável adversário, ambos os padres embarcaram Uruguai acima, em demanda de S. Nicolau. Examinaram as condições do feracíssimo trato de terra que se dilata entre os rios Ijuí e Piratini, tributários da margem esquerda do Uruguai. Era por ali que o provecto e experimentado conquistador queria estender um cordão de “praças fortes”, as quais chegassem pelo Sul ao Tape e pelo Oriente ao país situado junto ao oceano, com o audacioso intento de conquistar aquela privilegiada terra para seu Supremo Senhor.¹⁶⁷

Graças ao convite e às boas informações de um cacique, — conforme comunicação feita ao p. provincial, — os dois padres saíram da redução de S. Nicolau terra adentro, e tendo avançado cinco léguas até uma paragem que se denominava Caaçapá-mini, ou simplesmente Caaçapá, descobriram lugar muito apropriado para uma redução e gente numerosa e disposta a receber o Evangelho. Reconhecendo nisso o dedo de Deus, principiaram no dia da Purificação de 1628 a lançar as bases do novel povoado com extraordinária consolação para os seus corações. Viram como Nosso Senhor, na sua bondade, dispunha com tanta facilidade o que o p. Roque nem com muitos meses de ímprobos canseiras e estéreis peregrinações lograra conseguir.

Tornaram a dar a essa nova povoação o nome de “Nossa Senhora da Candelária”, porquanto a consideravam como a redução rediviva destruída pelos Tapes do Ibicuí, apenas transferida para este novo ponto.

Como esse aldeamento desempenhará papel sobressaliente nos sucessos que mais adiante narraremos, justo será localizar-lhe desde já a situação geográfica, ao menos quanto a escassez dos monumentos históricos o consente.

Como já ouvimos, essa redução dava para o Oriente de S. Nicolau, ponto este ainda hoje perfeitamente conhecido, do qual distava cinco léguas. Por outras fontes sabemos também que demorava outras cinco para seis léguas espanholas para o Ocidente do Caaró, outro lugar identificado em janeiro de 1933 pelo autor deste livro. Além disso,

167. TECHO, tomo III, p. 314, e Vázquez Trujillo, apud BLANCO, p. 484.

consta que Candelária assentava à margem de um arroio. Com estes dados, reforçados pelos mapas de Ernot e Carrafa¹⁶⁸, cremos não andarmos longe da verdade, dando como ponto plausível da situação de Candelária, a margem esquerda do arroio Pirajú, — afluente da margem direita do Piratini, — entre a cidade de S. Luiz Gonzaga e o salto do Pirapó. O sábio coronel Jônatas da Costa Rego Monteiro, baseado no mapa de Carrafa, lhe atribui a coordenada de Lat. 27° 50' e 13° 50' O. do Rio de Janeiro, sendo porem, provável que Candelária esteve a 28° 32' lat. e 11° 52' long. do Rio de Janeiro.¹⁶⁹

Os missionários, após o fracasso da entrada pelo Ibicuí, cobraram novos alentos, porque informaram ao p. provincial que esperavam congregar em breve 500 famílias; e se acreditarmos o que escreve Techo (t. III, p. 257), já no primeiro ano se reduziram 3.000 índios, número que anos depois subiu a 7.000 batizados. Estes neófitos, honra lhes seja, conservaram-se fiéis aos padres nos graves distúrbios que meses depois abalaram toda aquela região.

O p. Roque fez nova distribuição do pessoal de que dispunha, confiando ao ardente Romero a direção material e espiritual da Candelária; a vizinha São Nicolau entregou-a aos padres Afonso de Aragona e João del Castillo, ficando ele próprio, como explorador sem residência fixa, a estudar as possibilidades de desdobrar cada vez mais a sua atividade, e sempre de prontidão para acudir onde pedissem a sua assistência, conforme a ordem dos seus superiores. Tão assombrosa mostrou-se sua operosidade nessa última quadra da sua vida que parecia uma torrente que rompesse todos os diques. Teria ele tido alguma suspeita da proximidade da sua derradeira hora?

Antes, porém, de relatarmos a sangrenta tragédia que vitimou o maior apóstolo do Rio Grande, convirá apresentarmos ao leitor as figuras dos seus dois companheiros de armas, que com ele tombaram no campo da honra.

168. Nesses dois famosos mapas não somente tonamos um respeitável deslocamento nos graus de longitude e latitude, como ainda uma imperdoável distração. Assim a redução de S. Nicolau, que sabemos com toda a certeza, ter estado situada à margem esquerda do Ijuí e à direita do Piratini, aparece nesses mapas, bem visível, à margem esquerda do Piratini. Mas a posição da Candelária é exata.

169. "As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul, 1626 - 1638", em Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, I trim. ano XIX, 1939, p. 40.

26. O BEATO PADRE AFONSO RODRÍGUEZ

(1598- 1628)

Nasceu este religioso em Zamora, na Espanha central, com toda a probabilidade a 10 de março de 1598, tendo por pais, a Gonçalo Rodríguez e d. Maria Obnel, almas profundamente piedosas, mas pobres em bens materiais, que souberam infiltrar no inocente coração do filho uma fé vigorosa e uma piedade sincera, as quais o levaram irresistivelmente à prática das virtudes e ao amor das coisas sobrenaturais. O historiador jesuíta Eusébio Nieremberg afirma que “a candidez de sua alma na sua tenra idade parece que “o levava com seu próprio peso para a religião.” (Varones Ilustres).

Dotado de gênio vivaz e inteligência precoce, irmanados a uma aplicação a toda prova, Afonso progrediu tanto nas letras humanas que, — no dizer do p. João Batista Ferrufino, posteriormente seu superior, — pode lecionar com verdadeira mestria essas disciplinas quando veio para a América. Sentindo a voz de Deus que o convidava para a milícia inaciana, foi admitido na Companhia de Jesus no dia da Anunciação, 25 de março de 1614, iniciando seu tirocínio sob a competente direção do fervoroso padre Francisco Pimentel, no histórico noviciado de Villagarcia, mimoso vergel que tantos homens assinalados em saber e santidade deu à Igreja de Cristo.

Dessa fase da sua vida nos deixaram elogiosos testemunhos os mencionados padres Nieremberg, conovicho seu, e Ferrufino, seu diretor espiritual. O primeiro assim se exprime: “Tive a grande sorte de comunicar com ele em o noviciado de Villagarcia, sendo ele exemplo [de todos] e meu muito particular, porque o venerava como mereciam suas virtudes.”

O p. Ferrufino confirma essa sentença, declarando que o irmão Rodríguez de fato já então era modelo vivo daquela casa de provação, chegando o seu fervor a tanto que foi preciso moderar-lhe muitas vezes os excessos da penitência. Bem poderia alguém duvidar — continua Ferrufino — se Afonso seria algum tempo coroado pelo

generoso martírio; mas ninguém que o visse podia duvidar dos sinais de predestinação que dava seu fervor e sua modéstia.”¹⁷⁰

Já estava destinado a ir a Pamplona para principiar o curso de filosofia e ciências, ou de “Artes” — como então se dizia — quando acertou de passar por Villagarcia o padre João Viana, procurador da província jesuítica do Paraguai, que com o beneplácito do Geral da Ordem e autorização do Real Conselho de índias estava recrutando voluntários que o quisessem acompanhar ao Ultramar, a fim de trabalhar na conversão das almas daqueles países.

Nosso impulsivo Afonso, inspirado por Deus, apresentou-se ao p. procurador. Admitido sem dificuldade, embarcou no porto de Lisboa em 2 de novembro de 1616 em companhia de mais 37 jesuítas, vindo todos na esquadra do 11.º governador geral do Brasil, dom Luiz de Souza.

O chefe da expedição, p. Viana, deixou-nos pormenorizada relação dessa travessia, repleta de mil perigos e peripécias. Numa furiosa tempestade, o navio começou a fazer tanta água que a bomba não foi capaz de expelir toda a quantidade do elemento invasor, perigo esse ainda agravado por uma avaria no leme, motivo pelo qual não se puderam aproximar da África, da qual distavam apenas 25 léguas. Enfim, amainando a procela, conseguiram tapar o furo. Mal, porém, haviam escapado desse risco, por um descuido do piloto e a direção dos ventos, o navio chocou-se tão violentamente com outra nave, que por um triz não o meteu a pique. Durante 15 dias ficaram parados, devido às calmarias, após das quais se levantou um repentino pé de vento que inclinou tanto a frágil embarcação que ela veio a fazer água pelo bordo, jogando para o lado tudo o que não estava amarrado. A água bebida pela nau nessa ocasião derreteu toda a provisão de sal. Por fim, passados dois meses, escalaram o porto da Baía de Todos os Santos, onde, lançando-se de joelhos, entoaram um sincero “*Te Deum*”, sendo logo recebidos “com incríveis mostras de amor”, como se exprime o p. Viana, e hospedados generosa e gratuitamente durante 15 dias por seus irmãos portugueses, sem embargo do seu elevado número e da sensível carestia dos víveres naquela cidade. Aproveccionados abundantemente pelos jesuítas da Baía, levantaram novamente âncora a 20 de janeiro, chegando a lançar ferro no porto de Buenos Aires em 15 de fevereiro de 1617.¹⁷¹

170. Relación del Padre Ferrufino al Rey, 1633. Apud BLANCO, p. 522.

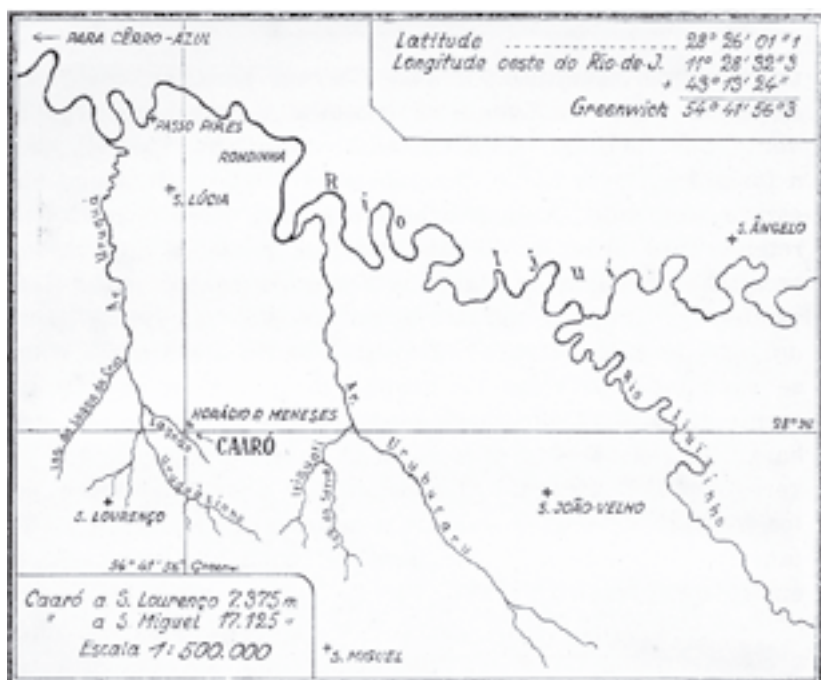
171. PASTELLS, tomo I, p. 355-356.



Os três mártires atravessam o Uruguai. (Ilustração feita pela Irmã M. Mansueta, segundo uma fotografia legítima do grande rio). P. 231.



Os três mártires atravessam o Uruguai. (Ilustração feita pela Irmã M. Mansueta, segundo uma fotografia legítima do grande rio). P. 231.



Carta da região do Caaró, organizada por L. G. Jaeger (P. 290-306).



Os donos do Caaró, o casal Horácio Pinheiro Meneses, junto à cocheira da sua casa. (P. 296).

O escolástico Rodríguez seguiu para Córdoba, — onde a Companhia possuía um Colégio Máximo, ou casa de estudos superiores, — a fim de continuar sua formação literária e filosófica. Terminado esse curso, parece que se dedicou ao magistério, embora durante pouco tempo, no Seminário de Córdoba, porque no “Catálogo II” de 1620, se diz que deu mostras de saber ensinar. Mas ainda no mesmo ano de 1620 iniciou o estudo da sagrada teologia, sendo suas forças físicas qualificadas então como “boas”, declarando o informante que seu progresso nas letras era “bom”, sendo de “bom engenho, bom juízo e boa prudência, porém de mediana experiência”, o que aliás não admira na sua pouca idade de 22 abris. Esse parecer é confirmado pelo “Catálogo” de 1623, no qual se acrescenta ter ele um natural algum tanto melancólico, mas que era capaz de governar e de tratar com o próximo.

Como, a julgar pelo “Catálogo” de 1623, ele não fosse ainda sacerdote, concluímos que o irmão Rodríguez se ordenou de presbítero só pelos fins de 1623 ou princípios de 1624, no qual ano concluiu também a sua formação teológica, e com tanto brilho que seus mestres o distinguiram, fazendo-lhe a honrosa incumbência de defender publicamente umas conclusões sobre pontos de toda a teologia escolástica. Mas o louvor mais rasgado lhe presta o provincial Mastrilli Durán, no “Catálogo II” de 1626, informando ao superior geral que o p. Afonso Rodríguez tinha terminado seus estudos havia 2 anos; que era religioso observante, sensato, bom teólogo e bom humanista.

Afortunadamente, o amor às ciências não lhe entibiou o fervor do espírito. E essa é justamente uma das notas mais simpáticas da sua figura. O p. Ferrufino atesta que, começando Afonso a perder a visão durante os estudos, ele, como superior, interrogou-o acerca dessa moléstia. Confessou-lhe Afonso com toda a ingenuidade que aquela diminuição da vista nascia das contínuas lágrimas que outra vista interior, a saber a da Paixão e Morte de Nosso Senhor, lhe arrancava dos olhos. Como isso constituísse a matéria perpétua das suas meditações, nada admira que esse neopresbítero ardesse em ânsias por assemelhar-se cada vez mais a seu Divino Mestre Crucificado. Por amor a Ele, conservou também ilibada por toda a vida a cândida túnica da inocência batismal.

Havendo concluído sua formação científica, segundo o instituto da Companhia de Jesus, houve de entrar novamente na reclusão

da vida ascética, para o assim chamado “terceiro ano de provação”, ao qual S. Inácio submete seus soldados antes de lançá-los à luta. Mas o p. Rodríguez permaneceu apenas dois meses nessa “escola do afeto”, na qual fez certamente os grandes exercícios espirituais de 30 dias, sendo depois enviado a concluir os 8 meses restantes às margens do Pilco-maio, entre os ferozes e inconstantes guaicurús, que ainda formavam o campo mais espinhoso daquela extensa vinha. Com tanto ardor se entregou o novel missionário à difícil tarefa de aprender aquela ar-revezadíssima língua, que foi ele o primeiro padre que a dominou, podendo pregar nesse idioma passados apenas poucos meses.

As informações prestadas pelo p. Durán terminam com a observação de que o p. Afonso tinha queda para governar.

Tendo feito suas primeiras armas entre os guaicurús, quase sob as vistas do provincial, foi destacado, talvez em 1627, para Itapúa, redução que prosperava a olhos vistos. Foi nesse povoado que ele redigiu o único escrito que da sua mão se conserva, uma carta de bom amigo ao p. Alonso de Oballe, seu ex-colega de estudos em Córdoba, o qual, ao que parece, presumia ser aparentado com Afonso. Havendo sido descoberta há poucos anos e ainda não divulgada em português, reproduzimo-la na íntegra, fielmente vertida em nossa língua:

Pax Christi.

Meu padre Alonso. Para principiar a aplacar o seu aborrecimento, começo beijando humildemente suas santas mãos. Seja para muitos anos o novo estado de sacerdócio, que eu aqui já tenho tido notícia que vossa reverência se ordenou. Uma de V. Rev.a, de 10 de dezembro de 1627, recebi em 30 de julho de 1628, tendo recebido dois meses antes os rosários e disciplinas e, embora então não me viesse carta, suspeitei logo que fosse V. Rev.a que de mim se havia lembrado.

Queixa-se V. Rev.a de que não lhe escrevo e não correspondo ao amor e a tão conhecida e manifesta vontade que V. Rev. a, me consagra e confesso ser justa a causa do sentimento, pois nenhuma [carta] minha chegou a suas mãos. Pensar V. Rev.a que o tenho esquecido, me aflige e seria matéria para eu ficar sentido, pois respondi à primeira que de V. Rev.a recebi, e o não haver eu prevenido a V. Rev. a não foi falta de amor nem esquecimento de V. Rev.a, mas outras causas justas que V. Rev.a sabe e das minhas ocupações.

O ano passado de 1627 relatei a V. Rev.a, desde S. Inácio, o decurso de minha vida e minhas ocupações nestes três ou quatro anos que há que nos separamos, que, em poucas palavras é [o seguinte]: Os dois primeiros anos estive com os guaicurús aprendendo uma das línguas mais difíceis que há no mundo. Não correspondeu o trabalho ao fruto, por que finalmente, não podendo fazer nada com aquela gente, a deixamos. Houve não pouco que sofrer, por ser a gente mais ruim de quantas se conhecem nas índias.

Desfeito isso com forte contradição dos de fora e dos de casa, vim ao Paraná a encontrar-me com o rev. padre provincial que descia do Guaíra, deixando-me nesta missão da Encarnação [de Itapúa], que é a principal e a melhor que possuímos presentemente, por ser boa a gente, com casa e igreja já terminadas, boa música, e a posição do povoado o melhor que vi na minha vida, com haver visto muitos bons na Espanha. Está situado sobre um cerro, de duas quadras e mais de altura, e ao pé dele, o melhor rio do mundo, que é o Paraná. Por uma banda, montes altíssimos, por outra campos imensos. Tendo estado aqui alguns meses parti ao [rio] Uruguai, donde voltei depois de três meses que ali estive com o p. Alfaro e o p. Alonso de Aragona. De presente estou neste Paraná, ainda que creio voltarei dentro de poucos meses para o Uruguai, porque a messe daquelas regiões é grande, e se tivéssemos muitos indivíduos e cunhas, poderíamos fazer muitas “reduções.” Neste ano e meio fizeram-se cinco, e dentro de dois meses, chegando dois padres que o p. provincial nos manda, far-se-ão duas, e quando vier o p. procurador, muitas mais.

Todos os padres estão sozinhos; eu, presentemente, estou com o p. Bosquer¹⁷², ainda que sempre ande acudindo a vários lugares e em breve estarei também só, porque é muita a messe, e assim vão dividindo os padres. O p. Castillo entrará dentro de 15 dias num povoado novo do Ijuí. O p. Hornos está em S. Inácio; o p. Alfaro na redução da Conceição, que é a primeira do Uruguai; o p. Ampuero em S. Francisco Xavier, também no Uruguai. São onze as reduções deste Paraná e Uruguai, e somente quatro têm com que passar bem pobre e escassamente, e por esta causa passa-se muita pobreza e trabalho e, todas as coisas, mas tudo gostosamente pelo bem destes pobrezinhos.

172. Esse padre Bosquer, ou Vosquier, deve ser o padre Cláudio Boschere, flamengo, falecido em Assunção, no ano de 1666.

Na que escrevi de S. Inácio, referi o que V. Rev.^a me pedia lhe escrevesse, e escrevi também ao sr. dom Francisco, e, em poucas palavras, é — caso aquela não tenha chegado — que um irmão de meu pai casou com uma senhora que diziam, se bem me lembro, dona Maria de Oballe, daí uma senhora monja, filha dela, que também se chama dona Maria de Oballe. O mencionado tio meu se chama Gabriel Rodríguez, meu pai Gonçalo Rodríguez. Eis o que deseja saber, e por isso não me trate tão mal, pois sabe que o tenho no meu coração e que o amo “*in Domino*”.

Não sei que coisas de música lhe pedi, e um livro de medicina, por saber que existiam alguns exemplares velhos deste gênero nesse colégio. Não se canse em procurar coisa alguma disso, pois não o precisamos, uma vez que haja bastante disso por aqui, e isso é o de que menos precisamos. E com isto o Senhor guarde V. Rev.a, e preza ao Senhor que eu possa ouvir por aqui que V. Rev.a faz maravilhas entre esses índios. Creia-me que é o caminho mais seguro e por onde se acha mais depressa a Deus. Recomendações minhas ao p. João de Albiz e a todos os conhecidos.

Deste Paraná, julho 30 de 1628.

Servo de V. Rev.^a

Afonso Rodríguez.

Esta carta nos pinta bem ao vivo o coração do seu autor: amigo bom e generoso, alma mortificada e zelosa da salvação das almas.

Entretanto, o jovem religioso, que já criara pública fama de santo, ainda não vivia no seu elemento. Aquilo em Itapúa era cômodo demais para seu espírito ardente e cobiçoso de maiores trabalhos e sofrimentos. Instou com o superior da missão, p. Roque González, que o enviasse a ponto mais penoso e difícil. Foi-lhe satisfeito tão cabalmente o desejo como talvez nem ele mesmo jamais o sonhara.

É sempre assim: a meditação assídua de Cristo crucificado arrasta irresistivelmente as almas generosas para as mais árduas empresas.

“E eu, quando for levantado da terra, atrairei tudo a mim.”
(Jo. 12,32).

27. O BEATO PADRE JOÃO DEL CASTILLO

(1596 -1628)

Viu a luz do mundo a 14 de setembro de 1596. Seu berço coberto de finíssimas e farfalhantes sedas, engrandecido por vistosos brasões de fidalguia, encontrou-se em Belmonte, diocese de Cuenca, na Espanha central.

Dom Alonso del Castillo e sua esposa d. Maria Rodríguez não somente souberam dar a seu filho João acrisolada educação cristã, senão que também lhe secundaram eficazmente o precoce amor às letras, matriculando-o no colégio da Companhia de Jesus em sua cidade natal, onde foi aluno do p. Diogo de Boroa, então ainda escolástico e mais tarde provincial do Paraguai. Declarou esse padre no processo de Assunção, de 27 de abril de 1629, que João, desde pequeno, mostrava o que havia de ser mais tarde; que ele tinha rara modéstia e pudicícia virginal, e um recato de puríssima donzela, como bem o demonstrou sendo rapaz, quando uma moça sem pudor, dele se acercou, agarrando João indignado uma fogaleira do forno, ao pé do qual se achava, afugentando a impertinente mulher.

Terminado o curso de latinidade, seus pais o deixaram partir para Alcalá, uma vez que ele desejava frequentar naquela famosa universidade as lições de jurisprudência. Transcorrido, porém, um ano, movido pelo desejo de pôr em seguro a salvação da sua alma e percebendo claramente a voz do Senhor que o convidava para a milícia inaciana, resolveu abandonar o mundo.

Tendo obtido o beneplácito paterno, obedeceu à divina inspiração, encaminhando-se para o noviciado de Madrid, onde deu início à vida religiosa em 21 de março de 1614, ao contar 17 anos e meio de idade.

O que foi essa primeira quadra do tirocínio espiritual de João del Castillo, sabemos-lo pelo que nos deixou escrito o padre Eusébio Nieremberg, o qual, vindo a falar nesse jovem, parece não achar ter-

mos adequados para exprimir a sua profunda admiração por ele. Tendo ingressado na Companhia no mesmo mês e ano que Nieremberg, este confessa que teve a felicidade de conhecê-lo pessoalmente na casa de provação de Madrid, para onde Nieremberg se trasladara.

Escreve, pois, nosso informante o que se segue: “Dotado de formoso semblante, suas feições respiravam um nativo pudor.” E continua: “Estando eu em o noviciado, tive ensejo de vê-lo ocupado em cuidar do forno, segundo o turno que lhe tocava pela obediência, e, quando arrimado ao fogo e ofegante pelo calor do verão se sentia exausto pelo suor e a fadiga, cobrava novos brios com novos trabalhos, animado sempre de um santo ódio de si mesmo. Nas noites mais cruéis do inverno, espalhava pelo chão seus vestidos, lançando-os longe de si, e, ao levantar-se de manhã ia buscá-los a fim de habituar-se aos rigores do frio. Aquele amor que levava estampado no seu rosto, digno era de tais asperezas. A flor da afabilidade do seu aspecto e do seu semblante, fidelíssimo intérprete do seu coração, assim como atraía a si todos os bons, fustigava os perversos. Mas a afabilidade de João, poderosa sobremaneira por ir nele harmonizada com a beneficência, levava empós de si até os que lhe eram adversos ...

“Buscou com repetidos e mesmo importunos rogos a vida árdua e trabalhosa até lograr ser designado para a mais difícil e abnegada província do Paraguai, fazendo violência aos superiores para que o enviassem para aquelas terras por causa da ocasião que ofereciam de martírio e a necessidade que impunham de levar uma vida repleta de privações. Testemunha sou da alegria com que se despediu de seus pais que o choravam e dos conhecidos contristados, firme na só esperança de padecer por Cristo. Cheio de admiração e santa inveja, lhe dei o último abraço, para não tornar a vê-lo mais neste mundo. Um não sei quê de venerando vislumbrei então nele, e feriu o meu coração como um pressentimento da futura felicidade do seu martírio...”

“Seu grande fervor não deixou sossegá-lo na Europa. Pediu instantemente ser enviado às índias, para onde Deus o havia escolhido. Partiu para lá desde o colégio de Huete, onde ambos éramos seminaristas.” Até aqui o depoimento de Nieremberg.

De feito, os ardentes votos de Castillo foram-lhe cumpridos na medida dos seus desejos.

Tendo sido destinado para o Peru, preferiu ser incorporado na expedição do p. João Viana, — que ia ao Paraguai, — pela fama de maior pobreza, fadigas e trabalhos apostólicos entre os selvagens.

Tendo partido de Toledo alcançou felizmente Lisboa, onde encontrou, entre os viajantes do Paraguai, seu futuro companheiro de apostolado e martírio, Afonso Rodríguez, com o qual pode saborear diversas vezes o iminente risco de ser tragado pelas salsas águas do Atlântico, como já vimos no capítulo anteacto. Chegado que foi a Buenos Aires, seguiu imediatamente com Rodríguez para Córdoba, com a destinação de ambos terminarem ali seu curso de filosofia.

Vejam agora, brevemente, que esperanças dava ao provincial do Paraguai o novel religioso vindo da Europa.

Referente a suas forças físicas, as informações lhe atribuem sempre o qualificativo de “boas”. Mas o que respeita o seu talento e progresso nas ciências humanas, o que nos dizem de João del Castillo, não é lá muito encomiástico.

O “*Catalogus secundus secretus*”, de 1620, traz estas lacônicas expressões: “engenho medíocre, juízo medíocre, prudência medíocre, experiência pouca, progresso medíocre no estudo da filosofia; capaz de ensinar a gramática”. Este parecer vem confirmado em 1623, com a nota “boa” para a prudência, e com a novidade de ter ele um “natural temperamento colérico.” Dois anos mais tarde se declara que fizera “muy medianamente” o quarto ano de teologia, demonstrando, porém, alguma queda para a pregação e o governo. E, em 1626, diziam dele que lecionava latim; que seu engenho era medíocre, mas possuía “juízo bom, prudência boa, experiência medíocre”, assim como um “progresso medíocre nas letras”, e que era “colérico”.

Se a natureza foi nele mesquinha, tanto mais dadivosa brilhou nele a graça. Em 1625 o qualificam de “observante”; e, em 1626 acham que tem jeito para catequizar espanhóis e índios.

Com essa bagagem natural, científica e sobrenatural foi enviado em 1620 para o Chile, ao Colégio de Concepción, onde, graças a suas boas maneiras, cativou facilmente a estima e a veneração dos seus alunos. Permaneceu ali pelo espaço de dois anos, ensinando gramática aos meninos e procedendo sempre e em tudo com a maior edificação, como o atestou por escrito o p. João Romero, vice-provincial do Chile, quando o enviou à teologia em Córdoba.

Dois preciosos episódios nos conservaram os contempo-râneos da época que Castillo passou em terra chilena.

Foi o primeiro que, indo certa vez de um lugar a outro, foi acoметido por uma mulher leviana, tentada provavelmente pelo aspecto daquele formoso mancebo. Nosso Castillo, porém — diz Boroa — repeliu o perigo qual José, a quem imitou na fortaleza e constância em defender sua pureza e virginal castidade, em que muito florescia com raro recato em tudo.

O outro caso revela-nos maravilhosamente o método pedagógico do novel educador. Escreve assim o padre Enrich: “Entre os mancebos que ele teve a seu cuidado, houve dois muito assinalados, o filho do governador, Alonso de Ribera, e o do mestre de campo, general Álvaro Núñez de Pineda, aos quais industriava e inspirava a virtude e o temor de Deus. E como o vissem tão modesto e virtuoso, lhe consagravam todos grande respeito e estima; donde nascia um império amoroso com que os sujeitava, imprimindo em suas almas muito bons exemplos. Procurava com todo o cuidado desviá-los das ocasiões e torpezas que costuma trazer consigo a mocidade, exortando-os à frequência dos sacramentos. Chegou a saber de um divertimento de um estudante, o qual, para solicitar a ocasião da sua ruína, já havia escrito um papel. Chamou-o a seu quarto, pôs-se de joelhos, pedindo-lhe entre lágrimas que, pela paixão de Jesus Cristo e o sangue que por ele havia derramado, o não ofendesse; que, embora ele, sendo seu mestre, podia empregar o rigor, não o queria obrigar senão pelo amor ao Redentor. Palavras foram estas que, como setas, feriram o coração do estudante, e o renderam à vontade do seu mestre, conseguindo que se não despenhasse no abismo de sua fatal ruína, ficando nele tão impresso o santo temor de Deus, que toda a sua vida lhe foi preservativo de semelhantes perigos.”¹⁷³

Estes incidentes do seu magistério nos desvendam uma grande alma, dominada por um acendrado amor a Cristo e ao próximo, fazendo-o digno émulo do angélico S. João Berchmans, seu contemporâneo. O p. Olivares, que nos conservou esse último caso de Castillo, acentua ainda a sua terna devoção a Maria Santíssima, que o jovem professor cultuava como mãe e modelo da sua pureza, virtude em que ele procurava assemelhar-se aos anjos, conforme lhe prescrevia uma das regras da sua Ordem.

173. Historia de la Compañía de Jesús en Chile, tomo I, p. 370, cit. por BLANCO, p. 193.

Tendo concluído com satisfação dos superiores o tirocínio do seu magistério, João del Castillo recolheu-se novamente à vida dos estudos na silenciosa Córdoba para se dedicar à sagrada teologia. Como já vimos, a aquisição dessa sublime ciência lhe causou não pequenos embaraços. Entretanto, seu espírito humilde e apostólico se impôs a esse obstáculo, estudando sem desfalecimento durante quatro longos anos.

Da informação do provincial Mastrilli Durán, de 1625, concluímos que, começando Castillo a teologia em 1621, ordenou-se sacerdote em 1625, pois ante o seu nome aparece pela primeira vez a letra P = padre.

Dado o seu fervor espiritual por um lado e sua pouca queda para as ciências por outro, natural era que os superiores o aproveitassem para a evangelização dos indígenas, muito de acordo com os anelos mais íntimos do seu piedoso coração. De fato, o padre provincial já o havia designado para o Iguaçu, quando por disposição da divina Providência, que o elegera para mártir, foi enviado para S. Nicolau, onde começou a aprender com todo o esmero a língua e a trabalhar apostolicamente. Ali, porém, adoeceu, ao que parece, de uma insolação (“de unos grandes soles enfermo”, diz Boroa), e atacando-lhe o humor também os pés, para restabelecer-se foi levado a Assunção. Demorou nessa cidade quase meio ano, consolando a seus irmãos de hábito e edificando a todos com o exemplo da mais resignada conformidade com a vontade de Nosso Senhor. Sua alma ardente, porém, não se esqueceu do rio Uruguai, pelo que instou com os superiores a que o deixassem voltar para lá, embora ainda convalescente.

Satisfaz-lhe o padre Roque, superior regional das Missões do Uruguai, os anelos, mandando-o novamente para S. Nicolau, para junto do p. Aragona, com o intuito de que aproveitasse na escola de tão provecto mestre. Informa-nos Boroa que o padre Castillo procedeu ali como um anjo, sendo que o seu trato afável o havia feito querido de todos os índios que o admiravam e estremeciam sobremaneira, principalmente porque ele lhes instruía os filhos, e visitava e curava os doentes com muito cuidado e amor.

Em agosto de 1628, quando o padre Roque foi ao Pirapó fundar a nova redução de Assunção do Ijuí, levou consigo a seu amado e obediente padre Castillo, que já dominava bastante o guarani e tinha

virtude suficiente para um posto tão delicado e difícil. Foi com eles Filipe Yeguacabai, carpinteiro de S. Nicolau, para fazer as portas da igreja e da casa do padre, mais o jovem Francisco Nheçú, também de S. Nicolau, encarregado da cozinha do p. Castillo.¹⁷⁴

Sobre essa empresa, assim se referia o p. Ferrufino, em 1633, na sua emolada “Relação ao Rei”:¹⁷⁵

“Escolheu o p. Roque, ou melhor a mão divina, para a nova redução [do Pirapó] ao padre João del Castillo, e assim os dois partiram a tomar posse em nome de Jesus Cristo, pondo o título do seu glorioso estandarte nas terras de Nheçú. No dia da Assunção de Nossa Senhora, 15 de agosto de 1628, — que deu o nome àquele povoado, — viram aqueles campos os raios do Evangelho, levantando o sagrado troféu das glórias de Cristo e consagrando-os com o santo sacrifício da missa. Venturoso dia para tão cegos países, se não tivesse tido contra si a maliciosa inveja do demônio e os azares de uma felicidade acelerada.”

A este propósito diz o padre Romero, na sua carta a Hernándezas que, com “as cunhas que os santos padres repartiram iam os índios fazendo depressa suas chácaras, vindo a estar aquela redução em breve tão florescente como as antigas.”¹⁷⁶

“Foram estes — continua Ferrufino — os breves princípios [da redução], e para fazê-los progredir ficou ali por alguns dias o venerável p. Roque González, dando ao mesmo tempo aos índios exemplos admiráveis da sua benignidade e ao padre João del Castillo alguns documentos de que necessitava mais sua inexperiência do que sua grande capacidade, repetindo-lhos o p. Roque, quicá porque o desejo veeemente, muitas vezes, mesmo sem necessidade, repete os meios para os fins que pretende.”

“O que ali passou o p. João del Castillo, quantos trabalhos [atrou] com a ferocidade intratável daquela gente não habituada ao freio dos preceitos evangélicos e nem sequer às leis humanas, bem o acreditará quem se julgar entre tanta gente sozinho, sem consolo e sem amigo. Ao menos o padre, a quem não intimidavam nem sequer os grandes perigos, encarece-os como dignos de assombro numa carta que escreveu a um dos nossos.”¹⁷⁷

174. BLANCO, pg. 453 e 454.

175. BLANCO, op. cit. pg. 521.

176. BLANCO, op. cit. p. 468.

177. BLANCO, op. cit. p. 521 s.

Até aqui o testemunho elogioso, mas fidedigno do p. Ferrufino, acerca de um homem que ele conhecia a fundo.

A carta a que se alude acima, deve ser a que o padre Castillo dirigiu a seu antigo professor, padre Boroa. Techo conservou-nos o seguinte fragmento dessa epístola que vale por um testamento: “Indizível é quanta virtude se requer para catequizar os índios; eu já tinha reunido quarenta famílias, quando alguns homens ferozes começaram a provar a minha paciência; por nada deste mundo me apartarei do caminho que devo seguir; oxalá tivesse eu as virtudes do padre González que então seria digno de apascentar este rebanho.”¹⁷⁸

Não podia ser mais bem intencionada nem mais arriscada a atuação do padre Castillo na margem direita do baixo Ijuí, no próprio reduto do feiticeiro-mor Nheçú, cuja figura apresentaremos a seguir aos leitores, ator principal da sangrenta tragédia que se ia representar em breve em ambas as margens do Ijuí.

Acerca das heroicas virtudes dos padres Afonso Rodríguez e João del Castillo, possuímos ainda um valioso depoimento do capitão Manuel Cabral, que, no processo de Corrientes, em 1630, afirmou, sob juramento, o seguinte: “E do mesmo modo, dos outros companheiros [de Roque], Afonso Rodríguez e João del Castillo, ouviu dizer publicamente esta testemunha muitas coisas de virtude e santidade e de como Nosso Senhor lhes havia cumprido seus desejos que eram o de derramar o sangue por sua santa fé católica, e que em sua vida tiveram grande parte de trabalhos na conversão daquelas almas: e que tudo isso é público e notório, pública voz e fama e a verdade, e sob juramento o assina.”¹⁷⁹

De modo análogo se externam outras testemunhas daquele processo, que proclamam unânimes a grande virtude e santidade de Rodríguez e Castillo, asseverando que, por isso, eram amados e queridos pelos índios.¹⁸⁰

Julgamos não poder dar fecho mais glorioso a este capítulo do que repetindo o que do seu santo aluno nos deixou exarado o padre Boroa, nos seus preciosos fragmentos de 1629: “Teve (o padre Castillo) na religião algumas provas em que mostrou quão arraigado estava em sua vocação e na virtude, humildade e paciência; era muito

178. TECHO, op. cit. cap. XX, p. 312.

179. BLANCO, op. cit. p. 389.

180. BLANCO, op. cit. p. 196.

mortificado, sobretudo na língua e em ceder a seus companheiros; e sendo um anjo na pureza, também o era no trato (com os seus semelhantes) ; sabendo os índios quão liberal, caritativo e amável ele era, lamentaram muito que os do Ijuí tivessem morto a um padre tão bom. Era realmente amável para com os homens e amável para com Deus, que muito se agradou nesse seu servo, pois em pouco mais de dois anos de missão quis honrá-lo com a palma e coroa de mártir, e fazê-lo mártir tão glorioso, com um martírio tão cruel e penoso como padeceu constantemente por seu amor, oferecendo-lhe o seu sangue e sua vida por amor a ele.¹⁸¹

A divina liberalidade se apraz não raro em remunerar almas especialmente magnânimas, galardoando-as prematuramente com a coroa de glória imarcessível que outros, nem após longos combates atingem. “Consumado em breve, encheu a carreira de uma larga vida; porque a sua alma era agradável a Deus; por isso ele se apressou a tirá-lo do meio das iniquidades. (Sab. IV, 13 e 14).

181. PROC. BEATIE, APPENDIX, p. 54.

28. O FEITICEIRO NHEÇÚ¹⁸²

Dominava por aquela época em ambas as ribas do Ijuí um poderoso cacique, chamado Nheçú. Dotado de natural eloquência e singular arrojo, e exercitado nos embustes da arte mágica, logrou, mediante solicitações e ameaças, não só conquistar certa preponderância sobre os morubixabas de toda aquela redondeza, senão até atrair para seu arraial alguns indígenas já cristianizados, mas fugitivos nas bandas do Ijuí, para onde foram aliciados pelo desenfreado da liberdade e o engodo de fagueiras promessas feitas por Nheçú. Cabecilha desses infiéis apóstatas era Potiravá¹⁸³, autor de um atentado contra a vida do padre Aragona, renegado, fugitivo da redução de S. Francisco Xavier, que votava aos missionários um ódio figadal, tendo-lhes jurado a morte. Subiu a 500 o número dos bárbaros que desse jeito vieram a engrossar as fileiras de Nheçú.¹⁸⁴

Este, adulado na sua vaidade, particularmente pelos silvícolas adventícios, começou de ensoberbecer-se e até a considerar-se como um ser sobrehumano. Como seus boçais subalternos, intimados por ele, chegassem ao ponto de lhe prestar homenagens indébitas, o arrogante Nheçú de fato se meteu na cabeça que era realmente um deus, senhor do céu e da terra, capaz de dispor a seu talante do sol e das nuvens, das feras das selvas e da saúde ou enfermidade dos seus súditos. O castigo por tamanha falta de humildade não podia ser outro que aquele que S. Paulo já no seu tempo preconizava aos soberbos: a mais

182. Nheçú quer dizer “reverência” (MONTROYA, Conquista LVII, pág. 228) ou “o cortês,” “o que se inclina” (ALMEIDA NOGUEIRA, cit. por TESCHAUER, Vida e Obras, p. 121). Mas o seu nome completo não era Nheçum retanque, como julga TESCHAUER (Vida e Obras, 3.^a ed. p. 121, nota 4), visto retanque, ou antes rétã significar “terra ou região,” e gué (qué ou cué) “que foi”, isto é “Terra que foi de Nheçú.” — Não concordam os autores antigos na grafia desse nome. MONTROYA escreve Necú; BOROA Neçú; NIEREMBERG Nezá; Seçu O GUARANI DA CONQUISTA; Nlezú encontramos em TECHO e CHARLEVOIX; Nezá e Nezá aparece em todas as citações feitas por BLANCO; por fim TESCHAUER grafa Nheçum, nazalizando o n final. Não havendo até hoje ortografia uniforme no guarani, achamos que, adotando a forma Nheçú, satisfazemos tanto à pronúncia lusitana como à grafia dos antigos documentos.

183. BLANCO, p. 524 s.

184. Ibidem, p. 520.

aviltante degradação moral, pois que Nheçú mantinha no seu harém acima de vinte concubinas, com que dava péssimo exemplo a todos quantos o conheciam.

E lá no Pirapó, sobre altaneira coxilha, à margem direita do baixo Ijuí, dominando amplo horizonte, residia o soberbo e arrogante feiticeiro, adulado e adorado por centenas de vassalos que se estabeleceram em derredor dele em 35 vastos barracões, a poucas léguas de distância das reduções dos neófitos de S. Nicolau e Candelária.

Observador finíssimo da vida indígena e conhecedor profundo da psique guarani, desde logo previu o padre Roque o perigo que poderia advir senão para a estabilidade das reduções vizinhas, ao menos para o progresso normal da vida religiosa dos neófitos pela só proximidade desse emissário de Lusbel. Tratou pois de precaver-se contra sujeito tão perigoso. No seu grande coração chegou a afagar a ideia de submetê-lo não pela força bruta e sim pelo suave jugo de Cristo. Para esse efeito, primeiramente lhe fez enviar vários recados acompanhados de donativos, até que ele mesmo se resolveu a ir procurá-lo no Pirapó.

Nheçú, cativo da eloquência e afabilidade do beato p. González, não só o recebeu cortesmente, senão que até lhe aceitou prazerosamente o convite de acompanhá-lo até a vizinha S. Nicolau, a fim de que ele pudesse apreciar “*de visu*” o bem-estar de uma redução cristã, e se persuadir do quanto lhe convinha também a ele ter algum missionário civilizador em sua terra.

Segundo Ferrufino ¹⁸⁵, os são nicolauenses fizeram aparatoso recebimento ao famigerado hóspede, dando-lhe o ensejo de conhecer todo o conforto que eles gozavam sob o amparo dos filhos de S. Inácio e enchendo-lhe as mãos de dádivas e regalos.

Tão pago se recolheu o cacique para casa, que deu ordem à sua gente de levantarem, sem tardança, uma moradia para um padre e uma igreja para o culto cristão, desejoso de que viesse quanto antes para o Pirapó um desses admiráveis “vestes-negras” felicitar também o seu povo com benefícios idênticos, senão superiores aos que apreciara em S. Nicolau. E, em prova da sua benevolência, Nheçú até estimulou os tuchavas (caciques) da redondeza a lhe imitar o exemplo.

185. Ibidem, p. 520.

Roque, conhecendo de sobra a versatilidade dos bárbaros, ainda antes que pudesse resfriar a boa vontade do cacique-mor, levou para o baixo Ijuí o jovem e angélico João del Castillo, como já relatamos no capítulo precedente. Foi isso em 14 de agosto de 1628, véspera de N. Senhora da Glória, motivo pelo qual os missionários, para dar um nome cristão à nova redução, resolveram denominá-la “Assunção do Ijuí”.

Demorou o padre Roque alguns dias na novel estação, para auxiliar o padre Castillo na organização desse posto, que a ambos se lhes afigurou de extrema delicadeza. Quando Roque se despediu do companheiro, teve a sensação de deixar um cordeiro no meio dos lobos.

Castillo, porém, pondo toda a sua confiança em Deus, meteu mãos à tarefa. Mediante a catequese, principalmente das crianças, corroborada por assídua oração e rigorosa penitência, conseguiu preparar para o santo batismo um número bem animador. Entre os catecúmenos se encontrava até uma filhinha do próprio Nheçú.

Mas o que mais preocupava o zeloso missionário era a conquista do coração do poderoso morubixaba. Era de todo transe indispensável que Nheçú normalizasse sua vida conjugal. Ao que parece, o padre Castillo conseguiu de fato arrancar-lhe a promessa de ele abandonar as amásias para viver honestamente com uma só esposa, e assim poder preparar-se para a graça do santo batismo.

Infelizmente, demasiado submerso estava esse polígamo na lama da luxúria e excessivamente ancho era o orgulhoso semideus da sua importância para compreender a formosura da pureza e humildade cristãs. No entanto, para não desagradar ao padre, escondeu suas mancebas aos olhos de Castillo, asseverando-lhe que já vivia com uma só. O padre, porém, com imenso desprazer, veio a descobrir, pela revelação que lhe fez um moço amigo, que ele estava sendo ludibriado. Pelo que fazem transpirar os depoimentos das testemunhas, animado do desassombro do seu grande padroeiro João Batista, Castillo teve a coragem de representar ao farisaico morubixaba a lealdade do seu proceder.

Não ousou Nheçú replicar às razões demasiadamente convincentes do santo, o qual se retirou na doce convicção de ter feito entrar em si o pecador. Mas o infeliz não teve a força moral necessária para

se desenhencilhar dos laços das paixões. Lendo o que nos escreveram os autores coevos e depuseram as testemunhas no processo de 1630 e 1631, verificamos que Nheçú não somente não se converteu, como até trocou sua primitiva admiração pelos missionários em desdém e logo em incoercível ódio ao cristianismo que tais peias lhe punha. Diz Montoya¹⁸⁶ que foi Potiravá quem incendiou a centelha da cólera contra os padres com o seguinte arrazoado:

“A liberdade antiga de vaguear por vales e selvas vejo que se perde, porque esses sacerdotes estrangeiros nos empilham em povoados, não para nosso bem, mas para ouvirmos doutrina tão oposta aos ritos e costumes dos nossos antepassados. E tu, Nheçú, se reparas bem, já comesas a perder a reverência devida a teu nome, porque, se os tigres e os ani-mais ferozes destes bosques te estão sujeitos, operando coisas incríveis em tua defesa; amanhã ver-te-ás — já o estás vendo em outros — sujeito à voz daqueles intrusos. As mulheres que, segundo usança nossa gozas e te amam, amanhã verás como te aborrecem feitas mulheres dos teus mesmos escravos. E que ânimo tão forte haverá que possa sofrer semelhante afronta? Dirige teus olhos por todos estes povoados, onde o pouco critério de seus moradores permitiu fixarem-se esses pobres homens, e verás diminuído seu poder; já não são ho-mens, são mulheres sujeitas à vontade estrangeira; se aqui não se atalha este mal e tu te entregas, todas as gentes que desde aqui até o mar habitam, a despeito teu e desonra tua, verás sujeitas a eles, e tu que és o verdadeiro deus dos ventos, ver-te-ás miserável e abatido; tens remédio fácil, se aplicas teu poder para tirar a vida a esses miseráveis.” Até aqui Potiravá.

“Cresceu a chama de Nheçú — acrescenta Montoya — com estes infernais sopros, vendo-se, como se via, com duas tulhas cheias de mulheres, que, sendo duas pocilgas de animais imundos, lhe serviam de delícias a seu gosto.”

Avivados deste modo os instintos do selvagem, este convocou secretamente para o Pirapó não só a sua gente, como ainda os caciques da redondeza, e, numa grande assembleia arengou-os, mostrando-lhes quanto convinha a todos abandonar de novo a religião dos espanhóis e voltar às práticas que haviam herdado dos seus antepassados, de terem quantas mulheres quisessem e de viver outra vez segundo as suas pai-

186. Conquista, LVII, p. 228.

xões. E, armando-se de autoridade, declarou aos assistentes que por isso mesmo era necessário matar a todos os padres das bandas do rio Uruguai, queimar todas as suas igrejas e destruir as cruzes que se haviam levantado, e as imagens que os pregadores haviam trazido, e que os que se haviam batizado voltassem a seu antigo modo e gentildade, porque ele assim o queria e assim o mandava. E para que vissem de que maneira se apagava o batismo, chamou a umas crianças batizadas e, mostrando uma água que tirou por debaixo de si, dizia que aquilo era suor ou licor que ele destilava do seu corpo, com o qual lhes lavou a cabeça, o peito e as costas e lhes raspou a língua com uma concha dizendo que era assim que ele tirava o batismo, e que o faria tirar a todos os demais cristãos do Uruguai.¹⁸⁷ Rebatizou as mencionadas crianças, impondo-lhes nomes pagãos e declarando: “Esta, sim, é nossa lei perfeita e não a que esses padres ensinam.”

Depois lhes ordenou com grande império que todos se apercebessem para pôr em execução o que ele lhes mandava, e era o de matarem os padres e extirpar o nome cristão de toda aquela província. Por fim, tomando ares de incrível soberba, profetizou dizendo: “Não temais; como deus que sou, vos ajudarei, envolvendo em trevas escuríssimas os que defenderem os padres e mandando-lhes tigres para que os devorem. Se, porém, não fizerdes o que vos mando, hei de fazer com que os tigres vos comam e enviarei um dilúvio de águas que vos afogará, e lançarei cerros sobre as vossas tabas, levantar-me-ei ao céu e virarei a terra de baixo para cima.”¹⁸⁸

A nós outros parecem-nos realmente pueris e ridículas as ameaças e blasonarias desse fermentado Nheçú. Entretanto, os rudes e boçais silvícolas, profundamente abalados e transidos de terror, sujeitaram-se incondicionalmente a todas as exigências e patranhas desse falso e arrogante semideus.

Estes fatos, colhidos de depoimentos jurados, manifestam-nos com clareza meridiana a intenção do cacique-mor do Pirapó e qual o verdadeiro e principal móvel que o induziu a urdir as tragédias que pouco depois ensanguentaram ambas as orilhas do Ijuí: ódio satânico à fé e à moral cristã.

187. Esse líquido, segundo todas as presunções, deve ter sido urina, para maior desprezo do cristianismo. (RÓMULO CARBIA).

188. BLANCO, 437.

Se fulminante e exterminadora foi a ação de Lúcifer no Pirapó, o Todo-poderoso lhe conteve o braço, permitindo apenas o martírio dos seus eleitos.

“Como um escudo te cercará a sua verdade, não temerás sustos noturnos, nem a seta que voa de dia, nem o inimigo que anda nas trevas, nem os assaltos do demônio do meio-dia.” (Ps. 90,5 e 6.)

29.0 NOVO REFORÇO DE MISSIONÁRIOS

(1628)

No dia 15 de fevereiro de 1628, embarcava em Lisboa o procurador da província do Paraguai, padre Gaspar Sobrino, conduzindo em sua companhia o elevado número de 43 padres e irmãos, quase todos jovens ainda, animados de genuíno zelo apostólico e de ânsias por trabalhar na conversão dos naturais da América do Sul. Havendo escapado não só da perseguição de 2 navios maometanos na foz do Tejo, como ainda de corsários holandeses que infestavam os mares do Brasil, fizeram escala no Rio de Janeiro, onde foram recebidos com extraordinárias demonstrações de carinho por parte dos jesuítas lusitanos, do governo colonial e da população carioca. Passados dez dias, zarparam para o Sul, vindo a lançar ferro no porto de Buenos Aires no último dia de abril. Isto tanto maior admiração provocou quanto a viagem de Lisboa ao Rio da Prata absorvia sempre, mesmo nas melhores condições, ao menos três meses, e também porque naquele ano não veio senão um único navio de Pernambuco, visto ferver o oceano Atlântico de piratas batavos.¹⁸⁹

O provincial Mastrilli Durán mandou subir o rio Paraná a todos os sacerdotes que já haviam terminado sua formação em número de dez, levando ele mesmo todos os escolásticos para a casa de estudos em Córdoba.

Estava nosso padre Roque ocupado com a fundação da nova redução do Yucã, à qual deram depois o nome de São Xavier, na baranca direita do rio Uruguai, a oito léguas ao norte de Conceição, um pouco acima da foz do Ijuí, junto ao riacho chamado Tabatí, em terras de um cacique amigo chamado Tabatí¹⁹⁰, quando o surpreendeu a faustosa nova de que dez missionários recém-vindos da Europa esta-

189. Carta Ânua do Padre Nicolau Mastrilli Durán, apud Documentos para la Historia Argentina, tomo XX, Iglesia, Buenos Aires 1929, pág. 233.

190. Relación del padre Ferrufino al Rey, apud BLANCO, p. 521 e 485.

vam subindo o Paraná. Sem tardança, partiu alegre em demanda de Itapúa, aonde arribaram quase simultaneamente ele e os novos hóspedes. Tendo-os estreitado todos ao coração com incoercível alegria, — segundo o testemunho de Techo¹⁹¹, — fê-los o p. Roque espairecer e recrear-se com vários jogos oferecidos pelos neófitos. A seguir, havendo-os orientado sobre o trato com os indígenas, destacou a uns para a metrópole do Paraguai, e os demais ao Guaíra.

Entre os que haviam vindo da Europa estava o p. Knud, destinado primitivamente a ser companheiro do p. Roque no Caaró. Tanto, porém, instou o p. Afonso Rodríguez com o superior, que este se resolveu a deixar o p. Knud em Itapúa, levando a Rodríguez para onde o aguardava a palma do martírio.¹⁹²

O p. González, que, ao que parece, pretendia fixar residência mais demorada no Caaró, deu ainda uma rápida volta pelas demais reduções das margens do Piratini e Ijuí, — onde se avistou pela derradeira vez com o p. Castillo — e, encontrando tudo em paz e boa ordem, - lançou-se com bodo o ardor à organização da nova fundação do Caaró. Mas, como adverte Ferrufino¹⁹³, só para dar gosto a um padre que desejava fazer nas mãos do seu venerando superior à sua profissão religiosa, Roque sujeitou-se ainda a uma longa marcha a pé de sessenta léguas, ou sejam mais de 300 km., com manifesto perigo de vida.

Seu plano era o de continuar a estender um cordão de reduções desde o rio Uruguai até o país que confinava com o Atlântico. Esperava que tantos povos cristianizados e unificados viriam a formar uma forte barreira contra as agressões dos inimigos, e, talvez, a oferecer um acesso mais rápido para o mar. Apenas quer-nos parecer que o bom padre Roque não tinha noção clara da verdadeira distância que medeia entre o Uruguai e o oceano. É ao menos o que insinua Romero na sua carta a Hernandárias¹⁹⁴.

191. TECHO, vol. III, l. VIII. c. XXI, p. 313.

192. TECHO, III, 313, na sua edição mal traduzida ao espanhol por Manuel Serrano y Sanz, diz que ele (Techo) se avistou em Itapúa pela primeira vez com o p. Roque. Ora, a edição “princeps” de Techo, que é a latina, na sua página 219, nada sabe desse encontro pessoal, o que aliás não teria sido possível visto que Techo, nascido em Lille, em 1611, só veio para a nossa América em 1640. (TESCHAUER, Vida e Obras, pág. 128, e LEONHARDT, Documentos para la Historia Argentina, XIX, Iglesia, pág. nota 1).

193. Relación al Rey, apud BLANCO, pág. 522.

194. BLANCO, P. 469.

Viviam os guaranis neófitos daquelas reduções bem satisfeitos e felizes com o governo paternal dos missionários. O sacrifício de haverem abandonado sua vida errante e seus costumes bárbaros, viam-no fartamente compensado pelos benefícios da civilização cristã. A bondade do trato daqueles homens extraordinários, cuja benevolência se refletia pelos olhos, pela boca e as mãos, e cativava irresistivelmente os filhos das selvas, tornava-lhes suave qualquer renúncia. Eles se viam amados por aqueles “vestes-negras” e lhes procuravam corresponder com verdadeiro afeto filial.

Justamente sobre a fase inicial das nossas reduções o padre Mastrilli Durán, na sua Ânuia de 1626, nos conservou alguns preciosos espécimens da admirável disposição dos selvagens recém-conversos para com os seus missionários e as ordens emanadas deles.

“Cada dia, pela manhã, — diz o p. provincial, — esperam os alcaides e regedores que o padre (missionário) termine a sua oração a fim de saber dele se há alguma coisa a fazer, seja para as obras necessárias da igreja, seja para utilidade comum do povo. Logo que estes estiverem despachados, acodem os que se hão de ausentar para alguma parte (a não ser para as suas chácaras, aonde costumam ir todos os dias) a fim de pedir licença ao padre; e não se ausentam sem que o padre o saiba.”

“Grande admiração causa isso em todos, vendo como uns índios ainda tão bárbaros há pouco, e que nem sequer faziam caso de nenhuma lei da natureza, em tão breve espaço de tempo, e com tamanha suavidade tivessem chegado a tanta ordem como nem sequer os meninos das escolas de primeiras letras na Europa têm tanto respeito a seus mestres, como o que guardam estes, há pouco saídos da barbária, aos padres e a quaisquer disposições que deles dimanam, porquanto nenhum deles ousa infringi-las nem num ápice; guiados, não tanto pelo temor quanto pelo afeto que têm aos padres.”

“É também para eles o padre o sumo juiz em todas as suas controvérsias e discórdias. De modo que, quando alguma dessas coisas se oferece, imediatamente acodem a ele com grande confiança; e goza com eles o padre de tanta autoridade, e têm todos formada tão reta opinião da incorruptibilidade dos seus juízos, que o que ele decide em favor ou em contra, isso o executam sem resistência ou murmuração.”

“As crianças não somente são de grande satisfação para seus pais, senão que servem de muito consolo aos missionários. São sumamente dóceis... A qualquer da Companhia [de Jesus], ainda que jamais o tenham avistado antes, o amam com incrível afeto e ternura, e a seu menor sinal obedecem; sendo nisso tão exímios, que, muitas vezes, ainda antes que lho mandem já o executam.”¹⁹⁵

Este afeto patenteavam-no particularmente pelo gozo com que festejavam a vinda de novos missionários que chegavam da Europa, e pelo trabalho a que se sujeitavam para conduzi-los a seus povoados. Para receber os 43 missionários trazidos pelo padre Gaspar Sobrino, dos quais vários haviam sido destacados para as “Doutrinas Guaranis”, — “havia eu dado ordem, — continua o mesmo padre Durán na citada Ânuia, — “que descesse da redução de S. Inácio do Paraná, navegando duzentas léguas rio abaixo, o padre Pedro Comental (napolitano), que empreendeu sua viagem acompanhado de vinte índios, parte cantores, parte citaristas. Chegaram bem no momento de obsequiar com seus cantos, instrumentos, danças e outros sinais de alegria e congratulações aos expedicionários. Estes músicos, com outra grande porção de índios de toda idade e condição, repartidos em várias “cuadrillas y divisiones”, logo que chegaram à praia do rio [da Prata], corriam uns a abraçar os padres, outros a beijar-lhes a mão, ou a pedir-lhe a benção postos de joelhos, ou a dar outras mostras de gozo e veneração. Com a abundância da consolação, a alguns missionários se lhes marejaram os olhos de lágrimas, não só ao ver como gente até há pouco desconhecadora de Cristo Nosso Senhor, agora exercitava essas obras tão próprias de cristão para com os sacerdotes, como ainda por experimentar que os inflamados desejos com que se haviam exposto a tamanhos riscos de viagens e navegações, encontravam tão prontamente essas delícias por recompensa. Por esses índios foram os padres conduzidos ao colégio, estando os ânimos de todos cheios de alvoroço. Os músicos rivalizaram por obsequiá-los com seus instrumentos e danças, como continuaram fazendo-o nos dias seguintes, com grande admiração dos que presenciaram tanta destreza em gente ontem ainda tão rústica e bárbara.”¹⁹⁶ Até aqui o provincial Mastrilli Durán.

195. HERNÁNDEZ, Organización Social, II, 339.

196. Ibid, p. 40.

Iniciador e alma de toda essa felicidade era — sabiam-no todos — o estimadíssimo superior das reduções, padre Roque González de Santa Cruz. Todos os problemas, até os mais intrincados para a nação guarani, encontravam pronta e fácil solução naquele amor e confiança filial dessa gente simples e boa para com os seus pais em Cristo.

Daí o caso historicamente incontestado de as reduções fundadas pelo padre Roque serem na verdade um pedacinho do Éden, aberto no sertão sul-americano.

A Providência, entretanto, nos seus insondáveis desígnios, decretara tirar-lhes aquele que lhes dera a vida sobrenatural da graça, para lhe dar já a recompensa eterna, chamando-o para junto de si com as palavras do Esposo no Cantar dos Cantares:

“Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem, e serás coroada.” (Cant. 4,8).

30. O DRAMA SANGRENTO DO CAARÓ¹⁹⁷

(15 de novembro de 1628)

Sobre fase nenhuma da carreira mortal dos padres Roque, Afonso e João possuímos documentação mais opulenta e pormenorizada do que acerca dos dias que remataram a vida dos nossos três mártires rio-grandenses. É que os confrades desses insignes varões tiveram o cuidado de recolher imediatamente tudo quanto pudesse servir para a futura canonização desses campeões da fé, ouvindo as testemunhas oculares e auriculares de todos os fatos que passaremos a relatar, registrando os seus depoimentos com todas as formalidades exigidas pelos sagrados cânones. De tamanho valor são essas atas documentais que, segundo o provou o dr. Rómulo Carbia, diretor da Biblioteca da Universidade de Buenos Aires e professor de história da mesma Universidade, elas nos merecem plena fé.

Assim é que mais do que em capítulo nenhum desta obra, poderemos apresentar ao leitor páginas minuciosas e da mais rigorosa veracidade histórica, colhidas diretamente da copiosa fonte editada por ocasião da beatificação dos três mártires, sobretudo na “Historia Documentada” do padre José Maria Blanco, S. J.

Caaró, conforme as expressões dos primeiros missionários, parece ter sido originariamente o nome de toda a região que se alarga entre os rios Piratini e Ijuí, entestando com o Caaçapá-mini, que ficava mais para as cabeceiras desses rios. Mas com a vinda do padre Roque passou a designar exclusivamente a redução por ele fundada, a umas seis léguas para o Oriente da Candelária, com a qual se ligava por um excelente caminho. Adverte Boroa que Caaró propriamente era “um campo rodeado de matos e aldeiolas.”¹⁹⁸

197. Não concordam os historiadores na grafia da palavra “Caaró”, aparecendo ela escrita ora com um a, ora com dois; uma vez com o acentuado, outra vez sem acento. Resolvemos grafar sempre “Caaró” por ser esta a escrita e pronúncia mais generalizada, conservada até hoje no guarani do Paraguai, e, principalmente, porque esta obteve uma espécie de sanção oficial nos principais documentos apresentados para a causa da beatificação dos nossos três mártires.

198. BLANCO, 464 e 469.

Ainda antes de partir para a fundação de Assunção do Ijuí, 14 de agosto de 1628, o padre González já se pusera em contato com os habitantes de Caaró, que lhe manifestaram sua prontidão de serem cristianizados. Ditando Caaró apenas uns trinta quilômetros da Candelária, o p. Romero propôs que os caaroenses que mostrassem desejo de serem “reduzidos”, se concentrassem na Candelária. Esse alvitre, porém, como ele mesmo o confessa a Hernandárias¹⁹⁹, não teve a aprovação dos tubichabas, ou simples chefes, do Caaró, os quais suplicaram que antes viessem os jesuítas fazer sua redução só para eles nas suas próprias terras.

“Vendo, pois, o santo padre Roque tão boa disposição na gente de Caaró — continua Romero na citada missiva a Hernandárias — nos levou consigo a mim e ao santo padre Afonso Rodríguez para que víssemos o sítio e a disposição da gente, e a todos nos pareceu que era quanto se podia desejar. E para a gente que ali se reuniu a fim de ouvir a nossa palavra, marcou o santo p. Roque um lugar onde deviam fazer uma choupana com dois lanços: um que servisse de capela e outro para sua própria vivenda.”²⁰⁰

Era o principal da terra o morubixaba Quarobay²⁰¹ cujo âni-mo foi facilmente conquistado mediante alguns donativos, acabando ele por consentir na vinda dos ministros do Senhor e prometendo todos fazer-lhes a capela e modesta morada no ponto designado. Como devesse sair dali uma redução em regra, o p. Roque mandou esperar com a edificação das casas dos índios para quando ele mesmo viesse definitivamente a fim de poder dirigir a planta e as construções, assim como os campos mais apropriados para a cultura.

Despediram-se cordialmente os padres com a promessa de voltarem logo que chegasse o reforço dos novos missionários. Entretanto o p. Roque subiu o rio Uruguai para estabelecer a redução de S. Francisco Xavier e receber depois em Rapúa a leva dos novéis auxiliares, como já se disse no capítulo antecedente.

Do Paraná voltou em companhia do fervoroso p. Rodríguez, que lhe arrancara a graça de poder acompanhá-lo para o Caaró. Vinham ambos carregados de miudezas e cunhas de ferro, que lhes

199. BLANCO, 468.

200. Ibid. 469.

201. É assim que escreve Ferrufino, apud BLANCO, 519; sendo que MONTROYA, “conquist”, p. 227, grafa Cuarobay; e TECHO, III, 314, Cuarabay.

havam trazido da Europa. Tendo dado ainda um pulo até Assunção do Ijuí e achado que tudo ali estava tranquilo, sem mais tardança demandaram o Caaró, a cuja coxilha arribaram no dia primeiro de novembro de 1628, numa quarta-feira.²⁰² Trazendo três cavalos, vinham com eles três mocinhos cristãos, dos quais dois eram itapuanos e o outro natural de Conceição. Acompanhava-os ainda a Mãe de Deus, a formosa “Conquistadora”, que não podia faltar a seus queridos filhos nessa derradeira viagem. Com grande gáudio puderam verificar já de longe que a capela e a casa, ambas cobertas de palha, se erguiam na colina por eles escolhida.

Sendo dia de Todos os Santos, nada mais natural que a nova redução a ser iniciada se denominasse “Todos os Santos do Caaró”, ou mais brevemente “Mártires”, ou apenas “Caaró”. Mas os verdadeiros oragos dessa povoação ficaram sendo os três mártires do Japão, da Companhia de Jesus: S. Paulo Miki, S. João de Goto e S. Diogo Chisai, todos três martirizados em Nangasaki, quando eram ainda estudantes, em 1597 e beatificados em 1627, — quer dizer um ano antes da fundação de Caaró, — e canonizados em 1862.²⁰³

Com a disposição mais alvissareira deram início à novel estação, chantando uma cruz, sem dúvida pegada à capela, e regenerando logo pelas águas batismais três crianças que lhes haviam sido apresentadas.

Desde o dia um até quinze de novembro foram-se juntando os tubichabas ou caciques comarcãos para ver e ouvir os novos evangelizadores e receber deles cunhas, com o compromisso de virem morar aí no Caaró ou, no caso contrário, de restituírem o instrumento. Dia por dia chegavam novas levas, com indescritível consolação do p. Roque, o qual, com a sua fantasia meridional, forjaria mil planos de conquistar todos aqueles povos para seu Deus e Senhor.

Por aqueles mesmos dias chegaram, com todo o segredo, Guarerá, Mbarú e Cuniaracúa, emissários de Nheçú, que, sob ameaças terríveis por parte daquele feiticeiro, intimaram a Carupé ou Caruperá, feiticeiro e um dos morubixabas principais de Caaró e outros semelhantes a ele, que dessem morte ao p. Roque e seu companheiro. Mas para que Carupé não tivesse nisso a mínima dúvida, Nheçú mandava dizer-lhe que, tendo executado as suas ordens, o informasse imediata-

202. PASTELLS, I, 425. TECHO, porém, III, 313, diz que chegaram já no dia 31 do outubro.

203. Historia Argentina, Iglesia, XX, 774, nota 62 e TDCHO, IV, 308.

mente para que ele, por sua vez, fizesse outro tanto com o p. Castillo no Pirapó; que depois fossem à redução de Candelária, onde encontrariam já dispostos muitos conspiradores que lhes ajudariam a matar o p. Romero, enquanto ele próprio se lançaria com a sua gente sobre a redução de S. Nicolau, onde assassinariam o p. Alonso de Aragona e seu companheiro; por fim, os da Conceição trucidariam os padres de lá também como os de todo o resto do Uruguai, e que até os índios do Paraná já estavam comprometidos a dar cabo dos padres daquelas bandas, não poupando a nenhum; e que com isso poderiam viver novamente às soltas, conforme as tradições dos seus avôs.

Carupé e os seus comparsas — “como gente tão nova e boba” — na frase de Romero²⁰⁴, deixaram-se intimidar e embair, dando crédito às palavras e ameaças de Nheçú e acabaram prometendo que matariam os padres do Caaró na primeira oportunidade.

Amanheceu assim radiante o dia 15 de novembro de 1628, uma quarta-feira, luminoso como a maior parte dos dias da-quela quadra do ano naquela zona. Erguendo-se cedo dos seus pobres leitos, os beatos sacerdotes fariam, como lhes prescrevia a regra, uma boa hora de fervorosa oração mental, que desta vez mais se assemelharia a um hino de profunda gratidão ao Pai das Luzes, do qual “procede toda a dádiva boa e todo o dom perfeito” (Tiago, 1, 17.) Depois, tendo acudido já um grande número de novatos, o p. Roque repartiu-lhes duzentas cunhas, e escreveu a seu querido amigo p. Romero, da Candelária, um bilhete, no qual lhe comunicava a feliz nova de que aquilo no Caaró corria mesmo como não se podia desejar melhor e que se houvesse cunhas, viriam mais de quinhentos índios “reduzir-se” ali, e que já haviam começado a colher algum fruto com o batismo de três criancinhas. Por fim lhe dizia que a mesma prosperidade se via no Pirapó — como lhe constava — onde levavam também muitas crianças ao p. Castillo para que as batizasse.²⁰⁵

Tendo despachado esse bilhete, celebrou logo a seguir a renovação mística da morte de Cristo na cruz. Bem longe estaria ele de imaginar que já tão perto estava o sacrifício da sua própria vida, aliás tantas vezes e tão ardorosamente por ele imolada no decurso da sua vida.

204. BLANCO, 470.

205. Blanco, 487.

Terminada a ação de graças saiu da capelinha de barrete na cabeça, para dirigir o alçamento de um enorme pau de uns 52 pés de comprimento (uns 17 metros), que o p. Rodríguez, auxiliado por mais de duzentos índios, acabava de trazer do mato debaixo de muito alvoroço e alegria da indiada. Devia servir de campanário da redução para alegrar a gente e chamar os fiéis para os atos do culto.

Com a chegada de Roque, Afonso recolheu-se para o interior do seu aposento a fim de rezar as horas menores do seu breviário em preparação para a santa missa, que desejava celebrar pouco depois, talvez logo após de alçado o campanário.

Neste comenos, o p. Roque se encaminhou para a ponta superior do pau, onde um dos rapazes do Paraná já estava fazendo os furos para amarrar o sino, enquanto numerosos guaranis, curiosos, alegres e distraídos estavam por ali perto. Também Carupé e seu escravo Maraguá²⁰⁶ se haviam infiltrado entre a multidão, acompanhando com visível interesse aquele trabalho sem perder de vista o menor movimento do missionário.

Nisso se inclina o servo de Deus para atar o badalo ao sino com uma corda. Foi o momento ansiosamente espreitado pelos assassinos. Ainda antes que Roque tivesse tempo de levantar aqueles seus grandes olhos, que tanta vez haviam subjugado a audácia indígena, a um sinal de Carupé, dois robustos sicários, um dos quais foi Maraguá, num abrir e fechar de olhos, com suas clavas de pedra, chamadas itaiçá, descarregaram simultaneamente dois tão medonhos golpes sobre a sagrada cabeça do padre, que lhe partiram completamente.²⁰⁷ O mártir, qual manso cordeiro, sem soltar um ai, tombou exânime sobre a face.

Horrorizado o rapaz paraná, levanta-se de um salto para dar parte do sucedido ao p. Rodríguez. Mas este já se erguera, despertado do seu recolhimento por uma gritaria verdadeiramente selvagem, a fim de ver o que passava. Mal assomou à porta o padre, lançaram-se contra ele os assassinos, desferindo-lhe alguns golpes. Rodríguez, vendo, a certa distância, morto seu santo superior quis recuar para dentro

206. Maraguá quer dizer vil (MONTTOYA, 230).

207. Ita = pedra + yçá = tronco ou fuste. Itaiçá - era uma arma guarani, semelhante a um fuso de pau, de 60 a 80 cm., que por contera, tinha uma pedra esquinada e redonda; ou, como diz Montoya, p. 230: "una porra de armas, que aunque de madera imitaba al hierro en su dureza y forma".

da choupana. Um sicário, porém, o feiticeiro Aregoatí, irmão de Carupé, sujeitando-o fortemente, o foi arrastando, ao passo que outros lhe davam tantos golpes no crânio com suas itaiçás, que o prostraram morto ao pé da capela.



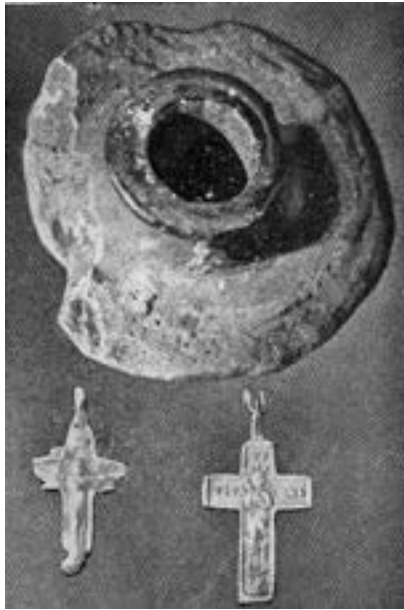
As escavações realizadas no Caaró, em janeiro de 1933. (P. 298).



A ereção da cruz, — designadora do lugar onde iniciou o seu martírio o beato padre João del Castillo, na coxilha do Pirapó, — em 24 de janeiro de 1935. (P. 315).



Artefatos desenterrados no Caaró, em janeiro de 1933, reduzidos à metade do tamanho (P. 299).



Um castiçal de argila (P. 299) e duas cruzes descobertas no Caaró (P. 298-299 e 306), um pouco abaixo do tamanho natural.

Desta relação, que é do p. Romero, diverge o p. provincial Vásquez Trujillo²⁰⁸, o qual afirma que, aparecendo Afonso à porta para saber o que havia, lhe desferiram algumas pancadas no cérebro, mostrando, embora malferido e meio atordoado, uma incomparável paciência e caridade, perguntando meigamente aos assassinos: “Que fazeis, filhos, que fazeis?” E, como quem desejava morrer junto a seu companheiro, que viu morto, encaminhou-se para lá²⁰⁹, mas os sacrílegos embargando-lhe os passos com enorme algazarra, amassaram-no a pancadas, derribando-o morto ao pé da igreja com dois certos golpes de itaíçá, vindo a expirar o mártir a uns 14 passos de distância do lugar onde jazia o p. Roque.

Ébrios pela vista e o cheiro do sangue, voltaram os parricidas ao cadáver do p. González, para, com fúria infernal, lhe fazerem em pedaços o rosto e a cabeça. A seguir, não só despojaram as vítimas das suas vestes, mas ao p. Rodríguez até o cortaram em dois pedaços na altura da cintura. Após isso, assumindo ares de vitória, os selvagens homicidas arrastaram os sagrados despojos diversas vezes ao redor da casa, terminando por jogá-los para dentro da igreja. Daí se entregaram à mais desenvolta pilhagem profanando e saqueando a casa de Deus e a moradia dos missionários. Repartiram entre si as alfaias do culto, os ornamentos e pobres haveres dos mártires, terminando por lançar fogo ao templo e à casa, no intento de que as chamas devorassem os corpos dos levitas do Senhor.

Nem sequer respeitaram a meiga imagem da “Conquistadora”, dilacerando-a a meio com sacrílega impiedade; quebraram a pedra da ara, a machucaram e fizeram em pedacinhos o cálice, cujos fragmentos perfurados penduraram aos pescoços como troféus, rasgaram o missal, os breviários e demais livros e papéis, espalhando as folhas pelos campos. Por fim, impelidos por um ódio satânico, não só derrubaram a cruz fazendo-a em pedaços, como deitaram ainda mão sacrílega nos santos crucifixos: no do p. Roque, que era de marfim, despregaram o Cristo, quebraram-lhe os braços, atirando-os — como diz Vásquez Trujillo²¹⁰ — para algum lugar onde nunca mais puderam ser descobertos; o do p. Afonso, que era de estanho, parece ter sido

208. BLANCO, 488.

209. MONTTOYA, 231 e TECHO, III, 320 dizem que ele queria entrar na igreja, para ser sacrificado ali onde tantas vezes imolara o sacrifício divino, e se oferecer a si próprio em holocausto.

210. BLANCO, 489.

atirado ao fogo, — mas não se consumiu, — sendo encontrado mais tarde entre as cinzas, misturado com terra, e com o Cristo preso apenas pelas mãos, juntamente com a cruz do p. Roque.

Mas nem todos os espectadores da morte dos padres foram cúmplices ou testemunhas silenciosas daquele ato vandálico. Um morubixaba ainda não batizado, já entrado em anos, sogro de Quarobai, um dos primeiros que receberam os missionários no Uruguai, profundamente indignado, ousou levantar a sua voz em solene protesto pelo assassinio dos ministros de Cristo. Os conjurados, cegos de furor ao verem-se publicamente censurados, investiram contra o nobre ancião, esmigalhando-lhe a cabeça com suas itaiçás. Vítima dos seus humaníssimos sentimentos tombou o digníssimo cacique.

Não foi, porém, o único defensor dos padres. Um dos três rapazes vindos com os missionários, o da Conceição, que se achava um pouco retirado no momento da matança, ouvindo aquela bárbara vozearia, fugiu para a mata, a fim de escapar de dois índios que quiseram prendê-lo. Dali, correndo sem cessar, conseguiu alcançar a redução da Candelária, levando a Romero a primeira notícia da tragédia no Caaró, mas tão confusa que o padre não descobriu o verdadeiro estado das coisas através daquela engrolada nervosa e balbuciante. Apenas compreendeu o indispensável para se pôr de sobreaviso com a sua gente a fim de não cair numa emboscada, como logo veremos.

Os outros mocinhos cristãos foram agarrados para serem sacrificados também. Entretanto, dois guaranis, de sentimentos mais humanos, intervieram, declarando aos circunstantes que para esses jovens já fora bastante castigo o terem perdido seus pais espirituais, sem falar da justa indignação que no rio Paraná poderiam provocar suas mortes, uma vez que aqueles moradores estavam apalavrados com Nheçú de também matarem os padres daquele rio.

A essas ponderações não somente soltaram os rapazes, como ainda lhes deram dois dos três cavalos dos padres, com a ordem de voltarem para suas terras, mas sem atravessar as reduções da Candelária e S. Nicolau, porque haveriam de encontrá-las em reboliço, sendo que também ali haviam assassinado os pregadores da religião de Cristo, e eles, passando por lá, também poderiam ser mortos.

Um dos meninos, de nome Diogo Chandicuie, com audácia superior à sua idade, declarou ao morubixaba Carupé e demais caaro-

enses que, por causa da maldade que tinham praticado com os padres, haveriam de ser escravos dos espanhóis, eles, suas mulheres e seus filhos. Carupé, empalidecendo com este atrevido vaticínio, emudeceu. A seguir, Diogo, levantando respeitosamente do chão o barrete, ensochado em sangue, que o p. Roque trazia na cabeça quando lha despedaçaram, o enterrou no mesmo ponto em que expirara o santo mártir. E, digamo-lo já de passagem, volvidos nove meses, voltando Diogo para desenterrar o barrete, encontrou-o ainda manchado de sangue, relíquia que ele entregou com muita reverência ao p. Romero.

O segundo mocinho, não menos corajoso, antes de montar arrancou ainda das mãos de um índio a caixinha em que se guardavam os santos óleos, levando-a consigo. E com isso abalaram os dois rapazes.

Consumado estava o primeiro ato do sangrento drama encenado por Nheçú. Os caaroenses retiraram-se, cada qual para o seu lado, deixando a fumar a ermida e moradia dos mártires, aprovando ao menos tacitamente aquela obra exterminadora.

No dia imediato voltaram os assassinos para verem os restos dos corpos que haviam deixado nas chamas. Vendo, porém, que ainda não estavam bastante queimados, começaram a trazer uma porção de lenha. Nisto, com grande estupefação sua, perceberam clara e distintamente uma voz queixosa saída do coração do padre Roque, que lhes dizia que ele havia vindo àquelas terras para o bem de suas almas, acrescentando: “Matastes a quem vos amava e queria bem; matastes, porém, somente meu corpo, pois minha alma está no céu. E não tardará o castigo, porque virão meus filhos para castigar-vos de terdes maltratado a imagem da Mãe de Deus. Mas eu voltarei para vos ajudar, porque muitos trabalhos vos hão de sobrevir por causa da minha morte.”

A veracidade destas ou semelhantes palavras foi mais tarde unanimemente atestada perante cinco religiosos, diversos soldados espanhóis e numerosos índios, por cinquenta e três caaroenses que cáram prisioneiros, testemunhas pessoais e imediatas desses sucessos²¹¹.

Este milagre, porém, longe de abalar os assassinos, mais os enfureceu. Tomados de estulta indignação, disseram uns aos outros: “Ainda fala esse embusteiro!” e convencidos de que aquela voz não

211. Ibid, 471.

podia sair dos lábios, tendo a boca tão despedaçada, e sim do coração, mandou Carupé a Maraguá tirar dos escombros o cadáver de Roque, abrir-lhe o peito e arrancar-lhe o coração. E porque continuava falando, atravessou-o com uma flecha. A seguir, acendendo nova fogueira, jogaram outra vez às chamas os corpos dos mártires, juntamente com o maravilhoso coração.

As prodigiosas palavras do coração do p. Roque não só anunciaram o castigo vindouro, mas também manifestaram o grande amor do servo de Deus para com os seus índios, embora ingratos, simultaneamente com a promessa de futuro auxílio e a posse atual da sua bem-aventurança no céu. Não exprimem nenhuma vingança pessoal, mas apenas referem profeticamente o que Deus havia de fazer em castigo pelo parricídio.

Deus, porém, que não consentira que se consumissem de todo os despojos nas chamas do dia anterior, preservou-os ainda desta vez da ação do fogo. Do corpo do p. Roque ficou inteiro o tronco, desde a metade das coxas até os ombros, com todas as entranhas meio assadas; ao passo que o coração lançado ao fogo ficou todavia ileso, atravessado apenas com a ponta óssea de uma flecha.²¹² E neste estado foi descoberto mais tarde entre as cinzas. O rosto e o pescoço ficaram queimados, conservando-se um pedaço do crânio e nele pegado parte do cérebro; o braço esquerdo queimou-se completamente.

Quanto ao p. Rodríguez, que, como se disse, foi partido a meio, conservou-se-lhe inteira a parte superior do tronco, com o rosto tão perfeito que pôde ser identificado sem dificuldade. A um lado da cabeça as fontes apresentavam dois sinais de clava por onde saía a massa cerebral, o lado e o braço da esquerda se lhe abrasaram inteiramente, como também as vísceras. Da cintura aos pés não restou mais do que um pedaço de uma coxa com o joelho e o pé direito, assim mesmo bastante assados.

Todas essas preciosas menudências devemo-las à piedade do padre Vázquez Trujillo, que as relatou ao geral da Ordem, padre Múcio Vitelleschi.

Ficamos estupefatos ao vermos como, — após um acolhimento tão carinhoso feito aos padres pelos caaroenses, e um início que, na frase da própria vítima principal, não podia ser mais alvissareiro,

212. BLANCO, 388, 424, 471 e 495.

— à vista de mais de duzentos homens válidos, um punhado de audazes sicários puderam assassinar, impunemente, num abrir e fechar de olhos, seus melhores amigos, e profanar à vontade os seus cadáveres e destruir edificios levantados semanas antes pelas mãos dos próprios espectadores.

A única explicação encontramos-na nas palavras d'Aquele que morreu por todos nós: “Não é o discípulo superior a seu mestre, nem o servo é mais que seu senhor.” (Mat. 10,24.) Ora se o Filho de Deus teve o seu “Hosana ao filho de Davi” (Mat. 21,9.) e cinco dias depois o seu “Crucifica-o, crucifica-o”, que admira se Roque e Afonso, como fiéis imitadores de Cristo tiveram também de passar por transees parecidos?

31. A TRAGÉDIA DE PIRAPÓ

(17 de novembro de 1628)

Por ordem de Carupé partiram ainda aquela mesma quarta-feira dois mensageiros, Huaití e Pindó, em demanda de Assunção do Ijuí a fim de levar a Nheçú a nova de as suas ordens terem sido executadas à risca. A distância que medeia entre as coxilhas do Caaró e do Pirapó não é inferior a cinquenta quilômetros aéreos, de difícil caminho, cortado por florestas, outeiros, pântanos, arroios e o impetuoso Ijuí que houve de ser atravessado a nado pelos índios. Posto que os estafetas dessem asas aos pés, alcançaram a meta apenas ao cair da tarde do dia seguinte.

Ao receber a mensagem do morubixaba caaroense, Nheçú saiu do mato, onde se mantivera oculto com as suas odaliscas e seus numerosos filhos, demonstrando uma alegria demoníaca. Coberto de uma espécie de touca de penas multicores e revestido de uma capa de plumas²¹³, encaminhou-se rompante para junto de sua moradia, onde já o estavam aguardando seus vassalos. Tomando nas mãos alguns poronguinhos cheios de pedrinhas, fazia estrépito e dava pinotes ora com regozijo pueril, ora com fúria satânica. Ao depois, dando violentas patadas e estridentes uivos, pavoneava-se qual deus, e dizia a seus ouvintes: “Mandeí aos tigres que matassem o padre Castillo, que está em nossa terra, mas não me obedecem. Ide, pois, vós mesmos matá-lo”.

Compareceram também os principais tubichabas e pajés ou feiticeiros — entre eles Quaraibí (ou Quarobai) e Araguirá, — perante os quais o feiticeiro-mor, dando mostras de um júbilo selvagem e, engrimpando-se com os seus mentidos poderes do céu, se desbocava em ameaças contra quem ousasse resistir ao cumprimento das suas ordens. Tornou a asseverar que os padres eram seus inimigos porque

213. Esta capa chegou ao poder do padre provincial Vázquez Trujillo — juntamente com as itaiças com que mataram os padres de Caaró, — que as enviou ao padre geral Múcio Vitellescii, (BLANCO, 491), o qual lhe agradeceu a remessa em 30-11-1634 (BLANCO, 678).

lhe tiravam as crianças para batizá-las e as mancebas, impedindo-o desta forma de viver desbragadamente segundo a sua real vontade.

“Se esse sacerdote não morrer, — continuava em tom declamatório, — sobrevirão trevas tão grandes que não se distinguirá o dia da noite e secar-se-ão as vossas plantações e vossos filhinhos perecerão de fome. Os de Caaró já obedeceram ao meu mandamento; Roque e Afonso já estão mortos. Morra João; que logo farão outro tanto os caciques e demais povos com os seus padres.”²¹⁴

Ignoramos a causa de os comparsas de Nheçú não terem executado imediatamente aquelas ordens. Suspeitamos que talvez já estivesse iminente a noite e os mensageiros vindos de Caaró se sentissem exaustos. Certo é que só na sexta-feira, dia 17 de novembro, se determinaram a levar ao matadouro a inocente vítima.

Segundo o p. Vázquez Trujillo²¹⁵ e o p. Boroa²¹⁶, começou o martírio do p. Castillo às 15 horas, quando ele estava rezando no seu breviário as Vésperas e o Completório. Entretanto o p. Romero²¹⁷ assevera, que isso já se deu na manhã daquele dia. Esta última versão parece-nos a mais verossímil porque Romero ouviu pessoalmente o depoimento de muitas testemunhas e, morando a poucas léguas do Pirapó, estaria melhor informado.

Estava, pois o nosso bem-aventurado, sem a mínima suspeita do que contra ele se tramava, recitando devotamente as horas canônicas, quando se chegaram a ele os primeiros emissários de Nheçú. Vendo que estava a ler, quiseram saber o que lhe dizia o “quatiá”, — que é como eles ironicamente apelidavam o livro do breviário. O padre, na sua angélica bondade e terna caridade, respondeu que nada, que ele rezava.²¹⁸

Conforme outra informação, porém, estava ele matriculando o cacique Chetihagué e sua gente²¹⁹, distribuindo anzóis e alfinetes a uns silvícolas que se haviam apresentado para a catequese, quando inopinadamente lhe invadem com enorme estrupido a modesta casi-

214. BLANCO, 492.

215. BLANCO, 497.

216. Apud PASTELLS, I, 426.

217. BLANCO, 472.

218. Ibid., 472.

219. BLANCO, 449.

nha. Castillo, cuidando que vinham exigir anzóis ou outros presentes, dispôs-se prontamente para lhes satisfazer a vontade, declarando que de boamente lhes dava tudo quanto possuía, mesmo a sua própria pessoa para escravo, se quisessem, que ele lhes serviria da melhor vontade.

Nisso, porém, a um sinal de Quaraibí, — sogro de Nheçú, — o atrevido Araguirá já o cinje com robustos braços pelas costas, segurando-o fortemente, ao passo que outros lhe dão muitas bofetadas. Ao princípio, Castillo, deixando cair os anzóis ou alfinetes que tinha na mão, não sabendo ainda de que se tratava, virando o rosto de uma parte a outra, fez um esforço para se desenvencilhar dos agressores, e até gritou por auxílio, perguntando aflito: “Filhos, que é isso? Por que me matais, tendo eu vindo aqui por vosso amor?”

Foi tudo debalde, porque mão nenhuma se mexeu em defesa sua, a não ser talvez o carpinteiro Filipe Yeguacabai, que foi agarrado por dois revoltosos e levado à presença de Nheçú,²²⁰ como ainda o jovem cozinheiro do padre, Francisco Nheçú, também aprisionado nesse momento.²²¹ Após a morte de Castillo ambos foram postos em liberdade.

Nisso comunicam ao padre que já haviam dado cabo de González e Rodríguez; que eles iam matar também os padres de S. Nicolau, e, agora, era chegada a vez dele. Ao ouvir isso, o manso sacerdote, como legítimo imitador do Cordeiro de Deus, desistiu de toda e qualquer resistência. Apenas lhes pediu que, uma vez que lhe vinham tirar a vida, o levassem até S. Nicolau, — distante três para quatro léguas, — a fim de morrer ali em companhia dos seus irmãos de hábito. Não lhes pareceu má a proposta. E assim, enquanto Quaraibí lhe dava com uma faca três talhos no rosto, outros o derrubavam ao chão, amarrando-lhe rijamente as mãos com cipós. Feito isso dispararam com ele, arrastando-o sem piedade por paus e por pedras, coxilha abaixo, por quebradas, através de um ou dois arroios até a distância de três quartos de légua, i. é cerca de quatro mil metros.

Ia adiante Quaraibí animando os sicários com a espada desembainhada e gritando: “Matemos a esse fantasma de sacerdote. Temos só a nosso cacique Nheçú. Ressoe unicamente em nossa terra

220. BLANCO, 453.

221. BLANCO, 455.

o som dos nossos porongos e ouçam as índias somente o estalo das nossas taquaras.”²²²

Ficou o pobre mártir esfoladíssimo, feito uma chaga viva, sem um fio de roupa, a não ser uma meia e duas ligaduras nos braços com que vendara suas feridas habituais.

Nessa via, supinamente dolorosa, soltando-se o cipó de uma das mãos, o invicto confessor de Cristo mandou parar, pedindo que Iho atassem de novo, porque morria de boa vontade. É que ele queria beber livre e conscientemente, até às fezes, o cálice que o Senhor lhe oferecia. Sua alma aflita soltava muitos suspiros e jaculatórias. As únicas palavras que as testemunhas puderam compreender e reter na memória foram: “Tupãrehe, que quer dizer: Seja pelo amor de Deus;²²³ e Jesus, Maria, muitas vezes repetidas.”²²⁴

Segundo depoimento de Cristóvão Quirendi, jovem de uns 18 anos, Castillo teria dito quando o arrastavam: “Sim, levai-me, eu vo-lo agradeço, porque me matais por amor de Deus. Matareis meu corpo, mas eu irei para o céu. Virão, porém, os espanhóis a fim de pagar-vos por me haverdes matado.”²²⁵

Tão copioso foi o sangue que o denodado herói verteu, que cinco semanas após ainda apareciam bem visíveis as manchas nas pedras e árvores, contra as quais batera quando o arrastavam pelo chão. Até pedacinhos de carne foram encontrados nessa trajetória²²⁶.

Não contentes com esse sofrimento, já por demais horroroso, um dos carnífcies golpeava por vezes o ventre do mártir com uma pedra, enquanto outros se compraziam em lhe picar a carne, mas sobretudo os olhos com a ponta de uma flecha, ou de lhe fincar o arco nos miolos.²²⁷

Por fim, cansados já de tanto correr, fizeram alto à margem do Ijuí, deixando o beato com a face mergulhada num lodaçal. Diz Romero, na sua já citada missiva a Hernandárias: “Se não estava já morto, acabaram de matá-lo com uma clava de pedra, ao passo que outros lhe moeram os ossos com pedras.”²²⁸

222. BLANCO, 447, 452 e 533.

223. BOROA, in “Appendix Documentorum, pág. 54.”

224. BLANCO, 534.

225. BLANCO, 447.

226. BLANCO, 403.

227. BLANCO, 445.

228. BLANCO, 472.

Afinal, cravando-lhe ainda duas setas no coração e no estômago, abandonaram o cadáver na convicção de que os tigres, tão abundantes naquelas matas, o devorariam durante a noite²²⁹. Voltando, porém, no dia seguinte, verificaram que as feras não haviam tocado nos sagrados despojos do confessor de Cristo. Mas os índios, flechando-o, apedrejando-o e moendo-lhe novamente os ossos²³⁰, arrastaram-no para outro mato próximo, onde lhe amarraram os braços em forma de cruz a uma árvore, atiraram-lhe muita lenha em cima e queimaram grande parte do seu santo corpo²³¹.

Concluída essa “façanha”, entregaram-se à pilhagem. Profanaram a capela de Assunção do Ijuí, despedaçaram o cálice e as demais alfaias e saquearam a morada do padre, onde não acharam outros objetos a roubar a não ser o breviário e alguns papéis que o santo possuía, levando tudo a Nheçú, salvo algumas miudezas de pequeno valor, que repartiram entre si.

O feiticeiro-mor, como se tivesse alcançado retumbante vitória, enfiou a alva e a casula do padre, adornou os braços e a cabeça com muita plumagem, e mandou trazer dos bosques suas numerosas amásias e filhos até então ocultos aos olhos do missionário, dos quais apenas um deixara batizar por não ter mais, como mentia sempre ao servo de Deus.²³²

Feito isso, dirigiu à sua gente a seguinte arenga: “Já de hoje em diante vivereis satisfeitos; já vos crescerão vossas plantações; já podeis ter assegurado o modo de ser antigo dos vossos antepassados, sem haver quem vos impeça ter mais de uma mulher. Agora serei eu quem há de batizar os vossos filhos.”

Logo, deu ordem de trazer algumas das crianças batizadas por Castillo, raspou-lhes a língua com barro duro, a fim de tirar-lhes o gosto do sal bento, como dizia, — e raspou-lhes a cabeça, o peito e a nuca para lhes tirar os óleos e o santo batismo que o padre lhes havia ministrado. E para que a dessagração dos meninos batizados fosse completa, lavou-lhes a cabeça com seiva e raízes de árvores em lugar de sabão, como se pretendesse raspar-lhes as graças que o sacramento lhes havia infundido. Por fim, amarrando às coxas uma grande abóbo-

229. BLANCO, 535.

230. BLANCO, 447.

231. BLANCO, 472, 498 e 535.

232. BLANCO, 456.

ra, ou porongo, cheia de água, fingia sentir apertos, e, fazendo correr a água pelas pernas, rebatizava com ela as crianças nos pés, dizendo que esse seu batismo era o verdadeiro, mas o dos padres falso e fingido.²³³

Leitor amigo. Quiçás perguntas pela razão de haveremos relatado tantas particularidades ocorridas por ocasião da morte dos nossos três mártires. Foi mui de indústria que o fizemos, porque tratando-se das derradeiras palavras e obras proferidas e praticadas nesta vida mortal por santos tão populares e estimados pelo nosso povo, julgávamos nada dever omitir daquilo que tão carinhosamente nos conservaram os antigos cronistas, uma vez que tudo isso contribui eficazmente para melhor conhecermos a sua genuína história.

Mas prossigamos na relação dos fatos que alvoroçaram a terra dos guaranis rio-grandenses.

233. BLANCO, 499 e 479.

32. ALASTRA-SE A CONJURAÇÃO²³⁴

(Novembro de 1628)²³⁵

O plano de Nheçú não era outro que o de exterminar de raiz o incipiente cristianismo em toda a região do alto Uruguai. Iniciada a sublevação com fulminante surpresa no Caaró e continuada com igual rapidez no Pirapó, tocava a vez à redução da Candelária, distante do Caaró obra de 27 a 30 quilômetros. Lá morava o virtuoso padre Pedro Romero que devia agora ser sacrificado como seus irmãos Roque, Afonso e João. Para esse efeito os caaroenses começaram a preparar considerável expedição de várias centenas de guerreiros.

Como já vimos acima, um dos três rapazes cristãos fugidos do Caaró no dia 15 de novembro, alcançou Candelária pelas nove horas do dia seguinte. Mas tão nervoso e confuso chegou que Romero se convenceu desde logo que algo de bem grave devia de ter ocorrido. Perguntou-lhe imediatamente pelo bilhete dos padres. Vendo que não lho dava, indagou pelo motivo da sua vinda e pela pessoa que o enviara.

Já um pouco mais serenado, o mocinho declarou que não trazia bilhete nenhum, porque viera fugindo por ter visto os índios do Caaró alvoroçados e, pelo que havia podido entender, eles tinham posto as mãos no p. Roque.

Romero ainda não se deu por satisfeito. Por isso tornou a perguntar uma e mais vezes. Por fim, julgando haver tirado ao menos a limpo que se tratava de morte violenta infligida ao p. Roque, quis saber se os assassinos tinham falado antes com o padre, e se lhe haviam visto o rosto e os olhos, — porque, nesse caso, Romero não cria na possibilidade de eles terem ousado atacá-lo, constando-lhe que a força avassaladora das palavras e o brilho irresistível dos olhos do seu santo superior costumavam subjugar até os bárbaros mais ferozes.

234. BLANCO, 493, seg.

235. Para melhor compreensão dos sucessos a serem narrados muito conviria que o leitor acompanhasse a relação à vista do mapa que vai no princípio deste livro.

Com informação tão desoladora, convocou Romero seus filhos espirituais para lhes comunicar o que ouvira daquele jovem, a fim de saber deles o que convinha fazer. Ele, da sua parte, opinava ser conveniente despachar o mesmo mocinho, acompanhado de outros dois homens, para S. Nicolau e o Pirapó a fim de informar os padres de lá sobre o que passava. Os índios, entretanto, discordaram, parecendo-lhes de melhor aviso não fazer isto, porque, como afirmavam, aquele rapaz “não dizia coisa com fundamento”, e por isso não ficava bem alvoroçar toda a região; que muito mais acertado era enviar depressa dois mancebos diligentes ao Caaró para que, às escondidas, espreitassem o que havia, e que, no caso de os padres serem ainda vivos e necessitarem da sua ajuda, eles, com as suas esposas e filhos, iriam socorrê-los e só então se avisaria as demais reduções.

Romero achou este alvitre mais acertado. Pelo que foram despachados dois moços portadores de uma carta para os padres Roque e Afonso, na qual lhes pedia o cura da Candelária de — se fossem ainda vivos — lhe comunicarem o perigo ou a necessidade em que se encontravam, que todos os da Candelária voariam imediatamente a socorrê-los.

Instruídos os dois mensageiros sobre o modo de caminhar a fim de não serem percebidos, partiram velozes, deixando a Romero e a todo o povo na mais viva aflição e perplexidade.

Mal haviam abalado, quando todos viram aproximar-se da banda do Caaró dois cavaleiros. Crendo na sua alegria serem os padres Roque e Afonso, disparou em tropel quase toda a população ao encontro deles para festejá-los e dar-lhes as boas-vindas. Pouco durou o regozijo, porque reconheceram que não se tratava de padres, senão dos dois rapazes paranaenses do Caaró.

Interpelou-os logo Romero: “Filhos, onde estão os vossos padres?”

Ao que os bons moços, com lágrimas nos olhos e entre soluços, replicaram: “Já não temos padres, porque os mataram.”

Ao ouvir isso, todos os índios da Candelária, grandes e pequenos, prorromperam num pranto desfeito, soltando gritos e alaridos capazes de comover as mesmas pedras. Como que aniquilados pela ideia de terem perdido seus pais, recolheram todos chorosos e lamentabundos para seus lares.

À vista disso, ainda naquela mesma quinta-feira, 16 de novembro, o p. Romero mandou urgente aviso a todos os missionários da redondeza para que estivessem alertas para o que desse e viesse.

Já no dia seguinte, sexta-feira de manhã, sem reparar no perigo a que se expunham, visto os caaroenses andarem assanhados, duzentos índios embora ainda infiéis²³⁶ partiram bem armados da Candelária, com ânimo verdadeiramente cristão, rumo do Caaró, dispostos a buscar os despojos dos santos mártires.²³⁷

Recomendando-lhes o padre, à partida, que não tivessem receio nem nojo de recolher e trazer os santos cadáveres, replicaram: “Como havíamos de ter asco se eles são nossos pais?” E tão bem o fizeram que, se houvessem sido guiados por algum índio cristão, não o teriam podido executar mais cabalmente.

Com efeito, conseguiram extrair das cinzas os membros sagrados, juntando os pedaços pertencentes a cada corpo, envolvendo-os separadamente em dois lençóis que haviam trazido. Os ossos que não puderam ser identificados, juntaram- nos todos numa fronha.

236. BLANCO, 496 e TECHO, III, 325.

237. Romero, apud BLANCO, diz que foram apenas cem, voltando no sábado.



Um pouco além do centro, avulta a coxilha do Pirapó, onde, em 1628, morava o feiticeiro-mor Nheçú, ponto inicial do martírio do beato João del Castillo. Fotografado em janeiro de 1935. (Pp. 225 e 313-314).



O vau pedregoso do arroio Gramado, de dois para três metros de largura, através do qual foi arrastado, presumivelmente, o beato Castillo. (P. 314).

Recolhidas as santas relíquias, os afoitos candelarienses, dispostos em duas fileiras, com seus arcos e frechas, e em som de guerra, reencetaram a volta, alcançando incólumes a sua redução. Os de Caró, — que não os perderam de vista todo aquele tempo, — seguiram-nos no encalço até a proximidade da Candelária, no intuito de assaltá-los descuidados durante a marcha noturna; mas não ousaram investir aquela destemida falange que por nada teria largado o seu rico tesouro.

Assim que esses bons catecúmenos transpuseram o arroio que ficava à entrada do povoado, estourou tal alarido e choro de homens, mulheres, velhos e crianças, que era mesmo de partir o coração. Ao atingir o préstito a porta da igreja, já se avolumara tanto a concorrência e se intensificaram de tal modo os lamentos, que o próprio Romero sentiu necessidade de retirar-se a seu aposento para dar largas à sua comoção.

A seguir principiaram as demonstrações do mais intenso dó, segundo rito tradicional indígena. As mulheres cantavam tristes endechas, relatando os benefícios que das mãos dos padres, mormente do santo padre Roque haviam recebido, derramando copiosas lágrimas sobre os cadáveres. O pranto, porém, foi bruscamente cortado, porque foram avistados dois espiões inimigos que assomaram da outra banda do arroio. Por isso, levando rapidamente os santos corpos para dentro do templo, voaram a agarrar suas armas, pondo-se de prontidão.

33. CHEGA A VEZ DE S. NICOLAU DO PIRATINI²³⁸

Sexta-feira de tarde ganharam a redução de S. Nicolau os dois rapazes paranás, que comunicaram aos padres Afonso de Aragona e Francisco Clavijo os acontecimentos do Caaró. Se por uma parte se entristeceram pela perda desses seus santos companheiros, por outra se consolaram ao verem ilustrada a jovem província do Paraguai com mártires tão assinalados.

Desafortunadamente, os padres Aragona e Clavijo, na sua demasiada boa-fé, não se capacitaram da gravidade da situação. Assim é que se limitaram a transmitir pelos mesmos mensageiros e um cacique de S. Nicolau, o que haviam ouvido sobre o Caaró, aos padres Diogo de Alfaro e Tomás Urena, que assistiam na Conceição, na outra banda do Uruguai. E ao padre Romero mandaram dizer que por S. Nicolau tudo andava em sossego.

Mal, porém, haviam decorrido duas horas após da partida desses estafetas, — isto é pela tarde da sexta-feira, segundo Trujillo, — ou antes sábado de manhã, conforme Romero e Boroa,²³⁹ — acercaram-se de S. Nicolau uns cinquenta bandidos do Pirapó, emissários de Nheçú, que vinham em busca dos padres. Os missionários, avisados de que procuravam a eles, saíram-lhes ao encontro afoitamente. Mas os meninos da casa dos padres começaram a dar vozes, gritando-lhes que fugissem para o mato.

Enquanto assim o faziam, percebendo aquela vozeria alguns rapazes de 10 a 18 anos, os únicos que então se achavam na redução, com denodo sobrehumano se precipitaram a enfrentar o inimigo que já alcançara a igreja e casa canônica. Com tamanho ímpeto despejaram suas flechas sobre os assaltantes, que já nos primeiros disparos prostaram morto a um, junto da janela e da porta da igreja.

Vendo isto os de Nheçú, levantaram a voz declarando que não haviam vindo pelos índios, mas só para matar aqueles padres. Estes, entretanto, por uma singular providência, conseguiram evadir-se, não sendo percebidos nem sequer no momento de saltar, quase à queima-

238. BLANCO, 472 e 499 ss.

239. BLANCO, 472 e 499 ss.

roupa do adversário, de um capão a outro. Acompanharam-nos um punhado de moços para guiá-los e protegê-los.

Como os pequenos defensores de S. Nicolau não sossegassem e os odiados sacerdotes lhes haviam escapulado, os atacantes puseram-se a atirar muitos tições da cozinha, atirando-os sobre o telhado de palha da igreja e da casa dos missionários. Milagrosamente, porém, o fogo não pegou, apesar de a palha estar bem enxuta pela seca reinante, como acentua Romero, e de ser já dez horas da manhã, em tempo seco e quente como o costuma ser na segunda metade de novembro.²⁴⁰

Incendiaram os papéis do p. Castillo que traziam como enfeites nas cabeças e testas, aplicando-os à palha do telhado dos alpendres. Foi inútil. Ao tocar na palha, o fogo se apagava misteriosamente com raiva dos inimigos.

Reconhecendo o fracasso da intentona e acossados sem cessar pelas setas dos rapazotes, agora já reforçados por alguns índios que, chamados por suas esposas, voltaram a toda velocidade das suas chácaras, — acharam de melhor aviso abalar dali. Os de S. Nicolau, porém, seguiram-lhes no encalço por uma boa légua, acossando-os sem parar com as suas frechas e matando-lhes deste modo 14 a 16, e ferindo-lhes muitos outros, conforme declararam depois aos padres. Entre os abatidos houve um morubixaba principal, a quem, vendo-o malferido os seus, carregaram com ele para que expirasse na sua terra. Mas os são-nicolaenses, fazendo uma investida, arrebataram-lhes das mãos o cacique, que foi precipitado num arroio, onde se afogou miseravelmente.

Voltou magistralmente castigada e corrida a insolência dos partidários de Nheçú, ao verificarem o irredutível apego dos neófitos de S. Nicolau aos seus missionários.

Depois disso os padres Aragona e Clavijo puderam sair do seu esconderijo, rezando de coração as palavras do Salmista:

“Nenhum mal se aproximará de ti e nenhum flagelo aparecerá junto da tua tenda, porque ele mandou a seus anjos que te guardassem em todos os teus caminhos. “ (Ps. 90,10 e 11.)

240. BLANCO, 472 e POSITIO, II, 50.

34. TUMULTUOSA IRRITAÇÃO EM CONCEIÇÃO

Era sábado pelas três horas da tarde quando os dois moços do Paraná e o cacique do Piratini entraram em Conceição. Entre abundantes lágrimas, postos de joelhos na igreja aos pés da imagem de Nossa Senhora, leram os padres Alfaro e Urena a carta trazida de S. Nicolau. Resolveram que o p. Urena, acompanhado de forte escolta de índios de confiança, partisse sem demora ao rio Paraná, a fim de alarmar os neófitos e espanhóis daquela região.

Após isso, o p. Alfaro mandou convocar os tubichabas e capitães da Conceição para lhes ouvir o parecer. Foi uníssona a resposta. “Vamos castigar os criminosos!” O padre contudo lhes pediu que esperassem ainda, dissolvendo a reunião.

No dia imediato, domingo, apresentou-se o morubixaba dom Nicolau Nenguirú²⁴¹, chefe principal daquela redução, batizado pelo p. Nicolau Durán, declarando que ele queria partir para o castigo, não havendo necessidade de aguardar a resposta dos amigos do Paraná. Estes, quando viessem, lhe podiam seguir, porque ele não pensava em tornar a ver sua esposa e seus filhos enquanto não houvesse matado ou trazido presos os assassinos.

Não se opôs Alfaro. Apenas observou que primeiro desejava ver a gente que ele havia de levar. Juntou-a Nenguirú na praça. Contou-a o padre, encontrando duzentos guerreiros de arco e flecha, tatuados e enfeitados bizarramente com plumas e penachos.

Aí tomou a palavra um velho cacique, que arengou os guerreiros desta forma: “Ide, filhos e vingai a morte de nosso pai, e não volteis para as vossas casas sem havê-la vingado; e se vos parecer muito o trabalho da guerra, lembrai-vos daquele que tanto trabalho passou por vosso bem e que agora vedes morto. Se sentires fome, lembrai-vos da-
241. Outros escrevem Neenguirú, Neengirú ou Nengulm, que nas antigas crônicas, — certamente estribadas na Ánuia de 1643 (Rio de Janeiro, Biblioteca Nac., Col. de Angelis, Mss. I, 29,7,37) é festejado não só como valente e hábil cabo de guerra, e acatado chefe-geral de toda a terra do Uruguai, mas sobretudo como auxiliar de primeira ordem na propagação da fé, e ainda como cristão, esposo e pai modelar. (TESCHAUER, Vida e Obras, p. 109; — AURÉLIO PORTO, em Terra Farroupilha, I, 70).

quele que vos deu as cunhas com tanto amor para abaterdes os matos e fazerdes vossas roças de que vos sustentais. Se vos afligir a memória dos vossos filhinhos ou esposas, lembrai-vos daquele que abandonou seus amigos e parentes e veio a viver no meio de vós, a fim de que não viessem os espanhóis a vo-los tirar e levar-vos como escravos. Não tenhais por coisa vil o marchar para a guerra, pois ides pelo amor dos vossos pais. Aqui fica o p. Diogo, que cuidará dos vossos lares e famílias. Ide, ide!”²⁴²

depois falou o sacerdote, agradecendo-lhes primeiro o zelo com que partiam, e dando-lhes instruções sobre o modo de conduzir-se na guerra, caso se encontrassem em perigo de vida. Por fim lhes ordenou que não passassem para além de S. Nicolau, sem aprovação sua e do padre Aragona.

Com isso abalaram os duzentos combatentes, sem levar sequer uma única espiga de milho como provisão de boca. Dom Nicolau, porém, como cristão, veio despedir-se segunda vez do missionário e beijar-lhe a mão, pedindo-lhe que o encomendasse a Deus, e acrescentando: “Ainda que eu tenha de caminhar até o mar, não voltarei antes de ter punido os malfetores.”

Pela mesma hora em que estes soldados saíam de Conceição, que era domingo de manhã, 19 de novembro, na Candelária estavam sendo colocadas as santas relíquias dos mártires do Caaró debaixo do altar-mor. Contudo Romero ficou alarmado porque nessa mesma ocasião chegavam índios com cartas de S. Nicolau, afirmando que no momento de eles partirem, haviam aparecido ali selvagens do Pirapó, tatuados e armados para agredir a redução. Cresceu de ponto o temor de Romero, pois que também na vizinhança da Candelária haviam sido observados alguns espíões.

Por essas mesmas horas, os padres Aragona e Clavijo, fugindo de S. Nicolau, iam rumando para Conceição, evitando o caminho comum, cruzando rios e bosques, sem nada terem para alimentar-se em cerca de dois dias, afora uma única espiga de milho, que eles ofereceram aos meninos que os acompanhavam.

Nem era menor a aflição dos padres Alfaro e Urena por não terem notícias do p. Romero, como tão pouco dos padres Miguel de Ampuero e André de la Rua, que se achavam em S. Francisco Xavier,

não havendo respondido a vários mensageiros que os tinham ido procurar. Segundo todas as probabilidades, os assassinos do p. Castillo haviam partido para dar morte também a esses últimos padres do alto Uruguai. E era precisamente a falta de notícias que mais acabrunhava aqueles santos varões que se estimavam sinceramente uns aos outros com verdadeira caridade de Cristo. Com razão, pois, receavam que toda a terra estivesse sublevada contra eles.

Entretanto, pouco depois da partida da gente de dom Nicolau, arribavam mortos de fome e de cansaço os padres Aragona e Clavijo, que, de caminho se haviam avistado com os duzentos índios que iam defendê-los na outra margem do rio, cuja intrepidez muito os confortou.

Alegrou-se vivamente o p. Alfaro com a chegada desses irmãos. Alentados os missionários com a excelente moral dos seus defensores, resolveram que Clavijo permanecesse na Conceição, ao lado de Alfaro — o que foi uma verdadeira providência — sendo que Aragona devia voltar a S. Nicolau do Piratini uma vez que os seus caciques assim o requeriam expressamente e a própria prudência lhe aconselhava que naquela conjuntura não devia deixar entregues a si mesmos seus bons paroquianos.

De volta a S. Nicolau, verificou o p. Afonso com grata surpresa que seus filhos em Cristo lhe haviam ocultado no mato todos os seus modestos haveres para o caso de uma segunda agressão.

O ardente Nenguirú planejava já um ataque ao próprio reduto inimigo, no Pirapó. Não lho consentiu o padre enquanto não tivesse vindo reforço que se esperava de Itapúa. Aconselhou-lhe que melhor seria levantar uma forte estacada em volta de todo o povoado. Ouvidos, porém, os pareceres dos tubichabas, deram-lhe unanimemente esta nobre e altiva resposta: “Se é para defender-te, nós já te defenderemos, e antes havemos de morrer todos do que consentir que te toquem. Mas se é para defesa nossa, não estamos habituados a brigar encurralados. E assim não há razão para afadigarmos os braços com os quais havemos de disparar as setas, derrubando e carregando madeira. Nem há motivo para te ires dormir escondido no mato, como alguém te aconselhou, porque dom Nicolau e nós já cuidaremos de ti. Conosco ficarás mais abrigado do que na floresta, onde os inimigos te poderiam descobrir e apanhar.”

Efetivamente, aquela boa gente não tolerou que o padre se retirasse ao mato, fazendo-lhe guarda dia e noite, todo o tempo em que ali estiveram acampados.

Demonstrações parecidas, da parte dos neófitos, receberam-nas o padre Romero na Candelária, pelo receio dos de Caaró, e o padre Alfaro em Conceição, por causa da desconfiança dos guaranis do Uruguai para cima, dos quais constava haverem sido açulados por Nheçú.

35. A INVESTIDA CONTRA A CANDELÁRIA²⁴³

(29 de novembro de 1628 ²⁴⁴)

O ponto mais exposto era, naturalmente, a redução da Candelária por ficar fronteira ao Caaró e ao Pirapó, fato esse que preocupava não pouco o padre Romero. E não se iludiu o bom missionário, porque duas semanas após a morte dos padres Roque e Afonso, festa da Apresentação de Nossa Senhora, estando o padre às nove da manhã escrevendo uma carta, ouviu os gritos de um índio que vociferava que os inimigos já estavam chegando, e que eram como trezentos.

Para maior infelicidade, quase todos os candelarienses haviam ido para suas roças, de modo que pouca gente se encontrava em casa. Mas, aos clamores de alarma, saíram precipitadamente de suas choupanas oito ou dez mancebos, dirigidos por um velho fiscal, a fim de enfrentar o adversário, do qual alguns já haviam transposto o arroio²⁴⁵ e alcançado quase o povoado. O punhadinho de cristãos com tal coragem investiu que logrou conter o avanço dos invasores. Vendo os caaroenses a sanha dos candelarienses, gritaram-lhes: “Não atireis contra nós. Não é por vós que viemos, e sim por vossa “avó”. — Era assim que apelidavam por desprezo aos padres, não os tendo por varões, à vista da sua virginal continência.

Com esse entremeio ganharam tempo o padre Romero mais outro mancebo para montarem a cavalo e agredir com ostensiva bravura os atacantes. Vendo os dois ginetes, dos quais os selvagens tinham pavor invencível, estacaram todos os que já iam atravessando o ribeiro, como se houvessem avistado um exército de mil homens.

Com isso, os moços, mais alguns que já haviam acudido das chácaras, cobraram novos bríos. Suspeitando, porém, que os inimigos queriam colhê-los pelas costas, insistiram com o padre em que fosse guardar um passo do mato próximo para lhes impedir esse estratage-

243. BLANCO 473 e ss. e 503 e ss.

244. O dia 21 de outubro, que dá o p. Vásques Trujillo, é manifestamente um lapso.

245. Esse arroio, segundo todas as probabilidades, é o Pirajú, afluente do Piratini.

ma. Mas tendo verificado que o passo estava seguro, voltou Romero ao ponto do choque, encontrando já os seus envolvidos em ardorosa refrega, e levando de vencida os de Caaró, aos quais já tinham rechaçado para a outra banda da ribeira, ferido a alguns e prostrado mortos a quatro.

Neste comenos, um dos de Caaró, provavelmente o incumbido de dar morte ao missionário, reparando no sacerdote, começou a dar golpes no chão com a itaiçá como a significar que era assim que o haveria de matar se o apanhasse.

Tendo-se afastado um pouco mais, pararam os agressores para chamar por seus nomes alguns caciques da Candelária. Um, chamado Aguaraguaçu, ouvindo pronunciar seu nome, disse que desejava ir ver o que dele queriam os inimigos. Tendo-se aproximado, foi logo cercado por todos, que lhe asseveraram que eles apenas tinham vindo para matar ao padre Romero; que os auxiliassem nisso; que eles, os caaroenses, voltariam então para casa, continuando amigos seus como dantes.

Nosso corajoso morubixaba, porém, embora desarmado, desiludiu-os, declarando que de forma nenhuma haveriam de eles fazer aquilo, visto o padre não lhes ter dado motivo para ser morto. Que eles batessem em retirada para sua terra levando seus feridos e mortos, uma vez que eles mesmos, para mal seu, assim o haviam querido.

Muito a contragosto lhe seguiram o conselho, já porque não podiam lograr seu malvado intento, já porque viam o missionário a cavalo, ao qual temem como a morte. E assim abalaram com os seus feridos.

Nesse evento reconheceram todos uma singularíssima proteção divina.

36. A PRONTA REAÇÃO DOS NEÓFITOS²⁴⁶

Neste lapso de tempo voltara do Paraná o p. Urena em companhia do p. Antônio de Moranta, ambos escoltados por duzentos guerreiros de Itapúa. Deixando na Conceição a estes dois sacerdotes, os padres Alfaro e Miguel de Ampuero deram ordem de alarmar as reduções de S. Francisco Xavier, sita rio acima, e de Japejú, que ficava rio-abaixo, conduzindo eles mesmos a força paranaense até S. Nicolau, onde pretendiam fazer junção com o exército de Nenguirú.

Chegando a essa redução mandaram um destacamento de guerreiros dizer ao p. Romero que, caso não se sentisse bastante seguro em Candelária, voltasse com eles. Mas os neófitos do padre, de forma nenhuma consentiram na saída do seu amado pastor, declarando que em breve eles iriam esconder-se no mato e que, ao lado do padre, estavam resguardados, ao qual faziam questão de proteger a todo o transe, sendo morto quem ousasse tocar nele. À vista disso Romero lhes respondeu que ele não iria, ainda que seus mesmos pais e irmãos o chamassem, porque ele os amava e havia de amá-los toda a sua vida; que isso ele lhes garantia. Ficaram todos muito satisfeitos com resposta tão generosa.

Em S. Nicolau, porém, foi um caro custo para os padres refrear o ardor bélico dos selvagens, que já se estavam impacientando por não os deixarem acometer o Pirapó.

Enquanto todos se punham em ordem de marcha, teve notícia o p. Alfaro de que um dos principais malfeitores do Ijuí se havia introduzido sorrateiramente na redução com o danado intuito de perverter alguns dos principais tubichabas da Conceição, que eram seus parentes. Chamou o padre ao cacique dom Manuel Nacuarací, agora segundo chefe, que fora quem de primeiro acolhera o p. Roque na Conceição, perguntando-lhe sobre o que conviria fazer nessa emergência.

Replicou o nobre maior que prendessem o atrevido; se fosse culpado, o punissem com a morte, porque ele não se considerava parente de sujeito infame; mas se fosse inocente, o padre não permitisse que o furor da soldadesca o maltratasse.

246. BLANCO, 505 ss. e 474 ss.

Prometeu-lho Alfaro, mandando trazer à sua presença o intruso. Inquiriu-o acerca do motivo da sua vinda. Replicou que era apenas para ver o estado em que se achavam as coisas. Ordenou-lhe o padre que lhe entregasse o arco e as flechas. Mas o perverso, recuando alguns passos, entesou o arco contra o sacerdote. Os cristãos, porém, saltando-lhe encima, o manietaram.

Perguntado se estava alguém dos seus de emboscada, retrucou, na sua perturbação, que sim. Foi o suficiente para todos se alvo- roçarem, apercebendo-se para a resistência. Tão viva foi a impressão que os três padres não foram bastantes para ouvir de confissão a todos os que a solicitaram.

Em breve, porém, dissipou-se a nuvem, mostrando-se ter sido mentira. Com isso os neófitos, já de per si impacientes, dispuseram-se para ir em busca do inimigo no seu próprio valhacouto. Acompanhou-os a cavalo, na qualidade de técnico em estratégia, o irmão Antônio Bernal a fim de dirigi-los na arte bélica.²⁴⁷

Alcançaram a coxilha da taba de Nheçú numa madrugada, ao despontar do Sol, e, não encontrando alma viva, nem sequer fogo nas casas abandonadas, seguiram pelo bosque as pegadas mais frescas, topando a breve trecho com três índios que voltavam por comida. Deles souberam por onde andava o resto da gente.

Porém, antes de tudo mais, o irmão Bernal queria saber do paradeiro dos restos mortais do padre Castillo. E assim, levando consigo a um dos cativos, mais alguns guerreiros do Paraná, separou-se dos amigos para procurar os despojos do santo confessor da fé. Os outros dois presos foram constrangidos pelos tubichabas a conduzir a tropa empós dos rastos do inimigo.

Dentro de pouco, achou o irmão o que procurava. Não tendo, porém, onde recolher os ossos do mártir, despiu a batina, envolvendo nela com grande piedade as venerandas relíquias. Os companheiros, esquecidos por uns momentos da vontade de pelejar, foram juntando com solicitude e devoção as mínimas parcelas e cinzas do padre Castillo, e não consentiram que outros as guardassem e levassem para S. Nicolau.

247. Este mesmo irmão, militar no século, foi mandado em 1635 ao rio Jacuí para ajudar a enfrentar a invasão mameluca (LEONHARDT, em Documentos para la Historia Argentina, XX, 549; AURÉLIO PORTO, em Terra Farroupilha, I, 57), e LUIZ GONZAGA JAEGER, em "Invasões Bandeirantes" p. 30 ss.)

Houve ainda uma cena própria só de selvagens. Tambacaie, morubixaba de Itapúa, inflamado em santa cólera pela morte do p. Castillo, agarrou sua itaiçá, e oferecendo-a ao bugre preso, disse-lhe visivelmente irado: “Pega, pega, e bate com esta itaiçá neste padre que aqui tens vivo — apontando para o irmão Antônio — como fizeste com o padre João.” E logo, sem lhe dar tempo de refletir, lhe assentou dois tão violentos golpes de itaiçá na cabeça e no peito, que teria acabado de matá-lo ali mesmo se o irmão, atirando-se do cavalo, não lho tivesse impedido.

Ao amanhecer do dia seguinte, a força de Nenguirú se chocou com o adversário. Tabacambí, o cacique-mor do Paraná, exigiu-lhes a entrega dos autores da morte do p. Castillo, prometendo não ser molesto aos demais. A resposta foi um par de flechas, das quais uma derribou morto a um sobrinho de Tabacambí, que se achava a seu lado.

Não lhes digo nada. Desencadeou-se a assim como assim já mal sofrida fúria dos cristãos contra aqueles malfeitores à voz de comando de Nenguirú: “Matai-os, matai-os!”

Rápida e violenta foi a refrega, em que pereceram mortos mais de cem homens, caíram prisioneiras uma multidão de mulheres e crianças. Graças à tática de Bernal e a uma palpável proteção divina, os neófitos só tiveram a lamentar a morte de três e o ferimento de uns trinta. Sendo estes últimos medicados logo pelo habilidoso irmão, em breve sararam. Os destroços dos inimigos salvaram-se por uma precipitada fuga para as florestas.

Tal foi o pavor pânico que se apoderou do semideus Nheçú — o qual ainda poucos dias antes blasonara de imperar aos próprios elementos — que, seguido de Potiravá e um punhado de fiéis adeptos, se lançou em desapoderada corrida em demanda do rio Uruguai, onde, não encontrando canoa, saltou para uma jangada, fugindo nela rio acima, a esconder-se naqueles densos bosques.²⁴⁸

248. Na Carta Ânua de 13 de agosto de 1637, cap. XXXII, in fine (Doc. para la Historia Argentina, XX, 713) o padre BOROA escrevia que o irrequieto Nheçú continuava molestando as reduções do alto Uruguai; e MONTROYA (Conquista, 235) dizia em 1639 que os padres, levados de verdadeiro zelo de salvar a pobre alma do infeliz feiticeiro, haviam mandado convidá-lo pacificamente a converter-se. A última vez que se menciona esse malfeitor é em TECHO, III, 340, e IV, 17, onde se lê que depois de haverem feito uma expedição inútil contra ele, Nheçú caiu nas mãos de ladrões que o haviam matado. Isso vem confirmado pelo padre Pedro de Medina em 1699 que nos informa que Nheçú foi aprisionado em 1644 pelos portugueses (bandeirantes) que o descobriram escondido atrás do primeiro grande salto do rio Uruguai (Biblioteca Nac., Rio de Janeiro, I, 29, 3, 43, n.º 3), e G. FURLONG CÁRDIFF, S. J. em Glorias Santafesinas, Buenos Aires, 1929 pág. 237.

Os vencedores, voltando sobre seus passos, puseram-se a talar as sementeiras e roças do Pirapó e a incendiar todas as casas do reduto de Nheçú. Após isso bateram triunfantes em retirada para S. Nicolau.

Ali acabara de arribar mais um piquete de cinquenta guaranis de S. Inácio Guaçú, capitaneado pelo valoroso dom Paulo Arapizandú, filho do primeiro cacique que convidara e recebera os missionários no Paraná.

No dia imediato, reforçada a hoste de Nenguirú com o batalhão de Arapizandú e mais dois espanhóis que volviam de uma vacaria, abalaram todos para Candelária, enquanto o p. Alfaro se dirigia para Conceição levando consigo os santos despojos do p. Castillo. Chegando à casa, o p. Alfaro teve a grata surpresa de ver chegar mais duzentos recrutas do Jutí e Casapá, enviados pelo nobre franciscano frei Gregório de Osuna, afeioadíssimo aos missionários jesuítas. Foi um reforço apreciável, por ser a milícia mais bem disciplinada de todas aquelas bandas, na frase de Vázquez Trujillo.²⁴⁹

Partindo a marchas forçadas, alcançaram Candelária, onde vieram a engrossar as tropas das outras reduções do Uruguai e Paraná que já ali estavam concentradas, aguardando apenas a volta do p. Francisco Clavijo, enviado a Corrientes a fim de solicitar a cooperação dos espanhóis daquela cidade.

Voltou este padre em companhia do capitão Manuel Cabral Alpoim — opulento fazendeiro português, domiciliado em Corrientes — com mais sete soldados espanhóis trazidos à custa de Cabral²⁵⁰) seguidos de duzentos índios, que outro zeloso filho de S. Francisco, frei João Gamarra, lhes enviara de Tatí, distante da Candelária obra de trezentos e sessenta quilômetros. Por fim, apareceu ainda no mesmo dia o padre Diogo de Boroa, reitor do colégio de Assunção, representante do padre provincial Vázquez Trujillo, perfeito conhecedor das reduções, com amplos poderes para agir de acordo com o que a sua notória prudência lhe ditasse. Boroa foi acolhido com íntima satisfação e o mais vivo entusiasmo por parte da indiada.

249. BLANCO, 509.

250. Vázquez Trujillo menciona oito soldados europeus; mas (Cabral (BLANCO, 384) diz que o número total, com os 7 que ele trouxe, os dois que lá já estavam e ele próprio, foram der, os soldados europeus.

37. A DERROTA DOS SUBLEVADOS E O CASTIGO DOS ASSASSINOS

O primeiro ato do padre Boroa foi entregar a direção geral da campanha a Cabral, homem exercitado na luta com o ameríndio. Passou o novo chefe em revista os diversos componentes dos seus comandados e constatou haver mais de mil e duzentos guerreiros, possuídos de ótima moral. Resolveram, pois, agredir Caaró já no outro dia.

Caso, verdadeiramente providencial, como acentua Vázquez Trujillo²⁵¹ foi o de se acharem todos reunidos já naquele dia, porque às seis horas da madrugada seguinte, que foi a 20 de dezembro, segundo Romero²⁵², estando a pegar os cavalos, apareceram subitamente, à vista da Candelária, passante de quinhentos bugres inimigos, tocando as suas buzinas e atroando os ares com um vozerio tão infernal, orgulhoso e provocador que davam bem a entender que vinham para vitória garantida, fiados nas palavras dos seus feiticeiros. É que haviam sido iludidos por uma índia, à qual perguntaram se havia espanhóis e índios do Paraná na redução, e ela — de boa ou má-fé — os informou que apenas tinham vindo dois espanhóis e uns poucos selvagens do Paraná, mas que haviam voltado logo.

Permitiu Deus esse logro para seus fins, porquanto se os caaroenses tivessem tido notícia do poderoso exército que os aguardava na Candelária, de nenhum modo teriam vindo naquele dia; ou se se houvessem atrasado apenas por algumas horas, os cristãos não mais os teriam encontrado, por que ambas as colunas queriam marchar por estradas diferentes, e, nesse caso, os adversários teriam encontrado na povoação só um pouco mais de cem defensores, fáceis de serem esmagados e eles ter-se-iam apoderado da povoação e massacrado os padres Boroa e Ordóñez e os irmãos leigos Braz Fernández e Antônio Bernal, que haviam ficado.

Prova evidente que os caaroenses contavam com vitória certa está no fato de eles, antes de partir de casa, terem deixado preparada

251. BLANCO, 509.

252. BLANCO, 476.

grande quantidade de bebida inebriante a fim de celebrar a morte do p. Romero, a quem levariam a todo transe vivo ou morto como principal troféu e centro da festança. O sacrifício das vítimas entre aqueles bárbaros era sempre preludiado por uma dança que denominavam “Nhee-gavai”, feita pelas mulheres, que, vistosamente engalanadas de plumas multicores, bailavam pulando de alegria em volta das suas casas. De feito, já elas estavam entregues a essa folia quando na mesma hora seus maridos passavam os maiores apertos e desganhos.

Vinham estes acercando-se da Candelária como quem vai para negócio feito, quando perceberam com estupor o murmúrio de numerosa chusma de gente. Estacaram, sem saberem que resolução tomar. Mas nisso já saíam os capitães cristãos para agredi-los em forma de duas vastas meias luas no intuito de envolvê-los. Atrás deles vinha um soldado espanhol, armado de ponto em branco, montando um ginete coberto de couraça, mais quatro cavaleiros do Paraná, coisa jamais vista pelos caaroenses.

O afoito couraceiro escaramuçou com os aturdidos inimigos com tal felicidade que os desbaratou, matando já nos primeiros golpes um deles. Os contrários empregaram os mais ingentes esforços para lhe matar a cavalgadura, não compreendendo a razão de as flechas não o atravessarem. O espanhol e seus quatro companheiros não afrouxaram no torneio, chegando a espalhar a confusão nos esquadrões adversários, que fugiram para dois capões próximos, onde, a toda pressa, procuraram fortificar-se cerca de cem índios, debandando os restantes, dos quais muitos já feridos.

Sem perda de tempo foi cercado pelos cristãos um daqueles capões. Os arcabuzes, fazendo terríveis destroços, desalojaram os inimigos, entre os quais caíram prisioneiros cinquenta e três. Encontravam-se no número destes alguns tubichabas e os dois principais mandantes da morte dos santos mártires e outros três que a executaram.

O segundo capão foi envolvido por Nenguirú, que, lançando mão de um estratagema conseguiu tirar do mato os assediados, capturando também mais de cinquenta e matando outros tantos.

Do lado cristão deploraram só uma morte, posto que a quantidade de feridos fosse considerável. Durou o combate desde as dez até cerca das dezesseis horas.

Quando os inimigos se viram mais apertados, disse um cacique de Caaró ao principal motor da revolta: “Eia, Carupé. Estamos agora neste apuro por tua palavra; por que não nos livras a nós e a ti mesmo?” Dita não foi esta frase, quando Carupé, afrontado por essa observação, entesou cheio de cólera o arco para o índio, cravando-lhe uma seta no omoplatea esquerdo.

Os demais caaroenses, seduzidos por seus chefes, lembraram-se então do que, semanas atrás, lhes vaticinara o coração do padre Roque sobre o pronto castigo pelo parricídio.

Quem mais se assinalou nessa refrega foi Tabacã, cacique principal do Uruguai, havia pouco reduzido em Japejú, — provavelmente o mesmo que recebera no ano anterior ao padre Roque por ocasião da fundação da Candelária do Ibicuí, — o qual, arrimado ao estribo do couraceiro, parecia um leão indômito.

Outro foi o capitão dom Paulo Arapizandú, que reservou para si o direito de enforcar com suas próprias mãos os assassinos dos mártires a fim de “mitigar um pouco a cólera que tivera contra eles”, como dizia. Foram todos acordes em afirmar que uma das coisas que mais lhes inflamara o ardor na peleja era ver os inimigos vestidos com a sagrada casula e outras vestes dos seus padres.²⁵³

Terminada a batalha, os vencedores juntaram-se na Candelária para tratar do destino a dar-se aos numerosos prisioneiros. Quanto à sorte destes, afirma Techo²⁵⁴, que uns opinavam pela execução sumária de todos eles, sendo que outros queriam somente a morte dos principais instigadores, ao passo que os padres mostravam indulgência, não querendo vingar com sangue a morte dos seus irmãos. Cabral, porém, resolveu a questão de um modo tão justo que todos se deram por satisfeitos, como logo se dirá.

Iniciando-se a averiguação dos culpados, deu-se um caso realmente maravilhoso: a todos os culpados no assassinio se lhes incharam subitamente as mãos — tendo-as antes completamente sãs — cobrindo-se elas com pústulas de muito mau cheiro, coisa que não lhes foi possível ocultar. Alguns nem sequer se podiam mais servir delas para comer. O mais castigado, porém, foi Maraguá, que dera o golpe

253. BLANCO, 512.

254. TECHO, III, 342.

mortal no padre Roque e lhe arrancara o coração. Teve as mãos particularmente podres.²⁵⁵

Só então se lembraram dos castigos que o coração do mártir do Caaró lhes preconizara. Entre os presos estavam Carupé, Maraguá, Caburé e outros.

Submetidos a interrogatório, responderam, sem discrepância, que eles haviam sido instigados por Nheçú, descontente com os padres, porque não o deixavam viver na antiga libertinagem e lhe ensinavam religião nova e incômoda.

Mostraram-se muito impressionados com os sinais nas mãos, reconhecendo ser aquilo um castigo bem-merecido.

De doze condenados à pena capital, deixaram-se instruir e batizar onze, que foram enforcados e flechados por ordem de Cabral. Apenas o malvado, soberbo e obstinado Caburé, desesperado com o suplício que o aguardava, querendo romper o cerco e fugir do cadafalso, foi despedaçado, morrendo pertinaz e impenitente.

A conversão desses onze malfeitores penitentes foi incontestavelmente a mais consoladora conquista alcançada de Deus pela poderosa intercessão dos bem-aventurados mártires.

No dia após do triunfo, o exército partiu em perseguição dos fugitivos. Como estes, porém, já lhes levassem a dianteira de uma tarde e uma noite, não os alcançaram mais.

Assim que os cristãos se avizinham do Caaró, o capitão Cabral, movido de sincera piedade, esporeou o seu ginete para ser o primeiro a venerar aqueles santos lugares e opulentar-se piedosamente com alguma das relíquias que por ali haviam ficado. Antes de chegar, apeou-se e, reverenciando o lugar, pôs-se a recolher os fragmentos e ossinhos do beato padre Roque que encontrou, tesouro que mais tarde repartiu entre os fiéis devotos de Buenos Aires. Tanto ele como o soldado João de Lencinas acharam ainda sangue fresco do padre Roque no ponto onde o mataram apesar da chuva que caíra com abundância.²⁵⁶

Quando chegou o grosso da tropa, todos a porfia, com edificadora piedade e emulação, começaram a escavar nas cinzas, recolhendo os ossinhos que ainda havia por lá. Ninguém partiu sem alguma lembrança, nem que fosse uma lasquinha da cruz derrubada pelos

255. BLANCO, 387, 420 e 403.

256. BLANCO, 513.

assassinos, da qual fizeram suas cruzinhas para trazê-las ao pescoço com as relíquias.

Após isso, Cabral e os soldados espanhóis quiseram ver o Pirapó, a fim de examinar o estado das coisas por ali. Encontraram o povoado destruído, viram os rastros de sangue no caminho por onde o padre Castillo fora arrastado, via dolorosa que algumas testemunhas oculares lhes foram mostrando.²⁵⁷

Os bons soldados espanhóis, ao verem a devoção daqueles indígenas neófitos e o amor que conservavam a seus padres, afirmaram que, quando não fosse por mais do que para presenciarem aquele espetáculo e chegar àquele sagrado lugar do Caaró, davam por muito bem pagos todos os seus trabalhos. Não encontrando mais nada para recolher, os índios levaram para Candelária, com muita devoção, todas as cinzas do fogo que havia queimado os corpos dos mártires.

Também o sino do Caaró foi descoberto, embora não saibamos em que ocasião, porque em 1639 escrevia Montoya: “Hoje possuímos este sino como relíquia, se bem que para fazer pontas de setas lhe tiraram grande pedaço.”²⁵⁸

Mas o espólio mais apreciado foi a devotíssima imagem de Nossa Senhora Conquistadora, rasgada em dois pedaços e descoberta no campo pelos cristãos. Chorando de ternura, uniram os fragmentos, e, em sinal de vitória, puseram-nos ao alto do estandarte do exército. Os que mais se alegraram com esse achado foram os milicianos espanhóis que haviam feito voto solene nas mãos de frei João de Gamarra, de empenhar-se nessa jornada pela honra da Imaculada Conceição e de seu Divino Filho. Quando voltaram triunfantes para sua redução de N. Sra. da Conceição do Itatí, frei João os recebeu processionalmente, e rendeu a Maria Santíssima graças pelo sucesso mediante uma novena de missas cantadas com sermão. Demonstrações semelhantes viram-se nas demais reduções servidas por frades franciscanos.

Termina o p. Vázquez Trujillo seu extenso relatório, destacando dois resultados consoladores dessa campanha: primeiro, o crédito do nome espanhol, sendo que dez soldados puderam encorajar tanto os índios cristãos e incutir tal pavor nos inimigos que era de esperar não tornariam estes a rebelar-se tão depressa; segundo a confusão dos assassinos ao constatarem o grande amor e respeito dos espanhóis e dos neófitos a seus padres e missionários.

257. BLANCO, 431 e outros.

258. Conquista Espiritual, c. LVIII, p. 230.

Vamos encerrar este capítulo com a história do cavalo do p. Roque, relatada circunstanciadamente não só pelo grave Montoya²⁵⁹, mas ainda pelo próprio provincial Diogo de Boroa.²⁶⁰

Um dos cúmplices do martírio foi o tubichaba Tambavé, que escapou do castigo. Conseguiu apoderar-se do cavalo em que costumava andar o p. Roque. O animal, porém, recusou pertinazmente ao novo amo todo alimento, mesmo a palha e o grão. Acudia às casas onde os índios com algazarra, jogo e bebida celebravam as mortes dos santos, e como se ele compreendesse o significado daquela desenvoltura, soltava sentidos relinchos. Mais ainda: cada vez que ouvia falar na morte do p. Roque, rompia o bruto em lágrimas e gemidos.

Correu célebre a voz desse fenômeno nunca ouvido entre a gente, a qual veio em tropel para contemplar o espetáculo. De propósito proferiam o nome do p. Roque, ao que o quadrúpede rompia cada vez em choro, dizendo eles admirados: "*Roque oyare yarè onengaray*"²⁶¹, que vem a significar: Como sente a morte do pobre amo Roque.

Nem parou nisso o pesar do irracional. Nunca consentiu que alguém lhe montasse, cuspiendo a todo cavaleiro, até que um, vestido da batina do padre, conseguiu cavalgar nele, mas com recrudescidas lágrimas e gemidos do cavalo. Por fim, aborrecidos já os bárbaros de que um bicho se atrevesse a repreendê-los da sua malvadez, mataram-no a frechadas, devorando-o num banquete.

A verdade desse caso, como adverte Boroa, foi confirmada espontaneamente sob juramento por várias testemunhas oculares.

Possível é que Deus se quisesse servir desse meio para o chamamento do cacique Tambavé, que, mais tarde, tão sinceramente se converteu que o mesmo Boroa o compara com Saulo que se trocou num Paulo. Esse homem, pois, não só de cacique e senhor que era se fez criado dos padres, auxiliando-os nos ofícios mais humildes, sobretudo no cuidado dos enfermos e apestados, aos quais atendia com toda a caridade; mas ainda de assassino de missionário se mudou em apóstolo da fé, ajudando os padres a converter grande número de gentios. Morreu anos depois no Caaró, vítima da caridade, nos braços do padre Jerônimo Porcel.²⁶²

259. Conquista Espiritual, *ibid.* p. 235.

260. Ánua de 1635 - 1637, em Documentos para la Historia Argentina, XX, 684.

261. *Ibid.* pág. 684.

262. *Ibid.* pág. 683.

38. OS DESPOJOS DOS SERVOS DE DEUS

Terminada gloriosamente a jornada militar e restituída a tranquilidade ao alto Uruguai, as forças de Cabral e Nenguirú repassaram o grande rio. Consigo levavam os restos mortais dos mártires, até então depositados na Candelária. É que os missionários convieram por unanimidade em que, para guardar, ao menos de momento, tão valioso tesouro, lugar nenhum seria mais indicado do que Conceição, cabeça daquelas reduções, zelosamente vigiada pelo fidelíssimo dom Nicolau Nenguirú.

Avizinhando-se desse povoado o cortejo, foi ele recebido, na frase de Vázquez Trujillo, “com estranha festa e regozijo de danças e repiques e outras mostras de alegria, havendo missa cantada com sermão sobre algumas das muitas virtudes dos Santos.”²⁶³

Mas havia outra coisa que preocupava o espírito do lugar-tenente do p. provincial, Diogo de Boroa: o de averiguar se era verdade de os assassinos terem arrancado mesmo o coração do peito do p. Roque. Por isso, diante do capitão Cabral e de outras testemunhas, examinou-lhe o tórax aberto, podendo então todos persuadir-se que de fato não tinha mais coração. Procurando-o, porém, no peito do p. Rodríguez, verificaram que o dele ainda lá estava intacto.

Entrementes, revistando o p. Alfaro um saco trazido do Caaró, com ossos e relíquias de ambos os corpos, descobriu por acaso o coração do p. Roque, chamuscado, sim, mas ainda inteiro e atravessado por uma flecha de ponta óssea, tal qual o havia declarado o próprio Maraguá antes de ser ajustiçado e as demais testemunhas oculares da matança do Caaró.

Tomou nas mãos o p. Boroa tão preciosa joia, guardando-a com suma devoção em lugar seguro.²⁶⁴

Cinco anos mais tarde, em 1633, o p. Pedro Romero, sucessor do p. Roque no cargo de superior das reduções — que aliás foi quem extraía das cinzas no Caaró esse coração — entregou-o ao p.

263. BLANCO, 515.

264. BLANCO, 388 e 424.

João Batista Ferrufino, procurador da província do Paraguai, que o levou a Roma nesse mesmo ano a fim de satisfazer um desejo expresso do geral da Companhia, p. Múcio Vitelleschi. Passando por Espanha, Ferrufino mostrou ao virtuoso p. Nieremberg a relíquia.²⁶⁵

Vinha o coração encerrado numa caixinha de madeira de quase um palmo de comprimento, adornada, fechada e selada devidamente. Ficou assim em Roma durante 63 anos, até 1696, quando o p. Antônio Rego, assistente de Portugal, por ordem do padre geral Tirso González, procedeu a novo reconhecimento legal, após o qual foi colocada a veneranda relíquia em nova caixa, de prata — em que ainda hoje se encontra — elegantemente disposta em forma de coração, com onze centímetros de largura e oito de profundidade, medindo todo o relicário vinte e oito centímetros de altura. Adorna a redoma uma coroa com seis pedras preciosas, da qual sobressai uma cruz latina, de cujo sopé arrancam duas palmas que se dobram para ambos os lados. Na peanha metálica aparece lavrada a seguinte inscrição:

Cor prodigiosum
Yen. P. Rochi González
a Sta. Cruze S. J.
pro Cto Necati in Paraqa.
15 Nov. 1628

Quer dizer: “Coração prodigioso do venerável padre Roque González de Santa Cruz, da Companhia de Jesus, morto por Cristo no Paraguai em 15 de novembro de 1628.”²⁶⁶

Sobrevindo, na segunda metade do século XVIII, aquela furibunda borrasca religiosa que varreu da face da terra não só os filhos de Santo Inácio, senão também a maior parte das suas casas, bibliotecas, arquivos e demais haveres, o coração do p. Roque permaneceu entregue ao olvido até o princípio deste século, quando o p. Carlos Teschauer, denominado o “Pai da história do Rio Grande do Sul”, estando a escrever a biografia do protomártir rio-grandense, solicitou ao p. Carlos de Souza Gomes, S. J. — então estudante de filosofia na Gregoriana de Roma, — fizesse as diligências necessárias para descobrir o paradeiro do relicário. Auxiliado pelo fervoroso palotino padre

265. BLANCO, 294 e POSITIO, 500.

266. BLANCO, 294 e TESCHAUER, Vida e Obras, 91.

Frederico Schwinn, após vários “dias de busca, foi encontrado e identificado na lipsanoteca da Companhia, na mesma caixa de prata em que a deixara havia mais de duzentos anos o padre Rego. Ao padre Teschauer coube então o prazer de publicar a primeira fotografia que do coração do p. Roque lhe remeteu o p. Souza Gomes.

Reiniciado o processo de beatificação por ocasião do terceiro centenário da morte dos mártires do Caaró e Pirapó, o mui reverendo padre geral da Companhia, Wlodimiro Ledóchowski, — para recompensar de algum modo o muitíssimo que pela glorificação dos três mártires estava fazendo a província argentino-chilena, — deu de presente o coração aos jesuítas rio-platenses. Portador de tão valiosa joia foi o próprio vice-postulador da causa de beatificação padre Tomaz J. Travi, que a levou a Buenos Aires em setembro de 1928.

Antes, porém, de partir de Roma, procedeu-se a novo reconhecimento com todas as formalidades canônicas, podendo verificar os técnicos ser aquele o mesmíssimo órgão de que tratavam os documentos, legítimo coração humano, endurecido, em estado de dessecação, de cor vermelho-escura, de oitenta e cinco gramas de peso, e com uma perfuração no ventrículo direito de uns cinco milímetros de diâmetro. Para evitar que as trepidações das viagens prejudicassem a delicada relíquia, ficou ela sujeita dentro do relicário mediante uma argola de prata, forrada de seda e algodão. O que muito deixou maravilhada a comissão examinadora foi a perfeita conservação do coração através de três longas centúrias, malgrado o nenhum cuidado em guardá-lo artificialmente mediante processos químicos ou de ao menos impedir a ação maléfica do ar ou dos insetos, fechando-o hermeticamente. (“Blanco”, 294 e 295).

Sendo incontáveis os devotos que desejavam ver de perto a relíquia do grande paraguaio, os superiores incumbiram ao padre José Maria Blanco, um dos que mais se esforçaram pela beatificação dos três mártires, — de viajar com o coração pelas repúblicas Argentina, do Paraguai e Uruguai. Foi uma verdadeira marcha triunfal, que acaalentou os ânimos para a próxima elevação aos altares.

Lamentavelmente, em virtude de circunstâncias adversas, posto que tudo estivesse já preparado, o coração não pôde visitar então o Rio Grande do Sul, que lhe bebera o generoso sangue, e onde, não obstante as mudanças completas do clero, governo e habitantes nesses

três longos séculos, nunca se extinguiu de todo a memória daqueles insignes varões que primeiro acenderam o facho da fé evangélica nas plagas gaúchas.

Só em fevereiro de 1940 é que soou finalmente a hora do retorno da preciosa relíquia à terra que lhe ouvira as derradeiras pulsações. No intuito de dar maior realce ao 19.º Congresso dos católicos teuto-brasileiros em Cerro Azul, e para iniciar dignamente as solenidades do 4.º centenário da fundação da Companhia de Jesus, pediu-se emprestado ao rev. padre Tomaz J. Travi, provincial dos jesuítas argentinos, o coração do p. Roque. Acedeu generosamente o p. Travi a tão legítimo desejo, indo o rev. p. Leopoldo Arntzen ao Rio da Prata, donde regressou em companhia do rev. p. Carlos Leonhardt pela estrada de ferro Buenos Aires — Paraguai. Em S. Tomé atravessaram o rio Uruguai, chegando a S. Borja pela meia manhã de 5.^a feira, 15 de fevereiro de 1940.

Com isso começou a marcha triunfal do coração do primeiro civilizador pela terra rio-grandense, durante 43 dias consecutivos, nos quais percorreu os pontos principais da Arquidiocese de Porto Alegre, os bispados de Uruguaiana, Santa Maria e Caxias e as prelaças de Vacaria e Palmas (esta última já em S. Catarina), visitando 58 paróquias, sem contar as 20 de Porto Alegre. As delirantes demonstrações de júbilo do povo católico parecia uma verdadeira explosão de uma enorme saudade, finalmente satisfeita após o prolongado período de mais de 311 anos de separação.

Embarcado no melhor avião, gentilmente cedido pela aviação da terceira região militar, a prodigiosa relíquia alçou o voo em S. Borja, levado pelo p. Arntzen e o rev. p. Balduino Rambo. Demandando Santo Ângelo, sobrevoaram primeiramente o Pirapó, lugar do martírio do beato Castillo, seguiram depois a Cerro Azul que honraram com uma gar-bosa volta a 1200 m. de altura, — distinção essa correspondida com o badalar de todos os sinos e o disparo dos morteiros, — dirigindo-se sem perda de tempo a Caaró, onde fizeram nova evolução, indo aterrissar, após uns 300 kms. de voo, no esplêndido campo de aviação de Santo Ângelo. Os 74 kms. até Cerro Azul foram vencidos rapidamente em automóvel. Eram 17 horas quando os sinos e morteiros cerro-azulenses anunciavam a aproximação da saudosa visita.

Ao ser avistado pela primeira vez aquele milagroso coração no seu lindo relicário, um frêmito de indescritível emoção se apoderou daqueles dez mil espectadores, postos em alas ao redor da grande praça. A numerosa assistência, como que eletrizada, caiu de joelhos para receber a bênção do grande apóstolo, cantando todos com íntima piedade o hino ao mártir riograndense, enquanto lágrimas copiosas rolavam pelas faces de grandes e pequenos.

Qual chispa elétrica difundiu-se pela coxilha e a serra gaúcha o entusiasmo dos cerro-azulenses, chovendo de todos os lados insistentes pedidos de terem ao menos por alguns instantes a honra de venerar o portentoso coração.

Havendo permanecido em Cerro Azul até a madrugada do dia 20, — com uma única visita a S. Luiz, — iniciou-se a marcha gloriosa pelo Rio Grande, que veio a demonstrar que o padre Roque era realmente o seu santo e o seu padroeiro.

A primeira estação foi naturalmente o Caaró, — testemunha do seu glorioso martírio, — distante 41 kms., onde celebrou missa campal o rev. p. Valter Hofer, provincial da Companhia, assistindo dom Antônio Reis, que de S. Maria viera pessoalmente a fim de buscar esse tesouro.

Na impossibilidade de relatar as homenagens prestadas ao mártir caaroense nessas ditosas semanas, daremos apenas o roteiro percorrido segundo a ordem cronológica: S. Borja (onde o povo não estava avisado), Cerro Azul, S. Luiz Gonzaga, Caaró, S. Ângelo (donde foi levado em carro motor cedido pelo governo do estado), Rio Branco, Ijuí, Cruz Alta, Júlio de Castilhos, S. Maria, Cachoeira, Estação de S. Salvador, Montenegro, Pareci, S. Leopoldo, Arroio Veado, Porto Alegre (recebido solenissimamente na igreja de S. José pelo arcebispo dom João Becker e todo o clero), Hamburgo Velho e Novo Hamburgo, Petrópolis, Tannenwald, Nova Harmonia, S. Joana de Chantal, Dois Irmãos, Porto Alegre, Cachoeira, Rio Pardo, Santa Cruz, Venâncio Aires, S. Gabriel da Estrela, Arroio do Meio, Lageado, Estrela, Poço das Antas, Cafundó, Montenegro, Pareci, S. Sebastião do Caí, S. José do Hortênsio, Harmonia, Natal, Bom Princípio, S. Vendelino, S. Catarina da Feliz, S. Inácio da Feliz (donde foi levada a relíquia em triunfo por dom José Baréa, bispo de Caxias), Nova Milano, Farroupilha, Galópolis, Caxias, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, Prata, Guaporé,

Antônio Prado, Vacaria (com recepção feita por dom Cândido e seu povo), Caxias (seminário), Porto Alegre (hospitais, colégios e casa de correção), S. Maria (seminário e hospitais), Passo Fundo, Carazinho, Porto Alegre, Viamão, Taquara, S. Francisco de Paula (recebido por uma grande e garbosa tropa de gaúchos), Recosta, S. Leopoldo (seminário), Porto Alegre, Porto Novo (em S. Catarina), Cacequi, Uruguiana e Itaquí.

Todos quantos foram testemunhas da fé demonstrada pela presença do coração do primeiro apóstolo do Rio Grande, alimentada por vários casos milagrosos, confirmada por diversas conversões de pecadores e uma inusitada afluência aos sacramentos; todos quantos admiraram o ingente concurso de devotos a aproximar-se da santa relíquia, sem reparar na hora do dia ou da noite, profundamente emocionados, movendo os lábios em piedosa prece ou entusiásticos cantos, ou levantando olhos suplicantes e lacrimosos, ansiosos por oscular o maravilhoso coração, — não poderão negar que tudo isso foi um verdadeiro sopro do Divino Espírito Santo que perpassou pela terra rio-grandense para glória de Deus, louvor dos seus servos e brilho da santa religião católica. Daí essa profunda gratidão de todos ao bem-aventurado mártir por tão honrosa e inolvidável visita.

No dia 16 de novembro de 1936 o coração do imortal apóstolo guarani encontrou sua morada digna e definitiva no altar de uma riquíssima capela do suntuoso templo dos jesuítas, anexo ao Colégio del Salvador, em Buenos Aires.

E qual foi o destino dos outros restos mortais dos bem-aventurados servos de Deus? Dois ossos chamuscados, salvos pelo p. Romero, — sendo um do p. Roque e o outro do p. Rodríguez, — foram entregues ao p. Ferrufino, que os levou a Roma em 1633 juntamente com o coração. Na mesma ocasião, o mesmo portador fez entrega ainda de mais um pequeno osso com vários fragmentos do corpo do p. Castillo, recebidos igualmente do p. Romero.²⁶⁷ É bem possível que estas últimas relíquias do mártir do Pirapó sejam as mesmas que ainda hoje se encontram em Belmonte, cidade natal do beato, na igreja principal, chamada “La Colegiata”, conservadas num relicário de muito bom estado, de estilo renascença, de meio metro de altura e de prata sobredourada, que contém a mandíbula inferior, com dois ou três den-

267. BLANCO, 298.

tes, e além disso uns tubos com roupa do bem-aventurado, manchada de sangue. Na mesma cidade acha-se também a certidão de batismo do beato Castillo.²⁶⁸

Em 1793, o capitão de fragata dom João Francisco Aguirre assegurava haver tido em suas próprias mãos, na cidade de Assunção, um osso do pulso do p. Roque González, acompanhado de um certificado de autenticidade.²⁶⁹

Quanto às outras partes ósseas dos três mártires, ao menos as principais, mandadas pelo p. Romero para a Conceição e as que recolheu na margem do Ijuí o irmão Antônio Bernal, é certo que estiveram em Conceição até a última década do século XVIII, isto é aproximadamente ainda vinte anos após da expulsão dos missionários jesuítas de toda aquela zona.

Mencionam a existência dessas relíquias na Conceição diversos escritores e viajantes, como o p. provincial Bernardo Nusdorffer, que escrevia em 1747 haver ele dado ordem de guardá-las com toda a decência, em boas caixas, com os rótulos correspondentes, na sacristia “sobre a cômoda onde se reveste o sacerdote;”²⁷⁰ — delas falava em 1754 o p. João Escandón, como existentes na sacristia da Conceição;²⁷¹ — no mesmo lugar encontrou esses restos em 1783 e 1791 o comissário da segunda divisão demarcadora dos limites, Diogo de Alvear;²⁷² — sendo que o jesuitófobo Félix de Azara, mencionando na sua “Geografia Física e Esférica...”, publicada em Assunção, no ano de 1790, a redução da Conceição, nos informa que a igreja era de cinco naves, “em cuja sacristia se vem os ossos ou relíquias dos padres João del Castillo, Roque González e Afonso Rodríguez, mortos pelos índios em 1628 e os do p. Diogo de Alfaro, que morreu em 1639, e todos são reputados por mártires.”²⁷³

Mas a notícia mais interessante nô-la conservou o p. Nusdorffer no seu extenso “Relatório da Transmigração e Guerra dos Sete Povos, 1750 - 1756”, publicado por Leonhardt e copiado por Teschauer.²⁷⁴

268. BLANCO, 679 e “Notícias de la Provincia, Buenos Aires, Ano VI, n.º 69. sept — oct. de 1935, p. 4.

269. POSITIO, 516.

270. BLANCO, 275.

271. POSITIO, 542.

272. Anales de la Biblioteca, Buenos-Aires, III, .418/419.

273. PASTELLS, II, 307/308.

274. Historia do RtoJGrande-do-Sul, III 291 ss.

Ali, a páginas 298, Nudorffer, falando no reboiço que houve nas reduções por causa da transmigração dos indígenas, exigida pelas cortes de Lisboa e Madrid, — nos conta o seguinte: “Soubemos quase ao mesmo tempo que os índios da outra banda em número de setenta, vieram armados para esta banda, ao povo da Conceição, dizendo que vinham em romaria a fim de saudar a Virgem Santíssima, como à sua conquistadora, porque se lembravam ainda que o venerável padre Roque González havia saído antigamente da Conceição levando consigo uma imagem da Virgem que chamava a “Conquistadora”, para conquistar e converter seus avós, e como o corpo do venerável padre, ou a maior parte dos seus ossos estavam na Conceição, diziam, vinham para se consolarem com ele nesta sua grande tribulação em que se achavam, para merecerem a sua ajuda e proteção. Foi preciso tirar a caixa que está na sacristia. Fizeram suas devoções por alguns dias e voltaram sem praticar nenhuma insolência.” Isso sucedeu em 1753, quer dizer apenas 15 anos antes de expulsão geral de todos os jesuítas do Continente hispano-americano (2.478 indivíduos).

Na renhida guerra da independência do Estado Oriental do Uruguai, contra a ocupação luso-brasileira, 1816 -1820, tendo as forças do brigadeiro Chagas conseguido atravessar o rio Uruguai, e passado barbaramente pelas armas os indígenas que defendiam as reduções missioneiras sob as ordens do lendário caudilho guarani Andresito, aliado do patriota uruguaio Artigas, — tomaram e arrasaram infelizmente também o povo da Conceição, cuja histórica igreja, que abrigava os ossos dos nossos mártires, foi deploravelmente arruinada. Mais tarde, em 1849, passando por Conceição o exército paraguaio, continuou a obra devastadora do templo, que ficou consumada em 1882 por ordem de uma autoridade local argentina.²⁷⁵

Escapariam de tantas rázias as relíquias dos beatos? Ou ficaram elas soterradas sob os escombros, ou puderam ser salvas a tempo por mãos amigas, que até ao presente as ocultam sob o mais absoluto sigilo?

A fim de resolver essa dúvida, em 1904 o p. Paulo Hernández, acompanhado do p. Frederico Vogt, S. V. D., procedeu a umas pesqui-

275. *Reseña Histórica de Concepción de la Sierra*, en au cincuentenario, por la Comisión de Festejos, 1877-27 Septiembre 1927, p. 7.

sas no templo da Conceição. Infelizmente ficou infrutuoso o empenho devido à impossibilidade de localizar a área da sacristia; como ainda deu resultado negativo a análise de alguns ossos extraídos das ruínas e examinadas em Buenos-Aires em 1910 -1911.²⁷⁶

E assim continua preocupando aos amigos dos bem-aventurados o mistério do paradeiro dos seus venerandos restos mortais.



Alguns carvões e uma asa de algum utensílio, de louça, desenterrados no Caaró, em janeiro de 1933. (P. 298).



O exmo. Sr. Bispo de S. Maria, dom Antônio Reis, junto à porta da capela do Caairó, levando ao altar o coração do padre Roque. (P. 285).

276. TESCHAUER, Vida e Obras, pág. 98 e POSITIO, 515 e 541/542.



A solenidade da ereção da cruz e missa campal no lugar onde tombaram mártires Roque González e João del Castillo. — 15 de novembro de 1933.



A capela do Caaró, construída em 1936-37, no lugar do martírio de Roque González e Afonso Rodríguez. (Pág. 306).

39. A DESCOBERTA DO CAARÓ

(Janeiro de 1933)

Ainda faltava outra importantíssima incógnita a ser resolvida: revelar ao público os palmos de terra que haviam bebido o generoso sangue dos nossos três primeiros civilizadores.

No intuito de melhor apreciarmos essa interessante diligência, forçoso será remontarmos novamente até perto da morte dos padres González e Rodríguez.

Informa-nos Techo (IV, 23) que algum tempo após dos sucesos que viemos de relatar, os caaronses, muito pesarosos do seu crime, remeteram aos outros missionários um fragmento do cálice com que o padre Roque havia rezado a sua derradeira missa, rogando-lhe que viessem de novo para exercer seu ministério. Efetivamente, a despeito das dissuasões e protestos dos neófitos, partiram ao Caaró os padres Romero e Alfaro a fim de sondar os ânimos.

Cordialmente recebidos, o p. Romero, encontrando ainda intacto, atirado por ali, aquele grande madeiro de 52 pés de comprimento em que o p. Roque ia prender o sino, mandou fazer com ele uma cruz e chantá-la provavelmente até no mesmo buraco que ainda devia de estar aberto desde o dia 15 de novembro,²⁷⁷ adorando-a todos com profunda piedade. Não tendo, porem, os padres licença de ficar, voltaram para seus postos.

Entretanto, lá pelo mês de setembro ou início de outubro de 1629, apareceu no Caaró o próprio provincial padre Francisco Vázquez Trujillo. Insistiram muito com ele os caaroenses que lhes desse outra vez um padre, prometendo de amá-lo e obedecer-lhe de boa vontade. Lembrou-se o superior da promessa feita pelo coração do p. Roque, que “ele haveria de voltar para ajudá-los”, naturalmente nas pessoas dos seus irmãos de hábito. Concluiu Vásquez que o mártir, tendo-os amado tanto em vida, certamente lhes obtivera de Deus tão consoladora mudança. E como o provincial encontrasse feitas já 28 casas e mais de duzentas famílias, prometeu-lhes novo pastor, deixan-

277. BLANCO, 468.

do a todos muito consolados.²⁷⁸ E Nenguirú, que viera na comitiva do padre provincial, exortou-os a se “reduzirem” ali no Caaró.

Antes de partir, o padre Vázquez fez levantar ainda duas cruzes nos dois pontos exatos onde haviam tombado mortos os padres Roque e Afonso, provavelmente na intenção de lhes perpetuar a memória. Aliás os mesmos caaroenses já lhes haviam posto cerca, espontaneamente. No ponto da morte do padre Roque celebrou missa de desagravo o p. provincial com incoercível comoção.²⁷⁹

Parece que para primeiro cura do Caaró a escolha caiu na pessoa do padre José Oregghi, varão de acrisolada virtude, irmão do cardeal Oregghi. Em breve tempo encontraram-se no Caaró seiscentas famílias, podendo o zeloso missionário regenerar pelas águas batismais 403 adultos e 179 crianças. Acrescenta Techo que, conforme constava dos livros autênticos, no Caaró foram batizadas acima de nove mil pessoas, “recorde” de piedade que se atribui à intercessão dos mártires.²⁸⁰

Merece recordado aqui o nome do p. Pedro de Espinosa, hábil construtor, que delineou engenhosamente a nova planta do Caaró, com as ruas e hortas, e edificou espaçosa igreja e moradia para os padres.²⁸¹ Mas supomos, — dada a veneração dos missionários e dos caaroenses a seus santos, — que os dois lugares do martírio permaneceram intactos nessa remodelação.

Outro benemérito foi o padre Jerônimo Porcel, que, numa espantosa epidemia que prostrou em menos de oito dias a população inteira, atendeu — ele só e um moço não atingido pela moléstia, — a quatro mil enfermos, cuidando dias e noites a fio do corpo e das almas dos apestados, enterrando as 852 pessoas que sucumbiram.²⁸²

Corria tudo no mais alvissareiro progresso, sobretudo após o estabelecimento da Congregação Mariana, muito fervorosa e dedicada a obras de caridade, quando, provavelmente em 1637, chegaram os primeiros boatos — possivelmente exagerados — das devastações praticadas pelos bandeirantes nas reduções do Jacuí. Tamanho foi o terror pânico que se apoderou dos caaroenses, que — lançando verossimil-

278. BLANCO, 650 e Techo, IV, 23.

279. BLANCO, 649.

280. TECHO, IV, 27.

281. Documentos para la Historia Argentina, XX, 756.

282. Ibid. p. 681.

mente fogo a todas a suas casas, à usança indígena, — debandaram com os padres Porcel e Garcia para o vale do rio Paraná, onde foram agasalhados cristãmente pelos índios já convertidos do Jatieberí.²⁸³

E com isso desaparece o Caaró do palco das reduções e das antigas crônicas da Companhia de Jesus, salvo raríssimas menções, como passaremos a ver.

Páginas dolorosas, escritas com sangue e lágrimas, são as que se referem ao período de 1636 a 1639, em que os missionários jesuítas viram ruir fragorosamente por terra as suas dezoito prósperas reduções fundadas com tanto carinho e dedicação no atual Rio Grande do Sul. Subiu de ponto sua dor, vendo como dezenas de milhares dos seus filhos espirituais eram arrastados ao cativeiro de Piratininga pelas indomáveis hordas dos tupis, capitaneadas por bandos de audazes mamelucos.

Impotentes de enfrentar eficazmente as repetidas incursões paulistas, em virtude da proibição de fornecerem armas de fogo aos ameríndios, resolveram os padres induzir os tapes e guaranis cristianizados a emigrarem para a banda direita do Uruguai, menos ao alcance dos paulistas e onde poderiam ser socorridos mais prontamente pelos índios do Paraná e Paraguai. Impossível nos é fazer ideia quanta habilidade foi precisa para persuadir a umas doze mil pessoas sobreviventes das rázias piratininganas a levar a efeito a transmigração. Mas afora estes, não foram poucos os que o demasiado amor à gleba natal fez rebeldes, declarando que os padres os estavam atraíndo, preferindo ficar para ruína sua.

Decorreu meio século entre saudades e esperanças do índio gaúcho, tempo em que os bandeirantes, — severamente escarmentados pela destreza dos guaranis já militarizados e municiados com armas de fogo — tomaram outro rumo, nunca mais molestando os índios do Sul. (Jaeger, *Invasões bandeirantes*, p. 58).

Assim, antes de expirar o século XVII, já estavam de regresso ao Rio Grande os sobreviventes e seus filhos, para darem início à idade de ouro dos festejados “Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai”. Das antigas reduções foi reocupada unicamente a de S. Nicolau, porquanto só ela, além de suficientemente fértil, saudável e rica em boas águas, madeiras e pedreiras, possuía a condição naquele tempo indispensável

283. Ibid, p. 691 e nota 47 da p. 773.

de se achar sobre extensa colina ou chapadão, donde se descortinava amplo horizonte para, em horas de perigo, se poder transmitir com rapidez o sinal de alarma ao povoado vizinho.

Infelizmente, nosso Caaró, carecendo desse requisito, não tornou a ser ocupado, e sim a vizinha S. Lourenço. E contudo, estamos convencidos que o lugar do martírio dos fundadores das missões indígenas no Rio Grande não caiu no ouvido daqueles fervorosos cristãos e dos missionários jesuítas, que deviam de ter ali uma capela, para onde fariam suas piedosas romarias, como se verá pela exposição das provas.

No capítulo anteacto já mencionamos a expulsão dos missionários jesuítas do continente americano no último quartel do século XVIII e o subsequente esbulho de todos os seus arquivos e livrarias, que ficaram dispersos pelo antigo e o novo Mundo.

Quanto aos Sete Povos, afora usurpações menores e isoladas, temos a lembrar ainda a lamentável pirataria praticada pelo caudilho uruguaio dom Frutuoso Rivera, que, em 1828, irrompeu com mão armada nas Missões rio-grandenses, onde incorporou impunemente às suas tropas todos os homens válidos, carregou sessenta e tantas carretas com estátuas de santos, ornamentos e sinos das igrejas, mandou arrebanhar vinte mil rezes e toda a cavallhada que pôde reunir, engrossando esse enorme comboio com toda a população indígena dos Sete Povos, parte aliciada, parte forçada a se incorporar nesse gigantesco êxodo.²⁸⁴

Mas, digamo-lo já de passagem, o pouco que escapou dessas rapinagens, foi mandado recolher religiosamente em 1938 e 1939 pelo governo federal do Brasil num museu nacional, construído junto ao antigo templo de S. Miguel, no intuito de salvar ao menos a memória do que foram as Missões jesuítas do Rio Grande do Sul.

Entretanto, após o longo sono da extinção da sua Ordem, 1773 a 1814, os filhos de Santo Inácio ressurgiram com nova pujança, voltando um depois de outro para a América do Sul, a fim de entrar na posse da herança dos seus maiores, estudando-lhes os métodos e, sobretudo, procurando trazer à luz as biografias dos que mais se haviam assinalado na virtude. Coube, nesse particular, nos alvares deste século, ao padre Paulo Hernández a honra de desenterrar do pó secular

284. História da República Jesuíta do Paraguai, pelo CÔNEGO JOÃO PEDRO GAY, Rio de Janeiro 1863, pág. 288.

de Buenos Aires a mais preciosa documentação: as atas dos primeiros processos de beatificação dos nossos três mártires.

Tornou-se a saber que os lugares do martírio eram dois, chamados Caaró e Assunção do Ijuí, no Pirapó. Mas em que país ficavam eles? Teschauer, andando à cata de dados para a biografia do p. Roque, conseguiu revelar dois pequenos esboços de mapas, — por ele publicados na Vida e Obras do padre Roque González de S. Cruz, S. J., Porto- Alegre, 1928, p. 89 e 129, nos quais aparece claramente nosso Caaró. Foi um achado sobremaneira decisivo, que nos manifestou ter sido no Rio Grande do Sul, perto de S. Lourenço.

Entretanto, ocorrendo em 1928 a gloriosa data do 3.º centenário da morte dos servos de Deus e sua elevação às honras dos altares em 1934, cresceu de ponto a ânsia de todos os veneradores dos mártires, desejosos de saberem por fim os pontos exatos do Caaró e Assunção do Ijuí. Para um jesuíta então, e quando mais um rio-grandense, o assunto já se tornara questão de honra sagrada. Assim quis a obediência que o incumbido da tarefa de localizar os torrões que haviam bebido o sangue dos padres Roque, Afonso e João fosse o autor da presente hagiografia, aliás já constituído herdeiro e continuador da bagagem histórica do saudoso p. Teschauer.

Preliminarmente observamos que, afora Mons. Estanislau Wolski, vigário de S. Luiz Gonzaga de Missões, e o padre Maximiliano Lassberg, S. J., fundador e vigário do Cerro Azul, só um que outro devoto dos mártires tentara descobrir o verdadeiro Caaró, mas sem orientação histórica, levado tão somente por alguma vaga tradição ou restos de construções antigas.

Assim, após de uma corrida inicial e rápida pela zona missioneira em janeiro de 1932, onde apenas nos foi possível conhecer a topografia e tomar o pulso aos preconceitos e às ideias envoltas em lendas e fábulas dos estancieiros daquelas terras, empreendemos em janeiro de 1933 a primeira grande viagem de pesquisas.

Havendo-nos familiarizado suficientemente com todos os dados impressos relativos ao lugar do tormento dos mártires Roque e Afonso, trocado correspondência com quantos suspeitávamos nos pudessem fornecer alguma luz, estudado cuidadosamente os mapas mais antigos e mais modernos, municiados de recomendações de amigos e da autoridade civil, e acompanhados das preces de muitas almas boas,

abalamos em demanda do Cerro Azul, onde um grupo de abnegados homens e moços já nos aguardavam na doce esperança de poderem coadjuvar-nos.

Por indicação de Mons. Wolski dirigimo-nos diretamente no dia nove de janeiro de 1933 à casa de Horácio Pinheiro Meneses, morador ao N. da antiga redução de S. Lourenço, porque esse fazendeiro sempre lhe afirmava saber qualquer coisa a respeito de ruínas de uma capela e de um lugar onde haviam sido martirizados velhos missionários. Recebeu-nos gentilmente o Horácio, homem de 51 anos feitos, que nos contou isto:

“Lá pelos anos de 1830 ou 1840, veio de S. Paulo para esta região meu avô João Marques de Meneses, a fim de comprar meia sesmaria de terras (= légua e meia em quadrado), denominadas então “Terras de Santa Maria”, ao N. de S. Lourenço, à margem direita do arroio Uruquá.”

Mencionando o sr. Horácio o nome das terras, nos ocorreu imediatamente a imagem da “Conquistadora” do padre Roque, assim como a palavra de Tupacreretã, “Terra da Mãe de Deus ou País de Nossa Senhora”.

Prosseguindo Horácio disse: “Meu avô tinha um escravo, o preto Manuel, mui curioso de recordações históricas, o qual, sendo eu ainda pequeno, muitas vezes me contava que ele ainda chegara a conhecer alguns índios missionários — dos pouquíssimos sobreviventes da era dos jesuítas. Esses bugres pois lhe diziam que aqui na minha fazenda, num ponto que logo lhes mostrarei, havia, em tempos remotos, uma capelinha de Santa Rita, feita de pau a pique, cujas paredes caídas e queimadas ele, Manuel, ainda chegou a conhecer. Além disso, os índios narravam-lhe que, nestas imediações, tinha sido morto, há muito tempo, um padre missionário.”

Essa narração, não soava ela, para nossos ouvidos, como longínquo badalar? Não se assemelhava tudo isso a delgadíssimo fio de tradição uma vez e meia secular? Forçoso era descobrir essa incógnita.

Ainda àquela mesma tarde de nove de janeiro, fomos inspecionar o sítio onde diziam ter-se achado a ermida, distante da casa de Horácio obra de trezentos metros. O lugar, na realidade, era aprazível: uma coxilha plana, em forma de meia-lua, com quinhentos metros de comprimento e cerca de trezentos de largura, meio campo e meio

mato alto, oferecendo vista desimpedida até à velha missão de S. Lourenço, cujas ruínas, cobertas de mato e maleza, apareciam coroando extensa colina. Realmente, o ponto já era, de per si, assaz alvissareiro.

À distância de uns vinte metros da orla do mato, entre o capim e a chamada “barba-de-bodé” — que é a praga dos campos missioneiros — pudemos distinguir, bem visíveis, os traços regulares de alguma construção. E, cavando-se, saíam pedaços de terra queimada, que mostravam sinais inequívocos de haverem estado encostados a vigas de madeira, confirmando a asserção do velho escravo Manuel.

Ter-se-ia achado ali a capela do padre Roque? Urgia chegar a uma conclusão definitiva, e não era difícil alcançá-la.

1. Recorde o leitor o que ficou referido acima, no cap. 30, onde se disse que os caaroenses construíram para os missionários uma choupana com dois lanços: um que servisse de capela e outro para sua própria vivenda. (Carta de Romero a Hernandárias, apud Blanco, p. 469.)

Pois bem, o lugar que estávamos inspecionando apresentava três quadriláteros, pegados fortemente um ao outro: os dois primeiros, com seis m. de frente e seis de fundo, perfeitamente iguais; o terceiro, um pouco afastado da linha do frontispício, algum tanto menor, possivelmente cozinha ou coqueira, talvez mandado acrescentar depois da vinda dos padres.

A palavra “choupana” condiz perfeitamente com o tamanho do lugar por nós descoberto. Eram esses os contornos da capela do p. Roque?

2. Vamos às cruzes. Quem acompanhou atentamente a relação do martírio estará lembrado que foi feita menção de quatro cruzes que houve no Caaró: a primeira, chantada pelo mesmo p. Roque nas cercanias da capela, derribada e feita pedaços quando mataram aos padres; a segunda mandada fazer pelo p. Romero algumas semanas depois do martírio, com aquele mesmo pau de 52 pés de comprimento, em que o p. Roque ia pendurar o sino. A cruz feita desse pau, que os índios haviam deixado intacto, foi provavelmente plantada no buraco que já fora aberto pelo p. Roque. A terceira e quarta cruzes foram erguidas pelo p. provincial Vázquez Trujillo, uns dez meses depois do martírio, nos pontos exatos em que terminaram sua carreira mortal os padres Roque e Afonso. (Apud Blanco, p. 649).

O autor desta biografia nutria vaga esperança de encontrar ainda dentro da terra os tocos dessas cruzes. Porém a maioria dos conhecedores de madeira moviam a cabeça, achando que 304 anos era demasiado tempo, a não ser que as cruzes tivessem sido de ipê, madeira resistente e duradoira.

A fim de chegarmos a um resultado positivo, marcámos com estacas os delineamentos das ruínas, e procedemos a escavações num vasto semicírculo, principiando a 16 metros de distância das estacas. Em vista do verão reinante, o campo era extremamente duro, de modo que nossos bravos cavouqueiros, banhados em suor e com as mãos calejadas, houveram de revezar-se frequentemente. Viraram-se cerca de mil metros quadrados de terra, numa profundidade média de um a dois pés.

Chamou muito a atenção de todos a circunstância de toparmos em quatro pontos com terra fofa, que tinha a profundidade média de dois a três pés e outros tantos de diâmetro, à exceção de um, onde a terra era mole até 1m.50. Dois buracos distavam um do outro exatamente 14 passos; um era perfeitamente quadrado, e em três foram descobertos carvões de madeira, tendo os pedaços maiores o tamanho de um ovo de galinha. Um pedaço pôde ser identificado como procedente de louro. Fora desses buracos, não apareceu carvão nenhum, nem outro buraco. Esse carvão talvez provenha das cruzes ou de postes, que pegaram fogo nas frequentes queimas do campo, chegando a carbonizar-se. Em todo o caso, há uma singular coincidência entre as quatro cruzes do Caaró e os quatro buracos por nós descobertos.

Nessas escavações, que duraram dez dias, foram desenterrados os seguintes objetos, alguns verdadeiramente curiosos: duas cruzinhas de latão, com 30 mm. de comprimento e 18 mm. de largura, com a imagem do Crucificado no anverso e a da Imaculada no reverso, e a legenda VI — VITA — PRAES — PV — R, à qual talvez se poderia dar esta interpretação: “Virgo Immaculata, Vitam Praesta Puram”, (segundo o padre Gustavo Hupe, S. J.). Além das cruzinhas, apareceu a parte frontal de uma cabecinha rústica de anjo, um pequeno castiçal de argila, duas facas enferrujadas, dois pregos, vários cacos de louça, parte crua, parte artisticamente esmaltada, etc. Como se vê, todas essas miudezas denotam que aquele lugar foi não somente habitado, senão que até deve ter sido ponto em que se cultuava nossa santa religião.

Apareceu ainda regular quantidade de ossos em decomposição, sempre à mesma profundidade de um a dois pés. Os dois pedaços maiores, de 110 e 80 mm., respectivamente, foram classificados na Faculdade de Medicina de Porto Alegre como osso de rês.

Referimos acima a volta dos índios guaranis ao Rio Grande do Sul, no fim do século XVII, que não esqueceram o lugar do martírio do padre Roque, embora não o tornassem a ocupar como redução. Com toda a certeza continuou ele a ser frequentado como lugar de romaria dos povos circunvizinhos já cristianizados. E como os índios missioneiros se alimentassem de preferência com carne de rês, também nas suas peregrinações churrasqueariam, deixando enterrados por ali mesmo os ossos, terminado o repasto. Isso, porém, não passa de uma mera conjectura do autor desta obra.

3. Quem for medianamente familiarizado com os costumes dos ameríndios sulistas, não desconhecerá que esses aborígenes denominavam os rios, montes, lugarejos, etc. com surpreendente conformidade com alguma propriedade específica que os singularizava. As suas denominações eram realmente de característica descritiva admirável.

Numa carta inédita do dr. Teodoro Sampaio, da Baía, festejado conhecedor dos idiomas tupi e guarani, dirigida ao padre Teschauer em 21 de novembro de 1905, leio o que segue: “De relance, posso adiantar que o nome de Caaro, aliás Caaró da região figurada nos antigos mapas do Paraguai, diz alguma cousa com referência à produção do lugar, designando provavelmente um país em que o mate tinha um sainete amargo. Caaró, no guarani, corresponde a eaá-rob do tupi e quer dizer folha amarga. Encontrar-se-á, porventura, ainda na região esse tipo de vegetação? É o que se pode verificar.”

Posteriormente, a 10 de abril de 1933, o major Quirino Nunes Pereira, de S. Luiz Gonzaga, autor do interessante opúsculo “Vocabulário Guarani” (S. Luiz Gonzaga, 1932) informava-nos que ele opinava que o nome de Caaró fora dado àquela região pela abundância de erva-mate silvestre existente na aludida zona, conhecida por “talho roxo”, cujo folha é amarga.

Posto isso, possível é que os índios, inquiridos pelo p. Roque acerca do nome do lugar em que haviam de levantar a capela, lhe respondessem que o chamavam Caaró, i. é erva-mate amarga.

Com efeito, quando para lá voltamos em janeiro de 1935, Horácio mostrou-nos na sua propriedade vários tipos de erva-mate, alguns finos, outros silvestres, abundando entre estes últimos a “caúna”, — erva-mate nativa, amarga, de má qualidade, da qual se fazia outrora chimarrão para os escravos negros — na expressão do mesmo Horácio.

À vista dessas informações abandonamos nossa primeira interpretação, quando demos à palavra *caa* = folha, planta; mais *ro(b)* = amargo, a significação de planta amarga, ou quina, aliás frequente por ali. Como, porém, na quina o que é amargo é a raiz e não a folha, e o mesmo p. Montoya traduz (no *Tesoro de la Lengua Guarani*) *caá* por “monte”, i. é mato, e por “erva que bebem”, e o termo *caaró (b)* por folha de árvore, compreendemos que a palavra que deu o nome àquele lugar deve ter sido realmente a “folha amarga da *ilex paraguariensis*”, e isto ainda antes de os jesuítas terem introduzido naquela região a mais tarde tão famosa “Caamini”.²⁸⁵

4. Passemos ao exame dos mapas antigos. Segundo um, cujo título é “*Misiones S. J. a. 1744*” e outro que traz a inscrição “*Misiones Soc. Jesu/Paraguayens/desumpta ex carta P. Lozano/Gran. Chaco/Cordoba 1733*”, ambos descobertos por Teschauer, — o *Caaró* ficava ao N. do S. Lourenço e de S. Miguel, com os quais formava triângulo. Pois o lugar que escavámos na meseta da fazenda do Horácio cai a 7.375 m. na direção nordeste de S. Lourenço, e a 17.125 m. na direção noroeste de S. Miguel, formando triângulo, cujo vértice fica a 28°26'01"1 latitude sul e 54°41'56"3 longitude oeste de Greenwich.

285. Mas no ano de 1934 e 1935 a propósito da publicação do nosso trabalho intitulado “A descoberta do lugar do Martírio de Roque González de Santa Cruz e Afonso Rodriguez”, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Ano XIII, II Semestre, pág. 201 e ss. — e no *Archivum Historicum Societatis Jesu*, Roma, II, 1963, p. 223 e ss. — desenvolveu-se acalorada polémica através das colunas do JORNAL DO COMÉRCIO, e da revista EXCELSIOR, ambos do Rio, entre o eminente historiador gaúcho AURÉLIO PORTO e o sábio paleontólogo e poliglota DR. J. AGOSTINHO PADBERG-DRENKPOL sobre a grafia e a significação da palavra *Caaró*. O primeiro, invocando o afamado Vocabulário Guarani, An. da Bibl. Nac. VII, de BATISTA CAETANO, que, por sua vez, estriba na incontestável autoridade do padre ANTÔNIO RUIZ DE MONTOKA, autor do magnífico “*Tesoro de la Lengua Guarani*”, publicado novamente por JÚLIO PLATZMANN, Leipzig, 1876, — manda escrever *Caró*, traduzindo-o por “Casa de vespas” [*ca(ba)* = vespa + *ro (ga)* = casa], segundo MONTOKA, “*Conquista Espiritual*, Bilbao, 1892, LVII, p. 227; — sendo que PADBERG, apoiado em bons padrinhos antigos e modernos e em sólidas razões históricas, filológicas e botânicas, quebra lanças pela grafia de *Caaró*, traduzindo esse termo por erva (mate) amarga: *caá* = erva+ *ro* — amargo. — Ambos os pareceres merecem nosso acatamento.

Concordamos em que esse triângulo não é, na realidade, tão equilátero como o dos mapas mencionados. Atentando, porém, na pouca exatidão dos referidos mapas ou, antes, esboços cartográficos, a respeito dos rios e das distâncias de diversos pontos, poderemos facilmente concluir que o desenhista, quanto à localização do Caaró, pouco se preocupou com a precisão.

Inesperada confirmação encontramos recentemente em nada menos do que três mapas da monumental “Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata, Buenos Aires, 1936”, do sapientíssimo argentino padre Guilherme Furlong Cardiff, S. J. Nos mapas número 16, que é do padre José Quiroga, de 1749; número 18, provavelmente do p. Antônio Machoni, de 1700, e número 21, de “certo missionário veterano”, de 1744, este último reproduzido por Blanco, na História Documentada, p. 16/17, — aparece nitidamente ao norte de S. Lourenço e S. Miguel nosso Caaró, escrito aliás Caro ou Caaró. O de 1700 tem esta preciosa particularidade no espaço compreendido entre o rio Ijuí e as reduções de S. Nicolau e Caaro: “*Hic occisi sunt a Barbaris PP. Sta. Cruz/Rodrig./Castillo.*” Quer dizer: “Aqui foram mortos pelos bárbaros os padres Santa Cruz, Rodríguez e Castillo”.

No mapa 32, de 1760, da mesma coleção, com boas razões atribuído por Furlong ao padre José Cardiel, encontramos desenhado para o oriente de S. Miguel e S. João o sinal X, com a seguinte explicação: “Aqui mataron los Tapes à los V. V. P. P. Roque González, Juan del/Castillo, y Alonso Rodríguez.” Como se vê, há uma deslocação do ponto preciso em que morreram nossos mártires, porque, como adverte Furlong, o autor dessa carta mais se preocupou com dados históricos do que com a exatidão geográfica. Entretanto, a “região” apontada é a mesma que a dos mapas anteriores. Esta interessante carta foi reproduzida por “Hernández”, na sua “Organización Social de las Doctrinas Guaraníes”, II, 583; “Pastells”, na “Historia de la Compañia de Jesús en el Paraguay”, no princípio do tomo I; e “Furlong Cardiff”, na obra “Los jesuítas y la Cultura Rioplatense”, Montevideo, p. 27, ano de 1933.

5. Dom Diogo de Alvear, comissário da segunda divisão de limites entre as possessões luso-espanholas, no Sul do Brasil, após o tratado de Santo Ildefonso, de 1777, percorreu a nossa antiga região missioneira dos “Sete Povos”, viagem de que nos deixou relação, publicada nos “Anales de la Biblioteca”, Buenos Aires, t. III, p. 418-19.

Alvear, tendo mencionado as divisas das terras de S. Lourenço e S. Miguel sobre as cabeceiras (= piernas) do arroio Caroqué (ou Caarogué), diz textualmente: “O arroio Caroqué desagua no Ijuí com direção ao Norte: e é célebre na história das Missões pelo martírio dos três jesuítas Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez e João del Castillo, sucedido nas suas margens em 1628.”²⁸⁶

Nada obstante, sucede que hoje não há quem recorde de ter ouvido jamais pronunciar por ali o nome de Caroqué. Se, porém, é certo que Caaró dava para o N. de S. Miguel e S. Lourenço, as indicações de Alvear podem referir-se unicamente ao hodierno arroio Uruquá e suas nascentes. E, como aparece pela carta de Caaró por nós organizado, ao pé da coxilha da suposta Caaró passa um arroio, de nome Lagoão, que desemboca no Uruquá. Desde muito, suspeitávamos que o Caroqué dos antigos outro não era que o Uruquá dos nossos contemporâneos. Quem nos tirou a dúvida foi o dr. Hemetério Veloso da Silveira, conhecedor, como poucos, da velha região missioneira.

Na sua valiosa obra “As Missões Orientais e seus antigos domínios”,²⁸⁷ topamos a seguinte passagem: “Desse chamado Caaró nascia um arroio, que tinha o nome de Carocué, mas que hoje tem o de Uruquá (caramujo ou caracol de água doce), mas o povo geralmente pronuncia Unicoá.”

6. Numa obra do p. Bernardo Nusdorffer,²⁸⁸ sobre as Sete Missões Orientais, lemos que os joanitas (habitantes da redução de S. João Velho), mudando-se para a margem direita do Uruguai, passaram por Caaró, lugar do martírio do padre Roque, onde um miguelista procurava uns bois extraviados.

Não há duvidar que tudo isso concorda perfeitamente, se de fato Caaró demora no ponto localizado pelas escavações a que mandamos proceder.

7. É fato notório que Roque González de Santa Cruz, iniciador do afamado sistema das reduções guaranis, era dotado de admirável tino topográfico. Desta maneira, não somente conhecia as boas e as más qualidades das terras, mas até sabia quais os requisitos indispensáveis para o bom andamento de uma fundação entre selvagens e bár-

286. BLANCO, 253 - 254.

287. Op. cit. p. 265, Porto Alegre, 1909.

288. P. V. n.º 67, cit. por TESCHAUER, Vida e Obra? do Padre Roque González de S. Cruz, Porto Alegre, 1928, p. 119.

baros. Pois bem: o local descoberto na estância de Horácio Pinheiro Meneses parece distinguir-se por todas essas qualidades: é uma aprazível meseta de 500 m. de comprimento por 300 de largura, em forma de meia-lua, metade campo e metade mato alto com árvores velhíssimas, cercada por dezessete riquíssimas fontes de água cristalina e saborosa, engastada no meio de uma região ubertosa e apropriada para toda a sorte de criação e cultura.

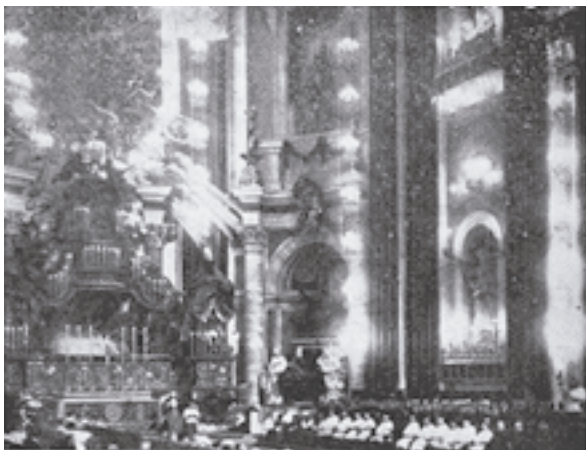
São estas as sete provas que nos ministram a tradição, as escavações, a história, a geografia, a botânica e a topografia, as quais enfeixadas num só argumento, nos induzem a admitir sem reserva que o palco onde se desenrolou, em 15 de novembro de 1628, a impressionante tragédia do trucidamento dos corifeus da civilização rio-grandense se encontra realmente na propriedade de Horácio Pinheiro Meneses.

Mas não é tudo ainda. Segundo piedosa crença dos devotos dos mártires, o Céu houve por bem confirmar sobre-naturalmente o que nos haviam fornecido os meios naturais.

O caso é este:

Certo senhor, muito devoto dos três mártires, desde vários anos se ocupava com a ideia de achar o verdadeiro Caaró. Até mesmo já empreendera com esse fim uma viagem de um dia e meio, acompanhado de mais dois amigos. Não descobriu, porém, coisa nenhuma. Algum tempo antes da nossa chegada para aquela zona, nosso homem — como no-lo narrou ele próprio — viu em sonhos uma pessoa (parece que um padre) vir do lado direito do Ijuí, do Cerro Azul, passar pelo povoado onde morava nosso informante, perguntar pelos três homens que haviam procurado o Caaró, na intenção de levá-los consigo, — o que entretanto não se fez naquele dia pelo adiantado da hora, — e rumar em direção da fazenda do Horácio. No outro dia seguiu ele ao peregrino, vendo ainda em sonhos a casa do fazendeiro, depois a coxilha, e mais para além um banhado, onde se submergiu, mas donde o tirou um sacerdote que lhe apareceu; encontrou no alto da coxilha uns homens fazendo escavações e que lhe disseram que estavam procurando o lugar do martírio do padre Roque e lhe mostraram cacos de louça e pedaços de madeira queimada. Aí nosso informante tomou, sempre em sonhos, uma picareta, bateu no chão, percebeu um som abafado e declarou: “Este é o lugar do martírio do padre Roque.” Os

outros examinaram o ponto e confirmaram sua exatidão. Por ali perto havia ainda uma erva amarga (quina) que o gado não come, mas que serve para curar gente enferma.



Solenidade da beatificação dos 3 mártires, na basílica de S. Pedro, em Roma: 1. Leitura do decreto da beatificação; 2. O celebrante virado para o povo; 3. A imagem dos mártires, ainda velada. (28 de jan. de 1934).



A peregrinação sul-americana no Vaticano, tendo nas mãos o decreto da beatificação dos 3 mártires.



O padre provincial Luiz Parola, S. J. mostra o coração do padre Roque ao Cardial Eugênio Pacelli, — hoje Pio XII, — quando legado papal no Congresso Eucarístico de Buenos Aires, em outubro de 1934.

Até aqui a singela relação do nosso amigo, que muito impressionado ficou quando, meses após, desde o dia 9 até 19 de janeiro de 1933, viu realizado em substância tudo o que já previra em sonhos com muita antecedência. Foi dedo de Deus?

Mas há outra coisa mais curiosa ainda. Um dos nossos companheiros mais fiéis e dedicados na procura do Caaró, cujo nome não estamos autorizados a revelar, — nos contou o seguinte, que ele, a pedido nosso, nos deixou por escrito:

Já desde vários anos eu me ocupava com a descoberta de Caaró; mas por falta de orientação, eu procurava em direção de S. Luiz, lá pelo Gritador. Quando, porém, ouvi que vossa reverência tinha partido com uma turma de trabalhadores para Caaró, não tive mais sossego, e na primeira oportunidade fui também para lá a fim de ajudá-lo. Trabalhamos toda a semana (desde segunda até o sábado), sem chegarmos a uma conclusão certa. Isso eu sentia muito, mas não perdi a esperança por causa da novena que o sr. estava fazendo com os operários. Voltando para casa no sábado à noite, eu estava triste. Minha mulher me perguntou pelo resultado dos escavações. Expliquei-lhe tudo. Aí ela me replicou: “Aqui deveria Deus dar um sinal do Céu, porque não há mais nada a descobrir por lá, mas eu me alegro muito pela novena que estão fazendo para descobrir o lugar do martírio.” E acrescentou que ela até à quarta-feira seguinte, último dia da novena, ofereceria diariamente a santa missa, comunhão e todas as orações e trabalhos nessa intenção. Eu, pondo toda a minha confiança em Deus, voltei segunda-feira de tarde ao Caaró, debaixo de forte chuva. A noite ficou escura e tenebrosa. Quando tudo estava descansando, entre as 10 e 11 da noite, me dirigi sozinho para o lugar das escavações a fim de rezar meu terço. Fiquei rezando bastante tempo. Aí senti o desejo de que Nosso Senhor desse um sinal para sabermos se aquele era realmente o lugar do martírio. Então, de repente, veio do Céu um facho de fogo, vermelho e brilhante, indo bater na terra num ponto perto de mim. Aproximei-me para examinar o lugar. Mas não havia nada de queimadura. Marquei, porém o ponto. Entretanto o raio luminoso se dirigira colina abaixo para o mato, onde desapareceu. No dia seguinte fui cavar no lugar assinalado e desenterrei a primeira cruzinha. Na noite imediata — cuidando que talvez fora ilusão — voltei a rezar no mesmo lugar, pedindo novamente a Nosso Senhor que me desse um

pequeno sinal sobre o lugar onde estivera a grande cruz. Subitamente brotou da terra uma pequena luz que ficou cada vez maior até se transformar numa grande chama. Quando a chama desapareceu, fui logo ao lugar, mas não achei nada de queimadura; marquei, porém o ponto, e desenterrei no dia seguinte a segunda cruzinha.

Até aqui a informação escrita e oral do nosso informador.

Quem sabe se Deus Nosso Senhor não quis tirar toda a sombra de dúvida no intuito de que se iniciasse imediatamente a veneração dos seus servos naquele lugar, os quais, um ano mais tarde, subiriam às honras dos altares?

Se assim foi, seria de se poder aplicar a todo o visitante do Caaró — com as devidas restrições e ressalvas — o sentido das palavras que o Senhor, falando a Moisés no deserto, proferiu do meio da sarça ardente: “Não te aproximes daqui; tira o calçado dos teus pés, porquanto o lugar em que estás é terra santa.” (Exod. 3,5).

Posescrito. No ano de 1935, a província brasileira do Sul, da Companhia de Jesus adquiriu por compra 2 hectares e meio de terra, aos quais o sr. Horácio Pinheiro Meneses acrescentou generosamente mais um meio hectare, rio lugar preciso do martírio, onde em 15 de novembro do ano de 1936, foi colocada a pedra angular de uma modesta capela, inaugurada solenemente em 1937. O santuário ficou anexo à paróquia do Cerro-Azul, servida por padres jesuítas.

40. A LOCALIZAÇÃO DE ASSUNÇÃO DO IJUÍ

(Janeiro de 1935)

Escassíssimas são as referências sobre a sorte dos povoadores dessa redução após os acontecimentos que remataram com a derrota e a fuga de Nheçú. Donde deduzimos que o Pirapó (Pirá = peixepog = bexiga: bexiga de peixe), nome generalizado já no século XVII para designar a região do baixo Ijuí, — não tornou mais a ser ocupado por missionários. E como os seus habitantes já não tivessem chefe espiritual nem temporal, emigraram, ao menos na maior parte, para a outra margem do Uruguai, onde foram agasalhados pelos cristãos da fronteira São Xavier.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existem ainda as atas de um acirrado processo suscitado no fim do século XVII entre os índios do povoado da Conceição e os de S. Xavier, sobre a posse das terras que se encontram à margem oposta do rio, i. é entre a direita do Ijuí e a esquerda do Uruguai.²⁸⁹

Nesse pleito, — que leva a data de 1699, ano em que foi apresentado ao julgamento do provincial Inácio Frias, e no qual depuseram vinte e três missionários jesuítas, perfeitos conhecedores da história e geografia daquelas terras, — encontramos dados e pormenores que nos orientaram decisivamente para localizarmos com relativa rapidez e segurança o lugar da morte do terceiro mártir rio-grandense.

Um daqueles informadores diz que bem poucos índios da parcialidade de Nheçú ficaram no Pirapó quando o famoso feiticeiro fugiu Uruguai acima; e, citando a Montoya (Conquista, 235) escreve: “Seus vassallos todos temo-los hoje (i. é em 1639) numa muito boa povoação, chamada S. Xavier, e os cúmplices nas mortes dos santos

289. Col. de Angelis, I, 29-3-43, cuja cópia devemos à gentileza do amigo Aurélio Porto. cana-de-açúcar, figos, cera e madeira de lei, sobretudo cedro, com que fabricavam suas canoas e faziam tábuas para as igrejas de S. Nicolau e S. Luiz Gonzaga. — Além disso informa o padre Tolu que no Pirapó havia um lugar para onde vinham muitos índios a fim de falar com o demônio; mas que o padre Remígio Domingos de Torres foi para lá com os de SL Xavier para “despenar la frente dei diablo.”

vivem bem arrependidos e envergonhados.” Daí concluímos que Assunção do Ijuí não foi mais povoado de padres, tendo passado seus moradores para a banda direita do Uruguai.

Outro missionário declara que, em 1663, havendo falta de suficiente alimentação em S. Xavier, porque suas terras já eram cansadas, foram os índios fazer plantações na margem esquerda, uma vez que se consideravam ainda donos das antigas possessões de Nheçú; donde, porém, foram constrangidos a sair por causa das invasões dos bárbaros gentios, que haviam aprisionado e morto alguns índios de S. Xavier. Entretanto assevera o p. Roxas, no mesmo processo, que a razão de os caciques do Pirapó não terem voltado ainda para a margem esquerda do Uruguai, embora muitos fossem naturais de lá, era o medo aos portugueses de S. Paulo.²⁹⁰

As referências feitas ao lugar onde foi trucidado o p. Castillo serão examinadas mais adiante.

Reconhecemos, com lealdade, que o lugar onde sucumbiu Castillo nos ficou durante longo tempo tão oculto que, ainda um ano depois da descoberta do Caaró, duvidávamos seriamente da possibilidade de se desvendar satisfatoriamente esse mistério. Entretanto quis a bondade divina que, quase inesperadamente, obtivéssemos os documentos um após outro, os quais nos levaram à descoberta definitiva da verdadeira Assunção do beato padre Castillo.

Vamos, pois, expô-los um por um ao exame do curioso leitor, começando pelos mapas.

1. O mais antigo de todos, desconhecido ao próprio Rio Branco, é o fac-similado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Ano XVI, I trim., 1936, p. 12/13, e, em 1936, mais nitidamente reproduzido na “Cartografia del Rio de la Plata”, lâmina 2, do padre Furlong. Sendo esse mapa presumivelmente o do padre Luiz Ernot, e do ano de 1632, — quer dizer apenas 4 anos depois da morte de Castillo, — não lhe podia faltar a designação do lugar do martírio desse herói. Efetivamente, no apertado triângulo entre a margem direita do baixo Ijuí e a esquerda do Uruguai, aparece a palavra Assumpaon, vocábulo em que o desenhista juntou a letra c com o i, dando Assumpaon em vez de Assumpción.

290. As principais produções do Pirapó, naquele tempo, eram gado vacum e cavalar, erva-mate,

2. A mesmíssima palavra topamos repetida no mesmo lugar pelo afamado mapa do Paraguai, dedicado em 1647 ao padre Vicente Carrafa, cujo título é: “Paraguária/vulgo/Paraguay./Cum adjacentibus.” É o primeiro dos 29 da coleção de Rio Branco e o terceiro da Cartografia de Furlong,

3. Deslocado um pouco mais para o Norte, encontramos o lugar: Assomption, no mapa de 1703, cujo título é: Carte/du Paraguay/ du Chili/ du Detroit de Magellan... Par Guillaume De l’Isle... 1703. É a carta n.º 6 de Furlong.

4. ótimo achado é o que traz 9 mapa 21 da Cartografia de Furlong, — mencionado já no capítulo anterior — da autoria de velho missionário da Companhia de Jesus, do ano de 1744, onde aparece no rodapé uma cruzinha com esta legenda: + (sinal da cruz) Signat loca, quibus Guarany occasione primae Suae conversionis Sequentes Patres Societatis Jesu morte violenta affecerunt (+ (sinal da cruz) Marca os lugares em que os guaranis, ao tempo da sua primitiva conversão, deram morte violenta aos seguintes padres da Companhia de Jesus) ... In Caaro intra oppida S. Michaelis et S. Laurentii Patres Rochum González et Alphonsus Rodríguez/ (e o marca com uma cruzinha),/Ad flumen Yjui propius ad Uruguay flumen P. Joannem Castillo (= i. é ao padre João Castillo perto do rio Ijuí, para as bandas do rio Uruguai) e o designa com outra cruzinha.

5. O 5.º é o já mencionado croquis de mapa, cujo título é “Misiones S. J. a. 1744”, com esta assinatura: “Joh. Christoph Winkler sculpsit Viennae.” Traz à margem direita do baixo Ijuí uma meia-lua encimada por uma cruz, sinal manifesto de capela ou lugar sagrado.

A 6.a carta — a mais preciosa de todas — é a que foi descoberta por Aurélio Porto na mapoteca do Museu (do Estado) Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (Gav.-G; Classe-X; Ordem-28; Ordem Geral - 551, com 58 X 40,5 cm. de tamanho), cujo original, agora desconhecido, acompanhou outrora aquele processo entre Conceição e S. Xavier, ao qual já nos referimos no princípio deste capítulo. Forma hoje o n.º 50 da “Cartografia Jesuítica”, mapa sobre o qual Furlong fez criteriosa análise nas páginas 130 -134.

Nesse famoso pleito, pois, no depoimento feito pelo padre José de Tolu, que foi longos anos cura de S. Xavier, há uma notável passagem. Mencionando ele as terras do triângulo entre a margem direita

do Ijuí e a esquerda do Uruguai, fala num canavial nas “terras e povoação do cacique Nheçú, e se chama (o povoado) Neçu retangue, cujo cacique matou ao venerável padre João del Castillo”.²⁹¹ No mesmo escrito menciona Tolu um “mapa [daquela região] que deixei em meu aposento.”

Pois bem, nesse mapa, que deve ser o do Museu de Júlio de Castilhos, encontramos no centro o rio Yluiguazu (Ijuí grande, — para distingui-lo do Tiuhniri), — em cuja margem direita, junto a uma grande curva desse rio, vemos uma cruz, ao pé da qual lemos as seguintes palavras guaranis, algo adulteradas pelo copista:

M Negupaso Nesuretügue / Paiyuiahague / Ayrigua / Guãirirã / neombatud.

A tradução desses vocábulos é de um valor extraordinário. Ei-la:

M (se não for erro de cópia) é possível que seja a partícula guarani Mamõ = lugar **onde** (Padberg-Drenkpol), ou então a inicial da palavra Mõmbĩrĩ — um pouco afastado, não longe.

Negupaso, ou antes Ñezupaso, compõe-se de Ñezu + paso (= passo, vau), isto é “Passo ou Vau de Nheçú”. Também poderia ser: Ñãñũ = no lamacento passo ou vau (José A. Rodríguez, S. J.)

Nesuretügue, ou mais exatamente: Nezu rétã güé, quer dizer: Nheçú + rétã= terra ou região, + güé (que ou cué), partícula que indica pretérito = que foi. Logo temos: “Terra que foi de Nheçú”. E não é isso o mesmo que dizia o padre Tolu no seu depoimento?

Paiyuiahague é combinação de **Pai** = padre, sacerdote; yuia é errata, em vez de yucá = matar, assassinar; **hague**, ou melhor hagüé, é partícula que forma o pretérito da voz passiva do verbo precedente. Portanto, Paíyucáhagüé = padre foi morto, ou assassinado.

Ayrigua, talvez seja ári(gua) = sobre; ou então aguĩ (gua) = bem perto, próximo.

Guãirirã é possivelmente o mesmo que Guavirá, arbusto muito apreciado no Paraguai (José A. Rodríguez), que talvez tenha parentesco com a nossa guabiroba.

Neombatud. Termo muito estropeado pelo copista. Se fosse **ñôngatú**, a tradução seria = se guardou (J. A. Rodríguez).

291. Col. de Angelis, I, 29 - 3 - 43.

De modo que teríamos este surpreendente resultado:

Não longe do lamacento vau de Nheçú, em terras que pertenceram outrora a Nheçú, foi massacrado um padre, próximo ao guarivá se guardou.

Nosso tradutor guarani não garante pela exatidão das últimas três palavras por serem manifestamente adulteradas. Porém as outras todas são de uma força comprobativa excepcional, e nos guiaram na descoberta rápida e decisiva como em breve se dirá.

O 7.º mapa é o que ilustra a página 9 do 1.º volume da “Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús”, do padre P. Hernández, onde vemos à margem direita do Ijuí a palavra “Assunción dei Ijuí”, ao lado de uma cruz vermelha, interpretada nas “Referências” como “paraje en que fué martirizado el P. Juan del Castillo S. J.” É pena que Hernández, autor aliás seguríssimo, que revolveu montanhas de documentos, não nos diga as razões em que se estriba por colocar o lugar que estudamos justamente naquele ponto.

São estes os principais argumentos que nos ministra a cartografia.

Mas vejamos ainda brevemente as pesquisas realizadas “in loco”.

Primeiro que tudo recordemos de relance estes três fatos, narrados nos capítulos passados:

1º que Nheçú residia com sua gente sobre o dorso de uma vistosa coxilha, à margem direita do Ijuí;²⁹²

2º que o beato padre Castillo foi arrastado em direção de S. Nicolau por paus e por pedras coxilha abaixo cerca de três quartos de légua, através de um ou dois arrolos;

3.º que os assassinos só fizeram alto à margem do rio Ijuí, onde deixaram ao mártir com o rosto mergulhado num lodaçal no intuito de que os tigres o devorassem durante a noite, depois de lhe terem moído os ossos com pedras.

De posse desses dados históricos e cartográficos e munidos de um pormenorizado “croquis” de mapa daquela zona, gentilmente fornecido pelo Serviço Geográfico do Exército, de Porto Alegre, en-

292. São 11 kms. abaixo do Salto do Pirapó, onde se encontra poderosa usina hidráulica, — e cerca de 50 kms., em linha reta, distante do Caaró.

caminhamo-nos ao Pirapó em janeiro de 1935. Do Cerro Azul fomos conduzidos em auto de um amigo, no domingo dia 20 de janeiro, até à nova colônia de S. Roque (ou antes Sede de Roque González), distante 32 kms. em direção ocidental, onde estabelecemos nosso centro de irradiação, em casa do professor Artur Schuh.

Fazendo um pouco de propaganda entre aqueles religiosos moradores, conseguimos desde logo a promessa entusiástica de sete homens e moços que se prontificaram a acompanhar-nos nas pesquisas do lugar do martírio do santo que era “deles mais do que de ninguém”. Nos quatro dias subsequentes o número de exploradores chegou até quarenta.

Abalamos em direção ao rio Uruguai.

Sabendo que “Assunção do Ijuí” ficava a três léguas de S. Nicolau (hoje ainda, mas fracamente, povoada), outras três de Candelária (ainda não bem localizada em nossos dias) e quatro de S. Xavier (sita sobre o barranco direito do Uruguai, com cerca de 3.000 almas), nossas inquirições deviam, forçosamente, jogar dentro de um circuito de poucos quilômetros quadrados.

Seja dito de passagem que a légua de que se tratava aqui era provavelmente a légua marítima, com seus 5.555,55 metros (isto é 20 para um grau de latitude), ou então a antiga - légua de Castela, de 5.572,7 metros.²⁹³ Como veem, a diferença entre estas duas medidas era desprezível, e, portanto, pouco fazia ao caso que tivesse sido uma ou outra.

Além disso, as distâncias indicadas pelas diversas testemunhas oculares do martírio do padre Castillo, variavam entre meia légua e cerca de uma légua, pela qual, diziam, fora arrastada a vítima. Tratava-se portanto de um trajeto de 3.000 para 3.500 metros.

O problema a ser resolvido era pois achar um espaço de caminho do mencionado tamanho, que, partindo de uma coxilha ao lado direito do Ijuí, cruzasse um ou dois arroios, através de péssimo caminho, em direção do vau do Ijuí, para chegar a S. Nicolau.

Pois bem. Graças à carta do Serviço Geográfico, logo no primeiro dia já pudemos abandonar todos os pontos que nos haviam sido indicados como merecedores da nossa atenção: faltava-lhes alguma nota indispensável para entrar em discussão.

293. Segundo PADBERG-DRENKPOL, numa carta particular ao autor.

No segundo dia, sempre à mão daquele mapa, com sua escala métrica bem delineada, cruzando matos, campos e banhados, a pé e a cavalo, subindo pontos elevados para examinar o horizonte, sob o sol causticante de janeiro, atingimos uma formosa coxilha, com magnífico panorama para todos os lados, medindo mais de meio km. de diâmetro, sendo plana no alto e morrendo suavemente para todas as direções, e cercada de diversos olhos d'água.

Seria este o “muy lindo puesto” de que fala Romero? Importava tirá-lo a limpo. A distância até S. Nicolau não era má; a da antiga Candelária ignorávamos; a de S. Xavier combinava mais ou menos. E a grande curva do rio Ijuí, apontada no mapa de Tolu, lá estava com toda a sua imponência.

O que sobretudo nos prendeu a essa lombaa, foi justamente a vizinhança do “Vau Velho”, como hoje lhe chamam, o único em toda aquela banda, ainda agora em uso quando o rio tem pouca água, e que a nosso entender outro não era que o “Passo do Nheçú”. Era pois manifesta a direção tomada pelos assassinos: partiram do alto da coxilha para arrastar ao mártir até S. Nicolau através daquele vau, que, em meados de novembro, já daria passo aos índios.

Restava verificar se, entre a colina do Nheçú e o vau, havia um ou dois arroios, com péssimos caminhos, dos quais falam as testemunhas.

Também isto foi por nós descoberto. Descendo da coxilha, designada por uma cruz na “Carta da 1.^a Zona Civilizada”, em direção ocidental, topámos um caminho cheio de pedras, e, a poucas centenas de metros, estávamos à margem do arroio Gramado, que dá um único passo, a mil metros acima da sua barra no Ijuí, vau cheio de rochedos e pedras.

Continuámos a marcha em dois grupos: uns ladeando o Gramado, outros mais terra adentro através de uma sanga, que, em tempo de chuva, torna-se regato, e, por isso, fosse talvez considerada por uma das testemunhas como segundo arroio, que o mártir teve de cruzar.

Tendo atingido a furiosa corredeira da “Aspa de Vaca”, marcada no mapa da 1.^a Zona Civilizada, isto é cerca de dois mil metros abaixo do vau do Gramado, fizemos alto, na convicção de já havermos vencido aproximadamente os três mil para três mil e quinhentos metros.

Examinando mais de perto a topografia, constatamos, com admiração, que justamente naquele ponto desembocava no rio uma sanga barrenta, em cujo lodo muito bem puderam os assassinos ter deixado submerso o rosto do mártir, como se disse acima. Outrossim nos causou surpresa que, em ponto falto de pedras, ainda encontrássemos umas poucas pedras, do tamanho de repolho, que talvez fossem os instrumentos com que moeram os ossos do padre Castillo. Por fim, reparamos que o mato, bastante espesso, oferecia ali, à margem da sanga, a poucos metros do Ijuí, uma clareira de uns dez metros de diâmetro, sendo que todas as árvores mais velhas que a rodeavam estavam marcadas com sinais já bastante apagados pela ação dos anos, prova evidente de que alguém quis fixar aquele ponto na intenção de segurá-lo para a posteridade.

Na firme convicção de que tanto a distância desde a coxilha, como os dados históricos concorriam admiravelmente naquele sítio, erguemos uma tosca cruz para nossos continuadores saberem onde, segundo os nossos cálculos, terminara seus dias nosso mui prezado e glorioso irmão em Cristo padre João del Castillo. Eram 16 horas da quarta-feira, dia 23 de janeiro. É o lugar designado por uma cruz no mapa da 1.^a Zona Civilizada, junto à cachoeira da “Aspa de Vaca”.

Desde essa cruz até ao centro da coxilha são mais ou menos três mil metros de distância.

É de lastimar que nenhuma das testemunhas nos revelasse em que ponto preciso daquela lomba esteve a moradia do padre, palmo sagrado de terra, em que esse herói iniciou a sua derradeira marcha terrenal. Possivelmente foi numa borda do planalto, visto que ao tempo de o missionário vir estabelecer-se entre a gente de Nheçú, este caudilho já lá morava em 35 galpões, que muito bem podiam ter ocupado a maior parte daquela planície. Entretanto, para nos aproximarmos o mais possível do ponto exato, erguemos segunda cruz no meio da coxilha, assinalada por uma cruzinha no mesmo mapa. Isto fizemos todos, com visível religiosidade, depois do meio-dia de 24 de janeiro de 1935.

Compare o leitor o mapa da 1.^a Zona Civilizada com o fragmento do mapa do padre Tolu, e verificará que a grande curva do rio Ijuí em ambos aparece ali com luz meridiana.

Valiosíssima confirmação da nossa descoberta trouxeram-nos as cópias daquele processo entre Conceição e S. Xavier, ao qual já nos referimos, e que nos foram postas à disposição por Aurélio Porto.

A primeira é do padre Cristóvão de Altamirano, que declara em 2 de novembro de 1697: “Não recordo o nome próprio (do lugar) em que mataram ao padre João del Castillo, porque já são mais de 66 anos que isto sucedeu; só me lembro que foi em direção ao Pirapó (hacia el Pirapó)”. Logo a seguir ele diz que a paragem se chamava Pirapó, “terra e povoado do cacique Nheçú e seus vassalos, cinco léguas de S. Xavier, da outra banda do povo (de S. Xavier), entre o Uruguai e o Ijuí-guaçú”.

Devemos confessar que essas “cinco léguas” mencionadas por Altamirano, à razão de 5.555,55 metros, nos causaram à primeira vista, uma enorme decepção, porque de S. Xavier até o lugar por nós designado como o do martírio, são bastante menos de cinco léguas, em linha reta.

Mas prossigamos na leitura dos depoimentos. Em 10 de junho de 1698, escrevia o padre Salvador Roxas, que foi cura de S. Francisco Xavier: “E o certo é que, não distando, como vossa reverência me escreve, mais de quatro léguas [o negrito é nosso] desse povo (de S. Xavier até a terra de Nheçú), a natureza das coisas pede que se aplique [o erval de que se tratava] a esse povo e não a outro algum.”

Por fim, o já mencionado padre José de Tolu, muitos anos cura de S. Xavier, nos ministra, no seu relatório, que leva a data de 13 de julho de 1698, estes valiosos dados: “As terras da outra banda do Uruguai, onde havia um canavial que plantou o p. André Gallego e levou avante o p. Alonso Delgado e eu, até o rio Ijuí-guaçú, foram terras e povoação do cacique Nheçú, e se chama Neçuretangué. O cacique matou ao venerável padre João del Castillo, e muitos dos seus vassalos passaram para S. Xavier. Por isso o padre Ricardo, com licença dos superiores, aplicou essas terras a S. Xavier, sem que nenhum povo ou pessoa contradissesse.”

E acrescenta nosso informante que o padre André Gallego, com José Amenda, passou para a outra banda do rio a boiada, pondo-a para engordar detrás do canavial, mas que as vacas se alçaram entrando pelos matos adentro; que mais tarde, por volta de 1683, com licença do p. provincial, ele, padre Tolu, havia passado novamente para o lado

do atual Rio Grande outras quatro mil vacas, vindo a ocupar a estância de Neçuretangué, e que a chácara que tinha mandado fazer do mesmo lado do rio se chamava Tupâci coga (= casa da Mãe de Deus).

Completa essas informações o padre Paulo Restivo que torna a repetir que o assassino dos padres foi Nheçú, o qual morava no Pirapó, como era sabido de todos, entre o rio Uruguai e Ijuí-guaçú.

Antes de darmos fecho a este capítulo será de mister respondermos a uma objeção: O padre Pedro Romero, na sua carta de 1629, dirigida a Hernandárias um ano após a morte de Castillo, afirma expressamente que “Assunção do Ijuí ficava a três léguas de S. Nicolau.” Ora, sendo a distância que medeia entre a hodierna S. Nicolau e o ponto por nós localizado de 21 kms. aéreos, isto é quase quatro léguas de 5.555,55 metros, seguindo por uma estrada tortuosa teríamos ainda muito mais. À vista dessa dificuldade, A. Porto suspeita que a S. Nicolau fundada em 1628 pelo padre Roque, à qual se refere Romero, tivesse ficado mais perto do rio Ijuí do que a de 1687, que é a que alude nosso mapa da 1.^a Zona Civilizada, cujas ruínas ainda hoje subsistem.

Teschauer, porém afirma que os índios que voltaram em 1687 tornaram a ocupar a mesma redução que haviam abandonado antes.²⁹⁴

Vamos aventar outra explicação. Como se trata de uma diferença de uns oito quilômetros, isto é, entre 17 e 25 aproximadamente, estava malinformado o padre Romero pelos índios, os quais como todos sabemos, têm péssima noção de distâncias, sendo que ele próprio, desde a morte do padre Castillo até a data da carta, ainda não havia estado pessoalmente no Pirapó, em Assunção do Ijuí, o que aliás teria manifestado ao governador.

As cinco léguas que indica Altamirano como existentes entre S. Xavier e o Nheçuretangué, somente saem havendo um caminho muitíssimo tortuoso. As quatro léguas, porém, lembradas por Roxas, não causam dificuldade, mormente seguindo-se a atual estrada que conduz do Cerro Pelado ao Cerro Azul.

Além disso, as condições topográficas, descritas pelas testemunhas oculares do martírio, em ponto nenhum se verificam tão cabalmente como no que indicamos junto à margem direita do baixo

294. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos, vol. II. p. 4 e 5.

Ijuí, um pouco acima da corredeira de Aspa de Vaca, lá onde a coordenada do mapa da 1.^a Zona Civilizada marca 55°06'45" de long. de Greenwich e 28°03'11" de lat. Sul.

Posto tudo isso, parece-nos que a estrada que foi tingida com o generoso sangue de nosso bem-aventurado padre João deL Castillo, ficou assim definitivamente localizada junto ao riacho Gramado, afluente da riba direita do baixo rio Ijuí, tendo por isso jus à nossa veneração.

41. A GLORIFICAÇÃO

A honra superna com que nossa S. Madre Igreja soe galardoar as benemerências dos seus filhos, já passados à melhor vida, é enaltecendo-os às honras dos altares e propondo-os à imitação dos cristãos como modelos consumados de santidade. Não se cuide, porém, que nisso ela procede sem critério, a seu bel-prazer. Muito ao contrário: se em algum ponto de disciplina religiosa ela se mostra escrupulosa e até inexorável, é justamente nessas causas. Deve constar clarissimamente que o candidato à beatificação e canonização foi um herói nas três virtudes teologais da fé, esperança e caridade e nas quatro virtudes morais da prudência, justiça, fortaleza e temperança, e — tratando-se de um mártir — ainda deve ficar provado ter o mesmo sido morto por um tirano ou perseguidor em ódio à fé de Cristo ou a alguma das outras virtudes cristãs, morte aceita voluntariamente pelo paciente, ou como se exprimem os canonistas: *“Perpressio voluntaria mortis a persecutore illatae in odium fidei aut alterius virtutis christianae.”*

Logo, para que num adulto haja martírio perfeito ou formal requerem-se quatro elementos: 1.º um perseguidor; 2.º morte realmente infligida; 3.º por causa do ódio à fé e 4.º aceitação voluntária por parte do paciente.²⁹⁵

Quem acompanhou a relação do martírio dos padres Roque, Afonso e João como foi descrita nos capítulos 30 e 31 e prestou atenção às declarações dos próprios assassinos, terá compreendido que o instigador ou causante moral da morte das três vítimas foi única e exclusivamente o feiticeiro-mor Nheçú.

No tocante à realidade do falecimento desses campeões da fé, — dois deles derribados a golpes de itaiçá e logo jogados à fogueira, e o terceiro, ferido, arrastado na distância de três quartos de légua por paus e por pedras, e com a cabeça esmigalhada com pedras e queimado no dia seguinte, — ninguém jamais pôs em dúvida seu óbito real em consequência desses padecimentos.

295. HERNAN J. RINSCH, S. J., em Revista Eclesiástica del Arzobispado de Buenos Aires, Año XXIX, 15-VI-1929, n.º 360, p. 330.

Relativo ao terceiro requisito, i. é à causa ou motivo que produziu aquelas mortes, — sendo a causa aquilo que constitui a nota característica e determinante no martírio, — não podemos agradecer devidamente ao capitão Manuel Cabral o insigne serviço que nos prestou, deixando esclarecido com brilho meridiano um ponto tão capital pelo interrogatório judicial perante muitas testemunhas a que sujeitou os mesmos executores ou autores físicos daqueles assassinios.

Quem conhece dois dedos de história colonial sul-americana, não ignora que elevado número de europeus ou descendentes de brancos foi barbaramente trucidado pelos selvagens a começar por Solís, o descobridor do Rio da Prata. Mas também sabe perfeitamente que esses atos foram sempre inspirados pelo ódio ou a vindita, nascidos de injusta opressão, de ultrajes pessoais, ou de lesão da liberdade natural do ameríndio.

Pois bem, nenhuma sombra de semelhante vingança transpira nos dois interrogatórios presididos por Cabral, onde não só os próprios assassinos, mas também todas as testemunhas oculares e auriculares, tanto cristãos como pagãos, depõem unanimemente que eles, impelidos pelas mais graves ameaças, foram constrangidos a dar morte aos padres: primeiro, por estes terem sido contrários à supina soberba de Nheçú, que se fazia adorar como deus e se atribuía poderes divinos; e, segundo, porque a nova religião vedava a poligamia e a licenciosidade de costumes, vícios a que Nheçú não queria renunciar. E como ele visse na humildade e pureza cristã — que os padres tanto inculcavam por palavras e exemplo — um irreduzível empecilho, determinou eliminar violentamente não só os que estavam na sua própria terra, como ainda todos os pregadores dessa odiada doutrina no alto Uruguai, dando ordens ou convidando os respectivos chefes de acompanhá-lo nessa obra exterminadora. Realmente não precisou de ser lá muito perspicaz o pagé-guaçú do Pirapó para compreender que, se os seus vassalos abraçassem o cristianismo, em breve já não haveria quem lhe rendesse homenagens divinas, como tão pouco quem lhe fornecesse pasto para a sua devassidão.

O argumento de que foi realmente o ódio à religião de Cristo que impeliu a Nheçú, fica brilhantemente corroborado por aquela comédia litúrgica na qual escarneceu do batismo e pretendeu “desbaptizar” as crianças; como ainda pela profanação das alfaia religiosas,

a destruição dos templos, cruzeiros e imagens; e, por fim, — como “ad-minículo” (na expressão de Bento XIV) a intervenção da justiça divina, denunciando pela erupção virulenta da pele aqueles que haviam deitado mão sacrílega nos ministros do Senhor.

Posto isso, já ninguém poderá pôr em dúvida que a causa do martírio foi de fato e exclusivamente o ódio à fé e à virtude cristã.

Maior dificuldade apresenta a quarta exigência: a prova da aceitação voluntária da morte por parte dos três jesuítas.

Costumam os teólogos distinguir várias espécies de aceitação do martírio: aceitação atual, — a melhor de todas, — quando a vontade o admite atualmente; virtual, quando a vontade já exerceu o ato de aceitação, perseverando, não em sua entidade física transitória, e sim pelo poder ou influxo que desenvolve nos efeitos; habitual, se a vontade aceitou ou desejou alguma vez o martírio, e nunca retratou essa aceitação por um ato contrário à mesma; interpretativa, quando de fato não houve ato da vontade, mas presume-se com razão que o paciente teria admitido o martírio se tivesse pensado nele. Esta última é unanimemente considerada como insuficiente para alguém se poder dizer mártir.

Quanto às outras três espécies, vimos que o beato Castillo aceitou atualmente e de uma maneira verdadeiramente heroica o seu trucidamento, depondo imediatamente qualquer resistência quando lhe disseram que vinham para matá-lo, pedindo que o deixassem morrer em S. Nicolau junto a seus irmãos, e até agradecendo-lhes o favor que lhe faziam tirando-lhe a vida por Cristo, e mais ainda mandando amarrar de novo a mão que se lhe soltara naquela via dolorosa. Neste particular cabe a melhor palma ao mártir do Pirapó, que para tão grande graça se preparara meses e até anos a fio, como vimos pelo que dele nos conservou escrito-o p. Boroa.²⁹⁶

Respeito à aceitação do martírio por parte do beato Rodríguez, é certo que teve a habitual e virtual, depois de uma vida toda mortificada e de trabalhar zelosamente por dois anos entre os ferozes guaicurús, “a gente mais ruim de quantos se conhecem nas índias”, segundo se exprime ele mesmo (cap. 26), e após de ter suplicado insistentemente ao p. Roque um posto bem difícil onde sua vida corresse risco.

296. Capítulo 28.

Porém, considerando o que fez e disse naqueles poucos minutos que mediaram entre o traspasse dele e o do p. Roque, não podemos negar que também ele aceitou a morte voluntária e deliberadamente, uma vez que, tendo se dado conta do fim violento do companheiro, tentou ir morrer ao lado dele, ou, conforme outra versão, encaminhou-se para a capela, não opondo nenhuma resistência, e, já mortalmente ferido, ainda chamou de “filhos” seus próprios verdugos.

No processo de beatificação em Corrientes, várias testemunhas atestaram, sob juramento, ter sido pública voz e fama que os padres Castillo e Rodríguez desejavam derramar seu sangue por Cristo.

Vejamos agora os últimos instantes da vida do beato Roque. Tendo tido um fim tão súbito e fulminante, nenhum sinal externo pôde dar que nos denunciasse se ele aceitava aquela morte voluntária e deliberadamente. Até nos inclinamos a crer que naquela manhã — depois de ter enviado ao p. Romero um bilhete regorgitante de otimismo — bem longe estava a sua alma boa e santa de pensar num desenlace semelhante e tão iminente.

Contudo, sabemos que o “apóstolo dos guaranis”, por repetidos atos antecedentes de querer sacrificar sua vida por Cristo, teve aceitação virtual e habitual da morte, que, segundo a doutrina clássica de Bento XIV, lhe dá inteiro jus ao título de mártir da Igreja católica.²⁹⁷

Dos numerosos casos que provam a nossa asserção bastaria lembrar suas quatro famosas — para não dizer temerárias — explorações apostólicas a terras desconhecidas, legítimas “entradas” de autêntico bandeirante. Primeiramente sua penetração na terra dos temíveis guaicurús do Chaco, para as quais o bispo do Paraguai se recusou mandar padres seculares porque ele não os tinha para dá-los como “pasto de canibais”, mas para onde Roque, o noviço de meio ano, partiu afoito, chorado por seus amigos como se fosse à morte inevitável; — logo a sua ousada subida ao alto Paraná, rio habitado por selvagens hostis e ciosos da sua liberdade social e religiosa, para onde ninguém, por medo, quis acompanhá-lo, enfrentando impávido a morte, como quem desde muito havia oferecido a vida a troco de trazer a Nosso Senhor aquelas almas abandonadas; — depois seu duplo avanço pelo Ibicuí até a terra dos Tapes, na qual, como ele mesmo se exprime, “com haver feito tudo o que podia e ter arriscado sua vida duas vezes

297. De Servorum Del Beatificatione et Beatorum CanoBizatieie, Llb. III, c. 18, N.º 12-16.

para não desamparar aquelas pobres almas, tudo quanto propunha se lhe desfazia, armando-se todo o inferno contra ele de modo que pôde afirmar a seu superior que jamais haviam sido tão apertados seus trabalhos e peregrinações como no Ibicuí e no Tape”; — por fim, o estabelecimento de um posto avançado no próprio arraial de Nheçú, onde ele se apresentou ao menos três vezes, e pelas prudentes instruções que deixou ao padre Castillo, vemos que nenhuma confiança lhe inspirava aquele orgulhoso e sensualíssimo assalariado de Satanás.

Tudo vem confirmado plenamente por Manuel Cabral no processo de Corrientes, que menciona “os casos e perigos em que se viu o p. Roque e demais riscos de perder a vida, que ele tão pouco estimava, pelo amor e serviço de Nosso Senhor, arriscando-a cada dia pelo bem das almas.”²⁹⁸

Pois bem, por tudo isso e mais ainda pelos perigos que arrostou sem arredar pé perante as epidemias, as fomes, os trabalhos sobrehumanos, as serpentes e feras das selvas, perigos e naufrágios e extravios na imensidade das florestas, molestado dia e noite pelos insetos e a intempérie, a lidar diariamente com essas grandes e eternas crianças, os bárbaros nômades, boçais, indolentes, egoístas, versáteis e ingratos, afrontando a toda hora a perfídia dos pajés e a traição dos apóstatas, num meio ambiente destituído de todo o conforto material e humano, — devemos reconhecer que o beato padre González de Santa Cruz foi uma das figuras mais extraordinárias dos fastos da Igreja militante na América do Sul, ao qual podemos aplicar quase textualmente o que de si próprio dizia o Apóstolo das Gentes na sua segunda carta aos Coríntios, capítulo XI, vers. 26 e 27: “muitas vezes em viagens, entre perigos de rios, perigos de ladrões, perigos dos de minha nação, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos; nos trabalhos e na fadiga, em muitas vigílias, na fome e na sede, em muitos jejuns, no frio e na nudez.”

À vista disso, forçoso será reconhecermos que o padre Roque, se lhe faltou a aceitação atual da morte, nem por isso deixa de ser um verdadeiro mártir, pois que teve o martírio habitual e espontaneamente diante dos olhos, ansioso por imolar sua vida pela eterna salvação dos seus estremecidos índios.

298. BLANCO, p. 388.

Fica pois provado que os padres Roque, Afonso e João deram a Deus Nosso Senhor livre e generosamente o que de mais próprio e estimável possui o homem na terra, a sua vida, devendo por isso ser considerados mártires no pleníssimo sentido da palavra.

Sendo isso assim, já não admira que desde o início, sem contradição alguma, nossos três heróis fossem considerados e proclamados a boca cheia mártires e legítimos santos. Cronologicamente cabe a primazia nessa manifestação ao padre Tomaz de Urena, que no dia 20 de novembro de 1628, — quer dizer cinco dias depois do trucidamento dos padres Roque e Afonso e três após o do padre Castillo, — assim externava o seu sentir ao reitor do colégio de Santa Fé, depois de dizer que os cadáveres se haviam chamuscado: “Por tanto, para que no porvir sejam reverenciados por todos, como relíquias de mártires santos, mandei que mos trouxessem. Pois por nenhum outro motivo senão pelo ódio à fé e porque aqueles [índios malfetores] não queriam admitir o santo evangelho de Jesus Cristo, lhes tiraram a vida.”²⁹⁹

Recorde o leitor o carinho e as diligências com que os neófitos recolheram as relíquias, e as veneraram com suma devoção, como ainda as múltiplas homenagens prestadas à memória dos beatos nas bandas do Uruguai, Paraguai, Paraná e Rio da Prata, não apenas pelos jesuítas, senão por todas as famílias religiosas e pelas classes sociais. Com a rapidez do vento correu a fama das suas virtudes por todo o continente, pedindo os passos necessários para a sua próxima beatificação.

Por esta causa, volvidos apenas quatro meses, em 23 de março de 1629, com autorização do bispo de Buenos Aires, dom Pedro Carranza, carmelita, se instalava solenemente o “processo informativo” acerca do martírio, onde, sob as formalidades canônicas então vigentes, depuseram elogiosamente quatro respeitáveis sacerdotes, que haviam tratado intimamente ao padre Roque González desde a sua juventude.

No mês seguinte, em 27 de abril, o padre Diogo de Boroa, reitor do Colégio de Assunção do Paraguai, que tomara parte tão proeminente na reação dos índios cristãos, fazia uma importantíssima declaração juramentada — hoje conhecida só em fragmento — tão rica em pormenores sobre os padres González e Castillo.

299. Documentos para la Historia Argentina, XX, 379.

Não se satisfez o notário eclesiástico do processo de Buenos Aires com os depoimentos ali ouvidos, senão que expediu uma súplica respectivamente a frei João de Gamarra, franciscano de Corrientes, e ao padre Pedro Romero, jesuíta da Candelária, para que procedessem também ali, na forma de direito, ao interrogatório das testemunhas. Foi uma lembrança felicíssima. Assim se conseguiu que no ano de 1630, em Corrientes, depusessem nada menos de doze testemunhas, sobretudo militares, naturais do Paraguai, alguns deles amigos de infância do padre Roque, ou que haviam participado da expedição contra os sediciosos de Nheçú.

As testemunhas ouvidas pelo padre Romero, — como vigário e juiz eclesiástico do bispo do Paraguai e por ordem de dom Pedro Carranza, — foram seis indígenas cristãos, homens dignos e sérios, testemunhas oculares de muitos fatos.

Essas declarações, todas ajuramentadas, são documentos do mais alto valor histórico e pérolas da mais pura água.

A pedido do padre Múcio Vitelleschi, foi levada a Roma cópia autêntica dessas atas pelo padre João B. Ferrufino em 1633, juntamente com o coração do padre Roque.

Entretanto — caso realmente singular — parece que em virtude da ignorância no Rio da Prata da técnica do processo de “*non cultu*”, prescrito pelo papa Urbano VIII, a Santa Sé, ou mais propriamente a Sagrada Congregação dos Ritos, nunca expediu as assim chamadas “Cartas remissórias”, que deviam autorizar a prossecução do processo de beatificação, e isso não obstante as repetidas “Cartas postulatórias” de vários monarcas, numerosos príncipes eclesiásticos e civis, governadores e ordens religiosas. O caso dos mártires sul-americanos ficou votado ao olvido.

Contudo, na província do Paraguai, particularmente os jesuítas rio-platenses, insistiam ainda no século 17 e 18, até que também essas vozes ficaram abafadas pelo bramido da tempestade religiosa que se desencadeou contra a Igreja na segunda metade do século 18.º e que culminou na extinção da Companhia de Jesus.

Mas dentro da família inaciana, principalmente nas casas paraguaias, sempre ficou viva a memória dos seus mártires: era feriado o dia 15 de novembro e guardavam como uma espécie de relíquia a quinta que pertencera ao padre Roque.

Assim esteve parada a causa até o ano de 1904, quando ela foi entregue ao padre Francisco Ginebra, como vice-postulador, que, após o seu óbito, achou um diligentíssimo continuador na pessoa do padre Paulo Hernández, que teve a felicidade de encontrar no Arquivo de Buenos Aires, ainda intactas, as primeiras atas dos antigos processos.

Graças, pois, à incansável atividade de Hernández no Rio da Prata, e dos escritos de Teschaeur no Rio Grande do Sul, como principalmente à publicação das monumentais “*Cartas Ânua de la antiga Província del Paraguay de la Compañía de Jesús*”, editadas em boa hora pelo muito benemérito Instituto de Investigaciones Históricas da Universidade de Buenos Aires, sob a competente direção do padre Carlos Leonhardt, cartas habilmente aproveitadas pelo p. Blanco no processo de beatificação, — a vontade de ver os heróis de Caaró e Pirapó encumeados nos altares foi-se avolumando cada vez mais a ponto de tomar proporções verdadeiramente internacionais.

Afortunadamente, o padre Blanco, zelosa e inteligentemente secundado por alguns jesuítas argentinos, nomeadamente os padre Luiz Parola, Guilherme Furlong e principalmente o padre Tomaz Travi, o processo, preparado e reassumido com inexcédível perícia e exatidão em 1929, rematou no domingo, 28 de janeiro de 1934, graças à singular benevolência do saudoso Pio XI, com a solene beatificação dos mártires Roque González de Santa Cruz, Afonso Rodríguez e João del Castillo, com íntima satisfação e intenso júbilo de todos os amigos desses bem-aventurados no Brasil, na Argentina, no Paraguai e no Uruguai.

“Aqueles que predestinou, também os chamou; e aqueles que chamou, também os justificou; e aqueles que justificou, também os glorificou.” (Rom. 8,30).

42. FISIONOMIA FÍSICA E MORAL DOS TRÊS MÁRTIRES

Por mais diligências que envidássemos, nenhuma referência nos foi possível descobrir sobre a pessoa física dos nossos beatos. Por isso, neste particular, vemo-nos constrangidos a oferecer aos devotos dos nossos queridos mártires um retrato conjectural, tendo em mira as suas qualidades raciais, os trabalhos levados a cabo e as suas índoles, que, como todos sabem, não raro são espelho fiel das qualidades físicas.

Suposto isso, imaginemos ver no mais jovem dentre eles, no beato Afonso Rodríguez, um homem de 30 anos e meio, esbelto, franzino, trigueiro, cabelos pretos e crespos, olhar perscrutador, mas com o globo ocular habitualmente inflamado por piedosas lágrimas, e o corpo macilento em virtude da contínua mortificação dos sentidos.

Respeito ao seu perfil interno, sabemos-lo já profundamente piedoso e alma sequiosa da salvação e santificação de seus semelhantes.

Qualifica-o o provincial Mastrilli Durán, no catálogo de 1626, como homem “observante”. Efetivamente, foi modelo de religioso pela escrupulosa observância dos seus votos. No amor à pobreza foi eminente, como revelou na alegria com que deu de mão às comodidades, embora modestas, dos colégios da Europa, a fim de vir a esta infante América, onde tudo faltava e sobravam as privações. E, vivendo entre os atrasadíssimos guaicurús, muita vez certamente passava estreitissimamente, perseverando, contudo, de boa vontade no Chaco, até que a santa obediência o mandou para Itapúa. Escrevendo acerca dessa redução ao padre Afonso de Oballe, dizia-lhe que, das onze reduções do Paraná e Uruguai, somente quatro tinham com que passar bem pobre e escassamente, experimentando por essa causa muita penúria e trabalho, mas que tudo se sofria “gostosamente” pelo bem dos pobres índios. Vem a pelo perguntar aqui: Se nas quatro reduções mais folgadas passavam pauperrimamente, como levariam a vida as sete restantes? Com certeza era uma verdadeira miséria, todavia suportada “gostosamente” pelo estrênuo e fervoroso neopresbítero.

Mais singular foi a castidade de Rodríguez, da qual nos deu atestado o padre Ferrufino, seu superior e confessor, dizendo que no decurso de toda a vida, aquele mancebo conservou ilibada a cândida veste batismal. Essa graça extraordinária foi incontestavelmente uma dádiva preciosíssima de sua muito amada Mãe celestial, a quem ele tanto estremecia; foi o fruto maduro da sua especialíssima devoção à sagrada Paixão e Morte de Cristo e, ainda, a recompensa da sua constante vigilância sobre os sentidos, que ele mortificava a ponto de os superiores, muita vez, lhe irem à mão.

Não se mostrou menos perfeito no cumprimento do voto da obediência, como o patenteou nas diversas provas de destinações a que o sujeitaram os em que outra coisa não via senão a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas o ato de obediência mais meritória foi sem dúvida o que o fez desistir generosamente da brilhante carreira científica, sobretudo da teologia, para a qual tão pronunciada vocação mostrava, — profissão essa grandemente ambicionada pelos letrados da época, até por muitos religiosos, — para ir viver desterrado no coração da mata virgem, entre bugres traidores e volúveis. A garantia da sua boa vontade neste ponto vemo-la no entusiasmo com que aprendeu em poucos meses a tão arrevesada língua guaicurú. E quando, após dois anos de estéril labutar, o mandaram para Itapúa, o submisso religioso teve de começar a aprender novo idioma.

Assim, podemos piedosamente crer que, se a prematura morte o não tivesse arrancado ao convívio dos seus irmãos, admiráveis exemplos de santidade haveria legado ainda a seus pósteros essa alma de escol. E por isso é que não hesitamos em equipará-lo a S. João Berchmans, nascido apenas um ano antes dele, com quem ombreou, revelando muitos pontos de contato com o terceiro padroeiro da juventude.

Algo diversa da personalidade de Rodríguez se nos apresenta a do beato padre João del Castillo. Natural da Espanha central, com 32 primaveras, supomo-lo tipo antes baixo que alto, moreno, com olhos negros de expressão enérgica, rosto sempre risonho, traços finos de fidalgo, mas de corporatura enrijecida pela penitência, muito gentil no trato, respirando sua fisionomia pudicícia angelical e recato de puríssima donzela, na frase de Boroa.

Sua bendita alma, jamais envenenada pelo vírus do pecado grave, foi por ele flagelada anos a fio com o implacável azorrague da mais cruciante mortificação. O seu caráter colérico — que muita honra teria feito ao mais afoito toureiro espanhol — grandíssimo trabalho lhe deu. Já ouvimos de Nieremberg que Castillo, desde os tempos do noviciado pôs todo o empenho em habituar o seu corpo aos extremos do frio e do calor. À força de repetidos e quase importunos rogos, logrou que a primitiva destinação para o Peru lhe fosse permutada pela do Paraguai, onde sua ardorosa fantasia já prelibava os apuros da vida que lá seria obrigado a levar, como já acariciava a doce esperança de ser martirizado por amor a Jesus Cristo.

Calcando valorosamente aos pés todo o afeto terreno, despediu-se para sempre de seus pais, “firme na só esperança de padecer por Cristo”, como exprime nosso informante Nieremberg. Seu professor e particular amigo padre Boroa exalta-lhe a singular guarda da língua e a docilidade em satisfazer os desejos dos seus companheiros, fruto do admirável domínio de si mesmo. Os ataques à sua castidade foram repelidos com máscula energia, o que não deixa de ser indício de perfeita abnegação. A insolação que o prostrou em S. Nicolau quer-nos parecer foi consequência natural do seu excesso em aturar, talvez imprudentemente, os calores caniculares da zona subtropical, mal que suportou meio ano com a mais santa paciência. Posto que nenhum atrativo natural lhe proporcionassem os estudos neles persistiu com toda a aplicação até o fim.

Prova sobremodo pasmosa da heroicidade da sua abnegação, deu-a quando, padre novo, sozinho, sem arrimo e sem consolo humano, por mera obediência perseverou entre os selvagens do Pirapó, vendo seus bem-intencionados esforços desfazerem-se como a barrenta espuma do Ijuí. Contudo, genuíno filho e discípulo de Inácio de Loiola, gravou no papel esta sublime frase, que o canoniza: “Por nada deste mundo me apartarei do caminho que devo seguir.” Mas a passiflora mais mimosa que brotou no termo de toda a sua via dolorosa foi inegavelmente o haver ele, ao ser arrastado para cruelíssimo suplício, obsecrado a seus algozes lhe amarrassem de novo a mão que se desprendera da corda. Indubitavelmente, Castillo foi bravo e destemido cavaleiro da Cruzada de Cristo, no mais elevado sentido da palavra. E quem sabe se não foi na escola do mestre Roque González que ele aprendeu a ser cavaleiro?

Passemos agora a esboçar a figura desse mestre.

Mas, ao chegarmos a este ponto, devemos confessá-lo com lhanza, o historiador imparcial e sereno, — que temos procurado ser no decurso de toda esta hagiografia, — sente-se gravemente tentado a se transformar em panegirista, a fim de celebrar as glórias do maior filho do nobre Paraguai, o bem-aventurado padre Roque González de Santa Cruz.

Temos para nós que não andamos longe da verdade, atribuindo-lhe airosa presença, altura acima do comum, de 52 anos já cumpridos, a barba e o cabelo levemente grisalhos, tez bronzeada pelas intempéries, espadaúdo, de organismo robusto, porém oprimido por exaustivo e quase sobrehumano trabalho e maltratado por insuficiente alimentação e austeridade extrema. Caracterizam-no os olhos brilhantes e cheios de energia, capazes de subjugar a fúria dos bárbaros, realçados por sonora e vibrante voz, que impõe silêncio ou corta o discurso a caciques insolentes.

Roque González era excelente cavaleiro, andarilho tenaz, valente, e, por vezes temerário: em tudo, legítimo bandeirante, tipo de conquistador.

Sem embargo do seu porte varonil, quase severo, vibrava-lhe no vigoroso peito um coração terno como o da mais carinhosa mãe, que lhe conquista já no primeiro contato as mais francas simpatias assim de grandes e pequenos, como de europeus e silvícolas.

Vindo a falar acerca das suas virtudes, não sabemos qual delas merece mais encarecida, uma vez que em todas o vemos assinalar-se. Essa congérie de grandeza moral oscilava, qual pêndulo, entre dois possantes polos: a caridade para com Deus e a caridade para com o próximo, amores inseparáveis, em cujo cumprimento se cifra a perfeição e o complemento de toda a lei, consoante a palavra do próprio Redentor.

No início desta obra já vimos como Roque, desde os mais verdes anos, manifestava a sua caridade para com Nosso Senhor, fugindo como da peste a todo o pecado e às ocasiões de ofender a Deus, e vigiando para que também ninguém o ofendesse; e, em tudo procurava aproximar-se cada vez mais de Deus, alvo a que miravam todos os seus amores. Para consegui-lo, desde menino atendia, com muita assiduidade, ao serviço e asseio das igrejas, ajudava à missa, passava horas

esquecidas em doce colóquio com seu Pai Celestial, em casa, no templo, no campo, largando prontamente os seus inocentes divertimentos e, até, fugindo certa vez para a floresta com alguns companheirinhos, para mais livremente poderem conversar com o Supremo Bem das suas almas puras. Onde, porém, mais se revelava o seu intenso amor era na recepção assídua e devota dos santos sacramentos e, mais tarde, na celebração piedosa dos divinos mistérios, em que a sua alma cândida e amorosa se expandia, plena dos mais ardentes afetos. Algumas expressões dos que depuseram sobre a sua vida nos processos de beatificação insinuam não somente isso, senão que realçam o modo elevado e sobrenatural com que rezava a santa missa, edificando a todos quantos contemplavam aquele serafim.

Sua familiaridade com Deus, particularmente com o seu amado Mestre e Modelo e sua bendita Mãe e Senhora, pode-mos afirmar que foi ininterrupta. Ao atento leitor desta biografia talvez não tenha escapado que o amor do menino Roque à oração foi continuamente progredindo na sua vida, sacerdotal, e, mais tarde, já religioso e missionário ativíssimo, em vez de se restringir cresceu intensiva e extensivamente. A sagrada comunhão já se lhe havia convertido em pão indispensável à sua alma faminta, e tanto mais quanto lhe minguava o alimento corporal. Fatos maravilhosos consignam, sob juramento, várias testemunhas dos primeiros processos, relevando que ele, na sua lida apostólica, nunca jamais olvidou nem diminuiu num só ponto os seus exercícios de piedade, nem mesmo na mais absorvente ocupação ou em dilatadas viagens; e que, embora extenuado pela fadiga, passava longas horas no silêncio da noite, ajoelhado ao sereno ou dentro da selva tenebrosa, a falar com o objeto do seu amor.³⁰⁰

Quão bem compreendera aquele extraordinário varão que Deus para ele era tudo, e que ele sem Deus era nada! E como queria ser o último na casa de seu Senhor, resolveu tornar-se tudo para Deus e tudo para todos, segundo o modelo paulino. Conseguiu-o cabalmente, tornando-se o apóstolo dos seus mais desamparados irmãos, dos infelizes habitantes das florestas sul-americanas.

Se quiséssemos relembra aqui todos os extremos da caridade do p. Roque para com os seus semelhantes, de mister seria trazer de novo à baila metade do que ficou dito nos capítulos preliminares.

300. BLANCO, 318; Posit., p. 38; — a presente obra, c. 9.

Recordemos apenas de relance a sua estada entre os índios do Mbaracaiú, ao norte do Paraguai; a sua permanência entre os guaicurús do Chaco; a sua atividade na fundação de onze reduções nas margens do Paraná, do Uruguai e dos seus afluentes; sua constante busca de almas no hodierno Rio Grande; lembremo-nos de quanto fez no sentido de alcançar para seus tutelados o alimento corporal, a saúde, o conforto, o alívio nas múltiplas epidemias, assistindo dia e noite aos enfermos e moribundos com insuperável constância, paciência e solicitude, nunca se recusando a serviço nenhum, por mais cansado que estivesse. E quantos esforços empregou em prol da liberdade dos ameríndios, do soerguimento cultural e regeneração moral dessas desditosas criaturas, equiparadas, então, no conceito de muitos brancos, a irracionais, que todos podiam explorar, sugando-lhes até a última gota de sangue!

Em o nosso continente, jamais pisou homem que no peito guardasse tão viva chama do amor de Deus e em cujo coração ardesse tão impetuosamente o incêndio do amor para com o próximo como no do padre Roque González. Pelo amor de Deus, ele consolava a todos os atribulados, necessitados e aflitos, que bendiziam ao Pai Celeste, como neste momento o fazemos com as palavras de S. Paulo aos coríntios: “Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação! É ele que nos consola em toda a tribulação, para que também nós possamos consolar os que estão em qualquer tribulação por aquela mesma consolação que Deus nos concede a nós.”

Já veem nossos leitores que a fisionomia física e moral dos três mártires é digna de toda a nossa veneração e amor.

43. OS TAUMATURGOS

“Os milagres são os lampejos visíveis da santidade, cujo brilho não circunda somente os restos dos santos depois da morte, iluminando-lhes também muitas vezes os passos através da sua vida terrestre”, diz graciosa e acertadamente o padre Maurício Meschler, na sua magnífica vida de S. Luiz Gonzaga, III parte, cap. 2.º

Quanto aos nossos três heróis, nenhuns vestígios do carisma de milagres ou profecias se encontram na sua vida mortal. Mas, assim que renderam os seus espíritos, verificaram-se vários prodígios, ao menos com os despojos do p. Roque.

Ocupa o primeiro lugar a quádrupla maravilha que se deu com o coração do padre Roque, que falou distintamente perante várias testemunhas no dia imediato após a sua morte; proferiu importante profecia, que se cumpriu fielmente; traspassado por uma flecha e lançado às chamas, não se queimou; e, finalmente, ainda hoje, passados já três séculos, se conserva em perfeito estado, posto que dissecado.

Como segunda manifestação sobrenatural, apontam as antigas crônicas aquela súbita e patente putrefação das mãos dos principais autores da morte dos mártires, com o que puderam ser logo descobertos entre os demais prisioneiros.

E como coisa mirífica lembra ainda o p. Romero o que sucedeu aos do Pirapó no ataque a S. Nicolau, pois não conseguiram atear fogo na palha seca do telhado, embora o tentassem diversas vezes com tições acesos. Por fim, querem alguns que seja posto no rol das ações sobrenaturais a realização da profecia feita pelo p. Castillo a seus assassinos, segundo a qual seriam eles castigados pelos espanhóis, como efetivamente aconteceu.

Pode que alguém receba como decepção esses “milagres”, de tão insignificante aparato, e se mostre espantado por haverem sido beatificados os três martirizados sacerdotes. Mas não foram somente esses os casos maravilhosos que se operaram; outros prodígios se fizeram, como verá o leitor que tiver a paciência de ler este capítulo até ao fim.

No tocante à falta de milagres, respondemos com a citação do Canon 2116, parágrafo 2.º do Código do Direito Canônico, onde se estabelece que, “tratando-se de um mártir e constando evidentemente o martírio e a sua causa material e formal, sem haver milagres, pertence à Sagrada Congregação resolver se, não existindo sinais suficientes, nem mesmo de espécie alguma, deve ser solicitada ao Santo Padre a dispensa desses sinais”.

Como constassem apenas portentos relacionados com a pessoa do p. Roque, Pio XI dispensou benignamente os sinais milagrosos em relação aos padres Afonso e João, para poderem ser beatificados, uma vez que ficou provado terem sido verdadeiros mártires da fé católica.

Daí não se deduza, porém que os nossos heróis sejam surdos aos rogos dos seus devotos, ou que seja nulo o seu valimento junto ao trono do Altíssimo.

Ainda não bem se iniciara o processo da beatificação; ainda não haviam começado a popularizar-se entre os fiéis as obras e virtudes desses servos de Deus, especialmente na terceira década do presente século, e já ressoavam em diversos pontos da América do Sul vozes de júbilo e gratidão, atribuindo aos mártires favores e graças de várias espécies.

No Delta do rio Paraná, junto ao Rio da Prata, havia um jovem que sofria de gravíssima epilepsia cardíaca, impossibilitado de qualquer trabalho pela frequência dos ataques. Desenganado pela ciência médica, fez uma novena ao p. Roque González, e no 3.º ou 4.º dia se viu livre daqueles acessos.

Na cidade argentina de Mendoza, uma Irmã da Companhia de Maria, fazia quatro anos que se achava presa ao leito, com febre alta e frequentes hemoptises, provenientes de um pulmão tuberculoso e outro atacado também pela tísica, e tendo recorrido inutilmente a todos os meios científicos e à intercessão de muitos santos, começou, como ela mesma diz, uma fervorosa novena aos três servos de Deus; ao cabo de poucos dias sentindo-se completamente restabelecida, pôde levantar-se e cumprir os deveres da sua vida na comunidade. Exame radioscópico posterior acusava um pulmão totalmente restabelecido, e no outro somente algumas pequeninas manchas, que, ao parecer dos médicos, desapareceriam dentro em breve.

Outro evento mais extraordinário se deu em Buenos Aires, no mês de outubro de 1928, com d. Rosa Rèbori di Muzzi, anciã de 80 anos feitos, acamada desde algum tempo, a qual sofria de grave enfermidade, cuja cura foi julgada impossível pelos drs. Lombardi e Granata. Certa manhã, um filho da doente correu ao domicílio dum bom amigo da família, para lhe comunicar, muito consternado, que a sra. sua mãe se achava em perigo de vida e que, segundo todas as probabilidades, o desenlace não tardaria, uma vez que os clínicos, após diligente exame, haviam verificado no estômago da enferma um tumor canceroso do tamanho de um ovo, razão pela qual a paciente não podia reter nem sequer uma colherzinha de leite para se alimentar e expelia imediatamente qualquer alimento ingerido. A tal amigo solicitou o filho, encarecidamente, uma relíquia de S. Teresinha do Menino Jesus, para obter dessa milagrosa santa a saúde de sua querida mãe. Em lugar dessa, deu-lhe o amigo a única relíquia que lhe restava do p. Roque, cujo processo de beatificação estava instaurado, e nutria toda a certeza de que o servo de Deus lhe alcançaria a graça tão vivamente almejada.

Animado pela fé e pela confiança inabalável, correu, quase a voar, para casa, convencido inteiramente do restabelecimento de sua boa mãe. O citado amigo começou um tríduo, e o filho uma novena em honra dos três mártires. No 5.º dia da novena, foi o jovem Muzzio procurar novamente seu amigo, a fim de lhe participar, radiante de alegria, que sua mãezinha se achava melhor desde o dia em que lhe encostara a santa relíquia ao lugar onde mais dores sentia, e que ela não vomitara a pequenina quantidade de leite que lhe dera, nem tampouco as demais colherzinhas do mesmo líquido, e chegou a beber um copo inteiro, sem que o estômago o rejeitasse. E continuando a alimentá-la, conseguiu que ela tomasse um pouco de sopa e outras comidas nutritivas. E o resultado foi que a doente já se levantava da cama e se achava em convalescença.

Os médicos pasmaram de semelhante prodígio, e o dr. Granata chegou a declarar que somente um milagre poderia ter feito aquilo, pois que d. Rosa tinha um tumor canceroso no estômago, que lhe impossibilitava a digestão de toda a sorte de alimentos. Em poucos dias a velhinha se encontrava perfeitamente restabelecida, tomando toda a espécie de alimentos sólidos e líquidos sem o mínimo incômodo,

não obstante a sua idade avançada. (Mensageiro de Coração de Jesus Andino Platense, 1929).

No Rio Grande do Sul, porém, é que as graças tem chovido mais copiosamente, seja pela maior devoção do povo a “seus” santos, seja pela predileção dos beatos por esta terra, que enobreceram com seus trabalhos e santificaram com seu sangue.

O primeiro caso que merece a nossa atenção ocorreu no próprio dia da beatificação, 28 de janeiro de 1934. Ei-lo:

A Irmã G., professora num colégio da Cachoeira, notou, ao levantar-se pela manhã, em novembro de 1932, algo de estranho na vista. Pareceu-lhe que o banco da comunhão, na capela, estava torto, e defeituosos os demais objetos. Além disso, apareceu-lhe diante dos olhos uma nuvem, que se foi tornando a pouco e pouco, mais espessa. Dias depois, o oculista dr. Djalma Jobim declarou tratar-se de lesão aguda, moléstia grave, mas curável, que devia ser tratada com injeções pelo espaço de três meses. No dia 11 ou 12 de dezembro, co-meçou-se o tratamento com a primeira injeção no globo ocular, além de outras endovenosas.

Como tivesse melhorado sensivelmente, graças ao tratamento e ao repouso das férias, em março de 1933 a Irmã G. perguntou ao médico se podia dar aula. Respondeu o facultativo que sim, mas só em caso de força maior, isolando a vista doente por meio de esparadrapo. Em maio, espantosamente recrudescceu a moléstia, e, para maior desdita, fora o dr. Jobim, na qualidade de médico militar, transferido para outra localidade.

A Irmã G. partiu, pois, para Porto Alegre, a fim de consultar, em 1.º de junho, o afamado oculista dr. Ivo Correia Meyer, que fez diagnóstico. Tratava-se de uma “Coreoretinite aguda”, pelo que foi proibido à paciente todo e qualquer trabalho. Não ocultou o especialista que, se a vista não ficasse em descanso absoluto 4 ou 5 meses, irremediavelmente ficaria perdida.

Muito aflita por esse prognóstico, a Irmã G. procurou ainda ouvir o parecer do dr. José Margenat, festejado oculista, formado pela Universidade de Barcelona. Após demorado exame, esse facultativo confirmou o laudo de seu colega, verificando, ademais, por meio de aparelhos, a existência não apenas de uma cicatriz, mas de 4 ou 5, porém não muito centrais. E, graduando a força da visão, o dr. Margenat

certificou-se, conforme afirmação da Irmã G., de que faltavam ao olho esquerdo 11/12 da visão. Estava, pois, quase cega nesse órgão.

Sem tardança se começou o tratamento, feito pelo próprio dr. Margenat, com diversas séries de injeções no globo ocular, nas veias e nos músculos. Melhorou um pouco, de modo que já podia ler títulos de jornais, e no fim do mês pôde regressar à Cachoeira, com ordem de prosseguir sem interrupção o tratamento com as injeções, mas levando a desalentadora notícia de que “nunca mais enxergaria como dantes”.

Retirou-se de Porto Alegre a paciente, sentindo que a melhoria fora insignificante, malgrado a violência do tratamento de um mês. Reiniciou o trabalho escolar, mas poupando o mais possível o olho enfermo. Ao escrever ou ler, sentia grande aflição por causa dos flocos na vista. E a piora foi-se acentuando mais e mais, apesar do tratamento, do repouso e das incessantes orações a Deus e aos santos, pedindo-lhes a graça de, ao menos, poder terminar aquele ano letivo.

A Irmã G. tem um irmão na Companhia de Jesus, que lhe garantiu a cura pela intercessão dos mártires rio-grandenses. Era preciso, todavia, que tivesse uma pouca de paciência. Ela amiúde banhava o olho doente com a água de S. Inácio, lembrada que o padre Roque fora filho espiritual desse santo Patriarca.

Novo exame, feito em 9 de dezembro pelo dr. Margenat, foi para esse uma decepção, pois esperava melhor resultado após um tratamento de cinco meses. Declarou à paciente que tornasse a casa, continuando sempre, com muita perseverança, o tratamento pelas injeções nas veias e nos músculos durante mais dois anos. Mas ele mesmo nenhuma injeção fez no olho, provavelmente por ter certeza de que fora inútil.

Recolheu-se a Irmã G. desanimada com o espectro pavoroso de, mais cedo ou mais tarde, ficar completamente cega e inutilizada para o resto da vida. E o mal se foi acentuando implacavelmente nos meses de dezembro de 1933 e janeiro do ano subsequente, agravado por uma séria colite proveniente do excesso de injeções. Foi suspenso, por isso, todo o tratamento.

Neste comenos, eis que chega uma carta do mencionado jesuíta, que acompanhava com solicitude fraternal a moléstia de sua boa irmã; convidava-a a participar de uma fervorosa novena em honra dos três mártires, que iam ser elevados à honra dos altares no próximo

dia 28, suplicando-lhes a cura da vista doente. Esse religioso julgava-se com certo direito a obter o favor solicitado, porquanto havia trabalhado um pouco pela glorificação daqueles servos de Deus. Associaram-se então, numa verdadeira campanha de orações as irmãs religiosas da Cachoeira e várias pessoas amigas. Durante a novena, a Irmã G. atava todas as noites a relíquia do p. Roque — um pedacinho de seda que tocara o coração do beato — sobre o olho doente. No decurso daqueles nove dias, ela não quis verificar nenhuma vez se a vista melhorava ou não, porque resolvera fazê-lo só no dia 28, domingo, após da santa missa.

“Na noite de sábado para domingo”, — escreve a própria Irmã, — “notei algo de estranho depois que coloquei a relíquia, pois sentia uma leve pressão e depois uma fraca dor, semelhante à que sentia quando recebia injeção na vista. Como o lenço que segurava a relíquia não tinha sido mais desatado, achei isso estranho, porque não devia apertar mais que nos outros dias por estar na mesma largura. No dia 28, domingo, fui assistir à missa na matriz, que se rezava em honra dos beatos mártires e o sermão versava sobre a vida e virtudes dos santos, especialmente do p. Roque.”

Quando a Irmã G. voltou da missa, a que assistira com a maior devoção possível, segurando durante quase toda ela a relíquia sobre a vista, quis verificar se o defeito na visão havia desaparecido.

A primeira surpresa foi reconhecer que já não havia flocos, pelo que desde logo se convenceu de que a moléstia havia estacionado. Se estava curada ou não, isso lhe foi impossível averiguar, por não haver especialista na Cachoeira. Nada obstante, ela sentia-se disposta e era notável o seu bem-estar. A todos os que lhe perguntavam se estava melhor respondia com persuasão: “Acho que estou curada. O médico há de verificá-lo quando fizer o exame.”

Entrementes, desaparecera a colite. Depois do dia 28, mais uma vez o médico fez uma injeção no olho. Turvou-se um pouco a vista. Repetiu-se a injeção no dia imediato; e a vista ainda mais se turvou. Então a superiora repreendeu a paciente com estas palavras: “A sra. quer que os santos a curem e, no entanto, continua com as injeções. Peça perdão aos santos, e não faça mais tratamento.” Em vista disso, pediu a doente ao médico não mais voltasse para fazer injeções.

Em fins de março, a Irmã G. apresentou-se ao dr. Margenat, que ficou surpreso pela grande melhora em tão pouco tempo; e, tendo

dilatado a pupila e examinado o olho com aparelhos, declarou que “os flocos haviam desaparecido totalmente, e a cicatriz estava completamente curada.” Encontrou um ponto central, insignificante, que ele ainda não tinha visto por causa dos flocos, ponto esse que deixaria um pequeno defeito interno. Declarou que a paciente estava “curada” e aconselhou-a insistentemente a recomeçar logo as injeções, para evitar a recaída.

Mais tarde, o dr. Margenat, interrogado acerca desse caso, consultou novamente a ficha da Irmã G., e respondeu que a doente se lhe apresentara a primeira vez com 9/10 negativos na visão e que lhe ele dera baixa com 9/10 positivos. Quer dizer que ela recuperava a vista quase totalmente. Inquirido se aquilo não fora milagre, sorriu e disse que “a medicina também faz milagres”.

Entretanto, a religiosa prodigiosamente curada, pondo toda a sua confiança nos seus advogados celestiais, continuou encomendando-se a eles, e nunca mais tomou medicamento de espécie alguma para o olho. Sem embargo, a vista curada melhorou ainda um pouco, distinguindo melhor objetos a distância. E a confirmação mais patente do milagre está em que, tendo reassumido a sua cadeira de professora, vai já por alguns anos, não mais experimentou o menor incômodo na vista milagrosamente salva por intercessão dos três bem-aventurados mártires.

Outro caso, que tem todos os visos de miraculoso, e no qual interveio ainda um pouco a Irmã G., foi o que se deu no hospital de S. Sebastião do Caí, R.G. do Sul. Em a noite de 16 de janeiro de 1938, entrava naquele hospital a sra. L. E., com 61 anos de idade, atacada de pneumonia dupla, agravada por disenteria e por grande fraqueza do coração.

Após do exame, realizado pelo célebre dr. Krekel, declarou este clínico ao filho da paciente que ia dar umas injeções; se fizessem efeito, sua genitora poderia viver ainda três dias; e se não fizessem, ser-lhe-ia cortado o fio da vida dentro em hora e meia.

Depois de ter ela recebido os sacramentos, extraíram-lhe ainda de um pulmão 315 gramas de água; no outro nem se atreveram a tocar, com receio de que ela viesse a falecer. Chamaram todos os parentes, aos quais o dr. Krekel comunicou a gravidade da moléstia da sra. L. E. No dia 18, à tarde, a Irmã enfermeira asseverou à nora da

paciente que sua sogra não passaria da noite, e aconselhou-lhe tratasse de providenciar tudo para o enterro antes que anoitecesse. Aceceu a enfermeira que só por grande milagre poderia ser salva a moribunda.

Diante disso, outra coisa não fez a nora que tomar providências para o amortalhamento de sua boa sogra.

Estando as coisas nesse pé, mete-se de permeio a Irmã G., miraculosamente curada quatro anos antes, e irmã carnal da mencionada nora da enferma. A Irmã G., que viera descansar alguns dias no hospital de S. Sebastião, ofereceu-se para fazer guarda noturna à doente. Consentiram-no as religiosas, mas com a condição de se recolher ao seu aposento quando desse onze horas.

Tome agora a mão a Irmã G.: “Depois das orações do costume, fui para o quarto da doente e mandei que os outros se deitassem, pois havia uma enfermeira perto e uma moça que atendia aos chamados da campainha. Sentei-me ali numa cadeira de balanço, cansadíssima. Dirigi o meu olhar para um busto de Cristo que havia no quarto e comecei a encomendá-la ao meu Divino Esposo. Lembrei-me que no dia seguinte começava a novena dos mártires, aquela que fiz antes da beatificação, e durante a qual me foi concedida a cura dos meus olhos. Pedi aos mártires, com toda a devoção, que lhe restituíssem a saúde ou, ao menos, que a não deixassem morrer já.”

Depois a Irmã G. fez a promessa de mandar rezar nove missas, pedindo a respectiva esmóltula ao filho e a uma irmã da doente. Às onze horas, cumprindo a ordem recebida, recolheu-se a Irmã, deixando muito mal a sra. L. E.

“Na manhã seguinte, — continua a mesma informante, — primeiro dia da novena, logo que me foi possível perguntar à enfermeira se a doente ainda estava viva, tive a surpreendente resposta: “Que, viva? Ela está muito melhor! está bem esperta!” Imaginem a comoção que experimentei! Fui todos os dias rezar com ela, e com a assistência do filho e da nora, em honra dos mártires, nove padre-nossos, ave-marias e glória ao Padre, terminando com o “Lembrai-vos”. No quarto dia, já ela estava sem febre. Eu sempre afirmava que não mexessem no outro pulmão, que os mártires se encarregariam de tirar-lhe a água. Quando o médico meteu a agulha depois de alguns dias, encontrou água que apenas daria para uma colherzinha de chá, e a Irmã enfermeira teve de se convencer de que a minha afirmação, ou, melhor, a minha fé não foi

em vão. No quinto dia, a velha já se assentava na cadeira de balanço e imaginava o que havia de comer e beber.”

Celebraram-se as nove missas, e a nora, profundamente reconhecida aos mártires, deu uma espórtula em benefício da capela do Caaró e mandou publicar a graça alcançada. Dona L. E. voltou quase boa para casa. Pôde alimentar-se bem e, até, foi uma que outra vez capinar na roça, não obstante a sua idade. Posto que não fosse milagre de assombrar, não deixa de provar a pronta e eficiente intervenção dos nossos bem-aventurados mártires, uma vez que esteve a doente condenada infalivelmente à morte.

Noutro fato miraculoso foi beneficiado o sr. Fernando Onzi, nascido em 29 de julho de 1893, morador em S. João, paróquia de Nossa Senhora da Conceição, município de Caxias, R.G. do Sul, e casado com dona Maria Slomp, de cujo consórcio houve sete filhos.

No dia 1 de setembro de 1934, viu-se obrigado a acamar-se em virtude de umas violentas dores de cabeça, acompanhadas de incessante provocação de vômitos. Chamado de Caxias o dr. Carbone, concluiu que as dores de cabeça como os vômitos eram consequência de alguma indigestão. Entretanto, o laxativo receitado não trouxe a melhora esperada. E como o paciente piorasse cada vez mais, o médico mandou interná-lo no hospital de S. Antônio de Caxias no dia 5 de setembro.

Como, porém, o tratamento contra o suposto desarranjo intestinal ficasse frustrado completamente, o dr. Carbone resolveu operá-lo no estômago.

Tendo-se conservado Fernando todos aqueles dias em estado de coma, teve a graça de ser sacramentado com plena lucidez pelo sr. Cônego Meneguzzi, vigário de Caxias, antes de subir à mesa de operação.

O operador ficou decepcionado, porquanto encontrou os intestinos em estado normal; continuando, assim, oculta a causa da moléstia. Entretanto o doente sofria intensas torturas na cabeça.

Dona Maria, vendo baldadas todas as esperanças de curar o marido, retirou-o da casa de saúde para a moradia de João Coleoni, primo de Fernando, domiciliado no bairro de S. Pelegrino, em Caxias. Permaneceu ali 17 dias, apenas para esperar a morte que todavia não veio.

A conselho do dr. Carbone, chamaram de S. Sebastião do Caí o dr. Krekel, especialista em moléstias intestinais. Após o diagnóstico e uma breve conferência com o dr. Carbone, Krekel desenganou completamente o paciente.

À vista disso, dona Maria levou o esposo para a casa dos pais do mesmo, moradores em S. Martinho, de fácil acesso, onde chegou Fernando já quase nas últimas. De passagem pelo povoado de N. Sra. da Conceição, aproveitaram o ensejo para comprar já as velas necessárias para o próximo velório. E tão convencidos estavam todos do imediato desenlace do paciente, que no dia seguinte se apresentaram em S. Martinho vários amigos para assistir ao enterro.

Contudo Fernando Onzi não morria, mas ia sofrendo e vivendo de injeções e preparando-se para uma grande graça.

Tentando novo recurso à ciência, resolveram levar em auto o paciente a Porto Alegre. Passando por S. Sebastião, pediram uma recomendação ao dr. Krekel, que ficou maravilhado ao ver que Onzi ainda não falecera. Deu-lhe um bilhete para os drs. Frederico Ritter e Eliseu Paglioli.

Depois de uma viagem extenuante, chegaram à Capital; porém não encontrando cômodo nenhum na Santa Casa nem na Beneficência Portuguesa, foram internar o enfermo no Hospital Alemão. Chamado às pressas o dr. Ritter, num rápido diagnóstico descobriu que se tratava de uma gravíssima moléstia localizada na cabeça.

No dia imediato, 28 de dezembro, voltou o dr. Ritter em companhia do dr. Paglioli. Tiraram uma radiografia. Examinada a chapa fotográfica por cinco médicos ficou decidido proceder-se à operação, como último recurso humano. Fez-se a operação no dia 4 de janeiro de 1935, na qual praticaram dupla perfuração no crânio, sumamente dolorosa para doente, o cujo estado de esgotamento neutralizou em parte o efeito da anestesia. Cruciantes foram também as dores ao raparem-lhe a cabeça.

No dia 6, perdidas já todas as esperanças de salvar Fernando, os drs. Ritter e Paglioli aconselharam a dona Maria a levar o seu marido para casa porque lhe sairia mais econômico transportar um vivo do que um morto.

Em 7 de janeiro, tendo recebido Onzi uma poderosa injeção para suportar melhor a viagem, — com os pontos na cabeça, — partiu

de Porto Alegre, chegando, ainda com vida, à casa às 14 horas. É que Deus queria glorificar nesse caso os seus bem-aventurados servos.

Com efeito, quando em novembro de 1934 o seminarista Adelino Onzi, sobrinho de Fernando, soube da grave doença do tio, lembrou-se de recorrer aos três mártires rio-grandenses, que ainda havia pouco curaram milagrosamente um caso parecido. Para esse efeito escreveu uma carta à tia Maria, aconselhando-a recorresse confiadamente aos beatos mártires e enviando inclusive um santinho com uma relíquia do beato Roque, isto é um pedacinho de seda tocado no coração do mártir.

Quis Deus que essa carta com a relíquia só chegasse às mãos de dona Maria em 7 de janeiro, ao voltar de Porto Alegre com o marido desenganado de todo o auxílio humano. Estando Adelino em férias, ela mandou chamá-lo para lhe pedir explicação acerca da vida dos mártires e o modo de recorrer a eles. Veio o sobrinho em 13 de janeiro, encontrando a família em profunda desolação. Contou aos tios a vida dos beatos e a sua valiosa intercessão, animando-os a recorrer a eles com confiança mediante uma novena e aplicando a relíquia à cabeça do enfermo.

Observou a tia que todas as suas novenas e promessas até então haviam ficado desatendidas, certamente porque a cura do marido não era ainda oportuna nos desígnios de Deus. Mas agora, animada de confiança, iria fazer nova tentativa, apelando aos nossos três mártires rio-grandenses. Certamente Nosso Senhor teria seus fins impedindo, até então, a morte de um homem já reduzido a um esqueleto, com apenas 38 quilos de peso.

Dona Maria, rodeado dos seus filhinhos, começou à noite daquele dia 13 uma novena aos mártires, consistindo ela na recitação do terço, nove padre-nossos, ave-marias e glória ao Padre, com a jaculatória sugerida pela relíquia colocada sobre a cabeça do enfermo: “Beato Roque, rogai por nós.” É de notar que a novena toda foi feita de joelhos diante do santinho dos beatos mártires, junto à cama do doente, que conservava quase sempre a relíquia entre as ligaduras que enfaixavam a cabeça.

Durante a novena persistiram as dores e a impossibilidade de reter no estômago qualquer comida ou bebida. Mas já no dia 22 de janeiro, antes de terminar a novena, o enfermo pediu de comer. Comeu, mas vomitou como de costume. Concluída já a novena, pelas 20 horas,

Fernando pediu novamente alimento. Deu-lhe dona Maria uma xícara de leite. Bebeu-a toda, sem vomitar mais. Surpresa geral! Era a primeira vez que o estômago retinha o alimento desde o dia 1º de setembro, após um jejum rigoroso de quase 5 meses. Fernando adormeceu e dormiu toda a noite um sono só.

Despertando pela madrugada, sentindo uma grande fome, pediu alimento. Comeu, tornou a comer, reteve a comida toda e declarou que não sentia mais dor nenhuma. O único que sentia era uma extrema fraqueza, após de um jejum tão prolongado.

Quatro dias depois da novena, sem outro tratamento afora alimentação sempre mais abundante e sólida, pôde Onzi abandonar o leito para dar os primeiros passos e descansar algumas horas na poltrona. O restabelecimento do organismo foi, pode-se dizer, instantâneo e perfeito na hora em que terminara a novena; o das forças debilitadas foi paulatino, porém seguro, e tanto que vinte dias depois da novena, Fernando já se animou a sair de casa e visitar seu querido parreiral.

Em 26 de maio montou a cavalo para ir ouvir missa na igreja de N. Sra. da Conceição, onde em novembro haviam comprado as velas para o seu velório. E decorridos mais alguns dias foi a Porto Alegre com vários amigos. A princípio o dr. Ritter não o reconheceu; mas quando se lhe revelou, o facultativo lhe deu efusivo abraço, dizendo estupefato: “Isto sim que foi milagre.” Tão vivo foi o interesse do médico por essa cura, que até pediu uma relação minuciosa da moléstia em todas as suas fases. Enviou em seguida o sr. Onzi ao dr. Paglioli, que não ficou menos maravilhado com essa inesperada aparição, pedindo também ele pormenores sobre a doença.

Desde a data da cura, — que dona Maria atribui sem hesitar aos beatos mártires rio-grandenses, sobretudo ao beato Roque, — Fernando Onzi sentiu-se cada dia mais robusto, podendo daí em diante atender perfeitamente a todas as suas obrigações. E a família guarda reconhecida o santinho dos beatos mártires com a relíquia do padre Roque, venerando-os diariamente como instrumentos providenciais e oportunos da graça de Deus.³⁰¹

301. A relação deste milagre é do padre Cândido Santini, S. J., professor de moral e direito canônico no Seminário Central de S. Leopoldo, que interrogou pessoalmente o sr. Fernando Onzi, sua esposa, o sr. Estevão Tonietto, — que como caridoso vizinho acompanhou toda a moléstia e atesta o milagre, — como ainda muitos moradores da paróquia de N. Sra. da Conceição.

Agora, mais um fato para o que o leitor se convença da poderosa intercessão dos nossos santos.

Na cidade de S. Leopoldo, entrou no hospital Centenário, aos 6 de agosto de 1935, o operário Carlos Cassel, de 59 anos de idade, acometido de pneumonia dupla e já deitando sangue pela boca. Na véspera, fora ungido com os santos óleos. Sua enfermeira foi a Irmã Teodata, à qual o médico dr. V. deu suas instruções, avisando ao mesmo tempo a superiora do estabelecimento, madre Casimira, de que aquele era um caso perdido, e à própria enfermeira ele declarou que o paciente não tinha salvação.

No dia 7, o p. Jesús Acerete, S. J., que então atendia àquele hospital, administrou o santo viático ao enfermo, que passava malissimamente.

À tarde, o médico encontrou o doente, — segundo ele mesmo declarou — “em estado preagônico, isto é, com facies angustiosa, olhos baços, respiração estertória e murmurando a custo alguns monossílabos incoerentes, delirando.” Tornou o dr. V. a asseverar: “É um caso perdido”; e três vezes acrescentou: “Ele morre”. Disse depois às enfermeiras: “Deixo-o entre às sras.”, com carta branca para a Irmã Teodata empregar todos os meios que ela julgasse oportunos. Mas que tudo seria em pura perda.

A Irmã enfermeira, com licença e aprovação da diretora, aplicou umas ampolas para chupar o sangue ao moribundo dizendo-lhe: “É preciso fazê-lo sofrer, para salvá-lo. — “Está bem, uma vez que eu deva morrer. Sinto mesmo que vou morrer.” Mas foi curto o alívio alcançado.

A noite de 7 para 8 de agosto passou-a o sr. Cassel agitado, gemendo horripelmente e dando até gritos, a ponto de os outros doentes se queixarem disso. Sentia falta de ar, incômodo que lhe foi combatido com injeções de pulmotônico.

Na manhã do dia 8, terminada a missa no hospital, o p. Acerete esteve na sacristia com a superiora, madre Casimira, e disse-lhe o seguinte: “Aqui lhe trago umas relíquias do beato Roque González (partícula de seda tocada no seu coração), precisamos que ele faça algum milagre, para a canonização. Mas, se fizerem alguma novena, não se esqueçam de invocar os três mártires juntos, porque, não sendo assim, não serviria.”

Nesse momento aparece na sacristia a Irmã Teodata para avisar a madre de que o sr. Cassel estava cada vez pior. — “Pois aqui temos estas relíquias”, diz-lhe a superiora, “ou melhor será que lhas leve o padre mesmo.” — “Muito bem!” — respondeu este.

E, com a relíquia na mão, entrou no quarto do doente. Causava dó vê-lo naquele estado.

O sacerdote falou-lhe. Deitado de lado, com o rosto para a parede, não deu fé da presença do padre. Este, então, disse-lhe em voz bastante alta, mostrando-lhe a relíquia: “Aqui lhe deixo esta relíquia, que tocou o coração do beato Roque González. Vamos fazer uma novena em honra dele e dos seus companheiros mártires, para que lhe deem a saúde, se é que isso convém à sua alma. A Irmã vai fazer com o sr. a novena.” Ditas essas palavras, o enfermo virou a cabeça para o padre, fazendo sinal de assentimento, e logo voltou à posição anterior.

Quando voltou a Irmã Teodata e viu a relíquia na mesa, explicou mais uma vez ao doente o que era aquilo, afirmando que os mártires o poderiam salvar; que tivesse confiança, que Deus faria um milagre, se isso fosse sua santíssima vontade. Perguntou-lhe a religiosa se tinha confiança. Fez sinal que sim. Indagado se queria fazer a novena, aquiesceu com a cabeça. Então a enfermeira lhe pregou a relíquia nas costas, parte onde mais dores sentia.

O paciente, contudo, piorou extraordinariamente, e a Irmã telefonou ao médico, informando-o da gravidade do estado de Cassel, que parecia morrer naquele mesmo dia. Prometeu o dr. V. aparecer no hospital.

Quando, após um quarto de hora, a irmã Teodata voltou para junto da cabeceira do enfermo, tomando-lhe o pulso, antes imperceptível, já o encontrou melhor. Interrogado como estava, respondeu: “Sinto-me muito melhor. As dores são muito menores.” A irmã arrumou-lhe a cama, pôs-lhe uma camisa nova, trouxe-lhe leite, que ele tomou — o primeiro alimento desde que viera; — depois fechou as janelas por causa do excesso de claridade, para que o doente pudesse conciliar o sono. E — coisa singular! — dormiu deveras umas duas horas, com respiração normal, sem se agitar nem gemer, a ponto de os outros doentes julgarem que ele tivesse morrido. Estupefata, a Irmã Teodata participou à superiora essa inesperada mudança.

Só à tarde, pelas 15 horas, apareceu o médico. Examinou o pulso e disse à enfermeira: “Veja só, o doente vai melhor. Que é o que fez a sra? A sra. o curou!” A Irmã levou o clínico para fora do quarto e disse-lhe: “Tenho uma relíquia dos três mártires rio-grandenses. O dr. conhece-os?” — “Sim, sra., conheço-os.” — “Coloquei-a no doente, e

ele ficou bom quase repentinamente. Isto é um milagre.” — “É mesmo um milagre. Está salvo. Pois eu pensava encontrá-lo morto.” — Foi essa a última visita do dr. V. ao sr. Cassel.

No mesmo dia 8, as unhas, antes pretas, clarearam; a expectoração foi diminuindo pouco a pouco, de modo que a servente se maravilhou disso na manhã seguinte; dormiu melhor, nem se queixou mais. E no dia 9 já pôde comer carne de galinha, isto é, alimento sólido.

Ainda nesse dia 9 o médico disse a outro colega, protestante, na presença da Irmã Teodata: “Esta Irmã salvou um doente, de cuja saúde eu havia desesperado.” A mesma declaração fez ele à diretora, madre Casimira. E, quando, dias após, outro doente teve de fazer grave operação, estando já nas últimas, o dr. V. disse à Irmã Teodata: “Faça outra vez o milagre que fez com o Carlos Cassel.”

No dia 10, o p. Acerete rezou missa em honra dos mártires, para implorar o perfeito restabelecimento da saúde do enfermo.

Cassel saiu do hospital a 21, livre daquela grave moléstia, e podia alimentar-se de qualquer comida sem nenhuma dificuldade.

São estes os casos mais memoráveis de curas milagrosas operadas por intercessão dos nossos três mártires. Existem ainda outros, mas até esta data ainda não bastantemente esclarecidos ou não chegados ao nosso conhecimento. E poderíamos encher muitas destas páginas com a relação de favores, benefícios e graças que os nossos mártires, com presteza e generosidade, tem dispensado a seus devotos; a muitos curaram de graves doenças, para outros conseguiram colocações rendosas, a estes salvaram-lhes as colheitas, àqueles restituíram-lhes objetos perdidos, debelaram epizootias, protegeram em exames escolares, proporcionaram boa viagem, obtiveram bom tempo, mandaram chuva oportuna, conduziram ao bom caminho almas transviadas e alcançaram boa morte na paz do Senhor.

Ad

Majorem

Del

Gloriam.

Porto Alegre, 31 de maio de 1940, festa do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Medianeira de todas as graças.

Apêndice

NOVENAS E ORAÇÕES AOS BEM-AVENTURADOS MÁRTIRES

PRIMEIRA NOVENA

Em honra da SS. Trindade

1. PADRE ETERNO, que escolheste os bem-aventurados Mártires Roque, Afonso e João para ensinarem a religião católica aos índios, concede-me, por intercessão dos mesmos bem-aventurados Mártires, a graça de a luz da fé católica iluminar todos os homens da Terra de Santa Cruz, a fim de que sejam fiéis imitadores desses intrépidos arautos da fé. Padre Eterno, pelos infinitos merecimentos de Jesus Cristo, vosso Filho, escutai a minha prece.

Padre-nosso, ave-maria e glória ao Padre.

2. FILHO ETERNO, que dissestes: — “Rogai ao senhor da seara que mande operários à sua messe”: unindo a minha pobre oração à dos bem-aventurados Mártires Roque, Afonso e João, da SS. Virgem Maria, vossa Mãe, e de todos os Santos, instantemente vos rogo que vos digneis multiplicar em nosso querido Brasil as vocações sacerdotais e religiosas. Jesus, Redentor do gênero humano, pelos vossos infinitos merecimentos, escutai a prece que vos dirijo.

Padre-nosso, avemaria e glória ao Padre.

3. ESPÍRITO SANTO ETERNO, que com vossas luzes e consolações animastes os bem-aventurados Mártires Roque, Afonso e João a suportar as enormes dificuldades da vida apostólica e as incessantes aflições por que passaram, rogo-vos encarecidamente que vos digneis ouvir as súplicas que com esses vossos fiéis servos vos dirijo, e conceder-me a graça que ardentemente desejo alcançar nesta novena (formula-se a graça desejada). Espírito Santo, pelos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus-Cristo, escutai a minha prece. Amém.

Padre-nosso, avemaria e glória ao Padre.

ORAÇÃO AOS BEM-AVENTURADOS MÁRTIRES

Bem-aventurados servos de Deus, Roque, Afonso e João, que, com uma vida cheia de virtudes e trabalhos, vos preparastes para a eternidade, onde estais agora gozando o prêmio do vosso apostolado, volvei um olhar benigno sobre mim, que, com plena confiança a vós recorro

Ó bem-aventurados Mártires, dissei uma palavra em meu favor à Virgem imaculada, cuja devoção infundistes tão profundamente nos corações dos índios, e em cujo patrocínio tanto confiastes; dissei à poderosa “Conquistadora” das almas que também eu tenho uma alma a ser conquistada. Instai com essa boa Mãe, que tanto poder exerce sobre o Coração de Jesus, que me obtenha a graça que tão ardentemente solicito nesta novena (formula-se também aqui a graça desejada).

E já que vós encontrastes tão inesperada e gloriamente, a coroa do martírio no solo rio-grandense, lembrai-vos de mim na hora solene da qual depende a eternidade; e fazei que seja a minha morte digna de um filho de Deus e de um herdeiro do Paraíso.

Meu Deus e Senhor, reconhecendo eu o vosso absoluto domínio sobre a vida e sobre a morte, desde já aceito das vossas mãos, com o coração tranquilo e submisso, o gênero de morte que vos aprouver conceder-me, com todas as suas angústias e dores. Uma só coisa vos peço, pelos merecimentos de Jesus e dos bem-aventurados Mártires rio-grandenses: dai-me na hora derradeira o vosso amor e a vossa graça. Amém.

Reimprima-se:

Porto Alegre, 22 - 10 - 1936.

Mens. Leopoldo Neis
Vigário Geral

SEGUNDA NOVENA

Deus eterno e onipotente, que vos comprareis em honrar aos vossos servos e em glorificar aqueles que em sua vida vos glorificaram, concedei-nos pelos méritos e pela intercessão dos vossos fiéis servos Roque, Afonso e João a graça que humildemente vos pedimos nesta novena (formula-se o que se deseja). E vós, ó gloriosos e invictos mártires, que tão fielmente seguistes a Jesus Cristo em vossa vida e na vossa morte, e tão singularmente amastes a Maria Santíssima, implorai-lhes para nós graça abundante, a fim de sermos também verdadeiros imitadores do nosso Divino Rei e Senhor e filhos fiéis e amorosos da grande Mãe de Deus, para que um dia possamos gozar convosco a bem-aventurança eterna. Amém.

Um padre-nosso, uma ave-maria e um glória ao Padre.

TERCEIRA NOVENA

Rezar 9 padre-nossos, 9 ave-marias e 9 glória ao Padre, e concluir com uma das orações aqui indicadas.

ORAÇÃO DO MISSAL

Deus onipotente, que fizestes dos vossos bem-aventurados mártires Roque, Afonso e João esforçados arautos do Evangelho, concedei-nos, como vos pedimos, que essa mesma fé que eles propagaram pela palavra e pelo sangue nós a confessemos pelos costumes e pela língua. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

NOTA — Pode-se fazer a novena em qualquer época do ano. Mas o tempo mais próprio são os dias 8-16 de novembro, que precedem a sua festa; ou os dias 19-27 de janeiro, que antecedem ao da sua beatificação.

Para reforçar nossos pedidos, será muito bom mandar rezar nove missas consecutivas, ou assistir a elas, recebendo a sagrada comunhão, e, durante a novena, fazer diariamente algum sacrifício corporal ou espiritual.

Bibliografia

ASTRAÍN. Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de Espana por el P. Antonio Astráin S. J. Tomo IV e V, Madrid 1913 e 1916.

BLANCO. Historia Documentada de la Vida y gloriosa Muerte de los Padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Ijuhi, por el Padre JOSÉ MARIA BLANCO, S. J., con un Prólogo del Dr. Rómulo D. Carbia. Buenos Aires, 1929.

CHARLEVOIX. Historia del Paraguay, tomo II, Madrid, 1912, por el P. PEDRO FRANCISCO JAVIER DE CHARLEVOIX, *S. J. Anotado por Muriel, y traducido por Pablo Hernández.

FURLONG, GUILLERMO FURLONG, J. S., Los Jesuítas y la Cultura Rioplatense. Montevideo, 1933.

HERNÁNDEZ. Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús, obra escrita por el P. PABLO HERNÁNDEZ, religioso de la misma Compañía. Dois tomos, Barcelona, 1913.

LEONHARDT, CARLOS, S. J. Documentos para la Historia Argentina, tomo XIX, 1927 y tomo XX, 1929, Buenos Aires, Iglesia, Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús, 1609-1614; y 1615 -1637. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Investigaciones Históricas.

MONTOYA. Conquista Espiritual hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús en las Provincias dei Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape, escrita por el P. ANTONIO RUIZ DE MONTOYA, de la misma Compañía. Bilbao, 1892.

RASTELLS. Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los Documentos originales del Archivo General de indias, extractados y anotados por el R. P. PABLO PASTELLS, S. J., tomo I e II, Madrid 1912 e 1915.

PÊREZ ACOSTA apud ESPASA. Enciclopédia Universal Ilustrada, Barcelona, In voce “Paraguay — Misiones”.

PORTO SEGURO. VISCONDE DE PORTO SEGURO (VARNHAGEN), História Geral do Brasil antes da sua separação e independência de Portugal. Tomo I, 4.^a ed., S. Paulo.

TESTORE. C. TESTORE. I Martiri Gesuiti del Sul-America, BB. Rocco González de Santa Cruz, Alfonso Rodríguez, Giovanni del Castillo della Compagnia di Gesù. Isola dei Liri, 1934.

ROSA. ENRICO ROSA, S. J. Primizie di Martiri dell’America Latina, I BB. Rocco González de S. Cruz, Alfonso Rodríguez e Giovanni del Castillo d. IC. d. G. — Roma, 1934.

TECHO. Historia de la Provincia dei Paraguay de la Compañía de Jesús, por el P. NICOLÁS DEL TECHO. Version del Texto Latino por Manuel Serrano y Sanz. Cinco volumes, Madrid, 1897.

TESCHAUER. P. CARLOS TESCHAUER, S. J. Vida e Obras do Padre Roque González de S. Cruz, S. J., Primeiro Apóstolo e Civilizador do Rio Grande do Sul, 3.^a ed., cuidadosamente revista e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto-Alegre, 1928. (Revista do I. H. e G. do R. G. do Sul, Ano VIII, III trim. pág. 299 - 472); — História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos por CARLOS TESCHAUER, S. J., 3 volumes, Porto-Alegre, 1918, 1921 e 1922.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Acerete, Jesus: 58, 63, 92, 93, 126, 161, 327, 329.
- Açores: 14
- Agaces, índios: 13, 16
- Aguapei: 115
- Aguaraguaçu: 252
- Aguirre, João Francisco: 269
- Aiaropotí: 122
- Aix: 185
- Albiz, João de: 201
- Algorta Camusso, Rafael: 139
- Alfáro. Diogo: 11, 43, 155, 156, 172, 245, 269.
- Alfáro, Francisco: 43, 75, 101, 261
- Alfredo Chaves: 267
- Almagro: 11
- Altamirano, Cristóvão: 298
- Alvear, Diogo: 269, 283, 284.
- América: 11, 15, 16, 33, 35, 55, 57, 65, 104, 148, 149, 194, 216, 217, 176, 305, 309, 316.
- Ampuero, Miguel: 167, 168, 169, 172, 173, 200, 248, 253.
- Anchieta, José de: 11, 20, 35, 57,, 190.
- Andes: 12.
- Andresito: 270.
- Ângelis, Coleção de: 111.
- Ângulo: 42
- Antônio Prado: 90, 91, 268.
- Ânuas, Cartas: 63, 67, 131, 146, 150, 169, 170, 308.
- Aquaviva, Cláudio: 46, 55, 46, 150.
- Aragona, Alonso: 146, 150, 155, 160, 193, 200, 206, 210, 224, 245, 246, 248, 249.
- Aracutain: 144.
- Araguirá, Cacique: 233, 235.
- Arapilandí: 120.
- Arapizandú, Inácio: 78.
- Arapizandú, Paulo: 275, 256, 259.
- Aroca, Francisco de: 23.
- Argentina: 11, 26, 43, 45, 55, 63, 68, 73, 81, 83, 95, 97, 105, 185, 186, 270.
- Arias de Mansilla, Francisco: 30, 48.
- Arntzen, Leopoldo: 266.
- Arroio Veadó: 267.
- Arroio do Meio: 267.
- Artigas: 270.
- Aspa de Vaca: 296.
- Astrain, Antônio: 47, 64, 79, 147, 157
- Assunção, Capital do Paraguai: 15, 18, 19, 20 a 27, 31 a 39, 42, 43, 48, 49, 50 a 58, 63, 64, 66 a 68, 70 a 79, 82, 100, 105, 110, 115, 116, 120, 126, 148, 162, 174, 202, 206, 207, 212, 222, 223, 237, 256, 269, 277.
- Fundação: 15, 16, 13, 42 Vida religiosa: 22, 28, 32, 37, 38, 44, 47, 80, 81, 155
- Diocese: 19, 28, 36, 38, 111, 170
- Assunção do Ijuí: 185, 220, 226, 294, 307, 308, 313
- Atlântico: 12, 19, 204, 216, 217.
- Ayolas, João: 14, 15, 16
- Azara, Félix: 269.
- Azarola Gil Luis Henrique: 45, 163.
- Baia: 161.
- Bandeirantes: 19, 104, 187, 190, 254, 255, 274, 275.
- Barea, José: 267.
- Barrios, João de: 19
- Batista, Caetano: 124, 163, 165.
- Becker, João: 267.
- Belmonte, cidade: 202, 268.
- Bento Gonçalves: 267.
- Bento XIV: 303, 304.
- Berberia: 42.
- Berchmans, João: 205, 310.
- Bermejo: 13.
- Bernal, Antônio: 254, 255, 257, 269.
- Bernardo, Irmão: 94.
- Biblioteca Nacional (Buenos Aires): 58, 221, 269, 283.
- Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro): 103, 140, 166, 290.
- Blanco, José Maria: 11, 24, 26, 52, 53, 84, 132, 186, 221, 265, 279, 283, 308, 335.
- Boaventura, Alonso de: 27, 123.

- Bocanegra, Francisca: 68.
 Bolaños, Luis: 20, 27, 28, 48, 79, 105, 118.
 Bolívia: 55.
 Bom Princípio: 285
 Boroa, Diogo: 26, 28, 29, 50, 52, 53, 54, 111, 112, 114, 115, 118, 129, 130, 139, 140, 141, 145, 149, 155, 202, 205, 206, 208, 221, 234, 245, 256, 257, 262, 263, 303, 306, 310, 311.
 Borja, Francisco de: 58.
 Bosquier: 141, 169.
 Brasil: 11, 20, 22, 24, 34, 57, 75, 135, 136, 161, 170, 175, 184, 189, 190, 191, 195, 216, 276, 283, 308, 331, 336.
 Bravo, Pedro: 170.
 Buena Esperanza: 14.
 Buenos Aires: 14, 15, 21, 22, 23, 26, 28, 34, 35, 36, 41, 54, 78, 95, 96, 97, 118, 132, 134, 151, 153, 156, 162 a 170, 172, 174, 175, 184, 195, 204, 216, 221, 260, 265, 266, 268, 277, 283, 306, 304, 308, 317, 335.
 Caçapá-mini: 174, 191, 192.
 Caaró, lugar do martírio: 174, 192, 217, 221 a 224, 229, 233, 234, 239, 240 a 245, 248, 250, 251, 252, 257, 260 a 267, 273 a 277, 279 a 285, 288, 289, 291, 308, 323, 335.
 Caaró, significação: 221, 233, 282, (nota).
 Caballero de Bazán, Francisco: 54.
 Cabral Alpoim, Manuel: 256, 208, 257, 259, 260, 261, 263, 302, 305.
 Cabrera, Alonso: 15, 72.
 Caburé: 260.
 Cacequi: 202, 205.
 Caceres, Filipe de: 20.
 Cachoeira: 267, 318, 319, 320.
 Cádiz: 16.
 Cafundó: 267.
 Calchins, índios: 72.
 Calvo, Carlos: 185.
 Canarima: 122.
 Cananéia: 19.
 Candelária do Ibicuiti: 174, 259.
 Candelária do Caçapá-mini: 191
 Cândido, dom: 268.
 Canísio, Pedro: 58.
 Cano Alonso: 29.
 Capistrano de Abreu: 167.
 Carbone: 323.
 Carrafa, Vicente: 180, 292.
 Carazinho: 268.
 Carbia, Rómulo D.: 335.
 Carcarañá: 12, 14
 Cardiel, José: 283.
 Carechurú: 122.
 Carlos III: 65.
 Carlos V: 12, 13, 19.
 Caroqué, arroio: 284.
 Carranza, Pedro: 162, 163, 198, 173, 306, 307.
 Cartagena: 35.
 Carupé: 223 a 226, 229, 230, 231, 233, 259, 260.
 Casimira, Irmã: 327.
 Cassel, Carlos: 327.
 Castela: 12.
 Castillo, Alonso del: 91, 132.
 Castillo, João del: 193, 202.
 pátria, nascimento: 202.
 pureza: 202, 205.
 entrada na S. J.: 202.
 fervor: 203, 205.
 viagem ao Paraguai: 204.
 filosofia: 204.
 qualidades físicas, morais e intelectuais: 204, 205.
 no Chile: 205.
 teologia: 206.
 em S. Nicolau: 206.
 em Assunção do Ijuí: 206, 212
 virtudes: 208.
 zelo: 212.
 visitado pelo p. Roque: 217, 223. mar-tírio; 223, 294, 295.
 reliquias: 222, 256, 257.
 é verdadeiro mártir: 308.
 fisionomia física e moral: 311.
 Caxias: 266.
 Centeno, Diogo: 18.
 Cerro Azul: 154, 184, 266, 267, 277, 278, 285, 295, 299.
 Céspedes, Francisco de: 162, 163, 165 a 170, 173.
 Céspedes, Garcia de: 29, 48.
 Céspedes Xéria, Luiz: 162.
 Ciudad Real: 19, 23.
 Chaco: 12, 14, 63, 65, 70.

- Chagas: 270.
 Chandicuie, Diogo: 229.
 Chandules, índios: 13.
 Charcas, Audiência: 18, 20, 43.
 Charlevoix, Francisco: 210, 335.
 Charruas, índios: 12, 162, 163, 167, 174, 184, 187.
 Chetihagué: 234.
 Chile: 11, 43, 55, 204, 335.
 Chisai, Diogo: 223.
 Chuquisaca: 18, 21.
 Clavijo, Francisco: 245, 246, 248, 249, 256.
 Comandá: 184.
 Colégio do Salvador (Buenos Aires): 153.
 Coleoni, João: 323.
 Colombo, Cristóvão: 11.
 Comental, Pedro: 219.
 Conceição, Redução: 144 a 147, 149 a 159, 164, 169 a 174, 179, 188, 191, 200, 216, 223, 224, 229, 245, 247 a 250, 253, 256, 263, 269, 270, 271, 290.
 Concepción do Chile: 204.
 Conquistadora, Imagem da: 45, 94, 95, 96, 136, 188, 223, 228, 261, 270, 278, 332.
 Contestado: 184.
 Contreras, Jerônima: 26.
 Corconda: 12.
 Córdoba: 36, 57, 58, 68, 98, 150, 198, 199, 204, 206, 216.
 Corpus Christi, Forte de: 14.
 Correia Meyer, Ivo: 318.
 Corrientes: 22, 26, 28, 57, 63, 109, 118, 150, 208, 256, 304, 305, 307.
 Cortez: 11.
 Corumbá: 12.
 Crisanto e Daria, festa: 140.
 Cruz Alta: 189, 267.
 Cuenca: 202.
 Cueva, Fernando de la: 79.
 Cuniaracúa: 223.
 Curitiba: 16.
 De l'Isle, Guillaume: 282.
 Dois Irmãos: 26, 267.
 Durán Mastrilli, Nicolau: 59, 146, 149 a 157, 159, 161, 163, 165, 168, 169, 173, 174, 176, 178, 185, 186, 187, 191, 198, 199, 206, 216, 218, 219, 247, 309.
 Eldorado: 14.
 El Salvador (revista): 51, 52.
 Encomendados: 40, 42, 43, 44.
 Encomenderos: 39, 40 a 49, 75, 99, 100, 101, 103, 173.
 Encomiendas: 18, 20, 21, 39, 47, 101.
 Enrich: 205.
 Ernot: 180, 184, 189, 193, 291.
 Escandón, João: 269.
 Espanha: 12, 13, 16, 20, 26, 40, 100, 116, 150, 162, 194, 200, 202, 264, 310.
 Espinosa, Pedro de: 274.
 Estação de S. Salvador: 267.
 Estrela: 267.
 Europa: 1, 3, 18, 20, 44.
 Excelsior: 185, 282.
 Farroupilha: 185, 247, 254, 267.
 Fernández, Braz: 257.
 Ferrufino, João B.: 163, 167, 168, 194, 195, 198, 202, 208, 211, 216, 217, 222, 264, 268, 307, 310.
 Filds, Tomás: 35, 55.
 Filipe II: 22.
 Filipe III: 43, 64.
 Filipe IV: 168.
 Franciscanos, Religiosos: 16, 43, 109, 120, 261.
 Francisco Solano: 11, 27.
 Frias, João de: 69.
 Frias, Manuel: 148, 162.
 Frias, Inácio: 290.
 Fuerta, Francisco de: 111.
 Furlong Kardiff, Guilherme: 58, 97, 173, 255, 255, 283, 291, 292, 308, 335.
 G. (Irmã): 318.
 Gabotto (Cabot) Sebastião: 12.
 Galán, Francisco Ruiz de: 14, 15.
 Gallego, André: 298.
 Gallego, Cristóvão: 48.
 Galópolis: 267.
 Gamarra, João de: 49, 53, 256, 261, 307.
 Gambón, Vicente: 11.
 Garay, João de: 21, 23, 26, 27.
 Garcia, Aleixo: 12, 13.
 Garcia, Diogo: 13.
 Garcia, padre: 275.
 Gasca, Pedro de la: 18.
 Gay, cônego João Pedro: 276.

- Ginebra, Francisco: 308.
 Gomorra: 24.
 Gôngora, Diogo de: 162.
 Gonzaga, Luiz: 31, 58, 193, 267, 277, 281, 315.
 González, Diogo: 42, 68, 71.
 González de Villaverde, Bartolomeu: 25.
 González de S. Cruz, Francisca: 26.
 González de S. Cruz: Francisco: 26, 67, 99, 101.
 González de S. Cruz, Gabriel: 26.
 González de S. Cruz, João: 26.
 González de S. Cruz, Maria: 26.
 González de S. Cruz, Mariana: 26.
 González de S. Cruz, Mateus: 26.
 González de S. Cruz, Pedro: 26.
 González de S. Cruz, Roque: família: 25 a 27.
 nascimento e infância: 26 a 30.
 piedade: 29 a 31, 37, 99.
 Influência sobre o próximo: 31, 240.
 domínio da língua guarani: 144.
 zelo das almas: 33.
 estudos: 34, 36, 37.
 ordenação: 36, 37, 40.
 humildade: 36, 40.
 escrúpulos: 36, 85, 109.
 missionário no Maracaiú: 44, 50.
 cura da catedral em Assunção: 56.
 entrada na S. J: 58.
 renúncia dos bens: 59.
 conceito sobre ele: 58, 59.
 entre os guaicurús: 63.
 sua comida: 75, 76, 86, 100, 113, 119, 128, 154, 158.
 entre os guaranis de S. Inácio-Guaçú: 84, 88, 100.
 explora o rio Paraná: 85, 100, 111, 122.
 festividades religiosas: 89, 97, 118, 155.
 defensor dos índios: 101, 102.
 catecismo de Lima: 109.
 em S. Ana e Itapúa: 109, 118.
 visita indesejada de Hernandárias: 116, 117.
 em Assunção: 120.
 tribulações em Itapúa: 125.
 seu gênio: 130.
 saúde e doença: 59, 139.
 últimos votos: 142.
 vai ao Uruguai: 144, 145.
 funda S. Nicolau: 164.
 vai a Buenos Aires: 169.
 funda S. Francisco Xavier: 171.
 alvoroço indígena pela presença de espanhóis: 172.
 fundação de Japejú: 174.
 superior das reduções: 178.
 penetração pelo Ibicuí: 179.
 explora o Rio Grande do Sul: 189.
 funda Candelária do Caaçapá-mini: 191.
 em Assunção do Ijuí: 207, 223.
 pretende converter a Nheçú: 211.
 funda Yucã: 216.
 vai ao Caaró: 217.
 cordão de reduções: 218.
 éden das reduções: 217.
 martírio no Caaró: 218, 225.
 fala o coração: 224.
 reliquias: 240, 249, 261, 268.
 cavalo do p. Roque: 258.
 coração do p. Roque: 263, 264.
 vem ao R. G. do Sul: 266.
 é verdadeiro mártir: 304.
 fisionomia física e moral: 309.
 González, Tirso: 264.
 Gordón, Diogo: 36, 37, 58.
 Goto, João de: 223.
 Gouveia, Cristóvão: 34.
 Gramado, arroio: 242.
 Granata: 217.
 Gregório XV: 148.
 Grifi, Vicente: 64, 68, 69, 71, 73, 74, 77.
 Guaíba: 185.
 Guaporé: 267.
 Guarani, língua: 27, 33, 35, 41, 44, 63, 65, 78, 80, 83, 88, 92, 105, 132, 161, 293.
 Guaranis, índios: 27, 33, 35, 41, 44, 63, 65, 78, 80, 83, 88, 92, 105, 132, 135, 161, 293.
 Guaicurú, João: 16, 75, 76.
 Guaicurú, Martim: 66, 68, 70, 75, 76.
 Guaicurús, índios: 16, 63 a 78, 81, 82, 199, 200, 203, 304, 309, 310, 314.
 Guaicurú, língua: 66, 67, 208.
 Guaira (Guairá): 19, 22, 23, 35, 63, 115, 163, 175, 184, 189, 191, 200, 217.
 Guaicurutins, índios: 73, 76.
 Guaracipú: 148.

- Guarerá: 223.
 Guerra, Alonso: 29, 41.
 Guevara, José: 37.
 Hamburgo (Velho e Novo): 267.
 Harmonia: 267.
 Hernandárias de Saavedra: 36, 41, 48, 50, 52, 55, 63, 64, 78, 102, 114, 115, 116, 126, 182, 207, 217, 222, 236, 279, 299.
 Hernández, Paulo: 19, 39, 43, 55, 104, 167, 185, 186, 219, 270, 276, 283, 294, 308, 335.
 Hervás y Panduro, Lourenço: 65.
 Hofer, Valter: 134, 262.
 Hornos: 200.
 Huaití: 233.
 Huete: 203.
 Hupe, Gustavo: 280.
 Iaçoca: 69.
 Iberá, laguna: 109.
 Ibérica, Península: 13.
 Ibicuí (Ibicuiti): 102, 169, 178, 180, 189, 191, 192, 193, 259, 304, 305.
 Ibirajas, índios: 35.
 Ibitiraguá: 145.
 Ibituruna: 184, 189.
 Iganha: 113.
 Iguaçu: 16, 85, 113, 125, 189, 206.
 Ijuí, cidade: 267.
 Ijuí, rio: 107, 160, 178, 184, 192, 193, 208 A 217, 221, 233, 236, 269, 283, 284, 285, 290, 291 a 300, 311.
 índias, Leis de: 40.
 Inglaterra: 12, 57.
 Insaurralde, Gabriel de: 28, 30, 52, 57.
 Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul: 103, 193, 282, 291, 336.
 Irala: 14, 15, 16, 18, 19, 20, 34, 39, 44.
 Irmã G.: 318, 319, 320, 321, 322.
 Iro-Is: 87.
 Itá: 101.
 Itapúa: 37, 105, 110, 111, 113, 114, 115, 118 a 141, 171, 187, 199, 200, 201, 217, 249, 253, 255, 309, 310, .
 Itapucú: 16.
 Itaquí: 178, 268.
 Itati: 12, 261.
 Jacuí: 185, 189, 190, 254.
 Jaeger, Luiz Gonzaga: 104, 254, 275.
 Jaguapoa: 115, 119, 127, 129, 130, 131, 136, 139, 140.
 Jaguari: 115, 180, 181, 188.
 Japejú, Redução: 169, 170, 174, 175, 176, 178, 179, 184, 188, 189, 190, 192, 253, 259.
 Jarós, índios: 167, 174, 184.
 Jejuí: 44, 47, 50.
 Jesuítas: 34, 35, 36, 42, 43, 45, 54, 55, 57, 64, 75, 77, 80, 82, 95, 99, 101, 118, 126, 222, 256, 265, 266, 268, 269, 270, 275, 276, 278, 282, 283, 284, 289, 290, 303, 306, 307, 308, 335.
 Júlio de Castilhos: 267, 292, 293.
 Knud: 217.
 Kotska, Estanislau: 58.
 Krekel: 321, 324.
 Lafuente Machain, Ricardo: 26, 36
 Lageado: 267.
 Lagoão, arroio: 284.
 Lassberg, Maximiliano: 277.
 Las Casas: 11.
 Ledóchowski, Wlodimiro: 277.
 Lencinas, João de: 260.
 Leonhardt, Carlos: 96, 174, 186, 217, 254, 266, 269, 308, 335.
 Linha de Tordesilhas: 28, 30, 52, 57, 167.
 Lisboa: 195, 204, 216, 270.
 Lizarraga, Reginaldo: 54, 78.
 Lombardi: 317.
 Lorenzana, Marciel de: 14, 15, 16, 18, 19, 20, 34, 39, 44.
 Los Reyes (Veja Japejú)
 Loiola, Inácio de: 41, 52, 56, 60, 148, 311.
 Loiola, Martim Inácio de: 41, 52, 54.
 Lozano, Pedro: 28, 65, 67, 80, 102, 111
 Luis, Irmão: 163.
 Lusitânia: 12.
 Machoni, Antônio: 283.
 Magalhães, Fernão de: 12, 13.
 Mansilla, (Veja Arias de)
 Mansueta, Irmã: 61.
 Maracaiú, índios: 39, 44, 47, 48, 50.
 Maraguá: 225, 231, 259, 260, 263.
 Marcelino Ramos: 108, 135.
 Margenat, José: 318, 319, 320, 321.
 Mastrilli, Marcelo: 146, 149, 150.
 Mato Grosso: 12.

- Mbarú: 223.
 Mbiazã: 184, 185.
 Méndez, Miguel: 72.
 Mendieta, Diogo: 20.
 Mendoza, cidade: 316.
 Mendoza, Pedro: 11, 13, 14, 20, 21, 25.
 Meneguzzi: 323.
 Mesa, Simão: 48, 52.
 Meschler, Maurício: 315.
 Miki, Paulo: 223.
 Misiones: 105, 108, 336.
 Mogrobojo, Toríbio: 42.
 Molucas: 12.
 Mondai, rio: 16.
 Montalvo, Fernando: 41.
 Montenegro: 267.
 Mont-Martre: 56.
 Montoya, Antônio Ruiz de: 44, 47, 180, 210, 213, 222, 225, 228, 255, 261, 262, 282, 290, 335.
 Moranta, Antônio de: 253.
 Museu Júlio de Castilhos: 292.
 Nacuaraci: 267.
 Natal: 267.
 Negrón, Marín: 75, 99.
 Nenguirú, Nicolau: 247, 249, 253, 255, 256, 258, 263, 274.
 Nheça: 165, 167, 169.
 Nheçú, feiticeiro: 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 223, 224, 229, 230, 233, 234, 235, 237, 239, 242, 245, 246, 250, 254, 255, 256, 260, 290, 291, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 301, 302, 305.
 Nheçú, Francisco: 202, 235.
 Nieremberg, João Eusébio: 194, 202, 203, 210, 264, 311.
 Nieça: 144.
 Nóbrega: 35, 57.
 Nova Harmonia: 267.
 Nova Milano: 267.
 Nunes Pereira, Quirino: 281.
 Nuno Manuel: 12.
 Nusdorffer, Bernardo: 167, 269, 270, 284.
 Oballe, Alonso de: 199, 309.
 Oballe, Maria de: 201.
 Obnel, Maria: 194.
 Olivares: 205.
 Onzi, Adelino: 325.
 Onzi, Fernando: 323, 324, 326.
 Onate, Pedro: 109, 113, 119, 120, 125, 128, 130, 131, 136, 138, 141, 145, 149, 151.
 Ordóñez, José: 257.
 Orégghí, José: 274.
 Ortega, Manuel: 35.
 Ortiz de Vergara, Francisco: 20.
 Ortiz de Zárate, João: 20.
 Ortiz de Zárate, Joana: 20.
 Osuna, Gregório de: 256.
 Pacífico: 12, 14.
 Padberg-Drenkpol, J. Ag.: 178, 180, 185, 282, 293, 295.
 Paéz, Estevão: 55.
 Paglioli, Eliseu: 325.
 Paiguás, índios: 14.
 Palmas: 266.
 Pamplona: 195.
 Paraguai, região: 12 a 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 52, 54, 55, 57, 63, 64, 65, 75, 79., 82, 95, 97, 100, 101, 104, 110, 115, 116, 120, 126, 131, 141, 144, 146, 148, 149, 159, 164, 177, 195, 202, 203, 204, 216, 217, 221, 245, 264, 265, 266, 275, 281, 292, 293, 304, 306, 307, 308, 311, 312, 314.
 Paraguai, rio: 12, 13, 14, 16, 22, 76, 78, 79, 81, 85, 94, 105, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 129, 130, 132, 135, 136, 138, 216, 217, 229, 247, 275, 304, 306, 314, 316.
 Paraguari: 62.
 Pareci: 267.
 Paris: 56.
 Parola, Luiz: 308.
 Pasiví: 122.
 Pastells, Paulo: 35, 114, 115, 150, 162, 163, 168, 195, 223, 234, 269, 283, 335.
 Patos, porto dos: 12.
 Paulo V: 149, 162.
 Payá: 170.
 Peña, Enrique: 162, 163.
 Pernambuco: 12.
 Peru: 11, 13, 18, 20, 21, 26, 55, 57, 64, 149, 204, 311.
 Petrópolis: 262.

- Pilcomaio: 13, 14, 63, 199.
 Pimentel, Francisco: 194.
 Pindó: 233.
 Piquirí: 19.
 Pirajú: 193, 251.
 Pirapó: 193, 206, 207, 211, 213, 214,
 215, 224, 233, 234, 239, 240, 242, 245,
 248, 249, 251, 253, 256, 261, 265, 266,
 268, 277, 290, 291, 294, 295, 298, 299,
 302, 303, 308, 311, 315.
 Piratini: 135, 159, 160, 169, 178, 192.
 Piratininga: 275, 193, 217, 221, 245, 247,
 249, 251.
 Pineda, Álvaro Núñez de: 205.
 Pinheiro Meneses, Horácio: 278.
 Pio XI: 142, 308, 316.
 Pizarro, Francisco: 11, 13.
 Poço das Antas: 267.
 Pombal: 65.
 Ponta Grossa: 16.
 Porcel, Jerônimo: 262, 274, 275.
 Porto, Aurélio: 247, 254, 282, 290, 292,
 298.
 Porto Alegre: 134, 266, 267, 268, 281,
 284, 292, 294, 318, 319, 324, 325, 326,
 329, 332.
 Porto Novo: 268.
 Posadas: 105.
 Potiravá: 210, 213, 255.
 Prata: 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 35,
 41, 54, 110, 162, 163, 166, 173, 174,
 216, 219, 266, 267, 302, 306, 307, 308,
 316.
 Quaraibí, Cacique: 233, 235.
 Quirendí, Cristovão: 236.
 Quirandís, índios: 14.
 Quiroga: 283.
 Rambo, Balduino: 266.
 Rëbori di Muzzi, Rosa: 317.
 Recosta: 268.
 Rego, Antônio: 264.
 Rego Monteiro, Jônatas da Costa: 193.
 Rei Blanco: 12.
 Reis, Antônio: 267.
 Restivo, Paulo: 317.
 Reyes, Redução: (Veja Japejú)
 Ribera, Alonso de: 205.
 Rinsch, José Germano: 301.
 Rio Branco, vila: 267.
 Rio Branco, barão: 291.
 Rio da Prata: 11, 12, 13, 15, 16, 18,
 19, 20, 21, 35, 41, 54, 110, 162, 163,
 166, 173, 216, 266, 302, 306, 307, 308,
 316.
 Rio de Janeiro: 12, 103, 111, 140, 160,
 166, 185, 193, 216, 247, 255, 290.
 Rio Grande do Sul: 56, 61, 76, 104, 135,
 137, 139, 159, 161, 167, 178, 184, 185,
 186, 187, 190, 193, 264, 265, 275, 276,
 277, 281, 282, 291, 299, 318, 336.
 Rio Pardo: 267.
 Rio de Solís: 12, 13.
 Ritter, Frederico: 324, 326.
 Rivadeneira, João de: 23.
 Rivera, Frutuoso: 137, 276.
 Rodríguez, Afonso;
 pátria, nascimento, entrada na S. J.: 194.
 vem para a América: 195.
 filosofia e teologia: 195.
 fervor 196, 198.
 mestre na língua guaicurú: 196.
 carta ao p. Oballe: 199.
 virtudes: 209.
 pede ir para o Caaró: 217, 223.
 martírio: 225, 226.
 seu cadáver: 231.
 reliquias: 240, 248, 263, 268.
 é verdadeiro mártir: 303.
 fisionomia física e moral: 309.
 Rodríguez, Gabriel: 201.
 Rodríguez, Gonçalo: 201.
 Rodríguez, José: 293.
 Rodríguez, Maria: 202.
 Romero, João: 68, 204.
 Romero, Pedro: 76, 82, 97, 140, 151,
 175, 176, 179, 239, 263, 299, 302.
 Rosa, Enrique: 132.
 Roxas: 26, 291, 298, 299.
 Roxas Aranda y Alarcón, João de: 26.
 Rua, André de la: 248.
 Ruiz de Montoya (Veja Montoya) Sá,
 Mera de: 11.
 Saavedra, (Veja Hernandárias)
 Salazar, João de: 14.
 Saloni, João: 35.
 Salto Grande: 19.
 Sampaio, Teodoro: 161, 174, 281.
 Samuel: 28.

- Sanabria, João: 19.
 Sanabria., Maria: 36.
 São Borja: 1135, 169.
 São Francisco, cidade: 19.
 São Francisco Xavier, redução: 169, 171.
 São Francisco Solano: 11.
 São Gabriel da Estrela: 267.
 São José do Hortêncio: 267.
 São Leopoldo: 9, 61, 267, 268, 279, 282, 283, 284.
 São Lourenço: 276-279, 282-284.
 São Luiz de Missões: 31, 160.
 São Martinho, Serra de: 189.
 São Miguel: 183, 282-284.
 São Nicolau: 131, 159, 161, 184, 193.
 São Nicolau, licor de: 131.
 São Pedro, apóstolo: 1492.
 São Sebastião do Caí: 267.
 São Tomé: 189, 266.
 São Vendelino: 267.
 São Vicente: 19, 20, 188.
 Sanlúcar, Porto de: 12.
 San Martin, Francisco: 79, 82.
 Sancti Spiritus: 12.
 Sant'Ana, Laguna de: 105, 109, 115, 116, 119, 130.
 Santa Bárbara: 115.
 Santa Catarina: 12, 16, 19, 55, 184, 189.
 Santa Catarina da Feliz: 267.
 Santa Cruz: 267.
 Santa Cruz, Maria de: 25.
 Santa Cruz, João de: 25.
 Santa Fé: 21, 26, 45, 48, 52, 54, 95, 96, 97, 306.
 Santa Joana de Chantal: 267.
 Santa Maria: 264, 267.
 Santa Teresinha: 317.
 Santo Ângelo: 267.
 Santo Inácio-Guaçu: 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 89, 92-95, 97-99, 105, 106, 118, 120, 126, 129, 130, 131, 136, 141, 156.
 Santini, Cândido: 326.
 Serrano y Sans, Manuel: 217.
 Schmidel: 18.
 Schuh, Artur: 295.
 Schwinn, F.: 265.
 Serra Apuparuna: 16.
 Serra Geral: 184, 189.
 Serra do Mar: 16.
 Sete Povos: 61, 167, 269, 275, 276, 283.
 Sierra Encantada: 18.
 Slomp, Maria: 323.
 Sobrant, Francisco: 51.
 Sobrino, Gaspar: 177, 216, 219.
 Sodoma: 24.
 Solís, João Dias de: 12, 13.
 Sorbona: 56.
 Sousa Doca: 185.
 Sousa Gomes: 264.
 Sousa, dom Luiz: 195.
 Sousa, Martim Afonso de: 11.
 Sucre: 18.
 Tabacambí, cacique: 121.
 Tabacambí, Santiago: 255.
 Tabaca: 116.
 Tabacã: 178, 180, 188, 259.
 Tabai: 267.
 Tabatí: 216.
 Tacambú, chácara: 58.
 Tannenwald: 267.
 Tambavé: 262.
 Tambacae: 255.
 Tape e Tapes: 180, 181, 184, 187, 189, 191, 192, 275, 283, 304, 305, 335.
 Taquara: 236, 268.
 Tatí: 256.
 Tebiquari: 180, 181, 184, 187, 189, 181, 192, 275, 283, 304, 305, 335.
 Techo, Nicolau: 35, 36, 109, 114, 116, 127, 133, 144-149, 151, 167, 168-170, 180, 186, 192, 193, 208, 210, 217, 222, 223, 228, 241, 255, 259, 277, 274, 336.
 Teodata: 327.
 Terra Farroupilha: 185.
 Terras de S. Maria: 296.
 Teschauer, Carlos: 105, 167, 186, 210, 217, 247, 264, 265, 269, 271, 277, 281, 282, 284, 299, 336.
 Timbús, índios: 13.
 Toledo, Martim Suárez: 20.
 Toledo: 204.
 Tolu, José de: 243, 290, 292, 293, 296, 297, 298.
 Tonietto, Estevão: 326.
 Torre, Pedro de la: 19, 20, 21, 22, 24, 41.
 Torres, Diogo: 42, 43, 55, 57, 63, 64, 68, 71, 73, 75, 48, 79, 80, 81, 93, 95, 97, 98,

- 100, 106, 109, 149.
Torres, Remígio Domingos: 290.
Travi, Tomaz: 134, 265, 266, 308.
Trejo, Fernando de: 19.
Trejo y Sanábria, Fernando de: 19, 36.
Trelles: 53.
Tucumã: 19, 23, 34, 36, 41, 43, 97.
Tupaceretã: 161, 278.
Urbano VIII: 307.
Urena, Tomaz de: 247, 248, 253, 306.
Urucutaí: 169.
Uruguai, região: 10, 55, 120, 139, 141, 142, 144, 148, 165, 166, 169, 171, 175, 224, 229, 247, 259, 270.
Uruguai, rio: 85, 108, 114, 119, 135, 141, 145, 146, 150, 159, 163, 168, 169, 174, 178, 187, 189, 200, 206, 214, 216, 255, 263, 266, 275, 284, 290, 291, 293, 295, 298, 302, 306.
Uruguaiana: 178, 266, 268.
Uruquá: 278, 284.
Vaca, Alvar Núñez Cabeza de: 16, 18.
Vacaria: 266, 268.
Valle, Francisco del: 97, 98, 109, 118, 120, 123, 126, 127, 130.
Vázquez Trujillo, Francisco: 149, 192, 231, 233, 234, 256, 257, 261, 263, 273, 274, 279.
Veloso da Silveira, Hemétrio: 284.
Venâncio Aires: 267.
Vera y Aragón, João Torres de: 21, 27.
Vera y Aragón, Alonso: 21.
Vergara, Estevão: 19.
Vergara, João: 163.
Vespucci, Américo: 12.
Viamão: 268.
Viana, João de: 195, 204.
Villa Encarnación: 105.
Villagarcía: 194.
Vitelleschi, Múcio: 131, 132, 150, 174, 231, 264, 307.
Vitória, Francisco: 34.
Vogt, Frederico: 270.
Wolski, Estanislau: 277, 278.
Xavier, Francisco: 58, 148.
Yaguarámigta: 79.
Yaguarón: 79.
Yana: 120.
Yeguacabai: 207, 235.
Yucã: 216.
Yutí: 118, 120.
Zamora, cidade de: 194.
Zaias, Fernando: 187, 163, 164, 167, 170.

Índice das matérias

Proêmio	7
1. A Pátria de Roque González	11
2. O Mimoso de Deus e dos Homens	25
3. Subindo o Monte. Santo do Senhor	33
4. Primícias do Apostolado	39
5. O Varão Obediente e Humilde	50
6. Sob a Bandeira de Inácio de Loiola	56
7. Estreia Espinhosa	63
8. Missionário dos Guaranis	78
9. O Aldeamento Padrão	84
10. Dias de Sol e de Nuvens	97
11. Fundação de Sant'Ana e Itapúa. — Uma visita indesejada	105
12. O Conquistador Audacioso do Rio Paraná	118
13. Um Ano Atribulado	125
14. Realização de uma Velha Aspiração	130
15. O Avanço para o Sul do “Capitão Valoroso”	135
16. A Praça Forte da Imaculada	144
17. Entre Aflições e Consolações	146
18. O novo Provincial do Paraguai	149
19. A Cabeça das Reduções Uruguaias	155
20. Sobre a Margem esquerda do Uruguai	159
21. Desígnios Altaneiros de um Magistrado	162
22. Uma Medida Funesta	169
23. A Chave do Alto Uruguai	174
24. O mais Antigo Explorador do Rio Grande do Sul	178
25. O Novo Campo de Atividade. — Candelária e Caaçapá-mini	191
26. O beato padre Afonso Rodríguez	194
27. O beato padre João dei Castillo	202
28. O Feiticeiro Nheçú	210
29. O Novo Reforço de Missionários	216
30. O Drama Sangrento do Caaró	221
31. A Tragédia do Pirapó	233
32. Alastra-se a Conjuração	239
33. Chega a vez de S. Nicolau do Piratiní	245
34. Tumultuosa irritação em Conceição	247

35. A Investida contra a Candelária	251
36. A Pronta Reação dos Neófitos	253
37. A Derrota dos Sublevados e o Castigo dos Assassinos	257
38. Os Despojos dos Servos de Deus	263
39. A Descoberta do Caaró	273
40. A Localização de Assunção do Ijuí	290
41. A Glorificação	301
42. A Fisionomia Física e Moral dos três Mártires	309
43. Os Taumaturgos	315
Apêndice de Novenas e Orações	331
Bibliografia	335
Índice onomástico	337

